



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

BRUNO DANDOLINI COLOMBO

**A TÉCNICA COMO CONDIÇÃO PARA O SURGIMENTO E O
DESENVOLVIMENTO DO JOGO DE FUTEBOL**

Florianópolis

2021

BRUNO DANDOLINI COLOMBO

**A TÉCNICA COMO CONDIÇÃO PARA O SURGIMENTO E O
DESENVOLVIMENTO DO JOGO DE FUTEBOL**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação, da Universidade Federal de Santa Catarina, em cumprimento parcial para a obtenção do título de Doutor em Educação.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Patrícia Laura Torriglia
Co-orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Adriana D'Agostini

Florianópolis

2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Colombo, Bruno Dandolini

A técnica como condição para o surgimento e o desenvolvimento do jogo de futebol / Bruno Dandolini Colombo ; orientador, Profa. Dra. Patrícia Laura Torriglia, coorientador, Profa. Dra. Adriana D'Agostini, 2021.

228 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós Graduação em Educação, Florianópolis, 2021.

Inclui referências.

1. Educação. 2. Ensino . 3. Técnica . 4. Futebol . 5. Organismo técnico-tático-estratégico. I. Torriglia, Profa. Dra. Patrícia Laura . II. D'Agostini, Profa. Dra. Adriana . III. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação. IV. Título.

BRUNO DANDOLINI COLOMBO

**A TÉCNICA COMO CONDIÇÃO PARA O SURGIMENTO E O
DESENVOLVIMENTO DO JOGO DE FUTEBOL**

O presente trabalho em nível de doutorado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof^ª. Dr^ª. Patrícia Laura Torriglia
Universidade Federal de Santa Catarina
(UFSC)
Orientadora

Prof^ª. Dr^ª. Adriana D'Agostini
Universidade Federal de Santa Catarina
(UFSC)
Co-orientadora

Prof^ª. Dr^ª. Carolina Picchetti Nascimento
Universidade Federal de Santa Catarina
(UFSC)

Prof. Dr. Ricardo Lara
Universidade Federal de Santa Catarina
(UFSC)

Prof. Dr. Carlos Augusto Euzébio
Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Prof. Dr. Vidalcir Ortigara
Universidade do Extremo Sul Catarinense
(UNESC)

Prof^ª. Dr^ª. Luciana Pedrosa Marcassa
Universidade Federal de Santa Catarina
(UFSC)
Suplente

Prof^ª. Dr^ª. Mariléia Maria da Silva
Universidade do Estado de Santa Catarina
(UDESC)
Suplente

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de doutor em Educação.

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Prof^ª. Dr^ª. Adriana D'Agostini
Co-orientadora

Florianópolis
2021

Em tempos de Pandemia, dedicamos à cada sonho dilacerado pela lógica capitalista de se relacionar com o mundo e, ao mesmo tempo, dedicamos especialmente aos companheiros que *tremem de indignação a cada injustiça cometida nele*. Seguimos juntos na luta pela transformação social.

AGRADECIMENTOS

À minha amada Bruna. Eu sei que o amor é uma coisa boa. Maior que a imensidão da paz. Bem maior que o sol.

À minha mãe Juçara. Sua sabedoria nos aponta à direção do amor.

Ao meu pai Daniel. Meus primeiros chutes foram por você. O melhor com quem joguei e vi jogar.

Aos meus irmãos Pablo, Sara e Dani. Admiração a cada gesto novo de alteridade.

À Lis e ao Bruninho. Mesmo diante do empenho à tese, saibam: brinquei com vocês.

À minha mãe acadêmica Ana Lúcia Cardoso. As portas se abriram a partir de sua acolhida.

Ao mestre com carinho. Kabuki. Sou Kobe. És Jordan.

Aos meus amigos do *Coletivo*. Com vocês compartilho sorrisos, cervejas e lutas.

Ao *Quatrilho*. Com vocês compartilho, igualmente, sorrisos, cervejas e lutas.

Ao compa Júnior. Pela moradia e acolhida nestes tempos de UFSC.

Aos meus alunos. Na árdua tarefa de ensinar, muito aprendi (e aprendo) com cada pergunta, gesto, fala e olhar inquieto. Vamos que vamos.

Aos colegas dos Grupos de Estudos e Pesquisa (GEPOC/UFSC e GEPEFE/UNESC). Obrigado pelas indicações, provocações e pensamentos compartilhados. Seguimos na luta pela transformação social.

Aos meus colegas do Doutorado, Wagner, André, Renata, João, Elaine e Fernanda. Obrigado pela amizade surgida deste movimento de intensos estudos. Ah! Obrigado pelo bar e pela trilha também.

À Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Local de resistência. Viva para sempre!

À Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Em especial, ao Curso de Educação Física. Aqui comecei a ler o mundo com o prisma da ciência (social).

Aos professores do Programa de Pós Graduação em Educação (PPGE), especialmente aos professores da Linha Trabalho e Educação.

Aos membros da banca de qualificação e de defesa: Prof.^a Dr.^a Carolina Picchetti Nascimento, Prof. Dr. Vidalcir Ortigara, Prof. Dr. Ricardo Lara e Prof. Dr. Carlos Augusto Euzébio. Suas contribuições foram e continuam sendo primorosas. Vocês me inspiram.

Aos membros suplentes: Prof.^a Dr.^a Luciana Pedrosa Marcassa e Prof.^a Dr.^a Mariléia Maria da Silva.

À Prof.^a Dr.^a Adriana Dagostini. Sua generosidade e força continuam me ensinando.

À minha orientadora Pati. Obrigado pela amizade, pelo conhecimento e pela leveza de nossas orientações. Contigo me tornei um estudioso com “alto grau de autonomia”. És primorosa!

Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: — Me ajuda a olhar!

(GALEANO, 2021, p. 15)

RESUMO

A presente tese foi motivada pela preocupação com a categoria ensino da técnica do futebol. Para atendê-la devidamente, realizou-se um movimento investigativo ontológico-genético, embasado em Gyorgy Lukács (1885-1971), de constituição do ser da técnica articulando-o aos processos de gênese e desenvolvimento do futebol. Também foi trazida a campo para essa trajetória teórico-conceitual, a psicologia soviética, tomando como base principalmente as contribuições de Alexis Nikolaevich Leontiev (1903-1979) e Serguéi Leonidovich Rubinstein (1889-1960). O objetivo geral desta pesquisa foi compreender os processos a partir dos quais a técnica, como conhecimento, configura-se como condição para o surgimento e o desenvolvimento da especificidade do jogo de futebol e, simultaneamente, condição para uma apropriação da qualidade específica desse jogo. Para isso, estudou-se a gênese e o desenvolvimento do ser da técnica em articulação com a gênese e o desenvolvimento deste ser no futebol, bem como a categoria vida cotidiana e a especificidade do movimento humano para a resposta adequada acerca da configuração da técnica. Com tal fundamentação teórica, analisaram-se duas cenas concretas produzidas historicamente no futebol apresentando a complexidade do devir homem do homem, carregada na ponta da chuteira, e a necessidade de entendimento do organismo técnico-tático-estratégico para a qualificação da ação e do pensamento acerca do jogo de futebol. Concluiu-se que a técnica é conhecimento, meio de execução mais adequado de realização de determinada operação ou conjunto de operações componentes da ação de certa atividade. Ela é, quando devidamente orientada ao motivo, veículo que transporta os progressos históricos da atividade e, concomitantemente, meio que condiciona, em uma continuidade sempre renovada, tais domínios. Contribui como movimento do autodomínio do gênero humano. Sendo assim, no futebol, seu ensino deve estar articulado com o motivo de controle da ação corporal do outro pelo domínio de espaço, constituindo um organismo técnico-tático-estratégico que qualifica a ação e o pensamento sobre o jogo.

Palavras-chave: Ensino. Técnica. Futebol. Organismo técnico-tático-estratégico.

ABSTRACT

This thesis was motivated by the concern with the category “teaching of football technique”. To attend this category properly, an ontological-genetic investigative movement was accomplished, based on Gyorgy Lukács (1885-1971), about the constitution of the technique per se articulating it to the processes of genesis and development of football. It was also brought to the field for this theoretical-conceptual trajectory, the soviet psychology, taking as a base mainly the contributions of Alexis Nikolaevich Leontiev (1903-1979) and Serguéi Leonidovich Rubinstein (1889-1960). The general objective of this research was to understand the processes from which the technique, as knowledge, is configured as a condition for the emergence and development of the specificity of the football game and, simultaneously, as a condition for an appropriation of the specific quality of this game. For that, it was studied the genesis and development of the technique itself, in articulation with the genesis and development of the technique in football, as well as the category of everyday life and the specificity of human movement for the appropriate answer about the configuration of technique. With this theoretical foundation, two concrete scenes historically produced in football were analyzed, presenting the complexity of man becoming man, carried on the tip of the boot, and the need to understand the technical-tactical-strategic organism for the qualification of action and thought about the football game. It was concluded that the technique is knowledge, means of more appropriate execution to perform a particular operation or set of operations components of the action of a certain activity. It is, when properly oriented to the motive, a vehicle that carries the historical progress of the activity and, concomitantly, a means that conditions, in an ever renewed continuity, such domains. It contributes to the human race self-control. Thus, in football, its teaching should be articulated with a rational control of the corporal action of the other to the domain of space, constituting a technical-tactical-strategic organism that qualifies the action and the thought about the game.

Key-words: Teaching. Technique. Football. Organism technical-tactical-strategic.

RESUMEN

La presente tesis fue motivada por la preocupación por la categoría “enseñar la técnica del fútbol”. Para valorar adecuadamente esta técnica, se conformó un movimiento de investigación ontológico-genético, basado en Gyorgy Lukács (1885-1971) sobre la técnica en sí misma, articulándola con los procesos de génesis y desarrollo del fútbol. También se aportó al campo, para esta trayectoria teórico-conceptual, la psicología soviética, tomando como base principalmente los aportes de Alexis Nikolaevich Leontiev (1903-1979) y Serguéi Leonidovich Rubinstein (1889-1960). El objetivo general de esta investigación fue comprender los procesos a partir de los cuales la técnica, como conocimiento, es condición para el surgimiento y desarrollo de la especificidad del juego de fútbol y, simultáneamente, es condición para una apropiación de la cualidad específica de este juego. Para ello, se estudió la génesis y el desarrollo de la esencia de la técnica en articulación con la génesis y el desarrollo de ella en el fútbol; así como la categoría de la vida cotidiana y la especificidad del movimiento humano para la respuesta adecuada sobre la configuración de la técnica. Con este fundamento teórico, se analizaron dos escenas concretas producidas históricamente en el fútbol, presentando la complejidad del devenir hombre del hombre, llevado en la punta del botín, y la necesidad de comprender la organicidad técnico-táctico-estratégico para la cualificación de la acción y el pensamiento sobre el juego del fútbol. Se llegó a la conclusión de que la técnica es conocimiento, el medio de ejecución más adecuado para realizar una determinada operación o conjunto de operaciones componentes de la acción de una determinada actividad. Es, cuando se orienta adecuadamente al motivo, un vehículo que lleva el progreso histórico de la actividad y, concomitantemente, un medio que condiciona, en una continuidad siempre renovada, tales dominios. Contribuye al autocontrol de la raza humana. Así, en el fútbol, su enseñanza debe articular racionalmente el control de la acción corporal del otro por el dominio del espacio, constituyendo un organismo técnico-táctico-estratégico que califica la acción y el pensamiento sobre el juego.

Palabras clave: Enseñanza. Técnica. El fútbol. Organismo técnico-táctico-estratégico.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Drible da vaca de Bergkamp numa situação de jogo de pivô.	168
Figura 2 - Bergkamp completando o drible se projetando para o chute.	170
Figura 3 - Momento de iniciação da execução do passe de Pires em direção a Bergkamp ...	175
Figura 4 - Possibilidade de triangulação ofensiva.	186
Figura 5 - Ibra diante de uma situação-problema complexa	193
Figura 6 - Efetivação do primeiro drible de sequência combinada.	196
Figura 7 - Esboço gestual do ato de driblar de Ibra.	197
Figura 8 - Situação real de chute	199
Figura 9 - Desequilíbrio do oponente como possibilidade do drible de Ibra.	200
Figura 10 - Superioridade de Ibra no controle de espaço do oponente.	201
Figura 11 - Combinações técnicas de conduções de bola, de dribles e de chute de Ibra numa ação de ataque.	206

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1. A GÊNESE E O DESENVOLVIMENTO DO SER DA TÉCNICA: DOS PRIMEIROS MOVIMENTOS DA HUMANIDADE AO SURGIMENTO DA TÉCNICA DO FUTEBOL NA VIDA COTIDIANA INGLESA.....	30
1.1 VIDA COTIDIANA “ENTRA EM CAMPO” COMO CATEGORIA ANALÍTICA	31
1.2 GÊNESE E DESENVOLVIMENTO DO SER DA TÉCNICA COMO UM COMPLEXO MOVIMENTO DE PENSAMENTO: CONHECIMENTO E HABILIDADE.....	38
1.2.1 A gênese do ser da técnica: rola a bola no gramado do ser social.....	38
1.2.1.1 Primeiro indicativo da gênese da técnica: Ela é categoria do salto ontológico do animal ao homem	40
1.2.1.2 Segundo indicativo da gênese da técnica: Ela surge em meio a necessidade da produção dos meios de trabalho (das ferramentas)	48
1.2.1.3. Terceiro indicativo da gênese da técnica: Ela surge com a divisão social do trabalho.....	54
1.2.1.4 A técnica como ferramenta de autodomínio: com ela o homem é mais livre	61
1.3 A GÊNESE E O DESENVOLVIMENTO DA TÉCNICA DO FUTEBOL: O JOGO CONTINUA	67
1.3.1 O movimento humano: do movimento espontâneo ao movimento objetivo organizado: orientações gerais.....	67
1.3.2 A gênese da técnica do futebol.....	92
1.3.2.1 O chute libertou-se: da esfera prático-utilitária à atividade lúdica.....	93
1.3.2.2 O chute transformou-se: do jogo da plebe ao jogo da elite	97
1.3.2.3 O chute liberta-se da mão: Futebol se desdobra em Rúgbi	103
1.3.2.4 O chute transforma-se em técnica do futebol: A primazia da condução de bola.....	106
1.3.2.5 O passe e a coletividade escocesa: a pedra na chuteira dos jogadores ingleses.....	112
1.3.2.6 A classe trabalhadora quer jogar: mas a classe burguesa quer levar a bola embora.....	117
1.3.2.7 O jogo progressivamente dando ao jogo o que é do jogo: as técnicas orientadas às resoluções dos problemas de ordem tático-estratégica.....	120
2. A TÉCNICA COMO INSTRUMENTO DE DOMÍNIO PRIMOROSO DO REAL: A PARTICULARIDADE DO FUTEBOL	132

2.1 PRELEÇÃO PARA ANÁLISE DAS SITUAÇÕES DE JOGO: ALGUNS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	133
2.2 SITUAÇÃO 1: O MÁGICO!	137
2.3. SITUAÇÃO 2: ASSIM NINGUÉM SEGURA!	181
3. O ENSINO DA TÉCNICA DO FUTEBOL: CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	209
REFERÊNCIAS	226

INTRODUÇÃO

O futebol não é questão de vida ou morte, é muito mais que isso.

Bill Shankly

A frase da epígrafe poderia ser apenas uma manifestação apaixonada de mais um ex-jogador ou ex-treinador de futebol ou, até mesmo, de um torcedor emblemático de qualquer clube de futebol do mundo. Mas a declaração, feita pelo ex-jogador escocês que treinou o Liverpool (da Inglaterra) por quinze anos nas décadas de 1960 e 1970, carrega certo grau de realidade na medida em que, cotidianamente, o futebol está presente de forma significativa na vida de milhões de pessoas em todo o mundo.

Entre as múltiplas manifestações culturais e esportivas do cenário brasileiro e mundial, o futebol certamente merece, por essa presença marcante na vida dos sujeitos, atenção especial. Ele surgiu e se formou na Inglaterra do século XVIII, como muitos esportes, e “alastrou-se como um incêndio aos demais países” (HOBSBAWN, 2001, p. 255), constituindo-se como o principal esporte do mundo. Possivelmente não se trata de exagero quando Proni (2002, p. 7) afirma que “nenhuma outra forma de *cultura popular* engendra uma paixão ampla e participativa entre seus adeptos como a que se tem pelo futebol.”

Nesse sentido, o futebol se manifesta na cotidianidade da vida de muitos sujeitos de diversas formas. Dentre essas, estão os que treinam profissionalmente, realizando o futebol como sua atividade de trabalho; os que jogam no final de semana nos campos de *peladas* ou competições amadoras regionais, como um momento do lazer; os que assistem e discutem fervorosamente com os colegas a ponto de afirmarem suas convicções como verdades absolutas. Enfim, essas e outras tantas manifestações cotidianas carregam um conjunto de conhecimentos fundamentais acerca do futebol, e é no dia a dia que os sujeitos produzem e reproduzem essa atividade da cultura corporal.

Essa presença marcante na realidade da vida de muitos dos sujeitos nos chamou atenção logo após as conclusões e indagações às quais chegamos a partir dos estudos de mestrado¹ na esfera do *esporte espetáculo*. Naquela ocasião chegamos a uma conclusão importante: a de que o esporte identifica-se com a orientação para a acumulação de capital por meio da constituição de uma cadeia amplamente produtiva que se elabora na medida em que inter-relaciona os conhecimentos de diversas ciências (humanas, exatas, sociais) e de diversas

¹ A dissertação intitulada *O esporte e a expansão do capital: as críticas, contradições e implicações para a Educação Física*, orientada pela professora doutora Adriana D’Agostini, foi defendida em 2014, no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) do Centro de Ciências da Educação (CCE) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

profissões (treinador, massagista, fisioterapeuta, psicólogo, médico etc.) na efetivação do mais alto nível do rendimento esportivo na estruturação do espetáculo. Dessa forma, na organização capitalista, o esporte é engendrado sob sua lógica, ganhando conotação de mercadoria pela estratégia-síntese da produção dos megaeventos esportivos.

Na continuidade dos estudos pós-defesa da dissertação, os megaeventos esportivos no âmbito do futebol, como mercadoria espetáculo, chamaram-nos atenção, principalmente, pela condição apaixonada das multidões por esta atividade particular da cultura corporal. Percebemos que é justamente essa condição que faz saltar aos olhos dos senhores de negócio do capital a possibilidade de lucro nessa atividade produtiva. Ao mesmo tempo e articulado a essa questão, identificamos, no decorrer dos estudos, que o futebol apresenta uma *dimensão particular* no que diz respeito ao seu potencial globalizante e massificador em relação aos demais esportes. Sobre essa dimensão nos intrigávamos constantemente.

Assim sendo, defendíamos e defendemos que essa atividade da cultura corporal necessita ser entendida e ensinada à luz de uma teoria que capture a totalidade das relações sociais nos limites do sistema sociometabólico do capital (MÉSZÁROS, 2008), a fim de preservar a luta para a superação dessa condição concreta. Isso significa que defendemos a necessidade de análises do futebol pela perspectiva do materialismo histórico e dialético.

Consideramos prementes estudos dessa envergadura, pois “as determinações gerais do capital afetam profundamente *cada âmbito particular* com alguma influência na educação” (MÉSZÁROS, 2008, p. 43, grifos nossos), no campo da formação humana. Com base nessas reflexões, a problemática central da tese estabeleceu-se, naquele momento e inicialmente, da seguinte forma: *quais as possibilidades educativas postas por uma análise materialista do futebol espetáculo?*

A partir disso, as seguintes questões norteadoras se colocaram diante do problema: a) Como se estabelece a cadeia produtiva de capital no futebol espetáculo? b) Quem são os trabalhadores e os capitalistas do futebol espetáculo? c) Quais os desdobramentos destas implicações na formação humana? d) Em que medida o ensino do futebol pode contribuir para um processo de humanização?

Essas foram as perguntas que nos moviam como pesquisadores no ingresso e no início das aulas das disciplinas de doutorado até a qualificação coletiva dos projetos da linha de pesquisa *Trabalho, Educação e Políticas* (TEP). Neste último espaço acadêmico, pelas contribuições de colegas e, principalmente, professores do PPGE da UFSC, as duas últimas perguntas norteadoras ganharam mais força e a categoria *ensino do futebol* conquistou centralidade em nossas preocupações investigativas.

Somando-se às questões destacadas, acabávamos de assumir as disciplinas de *Metodologia da Aprendizagem dos Esportes e Metodologia do Futebol e do Futsal* na Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC) praticamente no mesmo período de tais feitos, atividade que se estende à atualidade. Essa condição, atrelada às problematizações constantes na área da educação e da Educação Física, principalmente no que concerne aos processos de conhecimento e à dinâmica da organização de ensino, percebidas e debatidas pelo coletivo do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Física e Escola: Conhecimento e Intervenção (GEPEFE) e pelo Grupo de Estudos e Pesquisa em Ontologia Crítica (GEPOC) conduziu-nos a adentrar outra dimensão da discussão fundamental do futebol: a da *organização de seu ensino*.

Vale destacar que os grupos mencionados edificam-se sobre a mesma base teórica, o materialismo histórico e dialético, apontando articulações possíveis no âmbito da filosofia e da psicologia, perspectivando, assim, a compreensão dos processos essenciais da formação humana e da educação. Dessa forma, os estudos da Ontologia Crítica Marxista, de Lukács, em articulação com a Psicologia Histórico-Cultural, de Vigotski e seus seguidores, foram ganhando cada vez mais força².

Concomitantemente a esse movimento cambiante, ainda na busca pela compreensão desse caráter massificador e globalizante do futebol, estudávamos sua gênese, ao mesmo tempo que nos servíamos da categoria analítica *vida cotidiana*, em Lukács, para análises fundamentais desse caráter. No percurso de apropriação dessa importante categoria analítica, estudamos e refletimos, principalmente apoiados em Lukács (1966) e Torriglia (2018), e passamos a identificar outras categorias relevantes para o desfecho de nosso processo de elaboração da tese. Surgiram-nos as categorias *técnica, hábito e costume*, que nos colocaram em movimentos reflexivos acerca de suas implicações para a estruturação interna do jogo de futebol e seus desdobramentos no âmbito da organização do ensino.

Somaram-se ainda a esse movimento de constituição do objeto de investigação duas outras importantes teses para a área da Educação Física. A primeira, o estudo de Carolina Picchetti Nascimento, defendido em 2014, denominado *A atividade pedagógica da Educação Física: a proposição dos objetos de ensino e o desenvolvimento das atividades da cultura corporal*. Ela apresenta, por meio do método dialético, as relações essenciais gerais das atividades da cultura corporal, descortinando as relações fenomênicas colocadas até então à área. A autora, pautada no materialismo histórico e dialético e na perspectiva Histórico-

² Exemplos dessa articulação possível entre a filosofia e a psicologia marxistas são as teses de Cisne (2014) e Euzébio (2017).

Cultural, bem como na perspectiva teórico-metodológica da Educação Física Crítico-Superadora, discute os objetos de ensino da Educação Física: *a criação de uma imagem artística pelas ações corporais, o domínio da própria ação corporal e o controle da ação corporal do outro*. Essa análise nos coloca em relação teórica com os objetos da cultura corporal, permitindo nos orientarmos para uma organização de ensino que estabeleça relações para além da imediaticidade fenomênica.

A segunda tese, de Carlos Augusto Euzébio, defendida em 2017, teve como título *O conteúdo teórico dos conceitos de tática e estratégia no esporte*, também tomando algumas das inquietações suscitadas pela tese de Nascimento e, obviamente, apropriando-se dos avanços que a referida obra apresenta à área da Educação Física. O estudo de Euzébio orientou-nos em direção à compreensão do papel do ensino da técnica nas aulas de Educação Física escolar. Isso se deu pelo fato de sua tese apresentar o conteúdo teórico dos conceitos de tática e estratégia perspectivando orientar o ensino escolar de forma que contribua para o desenvolvimento de funções psicológicas superiores dinamizadas pelos conhecimentos humano-genéricos incorporados e sintetizados no estatuto tático-estratégico.

Para a realização do presente estudo, cabe destacar que da primeira tese extraímos, principalmente, a *relação essencial geral* que se estabelece no jogo (de futebol), em sua estrutura interna, sendo o *controle da ação corporal do outro pelo domínio de espaço* e seus elementos constitutivos, quais sejam: o papel das regras, a dinâmica de ataque e defesa e os conhecimentos táticos e estratégicos (NASCIMENTO, 2014).

Da segunda tese assimilamos os avanços na discussão da estrutura interna do último elemento constitutivo do jogo estabelecido na primeira tese: os conhecimentos táticos e estratégicos, em que se destacou o conteúdo teórico de tais conceitos de forma que sua apropriação leve ao desenvolvimento de funções psicológicas superiores mais avançadas em relação à assimilação do conteúdo empírico destes (EUZÉBIO, 2017). Pretendemos retomá-los, durante a exposição do estudo, a fim de apresentar elementos importantes que contribuam para avanços significativos da área.

Nessa cadeia de movimentos de estudos e pesquisas que se entrecruzaram sob influência de um coletivo, passamos a nos preocupar com o entendimento do *ser da técnica*, quer dizer, como este ser se configura internamente em suas relações com outros seres e objetos, dentre estes, especialmente, o futebol. Sendo assim, passamos a nos atentar às implicações do ser da técnica em interação particular com a estrutura interna do jogo de futebol, bem como às suas relações estabelecidas com os elementos constitutivos do jogo, principalmente no que concerne à articulação com os conhecimentos da tática e da estratégia.

Em relação a isso, perguntamo-nos: de que forma se estabelece a relação da técnica com o estatuto tático-estratégico anunciado nas teses anteriores? Tratar-se-ia, portanto, do estatuto técnico-tático-estratégico no que se refere à estruturação do jogo? Nessas perguntas, pretendemos, assim, imergir de forma investigativa.

Juntamente com as problemáticas estabelecidas, a partir do objeto agora desenhado, outras categorias, presentes na materialidade do cotidiano científico e prático da área, tornaram-se relevantes. A primeira delas diz respeito ao *talento esportivo*. Está posto, na esteira da vida cotidiana, a compreensão sobre o *talento esportivo* embasada, por vezes, de forma “silenciosa” na cotidianidade, em concepções determinísticas (inatas) de homem e mundo. Essas concepções consideram, de forma geral, que o talento esportivo é uma espécie de conhecimento que está presente nas características inatas do sujeito, as quais sofrem algumas influências do meio externo para se constituírem como tal. Assim, o sujeito é, a priori, apto para a realização de determinada atividade.

De forma análoga à esfera artística, essas concepções acreditam que “[...] não será a apropriação da arte a condição do desenvolvimento do talento artístico, mas o talento artístico que condicionará a apropriação da arte” (LEONTIEV, 1978, p. 283). Para tais concepções, o sujeito é talentoso para o futebol; logo, poderá aprendê-lo de fato, e não o contrário, que aprendendo constitui-se talentoso. Assim, a capacidade técnica é vista, erroneamente, como uma tendência intrínseca ao sujeito, e não como um conhecimento que necessita ser ensinado objetivamente. Essa lógica invertida, posta na realidade pelo prisma da alienação imposta ao sujeito na sociedade capitalista (LEONTIEV, 1978), serve também, como afirmado, ao talento futebolístico. O jogador que apresenta certo talento futebolístico é o capaz de seguir aprendendo sobre o futebol. A inversão é sutil, mas merecerá nossa atenção no decorrer deste trabalho. Por enquanto, valemo-nos da afirmativa de Leontiev (1978, p. 283), na qual apresenta o verdadeiro problema referente à constituição de uma aptidão humana na sociedade de classe.

O verdadeiro problema não está, portanto, na aptidão ou inaptidão das pessoas para se tornarem senhores das aquisições da cultura humana, fazer delas aquisições da sua personalidade e dar-lhe a sua contribuição. O fundo do problema é que cada homem, cada povo tenha a possibilidade prática de tomar o caminho de um desenvolvimento que nada entrave. Tal é o fim para o qual deve tender agora a humanidade virada para o progresso.

Portanto, acreditamos que o sujeito, para se tornar talentoso, necessita, antes de mais nada, de possibilidades concretas para tal, ou seja, necessita das condições objetivas concretas para realizar a atividade humana particular. O acesso efetivo aos conhecimentos para que se torne talentoso em determinada atividade adequada é uma premissa fundamental para o

desenvolvimento do ser singular. Contudo, na sociedade de classes o sujeito singular tem limites objetivos para o desenvolvimento das capacidades humano-genéricas postas nas atividades humanas.

Reforçamos, então, nossa discordância dessas concepções determinísticas e afirmamos o entrelaçamento, defendido por Vigostki (1995), entre o desenvolvimento biológico e cultural, no qual se forma a unidade na constituição da individualidade do sujeito. Quanto à discussão manifestada na esfera do talento, Vygotsky e Lúria (1996) “dividem-no” em dois: *talento biológico e talento cultural*. O primeiro diz respeito às capacidades psicofisiológicas que o sujeito apresenta ao nascer; o segundo significa, “[...] essencialmente, a capacidade de controlar seus próprios recursos naturais; significa a criação e aplicação dos melhores dispositivos no uso desses recursos.” (VYGOTSKY; LÚRIA, 1996, p. 237). Isso corrobora com nossa afirmativa de que a técnica do futebol é ensinada, e que esse processo de ensino carrega em si uma série de problemáticas, de ordem psicológica, de condições concretas para a apropriação de conhecimento, dentre outras, superando ou questionando concepções deterministas que fecham o campo de possibilidades posto pela ontológica unicidade biológica e cultural que constitui e configura a individualidade dos sujeitos. Buscaremos, no decorrer da tese, precisar teoricamente essas questões.

A segunda categoria presente na materialidade do cotidiano científico e prático da área refere-se à *organização do ensino do futebol na Educação Física escolar*. Ainda se encontra posto, na esfera acadêmico-científica e no campo escolar, o *entrave entre o ensino da técnica e o tecnicismo*. Afinal, ensina-se a técnica nas aulas de Educação Física orientadas sob um viés crítico?

A discussão da importância ou não do ensino da técnica nas aulas de Educação Física escolar permeiam a área desde a década de 1980, quando o esporte de rendimento acabou sendo a referência principal do professor e das instituições de formação de professores na organização das aulas de Educação Física escolar. Como não podia ser diferente, o futebol exerceu forte influência sobre a Educação Física escolar brasileira, no momento em que, sob a égide dos governos do período da ditadura cívico-militar (1964-1985), o esporte de rendimento passou a ser o modelo de referência para sua prática pedagógica (GHIRALDELLI JR, 1994; KUNZ, 1994).

A partir de meados da década de 1980, com o processo de redemocratização da sociedade brasileira, desenvolveu-se, no âmbito da Educação e, mais especificamente, da Educação Física, o movimento que ficou conhecido como “progressista” e “renovador”, respectivamente. Nesse processo, o modelo de Educação Física então vigente passou a sofrer

fortes críticas que culminaram com seu rechaço, tanto no âmbito científico-acadêmico quanto no âmbito didático-metodológico da escola de educação básica. As críticas foram dos mais diversos matizes filosófico-gnosiológicos. Desse movimento, podemos observar que resultaram situações distintas no campo científico-acadêmico e no campo escolar.

No âmbito científico-acadêmico, segundo Bracht (1999), o movimento de maior repercussão foi o de “repedagogização” dos debates da área, isto é, ocorreu uma ruptura com o modelo que considerava a Educação Física no limite de uma atividade prática que deveria ser exercitada, entre outras coisas, em direção à melhoria das condições de saúde dos sujeitos. Saúde aqui entendida nos limites do bom funcionamento anátomo-fisiológico do organismo somado a fatores psicossociais de caráter determinista e idealista. O rompimento com esse modelo, mediante o discurso de que a Educação Física passava a ser uma prática pedagógica, conduz ao debate sobre qual o objeto da área e como orientar sua atuação didático-metodológica nas escolas. Nesse debate, as que obtiveram maior repercussão foram as proposições Crítico-Emancipatória, de Elenor Kunz (1991, 1994), e Crítico-Superadora, de um Coletivo de Autores (1992).

Kunz (1991, 1994), a partir das bases filosófico-gnosiológicas da teoria crítica da Escola de Frankfurt – denominada teoria crítica – e da fenomenologia, propõe que a Educação Física deva contribuir para a emancipação do sujeito. A emancipação é tomada de Kant, da resposta elaborada à questão *o que é Aufklärung*, afirmando que a emancipação do sujeito ocorreria quando este faz uso da própria razão para superar as ilusões autoimpostas e tornar-se esclarecido. Nesse sentido, a Educação Física, ao abordar os objetos da cultura de movimento, buscaria superar as ilusões impostas principalmente pela submissão da área aos princípios do esporte de alto rendimento: o princípio da sobrepujança e o princípio das comparações objetivas. A orientação didático-metodológica, segundo o autor, está em que os alunos superem sua condição de alienação passando por três etapas de transcendência: pela experimentação, pela aprendizagem e pela criação. De forma geral, a etapa da *experimentação* consiste em possibilitar que os alunos compartilhem e vivenciem com os demais colegas suas experiências corporais vinculadas a determinado conteúdo de ensino da cultura de movimento, ampliando-as. Dessa forma, o professor organiza a sequência didática de modo a contribuir, também, com essa ampliação das experiências corporais de seus alunos, trazendo um novo conteúdo da prática corporal trabalhada ou até mesmo uma nova prática corporal relacionada à etapa anterior, sendo agora a fase da *aprendizagem*. Tendo o aluno vivenciado as experiências do *mundo vivido* dos colegas e apreendido também com o professor, passa ao

momento de *criação*, em que estabelece novas formas de se relacionar com os conteúdos e práticas corporais experimentadas e aprendidas em aula(s).

O Coletivo de Autores (1992) parte do princípio de que o fato de vivermos na sociedade burguesa nos situa na condição de pertencentes a uma das classes que a compõe: à classe burguesa ou à classe trabalhadora, e estas têm interesses divergentes. A classe burguesa luta pela manutenção dos privilégios que sua condição de domínio lhe confere; já a classe trabalhadora, além de lutar pela imediata sobrevivência, luta pela possibilidade de superação do modelo de produção social que gera a divisão social do trabalho, pois tal superação é a única forma de alterar sua condição sócio-histórica. Para isso, a classe trabalhadora necessita apropriar-se do mais alto nível de conhecimento historicamente produzido, qual seja, o conhecimento científico, pois este lhe possibilitará tomar consciência de sua condição de classe, o que lhe ajudará a enfrentar os problemas do cotidiano. Com esse fim, os autores propuseram elementos básicos para a elaboração de uma teoria pedagógica e um programa didático-metodológico. Partindo da compreensão de que a Educação Física tematiza, no âmbito escolar, a cultura corporal – seu objeto de estudo –, orientam uma organização do ensino em que os temas são abordados didaticamente em três fases: na primeira apresentam-se os conteúdos e os objetivos e debate-se sobre as melhores formas de execução das atividades propostas; na segunda fase ocorre a apreensão do conhecimento; na terceira fase amarram-se as conclusões, avalia-se o processo e levantam-se as perspectivas para as aulas seguintes. Essa foi a predominância do ocorrido no meio acadêmico, vejamos como foi na escola.

No âmbito da escola de educação básica, ocorreu um esvaziamento do conteúdo de seu ensino (GONZÁLEZ; FENSTERSEIFER, 2009). Na negação do tecnicismo³ esportivo, articulado com o ideal do exercitar-se em vista de melhorar a saúde, passou-se ao espontaneísmo. Os autores caracterizaram esse processo como o momento em que se negou o que se tinha, mas não se constituiu uma alternativa eficaz, produzindo-se um momento “entre o ‘não-mais’ e o ‘ainda-não’”, em que se sabia o que não se queria mais, porém sem constituir

³ A pedagogia tecnicista – pautada nas técnicas (**formas**) de descoberta e aplicação e não no **conteúdo** da realidade, com a finalidade de potencializar a produção para o ótimo funcionamento da sociedade capitalista (Libâneo, 1982) – influenciou fortemente o ensino nas aulas de Educação Física a partir da década de 1970, e ganhou força no período pós-ditadura militar (1964 à 1985) (Coletivo de Autores, 2009). A Educação Física escolar baseava-se, única e exclusivamente, nos valores e ações do esporte de rendimento. Com isso, a estruturação das aulas tinha como pressuposto a prática esportiva a fim de detectar, por parte do professor (treinador), os alunos “aptos” a participar de competições esportivas representando a escola ou a se engajarem em equipes esportivas da cidade. O domínio do *gesto técnico* – categoria que merecerá atenção no decorrer de nossos estudos, bem como merecerá atenção a categoria *esporte de alto rendimento* – era a preocupação central do professor de Educação Física na organização do ensino, tendo como pressuposto didático a parcialização dos fundamentos técnicos – método parcial – em atividades específicas nas quais desconsideram a totalidade das relações estabelecidas no jogo, buscando atingir o aperfeiçoamento do gesto técnico para o jogo propriamente dito de determinada modalidade esportiva.

ou conhecer o que se pretendia efetivar em seu lugar. Um dos elementos do esporte que foi sendo rechaçado diz respeito à técnica esportiva. Aos poucos se constituiu, entre os professores, a percepção de que superar o tecnicismo que orientava de alguma forma a atuação do professor de Educação Física no âmbito escolar significava, obviamente, a negação do ensino da própria técnica. O debate mal compreendido pelos professores se estabeleceu, em parte, pela ausência de uma formação continuada que pudesse esclarecer essa condição (VITÓRIO; ORTIGARA, 2016), em parte pelas disputas no âmbito científico-acadêmico (BRACHT, 1999) que, em nosso entendimento, não propiciaram formação inicial aos professores e professoras de modo adequado para enfrentarem as novas exigências no campo da escola de educação básica. Isso nos remete ao debate entre o contexto científico e o cotidiano, pois ambas as situações estão presentes no contexto escolar.

Essa discussão *do embate entre o ensino da técnica numa perspectiva crítica e o tecnicismo, somada ao debate acerca do talento esportivo*, foi nos instigando a responder questões práticas – de forma teórica – relacionadas à perspectiva do ensino da técnica no futebol e nos movendo para o caminho de suas compreensões. Mobilizamo-nos, assim, ao entendimento teórico do papel da técnica na efetivação do jogo.

Nessa mobilização, nos valíamos (e ainda nos valem) das problematizações de ordem mais geral: afinal de contas, como a técnica surgiu na humanidade e como se desenvolveu no devir histórico? O que é essencialmente a técnica? Quais os nexos causais do ser da técnica? Ela é uma objetivação humana? É um tipo de habilidade? Qual a sua função na efetivação do futebol?

À medida que as problematizações de cunho mais geral se postavam (e ainda se postam) de forma cada vez mais incisiva, outras perguntas de ordem específica se colocavam (e ainda se colocam) e se reforçavam: se o ser da técnica apresenta relações internas próprias, mais gerais, que elementos, relações e interações acontecem em seu interior à proporção que se constitui e se relaciona com outros objetos sociais, dentre eles especialmente o futebol? Em que momentos históricos “essas vidas se cruzaram” no caminho histórico da técnica com o percurso histórico do futebol? Tomando esse percurso histórico, em que momento seu ensino sistematizado se tornou fundamental na vida cotidiana de muitos dos sujeitos?

Sem perder de vista essa categoria analítica, a da vida cotidiana, temos como pressuposto que na cotidianidade se efetivam as tramas sociais dos sujeitos (TORRIGILIA, 2019). Acreditamos, dessa forma, que existam momentos e espaços devidamente adequados para que o conhecimento científico possa ser desenvolvido nas suas máximas potencialidades. Entendemos que esses espaços fazem parte da vida cotidiana, contudo, podem potencializar a

apropriação de conhecimentos científicos pelos sujeitos singulares. Nesse contexto, o sujeito pode ser motivado a ingressar num movimento de pensamento que seja capaz de *suspender-se* do pragmatismo do pensamento cotidiano, elaborando o seu pensamento à luz de um pensamento teórico capaz de capturar os nexos internos do objeto pensado, *retornando* à vida cotidiana de forma que *supere* seu pensamento anterior.

Sendo assim, entendemos que a *escola* é um desses locais privilegiados que possibilitam o desenvolvimento do pensamento científico dos sujeitos singulares e que, portanto, ampliam os conhecimentos imediatos da vida cotidiana⁴. Ela assim permite, ou deveria permitir, o movimento do pensamento do sujeito orientado à “suspensão” das atividades cotidianas à luz do pensamento científico, retornando a essa realidade de forma qualitativamente diferente. Desse modo, outras dimensões e esferas da vida cotidiana poderão ingressar nesses locais por meio da *sistematização do processo de ensino* e de apropriações que ampliarão o conhecimento dos sujeitos envolvidos.

Embora a vida cotidiana esteja (e não poderia ser diferente) no contexto das relações de produção e reprodução da vida social sob a égide do capital e dos limites objetivos que esta sociabilidade impõe, acreditamos que existem interstícios e resistências que possibilitam a ampliação e o aprofundamento dos conhecimentos, permitindo um movimento de superação do pensamento cotidiano, fundamental para o desenvolvimento dos sujeitos.

Destacamos que, na escola, o ensino do futebol se dá, sistematicamente, nas aulas de Educação Física. Para o Coletivo de Autores (2009, p. 50),

[...] a Educação Física é uma prática pedagógica que, no âmbito escolar, tematiza formas de atividades expressivas corporais como: jogo, esporte, dança, ginástica, formas estas que configuram uma área de conhecimento que podemos chamar de cultura corporal.

De acordo com Nascimento (2014, p. 13), “a Educação Física tem por finalidade ensinar os conhecimentos humano-genéricos produzidos e encarnados nas atividades da cultura corporal”. Nessa perspectiva, os conhecimentos a serem tratados sobre futebol são: os de ordem tática e estratégica, regulamentária, técnica, político-econômica, da gênese e desenvolvimento, dentre outros (COLETIVO DE AUTORES, 2009). Destacamos que a dimensão técnica se apresenta para nós como essencial no que concerne à possibilidade de o sujeito se inserir (mesmo que seja analisando-a) na atividade de jogo, sem perder de vista a interação da técnica com as demais esferas do futebol, principalmente com a esfera do estatuto tático-estratégico (EUZÉBIO, 2017).

⁴ Destacamos também a própria atividade de trabalho como potencial local para o desenvolvimento do pensamento científico, com os mesmos limites postos pela sociabilidade do capital (LUKÁCS, 1966).

Portanto, nesse caminho de compreensões e ao mesmo tempo indagações, continuávamos a nos perguntar: qual o papel da técnica na efetivação do jogo de futebol e como organizar seu ensino nas aulas de Educação Física escolar? Incorporada a esta, outra pergunta estabeleceu-se de forma incisiva em nossa investigação: em que medida a técnica de uma determinada atividade, a qual apresenta substancialmente em sua estrutura interna a centralidade da relação essencial geral do controle da ação corporal do outro pelo domínio de espaço (NASCIMENTO, 2014), como o objeto em questão (o futebol), contribui para a apropriação de conteúdos teóricos do conceito de tática e estratégia (EUZÉBIO, 2017)?

Diante dessa questão, no movimento de encontro preciso do objeto de investigação, encontramos *três pressupostos teóricos* que nos orientaram para a elaboração de nossa tese. O *primeiro* deles encontramos na ontologia crítica marxista, em Lukács (1970), quando apresenta questões que favorecerem a base da compreensão do ser da técnica. Para o autor, a técnica se edifica a partir de um *domínio das leis da natureza*, do conhecimento de seus nexos, da melhor forma combinatória possível em relação à finalidade de uma atividade adequada. Destaca também que “um processo técnico é tão mais perfeito quanto mais universais forem seus fundamentos teóricos, quanto mais simples – e por isso mais universais – puder ser sua aplicabilidade” (LUKÁCS, 1970, p. 187). A técnica como conhecimento construído a partir de um domínio primoroso do real parece-nos um indicativo teórico essencial para a continuidade dos estudos.

O *segundo pressuposto teórico* para a elaboração de nossa tese que diz respeito à origem da técnica encontramos na área da psicologia, principalmente em Leontiev (1978). O autor destaca que a gênese coincide com a gênese do próprio homem e que, portanto, coincide com o surgimento do trabalho. Entendemos trabalho, embasados em Marx (2010a), como o intercâmbio que o homem estabelece com a natureza a fim de satisfazer suas necessidades, assim, ao modificar a natureza, o homem também se modifica.

Também respaldado em Marx, Leontiev (1978) afirma que a *divisão técnica* surge na própria *divisão organizada e especializada* da realização do trabalho. O autor, portanto, reforça que “o trabalho humano [...] é uma atividade originariamente social, assente na cooperação entre indivíduos que supõe uma divisão técnica, embrionária que seja, das funções de trabalho [...]”. (LEONTIEV, 1978, p. 75).

O *terceiro pressuposto teórico* encontramos também em Leontiev (1978), quando ressalta, na continuidade da exposição feita anteriormente, que o surgimento da técnica na atividade de trabalho aconteceu como resultado de um processo de produção dos *utensílios de trabalho*, ou seja, dos meios de trabalho, como operações motoras. Esse processo resultou na

necessidade de sofisticação dos instrumentos de trabalho e, ao mesmo tempo, desencadeou a necessidade de ações auxiliares de ações mais complexas. Essas ações auxiliares acabam se constituindo, na atividade de trabalho, como operações, como conteúdo interno, condições para outras ações desempenhadas na divisão técnica das funções de trabalho.

Tendo em vista que o futebol, sendo um jogo coletivo, apresenta como relação essencial geral *o controle da ação corporal do outro pelo domínio de espaço*, apresentando como elementos constitutivos as regras, a dinâmica de ataque e defesa e os conhecimentos tático-estratégicos, passamos a pensar a ação do jogador nesta atividade particular esportiva a fim de entendermos o papel da técnica nessa dinâmica. Para isso buscamos em autores da ciência esportiva o conceito de técnica, e encontramos em Mahlo (s.d) um que vai ao encontro do conceito que vimos em Lukács (1970), o que nos levou para o *quarto pressuposto teórico* de nossa tese, o da importância da técnica para a solução de problemas mais sofisticados que o jogo solicita ao jogador.

Mahlo (s.d) destaca que a técnica é a sucessão de gestos elementares automatizados, à força de trabalho, e apresenta como principais características a segurança, precisão e rapidez de sua efetividade. O autor ainda enfatiza que na ação do jogo a técnica é fundamental para que ações mais complexas sejam realizadas a fim de resolver uma determinada situação-problema.

No percurso de nossos estudos – após a qualificação da tese – nos deparamos com Rubinstein (1977), cuja teoria destaca o caráter histórico da técnica, constituindo-se, este, o *quinto pressuposto teórico* de nossa tese. A técnica concretiza, de certa forma, o progresso histórico do pensamento sistematizado (científico) na atividade humana, cumprindo um papel mediador, na realidade social, fundamental para a continuidade da evolução da própria atividade. O autor ainda contribui com nosso entendimento acerca da técnica presenteando-nos com o conceito de *movimento objetivo organizado* na relação diferenciada, ante o animal, de reciprocidade entre sujeito e objeto na formação das, denominadas por Leontiev (1978), *faculdades psicomotoras superiores*, tipicamente humanas.

Articulando-se a isso e, de algum modo, reforçando o caráter histórico da técnica, na continuidade dos estudos nos fundamentamos, sobretudo, em Lukács (2013), o qual nos brindou com o que se tornou nosso *sexto pressuposto teórico*. No processo de exposição da gênese do ser social, no movimento ontológico de formação humana, o autor nos ajudou a compreender a técnica como ferramenta (social) de autodomínio do gênero humano, como instrumento – de controle do instinto –, historicamente elaborado e reelaborado na vida

cotidiana dos sujeitos, condicionado e simultaneamente condicionante do progresso da atividade humana.

Diante dos pressupostos teóricos levantados, em esforço de síntese, destacamos *o conceito-chave de técnica, entendendo-a como o conhecimento, o modo mais adequado de execução de determinada operação (ou de um conjunto de operações) atrelada à ação de certa atividade, edificado a partir do domínio histórico da ação corporal humana efetivada em uma determinada atividade adequada, ou seja, é o modo mais eficaz – preciso, rápido, seguro, constante e socialmente eficiente – possível de efetivar uma operação ou um conjunto de operações atreladas à ação corporal de certa atividade*. Na sequência dessa conceituação e incorporada nela, entendemos que, considerando a estrutura da atividade em Leontiev (1978), a técnica é, portanto, uma condição, um meio que permite tornar, no sujeito singular que se apropria dela, uma ação da atividade em operação da ação⁵. Sendo assim, na lógica do futebol, pressupomos que *a técnica se constitui como conteúdo interno, como conhecimento da ação corporal do jogador na atividade de jogo*.

Na dinâmica de estudos e reflexões, inclusive no movimento coletivo de pensamento sobre o objeto oriundo da discussão da qualificação do doutorado, emergiram outras problematizações-chaves para o desenvolvimento da tese. Dentre elas, uma nos tomou em especial, constituindo-se como central: como um movimento *indiferenciado* torna-se uma *técnica* específica ou concreta de uma dada atividade (no caso, o futebol)? Mais objetivamente, como o chutar (uma ação indiferenciada) se transformou (ou foi se transformando) no chute do futebol (uma ação concreta *recheada* de substantividade), carregando, assim, uma síntese histórica da experiência humana?

Nessa perspectiva, o **objetivo geral** de nossa tese se configurou da seguinte forma: compreender *os processos* a partir dos quais a técnica, como um tipo de conhecimento, configura-se como condição para o surgimento e o desenvolvimento da especificidade do jogo de futebol e, simultaneamente, condição para uma apropriação da qualidade específica desse jogo.

A partir desse objetivo, desdobram-se os seguintes **objetivos específicos**: a) entender o ser da técnica e sua efetivação na particularidade do jogo de futebol; b) identificar as relações da unidade técnico-tática-estratégica na dinâmica interna do jogo de futebol.

Objetivamos, por meio de pesquisa bibliográfica, o levantamento de obras que retratam a historicidade do futebol e da constituição do ser da técnica. Os estudos dessas obras

⁵ A afirmativa de que a técnica é uma operação na estrutura da atividade de jogo será mais bem explicitada no desenvolvimento do texto.

foram articulados com o aprofundamento da compreensão das categorias analíticas da realidade à luz do materialismo histórico e dialético e da ontologia crítica marxista.

Nessa perspectiva, pretendemos compreender o ser da técnica, apresentando seus nexos causais, seus conteúdos internos, de forma a aprendê-lo em seu sentido ontológico e objetivamente posto na dinâmica interna do jogo de futebol.

A partir do exposto, **apresentamos nossa tese**: neste estudo defendemos que a técnica, por ser conhecimento, ser modo – historicamente aprimorado – mais adequado de execução de uma operação ou de um conjunto de operações orientado a uma ação de determinada atividade, realiza a função de instrumento - o que a configura como necessária no processo de apropriação da atividade pelos sujeitos singulares -, possibilita a apropriação da própria atividade. Na especificidade da atividade de jogo de futebol, a técnica orientada à sua essencialidade de controlar o oponente dominando o espaço, realiza-se como parte do estatuto tático-estratégico, constituindo, assim, um organismo técnico-tático-estratégico necessário para qualificar a ação e o entendimento sobre a ação humana no jogo de futebol.

Partimos, portanto, do pressuposto de que a ação técnica, quer dizer, automatizada, incorporada primorosamente pelo sujeito, *liberta a consciência* (Mahlo, s.d) para a percepção e identificação dos nexos causais que constituem o jogo de futebol, como os conhecimentos táticos e estratégicos na objetivação do controle da ação corporal do oponente dominando o seu espaço, colocando, por conseguinte, o ato criativo do jogador a serviço das resoluções dos problemas mais amplos postos pelo jogo. Do mesmo modo, a técnica se constitui como meio, conteúdo interno da ação, como condição para a efetivação do jogo de futebol. Sendo assim, é fundamental o ensino da técnica do futebol nas aulas de Educação Física escolar visando o processo de humanização dos sujeitos singulares.

Para a exposição do caminho investigativo realizado no enfrentamento das questões apontadas, a tese foi organizada da seguinte forma:

No **primeiro capítulo**, denominado *A Gênese e o Desenvolvimento do Ser da Técnica: dos Primeiros Movimentos da Humanidade ao Surgimento da Técnica do Futebol na Vida Cotidiana Inglesa*, apresentamos o ser da técnica, sua gênese e desenvolvimento, identificando e explicitando seus nexos causais, seus conteúdos internos, de forma a aprendê-lo em seu sentido ontológico, preparando, assim, o campo das análises da técnica posto na dinâmica interna do jogo de futebol. Nesse movimento de apreensão do ser da técnica, destacamos sua gênese e seu desenvolvimento na particularidade do futebol, elucidando os processos desencadeadores da configuração da técnica de futebol, efetivados objetivamente

no solo da vida cotidiana inglesa. Antes disso, salientamos vida cotidiana como importante categoria analítica da compreensão do ser da técnica.

No **segundo capítulo**, *A Técnica como Instrumento de Domínio Primoroso do Real: A Particularidade do Futebol*, apresentamos as interações internas do ser da técnica postas na dinâmica do jogo de futebol, apresentando seu papel nela. Para isso analisamos, por meio de vídeos e imagens, duas *situações concretas* do futebol, evidenciando elementos teóricos, destacados no primeiro capítulo, acerca do ser da técnica em articulação com o organismo tático-estratégico que constitui a estruturação interna do futebol, defendendo o estatuto técnico-tático-estratégico como unidade fundamental para a compreensão mais aguçada dos aspectos mais avançados do jogo de futebol, apresentando, de certa forma, princípios teórico-metodológicos do ensino da técnica nas aulas de Educação Física escolar.

No **terceiro capítulo**, *O Ensino da Técnica do Futebol: Considerações Finais*, recuperamos, de certa forma, a trajetória de elaboração da tese e apresentamos as respostas das problematizações suscitadas neste percurso, bem como destacamos elementos teórico-metodológicos que consideramos fundamentais para a continuidade dos estudos na esfera da organização do ensino do futebol.

1. A GÊNESE E O DESENVOLVIMENTO DO SER DA TÉCNICA: DOS PRIMEIROS MOVIMENTOS DA HUMANIDADE AO SURGIMENTO DA TÉCNICA DO FUTEBOL NA VIDA COTIDIANA INGLESA

No presente capítulo objetivamos apresentar como se deu o processo de gênese e desenvolvimento da técnica de futebol ao longo do processo histórico. Para isso, pretendemos adentrar a compreensão do ser da técnica, evidenciando os processos que ocasionaram sua gênese e seu desenvolvimento na particularidade interna do jogo de futebol.

Antes de mergulharmos historicamente na gênese e no desenvolvimento do ser da técnica do futebol, perspectivamos desenvolver o porquê da vida cotidiana se constituir como categoria e como ela se expressa na vida comum das pessoas, principalmente enfatizando como o futebol tem esse papel de estar, por um lado, na cotidianidade, e, por outro, ter essa dimensão mercadológica que também envolve o senso comum das pessoas.

De acordo com Torriglia (2018, p. 23), vida cotidiana “é uma importante dimensão de análise, que favorece a compreensão do movimento dos diferentes conhecimentos que nela se expressam, os quais podem vir a aperfeiçoar o cotidiano dos sujeitos históricos e concretos”.

Para Lukács (1966), a vida cotidiana é o terreno fundante da atividade e não está exposta como uma categoria negativa da sociabilidade. Ela é a própria vida dos sujeitos na totalidade histórica da realidade. Nela, os conhecimentos científicos, artísticos e filosóficos se inter cruzam e se inter-relacionam mutuamente.

Assim, compreendemos que, na efetivação do futebol espetáculo, o atleta, desempenhando significativa importância, necessita preparar-se, na forma de treinamento, internalizando conhecimentos objetivamente confluentes das mais diversas ciências, podendo atingir níveis de conhecimento para além do costume e do hábito, ou seja, superando os limites da vida cotidiana.

O propósito, neste subitem, é apontar como se expressa a vida cotidiana no jogo. Podemos pensar que a vida cotidiana de uma partida de futebol carrega elementos pragmáticos do pensar cotidiano, mas este será cada vez mais adequado quanto mais conhecimento técnico, tático e estratégico o sujeito singular tenha. Isso se dá por suspensões no processo de aprendizagem, ao ensinar fundamentos teóricos que depois se expressam na imediatez do jogo.

Desejamos apresentar, ainda, os elementos que configuram a categoria vida cotidiana, como por exemplo, o hábito, o pensamento cotidiano – como análogo, imediato e

econômico – com os elementos que constituem o jogo de futebol. Nessa direção, valemo-nos dos elementos constituintes do jogo apresentados por Nascimento (2014), que são *as regras, a dinâmica de ataque e defesa e os conhecimentos táticos e estratégicos*. Assim, pretendemos elucidar de que forma se dá essa interação dos elementos da vida cotidiana no próprio jogo de futebol.

Aliás, não se pode jogar uma partida de futebol no mesmo ritmo e tempo de quando se está aprendendo a jogar. Ao mesmo tempo, jogar requer ações imediatas do jogador e do coletivo de jogadores da equipe. A imediatez das decisões e dos desdobramentos táticos e estratégicos se coloca em um tempo veloz e eficaz. Essas articulações entre a categoria vida cotidiana e o jogo de futebol serão abordadas no subitem a seguir.

1.1 VIDA COTIDIANA “ENTRA EM CAMPO” COMO CATEGORIA ANALÍTICA

A Vida Cotidiana é o terreno fundante do processo de conhecimento. (TORRIGLIA, 2018).

A perspectiva ontológica genética, assim descrita por Tertulian referindo-se ao método de Lukács, objetiva apreender as complexidades dos fenômenos, partindo da aparência buscando chegar à essência. Pretende, segundo Torriglia (2018, p. 26, grifos da autora), “*estudar o ser das coisas em movimento*”.

Essa afirmativa requer a compreensão da relação dialética entre sujeito e objeto. A assertiva de que não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência (MARX; ENGELS, 2007), posiciona-nos na relação de que o sujeito singular, no seu constante devir homem, na relação espaço-temporal determinadamente histórica, põe em contínuo movimento as cadeias causais pelo pôr teleológico, condição precípua e necessária para a continuidade histórica do ser social (LUKÁCS, 1966).

De acordo com Marx e Engels (2007), para fazer história os homens precisam antes de tudo comer, beber, ou seja, sobreviver. Isso significa que para produzir sua existência o sujeito precisa buscar os meios, sendo eles a primeira condição de se fazer história. Esse intercâmbio constante do homem com a natureza e consigo mesmo por intermédio do trabalho, elemento fundante do ser social, produz e reproduz a realidade histórico-social.

Dessa forma, existe uma realidade externa, isto é, “fora” do sujeito⁶, da qual, diferentemente do animal, o homem necessita se apropriar por meio de variados reflexos⁷,

⁶ Sobre isso, é fundamental a compreensão de que o ser social se constitui tendo por base outras duas modalidades de ser: o ser orgânico e o ser inorgânico. Sobre a relação dialética e prioritariamente ontológica dessas modalidades, ver o capítulo A Reprodução, em *Para uma ontologia do ser social II* (LUKÁCS, 2013).

produzidos ao longo do devir humano, objetivados e subjetivados de forma cada vez mais complexa e radical – no que concerne à tendência ontológica do recuo das barreiras naturais – a ponto de exigir do sujeito singular, cada vez mais, a compreensão mais apurada das complexidades postas na/da realidade social. Para que essa apropriação da realidade aconteça, é necessário que o sujeito interaja conscientemente com ela.

A interação pressupõe uma relação, seja do indivíduo com a natureza, seja do indivíduo com o indivíduo, numa troca que garante ao sujeito, por meio de sua experiência, o estabelecimento de intercâmbios necessários *para apropriar-se de sua cultura, de conhecimentos, da própria realidade*. A interação oportuniza, pelo processo de apropriação, a conversão do externo em interno. (CISNE, 2018, p. 89, grifos nossos).

O ser singular possui a “vocação” ontológica de se orientar pelo conhecimento na realidade em que vive. Ele produz e se reproduz objetivamente – bem como subjetivamente – na esfera da cotidianidade. Para Lukács (1966), a vida cotidiana é o terreno fundante da atividade e não está exposta como uma categoria negativa da sociabilidade, mas sim como uma categoria própria da vida dos sujeitos. Ela é, assim, a própria vida dos sujeitos na totalidade histórica da realidade social. Na esteira da vida cotidiana acontecem as tramas sociais dos sujeitos (TORRIGLIA, 2018).

Lukács (1966) explica que existem formas de refletir a realidade. Destacamos aqui três delas: cotidiana, estética e científica.⁸ Para o propósito deste trabalho, atemo-nos às relações das formas cotidianas e científicas, articulando-as com as reflexões acerca do ensino do futebol na escola. O que cabe aqui é assinalar que, de acordo com Lukács (1966, p. 35), “se quisermos estudar o reflexo na vida cotidiana, na ciência e na arte, interessando-nos por suas diferenças, temos que recordar sempre claramente que as três formas refletem a mesma realidade”⁹. Ao mesmo tempo, destaca-se que os pensamentos cotidiano, científico e artístico refletem a mesma realidade objetiva, mas o conteúdo e a forma da reconfiguração podem e têm que resultar diferentes. Assim, o traço fundamental da vida cotidiana é “a fonte e a desembocadura do conhecimento na ação humana” (LUKÁCS, 1966, p. 72).

O ser humano apresenta certa tendência em orientar-se à descoberta da realidade para melhor situar-se nela, ampliando suas possibilidades de ação, culminando em generalizações e preservações do trabalho. Sendo assim, “[...] no processo de contínuas objetivações sempre articulado às elaborações do pensamento, as objetivações efetivadas (os pores teleológicos

⁷ O animal apenas se adapta a essa realidade reagindo imediatamente a ela, ou seja, não a transforma diretamente.

⁸ Sobre as diferenças e articulações entre essas formas de reflexos da realidade, ver em detalhes no próprio Lukács (1966).

⁹ Tradução nossa. As traduções de todas as citações de obras em espanhol que utilizamos neste trabalho são de nossa responsabilidade.

postos) vão se fixando na história a partir das atividades realizadas” (TORRIGLIA, 2018, p. 30). Dessa forma, o pensamento e a ação formam o campo da práxis humana. Cisne (2018, p. 87-88) ressalta que “[...] o pensamento humano é uma representação ideal de algo que possui uma existência real, é uma atividade subjetiva cuja causa é objetiva”.

Lukács (1966) destaca que o pensamento cotidiano é análogo, rígido, imediato, econômico e ambíguo. Também se caracteriza como algo confuso, impreciso e espontâneo, além de conectar (vincular), de forma imediata e pragmática, a teoria e a prática. Tais características da vida cotidiana se fixam nos costumes, nas tradições, que podem, em determinadas circunstâncias, exercer certo grau de continuidade, como, ao mesmo tempo, podem obstaculizar possíveis avanços, por suas próprias características (LUKÁCS, 1966). O hábito é um tipo de inconsciente. Ele “não é em absoluto coisa inata, senão produto de uma prática social larga e, muitas vezes, sistemática” (LUKÁCS, 1966, p. 96). Nesse aspecto, observa Torriglia (2018, p. 31), a vida cotidiana tem uma história, se dá num determinado contexto social, sendo “[...] o campo das mediações sociais, da continuidade e da ruptura da história”. A autora destaca que “os conteúdos concretos do pensamento cotidiano **são os saberes necessários**, e tanto sua estrutura como seus conteúdos não têm uma vida separada. O saber-fazer, o saber pragmático, é uma das características da vida cotidiana.” (TORRIGLIA, 2018, p. 45, grifos da autora).

O pensamento cotidiano apresenta um movimento que se efetiva na imediatez e na espontaneidade fenomênica. Sua dinâmica estrutural da teoria e da prática se realiza de forma imediata, ocultando, muitas vezes, a essência do fenômeno. Isso não significa um grau de menos importância a essa forma de pensamento.

Partir da vida cotidiana significa, entre outras coisas, partir do pensamento que permeia a vida cotidiana, constituído pelos processos de objetivação, que contém elementos substanciais de elaborações mais complexas, que sempre tem a práxis como critério de orientação. (TORRIGLIA, 2018, p. 32).

A ciência e a arte, como objetivações humanas superiores, apesar de suas relativas autonomias no processo de evolução social do trabalho, não perdem sua constante interação, cada vez mais rica e ininterrupta, com o terreno da vida cotidiana (LUKÁCS, 1966). O pensamento da vida cotidiana e da ciência constitui “uma unicidade no processo com que os sujeitos se deparam não somente ao entender sua vida, mas também para poder se manter e se reproduzir” (TORRIGLIA, 2018, p. 29).

É certo que não podemos perder no horizonte que, na produção e reprodução do capital, em que a finalidade é a valorização do valor, o homem singular se encontra em relações entre coisas por meio de pessoas, e de pessoas por meio de coisas, vivendo, portanto,

em relações fetichizadas. Como assinala Cisne (2018, p. 66), “aliás, na sociabilidade capitalista, o caráter do fetiche, intrínseco ao seu próprio movimento, assume grande relevância nas mais variadas esferas da vida social (política, econômica, artística)”.

No seio da luta de classe, o trabalhador – em relação antagônica com o capitalista –, no ato de sua atividade de trabalho, estranha-se da própria atividade, da própria coisa que produz, de si mesmo e do outro sujeito (MARX, 2010b). Sua relação com as objetivações na cotidianidade carrega, assim, o peso histórico e cultural de seu tempo. É assim que Cisne (2018), nessa perspectiva, destaca a importância das objetivações superiores para a superação do conhecimento limitado da práxis cotidiana, ao mesmo tempo que nos alerta da possível formação de consciências falsas:

Para superar o conhecimento circunscrito à práxis cotidiana, fazem-se necessárias formas completamente diferenciadas de conhecimento, mais refinadas. Eis aí os papéis da ciência, da filosofia e também da arte: descobrir, descrever e compreender as estruturas do mundo, tendo em vista que o desenvolvimento dessas formas implica retroagir sobre a atividade humana, ampliando sua finalidade. É importante destacar que esse mesmo desenvolvimento pode levar também a formas de consciência falsas, equivocadas, mistificadas, distorcidas, mesmo nos campos da ciência e da filosofia, com garantia de efetividade. (CISNE, 2018, p. 66).

Ressaltamos que as objetivações superiores – arte, filosofia, ciência – assentam-se e movimentam-se, de algum modo, na cotidianidade dos sujeitos, estabelecendo conexões entre as próprias objetivações e entre as objetivações e os sujeitos singulares. É nesse sentido que a autora indica, na citação, *que o desenvolvimento dessas formas implica retroagir sobre a atividade humana, ampliando sua finalidade*. Ampliar as finalidades tem como consequência, justamente, o movimento das objetivações, que no fundo, como explica Torriglia (2018), é o fluxo da história em movimento.

Dessa forma, é fundamental destacarmos que as relações dos sujeitos com as objetivações superiores se estabelecem de forma dialética, na própria cotidianidade (LUKÁCS, 1966). Os problemas da ciência, bem como da arte e da filosofia, surgem e ao mesmo tempo se efetivam, de forma mais direta ou mediatizada, no solo da cotidianidade. Este enrijece à medida que se realizam em si as aplicações e criações dos métodos científicos. Isso não significa, salvo a interação dialética estabelecida, que o reflexo cotidiano e o reflexo científico se estruturam da mesma forma no pensamento. (LUKÁCS, 1966). Ambos apresentam movimentos que lhes são próprios. No entanto, assinalamos, de forma sintética, nas palavras de Torriglia (2018, p. 45, grifos da autora):

[...] entendemos que o *saber-fazer*, o saber pragmático característicos da vida cotidiana, é um saber necessário, como já salientamos, para sobreviver na vida. Esses saberes, especialmente baseados na experiência e em generalizações, permitem-nos reproduzir-nos como sujeitos. Contudo, se nossa existência se

constitui e se reproduz da mesma forma dentro dessa esfera, se as expectativas ficam nesse nível de produção, a reprodução de nosso pensamento, de nossos afetos, de nossa compreensão e visão de mundo será dada também dentro e no contexto desse nível.

Nesse sentido, alguns importantes autores marxistas, como o próprio Lukács, além de Vigostki e Rubinstein, nos apontam a necessidade do hábito, como uma espécie de movimento ao inconsciente para a potencialidade de alargamento da esfera do consciente, o que possibilita avanços do sujeito em seu processo de conhecimento, ao mesmo tempo, que nos alertam para a obstaculização e para os limites do hábito para o desenvolvimento do sujeito, em seu processo de compreensão da realidade social.

Lukács apresenta a relação do hábito na estruturação interna do processo de trabalho, e sua necessidade para que outras ações, mais complexas deste processo, possam efetivar-se.

Essa estrutura ontológica do processo de trabalho, que o torna uma cadeia de alternativas, não deve ficar obscurecida pelo fato de que, no curso do desenvolvimento e mesmo em fase de desenvolvimento relativamente baixas, as alternativas singulares do processo de trabalho se tornem, através do exercício e do hábito, reflexos condicionados e, desse modo, possam ser enfrentados “inconscientemente” no plano da consciência. (LUKÁCS, 2013, p. 72).

Encontramos eco dessa importância nos estudos em Vigostki, em que aponta o caráter ampliador do hábito. O autor reforça que a

[...] formação dos hábitos põe à disposição da nossa vontade mecanismos cada vez mais potentes e lhe permite propor-se objetivos cada vez mais distantes. Os hábitos descarregam a vontade e, assim, dão-lhe a possibilidade de recorrer a objetivos mais elevados. [...] Quanto mais amplo é o círculo de atividade que o hábito abrange tanto menos é a energia volitiva que devemos revelar para atingir os objetivos traçados. (VIGOSTKI, 2010, p. 374).

O autor destaca ainda que “o processo através do qual alguma ação se transforma em hábito e adquire propriedades características do movimento automático é denominado exercício” (VIGOTSKI, 2010, p. 366) e nos chama a atenção - bem como o fez Lukács (1966), sobre o duplo aspecto que o hábito estabelece na vida dos sujeitos – para a seguinte questão:

Os hábitos nos enriquecem e nos libertam de modo a que passamos orientar os nossos esforços para objetivos mais elevados. Mas os hábitos também nos escravizam e se contrapõe aos nossos esforços. No processo de educação é preciso ter em vista ambos os aspectos da formação dos hábitos. (MUNSTERBERG, 1922 apud VIGOTSKI, 2010, p. 375).

O hábito é um ato ou um conjunto de atos conscientemente automatizados. Numa nova relação de tarefa similar de determinada atividade adequada, mobiliza constantemente consciência e automatismo (RUBINSTEIN, 1977).

Na dinâmica da vida cotidiana, na necessidade de produção e reprodução dos indivíduos, o processo constante, ineliminável e ininterrupto de *suspensão, retorno e*

superação, reproduz de forma ampla a práxis social (TORRIGLIA, 2018). A **suspensão** da cotidianidade é um movimento contínuo dos sujeitos que surge na necessidade da busca de resolução de um problema, que sob a base de um conhecimento espontâneo, realizado como hábito, como costume, possibilita-lhes ir além do pensamento rígido, espontâneo e imediato do pensamento cotidiano. O contato fundamental com outras objetivações superiores, como a arte, a filosofia e a ciência, pode levar o sujeito a ampliar, alargar seu pensamento do real para além da espontaneidade, da imediatez e demais características da vida cotidiana. O pensamento científico, **retornado** à vida cotidiana, torna-a mais heterogênea. Nela, os conhecimentos científicos estão permeando o tempo todo a vida dos sujeitos. A apropriação dos conhecimentos científicos pelo sujeito permite-lhe uma nova compreensão da realidade posta, causando uma **superação** do compreendido para além do nível imediato, fenomênico.

Assim sendo, o pensamento da vida cotidiana, como vimos, estabelece a possibilidade de continuidade de costumes e hábitos fundamentais para a vida dos sujeitos, mas, ao mesmo tempo, pode, por suas próprias características – como a imediatez e o pragmatismo no ato de pensar, dentre outras apontadas anteriormente –, obstaculizar novas apropriações, ainda mais num terreno cotidiano estruturado a partir de relações capitalistas e, portanto, constituído de fetichizações e estranhamentos. Como destacamos na introdução, a escola é um dos locais socialmente privilegiados para o desenvolvimento do pensamento científico dos sujeitos singulares.

Embora a escola esteja (e não poderia ser diferente) no contexto das relações de produção e reprodução da vida social sob a égide do capital e dos limites objetivos que esta sociabilidade impõe, acreditamos que existam possibilidades concretas de ampliação e de aprofundamento dos conhecimentos, permitindo um movimento de superação do pensamento cotidiano, fundamental para o desenvolvimento dos sujeitos.

O reflexo, o pensamento cotidiano, o movimento que se realiza a partir da vida cotidiana e ‘sua mistura’, nesse patamar, juntamente com os reflexos artísticos e científicos, permitem-nos esboçar algumas aproximações com aquilo que Lukács julgou ser importante e que tomamos como guia, a saber: *o processo de retorno das objetivações mais elaboradas à vida cotidiana e como esse retorno, apesar da limitada conformação, facilita ampliações e registros de compreensões cada vez mais refinados*. O entendimento disso e a configuração dos sujeitos singulares em seu vir a ser indivíduo, subjetividades objetivadas, são apoio fundamental para, juntamente com uma concepção de teoria do desenvolvimento sob base marxista, apontar elementos para a formação e os processos de ensino e aprendizagem. Também nesse escopo de ideias, a fim de apresentar uma proposição factível, consideramos que a *didática e o método de ensino* podem – dialeticamente – interferir de maneira sistemática para que os conhecimentos científicos e artísticos, isto é, as objetivações mais elaboradas, surgidas neste terreno cotidiano, retornem à vida cotidiana, permitindo-lhes causar impacto não somente ao ampliar o ‘pequeno mundo’ da cotidianidade mas sobretudo ao favorecer as modificações necessárias

aos registros e às dimensões do pensamento cotidiano. (TORRIGLIA, 2018, p. 23-24, grifos nossos).

Essa passagem sintetiza a importância da categoria vida cotidiana para os desfechos de nosso estudo. No entanto, grifamos nela dois pequenos trechos que ratificam o imediatamente afirmado. O primeiro destaque – *o processo de retorno das objetivações mais elaboradas à vida cotidiana e como esse retorno, apesar da limitada conformação, facilita ampliações e registros de compreensões cada vez mais refinados* – nos ajuda a situar a técnica como um tipo de conhecimento que necessita reproduzir-se na ação cotidiana do sujeito de forma que o motive a se engajar substancialmente nesse aprimoramento constante da atividade na qual se orienta sua ação. O conhecimento científico nutre a cotidianidade do sujeito de modo que amplia sua consciência sobre sua ação e seu pensamento. Nesse aspecto, a escola, mas não só ela¹⁰, cumpre um essencial papel social. Inclusive em relação à escola, mas não somente a ela, apresentamos nosso segundo destaque: *a didática e o método de ensino*. A organização do ensino da técnica (tática-estratégia) no futebol, de forma consequentemente científica, requer a compreensão do campo da didática e do método de ensino. Eis questões sobre as quais a categoria vida cotidiana pode *jogar luz*: em nosso pensamento sobre a compreensão do ensino e da aprendizagem do ato técnico do futebol.

Defendemos, portanto, o conhecimento científico para a ampliação da compreensão mais refinada da realidade. Para Rubinstein (1977, p. 631) “[...] a realidade se media historicamente pela atividade do homem, pela técnica: nela se materializa toda a evolução histórica do pensamento científico.”

Lukács (1966) destaca que o indivíduo, na atividade de trabalho, de forma geral, necessita se apropriar de conhecimentos científicos para além dos conhecimentos habituais e costumeiros da vida cotidiana. A atividade de trabalho põe essa tendência no trabalhador pela busca de um novo nível de conhecimento.

O autor afirma que

[...] o processo de trabalho não se limita a converter em costume um nível já alcançado, senão que cria, ademais, no trabalhador as condições que permitem alcançar um novo nível; o treinamento no esporte e a exercitação em diversas artes mostram também *essa tendência*. (LUKÁCS, 1966, p. 97, grifo nosso).

Rubinstein (1977, p. 628) destaca que “todo trabalho requer uma técnica mais ou menos complicada, que deve dominar-se. Por isso são sempre importantes para o trabalho os conhecimentos e os hábitos. Sem eles não é possível efetuar um trabalho.” Assim sendo,

¹⁰ No futebol, as escolas específicas (conhecidas como escolinhas) e os clubes esportivos, muito embora se assentem, principalmente, em finalidades mercadológicas, cumprem, a nosso ver, papel importante na aprendizagem e desenvolvimento da técnica, da tática e da estratégica no âmbito científico. Essa também é uma questão que merecerá atenção investigativa.

pretendemos, conseqüentemente, compreender os nexos causais que constituem o *ser da técnica*, considerando a particularidade do futebol, de modo que possamos pensar a sua produção, reprodução e apreensão pelo ser singular, bem como sua organização de ensino na dinâmica particular do futebol.

1.2 GÊNESE E DESENVOLVIMENTO DO SER DA TÉCNICA COMO UM COMPLEXO MOVIMENTO DE PENSAMENTO: CONHECIMENTO E HABILIDADE

Neste item temos por objetivo compreender o *ser da técnica*. Nosso interesse é o de apresentar seus nexos causais, seus conteúdos internos, de forma a aprendê-lo em seu sentido ontológico e objetivamente posto na dinâmica do jogo (de futebol).

Para isso, metodologicamente, apresentamos a gênese da técnica na dinâmica do ser social e indicamos de que modo a técnica foi determinando e sendo determinada ao longo do devir histórico, com ênfase na sua relação com o futebol.

1.2.1 A gênese do ser da técnica: rola a bola no gramado do ser social

Na verdade, são poucos os que sabem da existência de um pequeno cérebro em cada um dos dedos das mãos, algures entre a falange, a falanginha e a falangeta. Aquele outro órgão a que chamamos cérebro, esse com que viemos ao mundo, esse que transportamos dentro do crânio e que nos transporta a nós para que o transportemos a ele, nunca conseguiu produzir se não intenções vagas, gerais, difusas, e sobretudo pouco variadas, acerca do que as mãos e os dedos deverão fazer [...] Note-se que, ao nascermos, os dedos ainda não têm cérebros, vão-nos formando pouco a pouco com o passar do tempo e o auxílio do que os olhos vêem. O auxílio dos olhos é importante, tanto quanto o auxílio daquilo que por eles é visto. Por isso o que os dedos sempre souberam fazer de melhor foi precisamente revelar o oculto. O que no cérebro possa parecer como conhecimento infuso, mágico ou sobrenatural, seja o que for que signifiquem sobrenatural, mágico e infuso, foram os dedos e seus pequenos cérebros que lho ensinaram. Para que o cérebro da cabeça soubesse o que é a pedra, foi preciso primeiro que os dedos a tocassem, lhe sentissem a aspereza, o peso e a densidade, foi preciso que se ferissem nela. Só muito tempo depois o cérebro compreendeu que daquele pedaço de rocha se poderia fazer uma coisa a que chamaria faca e uma coisa a que chamaria ídolo. (SARAMAGO, 2017, p. 85-86).

O trecho citado revela, com uma habilidade literária fabulosa, *o trajeto do trabalho como produto e produtor de nós mesmos (seres humanos)*, desde sua gênese até o enfrentamento de seus dilemas atuais. Apresenta a complexidade da relação sujeito e objeto na sua histórica dinâmica de objetivação e apropriação, tanto em sua ontogênese quanto em sua filogênese, em seu devir histórico. Saramago genialmente elucida, de modo artístico e talvez, por isso, incrivelmente evocativo, o percurso e a complexidade da formação humana, da efetivação do ser singular, em seu devir homem, como ser social.

Para Marx (2010b, p. 107) “o indivíduo é o ser social”. Todo indivíduo se efetiva em sociedade. De forma geral, todo *ser singular*, para fazer suas as objetivações materiais e

subjetivas postas em sociedade, isto é, para se humanizar, necessita se engajar no processo de apropriação das objetivações humanas (LUKÁCS, 2013). Para se produzir e reproduzir como ser singular, necessita objetivamente se realizar no movimento de apropriação e objetivação do ser social. O ser singular, à medida que se objetiva pela apropriação das objetivações produzidas por gerações anteriores, realiza-se, em alguma medida, como ser social, e preserva o gênero humano (filogênese).

Nesse sentido, o homem, com esse *domínio do movimento da natureza na ponta dos dedos*, transformando, por intermédio do trabalho, a pedra em faca, de modo que ao agir pensou e ao pensar agiu, até hoje, de forma ininterrupta, desde sua gênese, se efetiva radicalmente no movimento da história, no seu devir humano do ser humano.

O domínio sobre a natureza não significa estabelecer uma relação de oposição a ela. Não se trata de excluí-la para se realizar como ser humano, mesmo porque este é parte dela.

E, assim, a cada passo somos lembrados de que não dominamos de modo nenhum a natureza como um conquistador domina um povo estrangeiro, ou seja, como alguém que se encontra fora da natureza – mas fazemos parte e estamos dentro dela com carne e sangue e cérebro e todo o nosso domínio sobre ela consiste em que, distinguindo-se de todas as outras criaturas, somos capazes de conhecer suas leis e aplicá-las corretamente. (ENGELS, 2020, p. 348).

Considerando tais reflexões, perguntamo-nos, não poucas vezes: como se iniciou esse processo de complexificação do homem, a ponto de se estabelecerem, como nos diz Saramago, *pequenos cérebros em cada um dos dedos das mãos, algures entre a falange, a falanginha e a falangeta*, de modo a permitir-lhe, incrivelmente, progressos em seu domínio sobre a natureza e em seu autodomínio?

É verdade que o trecho extraído da obra literária de Saramago, de imediato, soa-nos um tanto estranho, não pelo estranhamento do modo de produção do capital, em que o homem particular, principalmente o da classe trabalhadora, encontra-se estranhado a si mesmo, ao outro, ao seu trabalho e ao produto de seu trabalho (MARX, 2010b), mas pela afirmação de que os *dedos têm cérebro e se têm cérebro, pensam (ou deveriam pensar)*. O que estamos demarcando aqui é a manifestação da essencialidade humana, realizada pelo autor, em que elucida, em última análise, a compreensão da *formação psicofísica* do humano.

Nessa perspectiva, podemos afirmar que *esses pequenos cérebros nos dedos*, destacados por Saramago, são, de certa forma para nós – embasados em outro importante autor marxista, que nos orienta acerca de nosso objeto (o ser da técnica), Leontiev (1978) –, as *neoformações*.

As neoformações são órgãos funcionais que se formam, no ser singular, com a dinâmica da apropriação das objetivações materiais e espirituais – do estômago à fantasia – de

gerações anteriores. Elas são órgãos funcionais que se constituem em outro órgão – o cérebro – e se efetivam no percurso ontogenético do sujeito a partir da assimilação das objetivações humanas. Esses órgãos – tipicamente humanos – “[...] constituem, portanto, o substrato material das aptidões e funções específicas que se formam no decurso da apropriação pelo homem do mundo dos objetos e fenômenos criados pela humanidade, isto é, da cultura.” (LEONTIEV, 1978, p. 271).

São as neoformações que permitem a *fixação* – no sentido fisiológico – de conhecimentos atrelados às objetivações do ser social no ser singular. São elas a própria *fixação*, no ser singular, das conquistas do gênero humano ao longo do devir homem do homem. Nessa trajetória histórica, o gênero humano desenvolveu potencialidades físicas e mentais, materiais e espirituais. O ser humano criou e aperfeiçoou suas ações e operações, suas habilidades e seus conhecimentos sobre a natureza e sobre a sociedade, sobre si mesmo e sobre suas relações com os outros seres (*orgânico, inorgânico e social*) de forma cada vez mais progressiva e radicalizada no gramado histórico da prática social.

Durante esse percurso o ser social criou a técnica e, ao mesmo tempo, foi criado por ela. A partir de agora apresentaremos alguns indicativos da gênese e desenvolvimento do ser da técnica, destacando suas categorias fundamentais.

1.2.1.1 Primeiro indicativo da gênese da técnica: categoria do salto ontológico do animal ao homem

O processo de complexificação do ser social só se realizou por meio de múltiplos processos biológicos e sociais. O primeiro deles foi o *processo de hominização*, em que, de modo geral, apesar da utilização de algumas ferramentas rudimentares, ainda deviam a constituição de suas habilidades e aptidões tão somente à sua hereditariedade, por necessidades meramente biológicas. Outro processo importante para o devir humano do ser humano, que incorpora o primeiro e o supera qualitativamente, foi o de *humanização*. O ser humano, agora, para se realizar como tal, necessita desenvolver suas habilidades e aptidões por meio de *leis sócio-históricas*. A via meramente genética, como nos animais, não é capaz de “dar” ao homem *tudo* que é do homem (LEONTIEV, 1978).

É difícil precisar o período, mas é necessário dizer que o homem é fruto de um salto ontológico que o diferenciou qualitativamente do animal. Como assinala Lukács (2013, p. 43), “É preciso, pois, ter sempre presente que se trata de uma transição à maneira de um salto – ontologicamente necessário – de um nível de ser a outro, qualitativamente diferente”; de um ser orgânico, o animal, para o ser social.

Esse salto ontológico, composto desses dois longos processos (*hominização e humanização*), aconteceu por intermédio do trabalho. O trabalho criou o próprio ser humano (ENGELS, 2020). O ser humano se tornou humano *por suas próprias mãos e por elas* – por intermédio do trabalho, modelo de toda práxis social (LUKÁCS, 2013) –, produziu e reproduziu *ativamente* sua existência.

[...] todas as outras categorias dessa forma de ser têm já, em essência, um caráter puramente social; suas propriedades e seus modos de operar somente se desdobram no ser social já constituído; quaisquer manifestações dela, ainda que sejam muito primitivas, pressupõem o salto como já acontecido. Somente o trabalho tem, como sua essência ontológica, um claro caráter de transição: ele é, essencialmente, uma inter-relação entre homem (sociedade) e natureza, tanto inorgânica (ferramenta, matéria-prima, objeto do trabalho, etc.) como orgânica, inter-relação que pode figurar em pontos determinados da cadeia a que nos referimos, mas antes de tudo assinala a transição, no homem que trabalha, do ser meramente biológico ao ser social. (LUKÁCS, 2013, p. 44).

A mão só pôde atingir sua *potencialidade primorosa* em decorrência do trabalho. Ela é, ao mesmo tempo, o órgão do trabalho e o produto do trabalho. A mão humana e a mão do macaco, idênticas anatomicamente, em seus músculos e articulações, são diferentes justamente neste aspecto, qualitativamente posto. Dessa forma, “[...] a mão do selvagem mais atrasado pode realizar centenas de operações que nenhum macaco pode imitar. Nenhuma mão de macaco jamais produziu a mais rústica faca de pedra” (ENGELS, apud LUKÁCS, 2013, p. 45), e muito menos conseguiria “[...] o alto grau de perfeição que pode fazer surgir o milagre dos quadros de Rafael, as estátuas de Thorwaldsen, a música de Paganini” (ENGELS, 1986, p. 22).

Lukács (2013, p. 43) afirma que “[...] a essência do trabalho humano consiste no fato de que em primeiro lugar ele nasce em meio à luta pela existência e em segundo lugar todos os seus estágios são produtos de sua autoatividade”. É no movimento incessante da autoatividade humana que a técnica entrou em campo e, desde o primeiro instante *do jogo do ser social*, começou a jogar de forma decisiva.

O que estamos dizendo é que a técnica é inerente ao ser social e, por isso, é categoria presente desde sua gênese. Ela foi determinada e, ao mesmo tempo, determinando a produção e a reprodução do devir humano do ser humano.

Nossa afirmativa ancora-se, inicialmente, em três importantes *treinadores do marxismo*. Do próprio Marx, o *treinador dos treinadores*, retiramos o indicativo fundamental da gênese da técnica. De Lukács e Vigotski extraímos o seu conceito.

No jogo conceitual, Lukács (1970), no campo da filosofia, destaca a técnica como o domínio primoroso do real, edificada a partir do domínio das leis da natureza, do conhecimento de seus nexos, da melhor forma combinatória possível em relação à finalidade

de uma atividade adequada. Na mesma linha conceitual, porém no campo da psicologia, Vigotski (2010, p. 272) aponta que “[...] a técnica não significa outra coisa se não o domínio real e material do homem sobre a natureza, a subordinação das suas leis ao proveito humano.”

Esse domínio do homem sobre a realidade, vale dizer, seu domínio sobre a natureza e sua própria natureza, se dá, segundo Marx (2010b), desde sua gênese. Nesse sentido, a gênese da técnica coincide com a gênese do próprio ser humano, que, por sua vez, e não poderia ser diferente, coincide com a gênese do próprio trabalho. Aqui, portanto, Marx nos oferece o *primeiro* importante indicativo sobre a gênese da técnica: a de que ela surge conjugada com o surgimento do próprio homem, mediada pelo trabalho.

O trabalho, como o intercâmbio essencial do ser humano com a natureza para a satisfação de suas necessidades, do estômago à fantasia, modifica, do mesmo modo, a sua natureza (MARX, 2010a). É nesse domínio do real, no intercâmbio constante com a natureza, que o ser humano foi, desde sua gênese, submetendo as forças da natureza às suas leis sócio-históricas.

Em suma, o animal apenas *usa* a natureza exterior e, por sua simples presença, causa modificações nela; o ser humano a põe a serviço de seus fins por meio das modificações que introduz nela; ele a *domina*. E essa é a última diferença essencial entre o ser humano e os outros animais, e novamente é o trabalho que faz essa diferença. (ENGELS, 2020, p. 347, grifos do autor).

Lukács (2013), considerando trabalho a realização consciente dos pores dos fins, o movimento de efetivação da prévia ideação estabelecida para o alcance de determinada finalidade, evidencia duas categorias centrais inerentes à categoria trabalho: a *causalidade* e a *teleologia*.

Vale dizer que, enquanto a causalidade é um princípio de automovimento que repousa em si próprio e mantém esse caráter mesmo quando uma cadeia causal tenha seu ponto de partida num ato de consciência, a teleologia, em sua essência, é uma categoria posta: todo o processo teleológico implica o pôr de um fim e, portanto, numa consciência que põe fins. (LUKÁCS, 2013, p. 48).

Nesse sentido, só existe teleologia no homem. Não existe fora dele. Sua efetivação, como finalidade de um ato, o pôr teleológico, se realizará na busca dos meios, na combinação das propriedades presentes na natureza (na dupla determinação biológica e social) a ponto de concretizar-se objetivamente a finalidade pretendida, que, em última análise, apresentará sempre uma base material (LUKÁCS, 2013).

No entanto, o fato de que Marx limite, com exatidão e rigor, a teleologia ao trabalho (a práxis humana), eliminando-a de todos os outros modos do ser, de modo nenhum restringe o seu significado; pelo contrário, ele aumenta, já que é preciso entender que o mais alto grau do ser que conhecemos, o social, se constitui como grau específico, se eleva a partir do grau em que está baseada sua existência, o da vida orgânica, e se torna um novo tipo autônomo de ser, somente porque há nele esse

operar real do ato teleológico. Só podemos falar racionalmente do ser social quando concebemos que a sua gênese, o seu distinguir-se da sua própria base, seu tornar-se autônomo baseiam-se no trabalho, isto é, na contínua realização de pores teleológicos. (LUKÁCS, 2013, p. 52).

Isso significa dizer que a partir do surgimento do ser social, pelo trabalho, o homem coloca finalidades e busca meios para resolvê-las, ininterruptamente, de modo a produzir e reproduzir seu domínio material e espiritual sobre a natureza. Na produção e reprodução do ser social, a técnica, como conhecimento construído a partir do domínio acurado da realidade, desempenha papel importante.

Como forma de ilustrar o surgimento do ser da técnica a partir da gênese do trabalho *desde o início do jogo da humanidade*, com o intuito de irmos consubstanciando e solidificando nossas reflexões acerca de nosso objeto (o ser da técnica), apresentaremos alguns movimentos de abstração a partir, principalmente, das cenas iniciais do filme *2001: Uma Odisseia no Espaço*¹¹. Mesmo diante de seu caráter cinematográfico, consideramos apresentar elementos teórico-didáticos importantes para a compreensão do movimento de gênese e desenvolvimento da técnica.

Em uma das cenas do filme (iniciada aos 48 segundos), um grupo de hominídeos, na luta pela sobrevivência em meio a outros animais – antas, tigres, outros grupos de hominídeos –, foi expulso do lago onde satisfazia sua necessidade de beber água por outro grupo de hominídeos.

Após a expulsão de seu grupo, em outra cena cinematográfica (iniciada aos 5 minutos e 34 segundos), um dos macacos, junto ao grupo, diante da ossada de um animal – aparentemente uma anta – começa a tocar com as mãos os ossos ali dispostos, com *movimentos indiferentes*, quando, casualmente, segura um deles – um osso mais cumprido e longo, que lhe cabe na palma da mão, cujo peso pode ser segurado com sua própria força física – e passa casualmente a movimentá-lo, despreziosamente, até idealmente representar em sua consciência – a previamente idealizar – o abatimento de um animal, da própria anta.

O filme não mostra posteriormente, mas podemos prever que essa finalidade posta, contudo, primeiramente *resolvida na cabeça* do hominídeo (aqui, em nossas cenas, cada vez mais humano do ser humano) como prévia ideação, como representação ideal da atividade de abatimento da caça, concretizou-se, ou seja, o primata venceu o duelo com a anta dando-lhe

¹¹ Assistir em: <https://www.youtube.com/watch?v=ypEaGQb6dJk&t=498s>. Aproveitamos para destacar que este filme surge como possibilidade de análise teórica acerca do processo de humanização, a partir do diálogo de membros do GEPEFE e GEPOC com Antonino Infranca. Este diálogo chegou até nós, tocando-nos profundamente.

*ossadas*¹². Essa vitória do homínídeo utilizando-se do osso como *ferramenta*, meio de realização dessa ação sobre a anta, ilustra as sucessivas conquistas do homínídeo sobre os animais na luta pela sobrevivência. Diante disso, é importante destacar, em uma substituição representativa do osso pela pedra, que:

A pedra escolhida como instrumento é um ato de consciência que não possui mais caráter biológico. Mediante a observação e a experiência, isto é, mediante o espelhamento e sua elaboração na consciência, devem ser reconhecidas certas propriedades da pedra que a tornam adequada ou inadequada para a atividade pretendida. [...]. Com efeito, a pedra, no seu ser-aí e no seu ser-assim natural, nada tem a ver com a faca ou o machado. (LUKÁCS, 2013, p. 71).

Podemos abstrair do movimento da cena que o osso escolhido conscientemente, em outros pores teleológicos similares, começou então a *ser guardado*, conscientemente, para ser reutilizado em situações semelhantes, seja com outras antas ou com outros animais. *Esse osso escolhido*, agora ferramenta do *seu grupo* de homínídeo, bem como outros ossos similares encontrados na busca dos meios para finalidade idêntica, foi preservado pelo grupo, no *galpão das ferramentas*, para ser utilizado posteriormente em situações adversas similares que, frequentemente, insistiam em aparecer na luta pela sobrevivência. Afinal de contas, naquela ocasião, como obviedade, para existir como ser, bastaria sobreviver.

Como dinâmica da existência do primata, constantemente, a *cada saída já intencional* para caçada, na busca, sobretudo, de alimentos, os ossos – já não quaisquer ossos, mas aqueles escolhidos entre as alternativas das ossadas de antas e de outros animais, encontrados reiteradamente na luta pela sobrevivência – agora como ferramentas, instrumentos (objetos sociais), deveriam estar cada vez mais adequados para a finalidade da atividade, constituindo-se, também, cada vez mais, como ação sistematizada e organizada de um grupo de humanos para o cumprimento da atividade de caça.

A alternativa, que também é um ato de consciência, é, pois, a categoria mediadora com cuja ajuda o espelhamento da realidade se torna veículo do pôr de um ente. [...]. Por isso, o desenvolvimento do trabalho contribui para que o caráter de alternativa da práxis humana, do comportamento do homem para com o próprio ambiente e para consigo mesmo, se baseie sempre mais em decisões alternativas. A superação da animalidade através do salto para a humanização no trabalho e a superação do caráter epifenomênico da determinação meramente biológica da consciência alcançam assim, com o desenvolvimento do trabalho, intensificação inexorável, uma tendência à universalidade dominante. (LUKÁCS, 2013, p. 73).

O homínídeo, aos poucos, contudo – em muito tempo histórico –, percebeu analisou como a anta agia e estabeleceu seus traços e seus caminhos – instintivamente, de forma adaptada às condições naturais – e, assim, foi compreendendo que aquele formato de osso, com seu tamanho, sua densidade, seu peso etc., estava cada vez mais adequado às suas mãos e

¹² Aqui como ato de bater com o osso no animal.

suas mãos cada vez mais adequadas ao osso escolhido para a ação de caça. As mãos e todo o corpo começaram a ficar *cada vez mais adequadamente ágeis* na efetividade da atividade de caça. Os ossos escolhidos conscientemente combinavam-se com as mãos do homínido e a utilidade do objeto como ferramenta de luta (pela sobrevivência) começou a se realizar, a cada conquista, com mais segurança e precisão. A escolha entre as alternativas, na busca do meio para a atividade de caça, fez com que o homem passasse a conhecer mais profundamente a utilização adequada da ferramenta – onde segurar, como segurar, quais os movimentos possíveis com uma mão e com as duas mãos etc. – na atividade de caça.

Cada vez mais socializados em suas mãos, os ossos foram, processualmente (em cada ato singular nos pores teleológicos efetivados *frequentemente*), convertendo-se em instrumento, ferramenta social para o domínio do homem sobre a natureza, passando a ser mediado constantemente pelas leis sociais. Era preciso já escolher *o osso mais adequado* para abater a anta ao mesmo tempo que usar *os movimentos mais adequados* para a atuação no abatimento.

Assim, as faculdades psicomotoras biológicas passam a ser superadas, mediadas pela atividade de trabalho, pela realização consciente dos pores dos fins, no intercâmbio fundamental do ser humano com a natureza. As modificações efetivadas, objetivadas, causadas na natureza para a satisfação de suas necessidades passam a afetar diretamente seu próprio ser, imprimindo nele processos iniciais de *faculdades psicomotoras superiores*, realizadas a partir das leis sócio-históricas. Aqui destacamos, quase como um *spoiler* que mais adiante veremos um pouco melhor, como o instrumento e sua sofisticação para a atividade de trabalho desempenharam papel fundamental para a gênese da técnica.

Seguindo com nossa abstração da ação do primata na luta pela sobrevivência, tendo como *referência sensitiva* o filme *2001: Uma Odisseia no Espaço*, podemos afirmar que uma coisa era o homínido usar o osso (aquele osso escolhido) como modo adequado para o abatimento da anta. Outra, completamente diferente, era usar o mesmo osso para abater a onça (a mesma do ataque, em outra cena do filme, aos 25 segundos). Na força física direta, com as pequenas destrezas já contidas na sua relação com o osso (objeto social), na luta direta com o tigre, pouco êxito, certamente, nosso homínido conseguiria obter. A *ossada* funcionou com a anta, mas não com o tigre.

Na luta constante pela sobrevivência, possivelmente um mamute¹³ – ou animal com estatura e força similares – também não teria nenhum esforço para *acabar* com o primata. Na

¹³ O mamute não aparece nas cenas do filme a que aludimos, mas o colocamos em cena para qualificar nossas análises acerca da gênese e desenvolvimento da técnica.

luta direta, as forças físicas de ambos, mamute e primata, são evidentes, com larga vantagem ao primeiro. Em sentidos práticos, ao primata: a anta era uma coisa; o mamute, outra.

Para uma determinada finalidade (pôr teleológico) específica da caçada, coloca-se como necessária a busca de outros meios, de encontrar e colocar em movimento combinatório outras causalidades. Na busca dos meios, dever-se-ia encontrar tais soluções práticas para a realização da caçada considerando a diferenciação dos animais presentes frequentemente em seu habitat. Afinal de contas: o que usar e como usar para abater o tigre? E o mamute?

Com o objetivo de não esgotarmos as possibilidades de respostas às perguntas anteriores, sem pretensão de aprofundamento antropológico, concentrando-nos no objeto em questão (o ser da técnica), inferimos que o mesmo caminho teórico exposto sobre a relação do primata com o osso, em nosso exemplo cinematográfico, efetivou-se, ou seja, o homínido encontrou a solução na busca dos meios para a realização de sucesso na atividade de caça. Com certa casualidade, mas sobretudo com o aumento das funções psíquicas superiores, em quantidade e qualidade, as quais levaram o sujeito a analisar situações, estabelecer planos de caça etc., o ser humano em efetivação foi encontrando as soluções práticas dessa luta imediatamente posta socialmente e, por isso, cada vez mais mediada conscientemente por ele.

Na continuidade da busca dos meios para abater na caçada o mamute e a onça, imaginemos agora que a pedra, sentida, percebida pelos órgãos dos sentidos¹⁴, como algo (objeto) cortante, foi a selecionada, previamente idealizada para algumas ações no abatimento desses animais, que continuavam presentes no mesmo cenário do primata na luta pela sobrevivência. Agora, além do osso, a pedra (machado) se coloca como fundamental para a atividade de caça do primata.

No ser em si da pedra não há nenhuma intenção, e até nem sequer um indício da possibilidade de ser usada como faca ou como machado. Ela só pode adquirir tal função de ferramenta quando suas propriedades objetivamente presentes, existentes em si, forem adequadas para entrar numa combinação tal que torne isso possível. E isso, no plano ontológico, já pode ser encontrado claramente no estágio mais primitivo. Quando o homem das origens escolhe uma pedra para usá-la, por exemplo, como um machado, deve reconhecer corretamente esse nexos entre as propriedades da pedra – que nas mais das vezes tiveram uma origem casual – e a sua respectiva possibilidade de utilização concreta. (LUKÁCS, 2013, p. 54).

O machado de pedra, mesmo que ainda, em nosso exemplo, não trabalhado pelas mãos humanas, constituiu-se como uma ferramenta que amplia as possibilidades de ação humana na luta pela sobrevivência. O ser humano começou, então, a conscientizar-se sobre sua ação no intercâmbio com a natureza, atendendo à satisfação de suas necessidades. Agora, pensou, perfuro o animal, deixando-o mais fraco em relação à luta. Ao fazê-lo, enfraqueço-o

¹⁴ Sobre essa questão falaremos adiante, apoiados em Marx.

de modo mais efetivo e com menos desgaste físico. *Perfurando-o, faço-o sangrar; fazendo-o sangrar, enfraqueço-o e, ao mesmo tempo, fortaleço-me.*

Talvez ainda aqui sua eficácia como machado de pedra ao mamute e à onça fosse inadequada na ação do primata. Mas na relação com a anta, minimizou-se –maximizada pela potencialidade cortante do machado – a força de trabalho dispendida para detê-la. A pedra cortante (machado) é mais adequada ao enfrentamento da anta. Mais fácil agora, abater a anta assim, cortando-a. Desse modo, o primata dispendia menos energia para realizar a atividade de caça. Destacamos aqui que colocar energia no trabalho, com o mínimo de força é um conteúdo da técnica, movida pela tendência ontológica do gênero humano em fazer recuar as barreiras naturais.

O fato é que a solução prática para o abatimento do mamute e da onça ainda não tinha sido resolvida. A pedra cortante (machado) pôde resolver muito pouco com ambos os animais, justamente por ainda não permitir um distanciamento físico, entre o homem e os animais, que lhe permitisse atacá-los. Em constantes análises (e sínteses cada vez mais humanizadas), com inúmeras situações de sucessos e insucessos, com primatas do mesmo grupo sendo mortos, feridos etc. perceberam que *quanto mais de longe* pudessem atingir ambos os animais, com um utensílio com a mesma característica cortante do machado de pedra, mais chance de sucesso teriam de abatê-los, em detrimento de um enfrentamento direto com ambas as feras. Mesmo porque, no enfrentamento com esses animais, alguns bons cortes com o machado de pedra eram até realizados, mas, em termos gerais, o primata acabava por ser o abatido. O machado de pedra era muito eficaz com a anta, mas impossível com o mamute e a onça.

Era necessário então *encontrar algo*, uma ferramenta, que se pudesse lançar de longa distância, fugindo do enfrentamento direto com ambos os animais. No *galpão dos objetos guardados pela tribo*, nenhuma possibilidade efetiva. Aquela pedra, agora machado, com seu formato específico, com certo peso, tamanho e densidade, com característica cortante, mesmo ainda não modificada pela ação humana sobre ela mesma (a pedra, agora ferramenta), servia como instrumento eficaz para a caça de determinados animais, contudo era inadequada a outros.

Diante disso seria essencial, no âmbito de um plano de ação na luta pela sobrevivência, afastar-se fisicamente das feras. Perto delas, a morte era esperada. Longe delas, talvez a solução. Quem sabe ainda o próprio afastamento delas, no âmbito geográfico, agora

mapeado mentalmente, seria a solução mais adequada¹⁵. Mas, caso ela aparecesse, o que fazer? Parece-nos que se colocou de forma mais adequada preparar algo mais imediatamente direto, para além do machado de pedra e muito menos do osso. Assim, o afastamento das feras seria justamente para enfrentá-las melhor, caso contrário, poderia valer-lhe a vida. Tratava-se, de fato, de um *jogo* – no sentido metafórico – de vida ou morte.

Portanto, outro instrumento se tornou necessário, bem como outra forma de atingir a onça e também o mamute. Aqui acrescentaremos mais uma complexidade, no entanto reforçando que não estamos tratando as relações do homem com o instrumento – cada vez mais socializado – de forma linear. Não foi uma coisa depois a outra; foi simultaneamente, como potencialidade, no salto ontológico do animal para o homem. Nossa intenção, porém, é ir apresentando didaticamente como o ser da técnica – como esse domínio primoroso do homem sobre a realidade – vai se constituindo como complexo social por meio de um conjunto de determinações e determinantes da relação do homem com a natureza, na orientação (*intentio recta*), cada vez mais refinada e sofisticada, da ação humana na prática social.

1.2.1.2 Segundo indicativo da gênese da técnica: surge em meio a necessidade da produção dos meios de trabalho (das ferramentas)

O trabalho começa com a confecção de ferramentas (ENGELS, 2020, p. 343).

Estamos tratando até então a técnica como o conhecimento construído a partir do domínio do homem sobre a realidade, construído a partir de um conjunto de combinações das leis da natureza orientadas para o proveito humano, em que sua gênese coincida com a gênese do trabalho, considerando este o intercâmbio que o homem estabelece com a natureza a fim de satisfazer suas necessidades. Nessa relação com a natureza, o uso do instrumento (objeto social) – até agora utilizado em nossos exemplos ilustrativos desconsiderando a produção do instrumento pelo trabalho humano (pedra, osso, tronco de árvore etc.), porém já ferramenta – modifica a própria natureza humana.

O homem, sendo um ser que conscientemente põe finalidades (idealiza previamente a ação sobre e a partir da natureza) desde sua gênese, pela *utilização das mãos* (e todo o corpo), submeteu-se de forma mais radicalizada às leis sócio-históricas, passando, ao mesmo

¹⁵ Ainda estamos evitando a discussão da unidade técnico-tática-estratégica. Porém, é necessário dizer que ela vai se colocando nas entrelinhas. É necessário dizer, também, que Euzébio (2017) elucida satisfatoriamente o surgimento dessa unidade, a qual vai se constituir verdadeiramente na relação combativa de homem contra homem. Sobre isso discutiremos à frente.

tempo, a ser produto e produtor do trabalho, adequando-se e sendo adequado cada vez mais às operações humanas incorporadas no instrumento (objeto social) utilizado na luta pela sobrevivência, ao longo do seu devir homem. Mesmo que, como primata, pouco socializado, não se tratava mais de uma adaptação meramente biológica, orientado para a solução imediata do ser orgânico, mas de uma relação mediada pelo instrumento (objeto social), cada vez em maiores quantidades e qualidades.

Essa dinâmica aconteceu inicialmente, como vimos, na luta pela sobrevivência. De forma geral, o primata precisou se aquecer, se alimentar, encontrar um lugar para descansar – sobretudo, pelo fato de não estabelecer moradia fixa, vivendo como nômade – à procura de tais satisfações. Precisou enfrentar os animais, prever seus ataques, analisar seus comportamentos, encontrar formas de enfrentá-los e vencê-los, pois qualquer *duelo perdido* culminaria no seu fim como ser singular. Para isso ele precisou se utilizar das suas próprias forças físicas, suas próprias aptidões (ainda muito assentadas na esfera biológica, mas já submetidas às leis sócio-históricas), da natureza e dos objetos que nela se encontravam. Pedras, ossos de animais, troncos de madeira, dentre outros objetos se encontravam *à solta* no meio natural. Entretanto, com a força da teleologia (categoria absolutamente humana) – como prévia ideação – a pedra se transformou em machado, como ferramenta, meio de utilização para o enfrentamento dos diferentes animais dispostos no ambiente. Contudo, era preciso utilizar esse instrumento da melhor forma possível, escolher, entre alternativas, o melhor objeto para o cumprimento de determinada satisfação. Mais do que escolher o melhor objeto, concomitantemente o homem precisou, na gênese do ser social, fabricar seus próprios instrumentos, o que estabeleceu qualidade a esse domínio primoroso do homem sobre a realidade.

Esse é o *segundo indicativo* importante na configuração genética de nosso objeto, o de que a técnica surgiu em meio a um processo de necessidade de *produção de utensílios/ferramentas* para o estabelecimento do intercâmbio com a natureza.

O instrumento é o produto da cultura material que leva em si, da maneira mais evidente e mais material, os traços característicos da criação humana. Não é apenas um objeto de uma forma determinada, possuindo dadas propriedades.

O instrumento é ao mesmo tempo um objeto social no qual estão incorporadas e fixadas as operações de trabalho historicamente elaboradas.

O facto de este conteúdo, simultaneamente social e ideal, estar cristalizado nos instrumentos humanos, isso distingue-os dos “instrumentos” dos animais. Estes últimos devem igualmente realizar certas operações. Sabe-se, por exemplo, que o símio aprende a servir-se de um pau para puxar um fruto para si. Mas estas operações não se fixam nos “instrumentos” dos animais e estes “instrumentos” não se tornam os suportes permanentes destas operações. Logo que o pau tenha desempenhado a sua função às mãos do símio, torna-se um objeto indiferente para ele. É por isso que os animais não guardam os seus “instrumentos” e não os

transmitem de geração em geração. Eles não podem, portanto, preencher essa função de “acumulação”, segundo a expressão de J. Bernal, que é própria da cultura. É isto que explica que não existem nos animais processos de aquisição do instrumento: o emprego do “instrumento” não forma neles novas operações motoras; é o próprio instrumento que está subordinado aos movimentos naturais, fundamentalmente instintivos, no sistema dos quais se integra.

Esta relação é inversa no caso do homem. É a sua mão, pelo contrário, que se integra no sistema socio-historicamente elaborado das operações incorporadas no instrumento e é a mão que a ele se subordina. A apropriação dos instrumentos implica, portanto, uma reorganização dos movimentos naturais instintivos do homem e a formação de faculdades motoras superiores. (LEONTIEV, 1978, 268 - 269).

Leontiev (1978) destaca que a gênese da técnica foi resultado de um processo de produção de utensílios/ferramentas (meios de trabalho). Ela surge como essa necessária sofisticação dos instrumentos do trabalho para, justamente, aperfeiçoar a própria atividade de trabalho. Portanto, nessa condição, ações auxiliares de ações mais complexas na atividade de trabalho foram se colocando como necessárias. Essas ações auxiliares são as *operações conscientes*¹⁶. Cabe aqui reforçar esse segundo indicativo para a gênese da técnica, o de que sua gênese se sucedeu em meio à fabricação de meios de trabalho (de instrumentos) para o aperfeiçoamento da sua própria atividade de trabalho, como resposta às ações de sucesso e insucesso, em experiências anteriores, na realização da atividade, mediante instrumentos necessários.

Dessa forma, não se trata mais de escolher entre as alternativas imediatamente postas, a partir do que a natureza diretamente apresenta nos seres orgânicos e inorgânicos (pedra, osso, tronco, cipó etc.); agora, referindo-nos aqui apenas didaticamente, o homem precisava fabricar seus próprios instrumentos para a atividade de caça (de pesca, agricultura etc.). O osso e o machado de pedra se mantiveram no *galpão de instrumentos da tribo*, afinal de contas, eram úteis para a sobrevivência dela, todavia já não eram suficientes para produzir e reproduzir sua existência.

Importante frisar que Engels (2020) destaca que as primeiras ferramentas humanas, de acordo com o acervo histórico sobre a humanidade, foram justamente as ferramentas de caça e de pesca, funcionando como armas da luta do homem pela sobrevivência.

Também é fundamental dizer que para todo esse refinamento da ação do humano na sofisticação, construção e utilização desse instrumento, torna-se necessário o *espelhamento* mais correto na busca dos meios para a satisfação de determinada finalidade.

Lukács (2013, p. 66) aponta que “[...] no espelhamento da realidade como condição para o fim e o meio do trabalho, se realiza uma separação, uma dissociação entre o homem e o

¹⁶ Sobre tais operações trataremos no próximo capítulo.

seu ambiente, um distanciamento que se manifesta claramente na confrontação entre sujeito e objeto.”

O espelhamento como categoria fundamental da realidade, e esta, orientada para o conhecimento do real, coloca-se desde a gênese do homem e vai se ampliando na elaboração dos instrumentos (meios de trabalho) e na utilização desses instrumentos como meio de efetivação de determinada atividade.

[...] o espelhamento tem uma natureza peculiar contraditória: por um lado, ele é o exato oposto de qualquer ser, precisamente porque ele é espelhamento, não é ser; por outro lado, e ao mesmo tempo, é o veículo através do qual surgem novas objetividades no ser social, para a reprodução deste no mesmo nível ou em um nível mais alto. Desse modo, a consciência que espelha a realidade adquire certo caráter de possibilidade. (LUKÁCS, 2013, p. 67).

Nesse sentido, o *espelhamento* se posta como uma categoria fundamental para a gênese da técnica e seu desenvolvimento, justamente por se constituir como veículo, apresentando ao sujeito, diante do objeto, essa *condição transportadora* de conhecimentos à produção e reprodução de novas objetividades, de modo que oferece, ao que se apropria de determinada objetivação, a possibilidade de reproduzi-la de forma cada mais elevada, sofisticada e refinada.

Voltemos ao nosso impasse representativo e ilustrativo do primata no enfrentamento das feras (tigre e mamute), especificamente na atividade de caça. Como frisado anteriormente, era preciso uma ferramenta que atingisse a certa distância os animais de forma que pudesse abatê-los e não ser abatido por eles. A *potencialidade* cortante do machado, ideal para essa atividade, não era mais possível no próprio machado de pedra. Logo, era necessária outra ferramenta que mantivesse essa característica cortante. Eis que surge – após testes e mais testes, tentativas e mais tentativas, comprovadas no campo da realidade da tribo – a *lança*.

Como todo instrumento, para atingir determinado objetivo, a lança possuía certo peso, densidade, formato. Em nosso caso representativo, a lança (instrumento) deveria estar adequada à ação do homem na atividade de caça. Para efetivar-se a ação com êxito, atingindo o animal a ponto de feri-lo, era necessário forjar o instrumento mais perfeito possível à *adequação da mão humana na atividade de caça*.

Agora, na produção de instrumentos (de objetos sociais), o homem precisa efetivar combinações de propriedades, de elementos causais concretos (cipós, pedaços de tronco, pedras), articulá-los materialmente, experimentá-los na atividade de caça comprovando, ou não, sua efetividade; aperfeiçoá-los de acordo com os ajustes percebidos e analisados, de modo que atenda da melhor forma possível à atividade de trabalho específica.

O conhecimento correto da causalidade e o seu pôr correto só podem ser concebidos de modo definido a partir do fim; a aplicação de um procedimento adequado, digamos, para afiar uma pedra, pode pôr a perder todo o trabalho quando for o caso de raspá-la. Naturalmente, o espelhamento correto da realidade é a condição inevitável para que um dever-ser funcione de maneira correta; no entanto, esse espelhamento correto só se torna efetivo quando conduz realmente a realização daquilo que deve-ser. (LUKÁCS, 2013, p. 99).

A própria atividade de caça foi se especializando e se diferenciando, sofisticando-se e refinando-se à medida que o homem dominava progressivamente a natureza (inclusive a sua natureza histórico-cultural) na produção de utensílios cada vez mais sofisticados e refinados à luz da realidade.

Retomemos em Lukács (2013, p. 145) que “no trabalho, o homem real se defronta com toda a realidade em questão, devendo ser lembrado que a realidade nunca deve ser entendida apenas como uma das categorias modais, mas como quintessência ontológica da totalidade real destas”.

A lança da caça do mamute e do tigre, talvez, inicialmente para a tribo, fosse a mesma, assim como foi a mesma a lança para a atividade de pesca. Essa lança também *foi guardada no galpão dos instrumentos da tribo* com os machados de pedra – agora lapidados e refinados pela força do trabalho – e demais instrumentos produzidos, para serem utilizados nas atividades de caça e pesca. Contudo, na *cotidianidade da tribo*, na sua realidade cotidiana, a caça começou a se constituir de maneira cada vez mais especializada, apesar de suas características gerais. Não por desejo direto do próprio homem, mas na descoberta do homem sobre as combinações possíveis na sua relação com a natureza (socializada), no domínio apurado do homem sobre suas atividades de trabalho (cada vez mais especializadas: caça, pesca, agricultura etc.) e sobre a produção de seus meios de trabalho, de ferramentas adequadas às melhores ações e operações possíveis nas atividades de trabalho.

Para o primata caçar um mamute não era o mesmo que caçar um tigre, muito menos um peixe. As ações e operações da atividade do trabalho de caça específica se formavam à medida que se aprimorava a própria atividade de caça na organização coletiva da tribo. Se existia para a tribo, existia para o homem da tribo. Os movimentos cada vez mais adequados a essas especializações demandavam destrezas e habilidades diferenciadas, bem como eram diferenciadas as ferramentas que precisavam ser adequadas cada vez mais à especialização e diferenciação da atividade de caça particular. Agora, no *galpão das ferramentas da tribo*, encontram-se a lança para a pesca, a lança para a caça (de mamute, de tigre, de anta etc.), tal como o machado de pedra para o corte de carne; para o abatimento da anta; para construção da moradia, entre outras atividades.

Destarte, também foi preservada, no *galpão da tribo* – agora também aprimorado pela ação humana para guardar em quantidade e qualidade os instrumentos que a *alimentavam* (material e espiritualmente) –, outra importante descoberta, o *arco e flecha*. Esse instrumento cumpria algumas vezes mais a potencialidade de atingir certamente o animal a longa distância. O *lançador especialista* da tribo, certamente, ficara boquiaberto com a capacidade de alcance de um incipiente arqueiro. Este, por sua vez, seria superado pelo arqueiro especializado, formado em períodos subsequentes, cada vez mais urgente para a necessidade da tribo. Certamente, também, o jovem arqueiro, inclusive com capacidade de atingir o alvo com precisão, *fez inveja* ao melhor lançador da tribo. Que o diga Aquiles, períodos históricos mais à frente, da precisão de um jovem arqueiro chamado Paris.

Desse modo, os instrumentos (objetos sociais) trabalhados, postos em combinações das mais diversas e qualificadas pelas mãos humanas com as propriedades materiais possíveis, ao mesmo tempo, refinaram o domínio do homem sobre a realidade em dois aspectos que se articulam fulcralmente: 1. Na *fabricação do instrumento específico*: para cada instrumento, meios diferentes para sua construção, combinações de diferentes materiais etc. Diante desse movimento, surgem métodos (modelos: formas sistematicamente organizadas) para a fabricação de determinado instrumento essencial à reprodução da tribo. Era preciso apresentar certo ritmo, com certas combinações materiais possíveis; desempenhar certa força; de determinadas formas e com específicos gestos; utilizar instrumentos auxiliares para formação daquele instrumento, dentre outras condições; 2. Na *utilização do instrumento trabalhado à especialização*. Seu uso também precisou ser transformado num *modelo (para toda tribo)*. O *velho aprendiz* apresenta *como fazer* determinada tarefa de uma atividade específica ao *jovem aprendiz*: para atingir a perfeição nas ações da atividade, era necessário um conhecimento que garantisse a reprodução de ações atreladas a certa finalidade ou a um conjunto de finalidades.

É correto, mas é preciso acrescentar que construir e usar ferramentas implica necessariamente, como pressuposto imprescindível para o sucesso do trabalho, o autodomínio do homem aqui já descrito. Esse também é um momento do salto a que nos referimos, da saída do ser humano da existência meramente animal. [...] também sobre esse aspecto o trabalho se revela como o veículo para a autocriação do homem enquanto homem. Como ser biológico, ele é um produto do desenvolvimento natural. Com a sua autorrealização, que também implica, obviamente, nele mesmo um afastamento das barreiras naturais, embora jamais um completo desaparecimento delas, ele ingressa num novo ser, autofundado: o ser social. (LUKÁCS, 2013, p. 82).

As atividades de caça e pesca foram se constituindo fundamentais para os sujeitos da tribo (comunidade), porque eram uma verdade (realidade) *cotidiana* para a tribo em seu conjunto. A complexidade da sofisticação desses instrumentos, imposta pela necessidade objetiva de sucesso do homem da tribo na realização da atividade de caça e de pesca (de

agricultura, de domesticação de animais etc.), foi ao mesmo tempo, sofisticando e refinando as ações e operações humanas em tais atividades. A verdade é que quanto mais se ampliavam e aperfeiçoavam os instrumentos (os objetos sociais) como resposta mais apurada ao sucesso progressivo da tribo na atividade de caça e de pesca, entre outras, mais se expandiam e se aperfeiçoavam as ações e operações humanas nas referidas atividades, tanto na produção dos instrumentos quanto nas funções desempenhadas. Assim, os *movimentos humanos* foram se ampliando, alargando-se na dinâmica do ser social, a partir do momento em que se *especializavam* e se *diferenciavam* as atividades de caça (de pesca, de agricultura etc.) e se aperfeiçoavam os modos de ação para a efetivação dessas atividades. Para as atividades específicas, lanças específicas e lançadores específicos. Para o sucesso delas, lanças melhores e lançadores melhores.

1.2.1.3 Terceiro indicativo da gênese da técnica: surge com a divisão do trabalho

Apresentamos o *terceiro indicativo* que consideramos importante sobre a gênese da técnica: o de que a técnica vai surgir e se efetivar como um ser inerente ao ser social, mais efetivamente, com a *divisão do trabalho*.

Pensamos na caça no período paleolítico. As dimensões, a força e a periculosidade dos animais a serem caçados tornam necessária a cooperação de um grupo de homens. Ora, para essa cooperação funcionar eficazmente, é preciso distribuir os participantes de acordo com as funções (batedores e caçadores). Os pores teleológicos que aqui se verificam realmente têm um caráter secundário do ponto de vista do trabalho imediato; devem ter sido precedidos por um pôr teleológico que determinou o caráter, o papel, a função etc. dos pores singulares, agora concretos e reais, orientados para um objeto natural. Desse modo, o objeto desse pôr secundário do fim já não é mais algo puramente natural, mas a consciência de um grupo humano; o pôr do fim já não visa a transformar diretamente um objeto natural, mas, em vez disso, a fazer surgir um pôr teleológico que já está, porém, orientado a objetos naturais; da mesma maneira, os meios já não são intervenções imediatas sobre os objetos naturais, mas pretendem provocar essas intervenções por parte de outros homens. (LUKÁCS, 2013, p. 83-84).

Em nosso exemplo ilustrativo, para o homem primata, o qual adotamos para explicação da gênese da técnica, a *divisão do trabalho* foi se colocando como necessária para a realização da atividade de caça (de pesca, de agricultura etc.) do modo mais adequado possível, em meio à luta pela sobrevivência. O *galpão de nossa tribo*, agora, a partir do trabalho, enche-se de instrumentos (objetos sociais), em quantidade e qualidade (arcos e flechas, machados de pedra, lanças etc.). Para o usufruto eficaz dos instrumentos que ali estão, formaram-se na tribo os especialistas: *lançadores, arqueiros, cozinheiros, produtores de lança, de arcos e de flechas* etc. O campo das alternativas ampliou-se diante da solidão de uma caça direta arriscada e pouco exitosa, apesar dos avanços do domínio do homem sobre a

natureza, já representados aqui. A cooperação, desde o início do jogo, entrou em campo, e para isso a *organização coletiva do grupo* é fundamental ao sucesso da tribo.

As ações coordenadas e cooperadas dos especialistas apresentam o domínio refinado e sofisticado de cada ser singular na atividade de caça, efetivando-se, na ação coletiva, com mais segurança, precisão e com menos dispêndio de força de trabalho individual. As habilidades dos arqueiros, dos lançadores, dos batedores, como síntese de conhecimentos objetivados e sistematizados em modos de ação cada vez mais eficientes nas tarefas organizadas coletivamente na atividade de caça da tribo, na utilização primorosa de cada instrumento utilizado pelos seres singulares na referida atividade, precisam também combinar-se, como se combinam os elementos concretos materiais para a fabricação de um determinado instrumento.

As funções *postas em harmonia*, substancialmente entrosadas a um propósito comum, de modo conscientemente coletivo, permitem a efetivação mais adequada possível da atividade de caça. Uma tarefa mal executada pode levar o projeto pensado coletivamente por *água abaixo*. A partir dessas funções realizam-se meios, modos de ação adequados para a concretização coletiva da atividade de caça. Qualquer movimento singular, agora, é o movimento de um todo. Vinculado ao plano estabelecido e comunicado, um movimento inadequado de um ser singular poderá gerar, como regra geral, desdobramentos inadequados.

Os nexos causais, os conhecimentos e as ações de cada especialista, em cada tarefa combinada, precisam atuar em precisos e preciosos tempos e espaços (lugares), harmonicamente, com sofisticadas ações e operações dos membros que cooperam com a atividade de caça. A efetividade de uma ação específica, com certa força e profundidade, com determinada fluência, deve estar em sintonia com a efetividade de outra ação específica dentro da atividade compartilhada de caça. Para dominar meticulosa e requintadamente a atividade coletiva de caça (de pesca, de agricultura etc.) é necessária a divisão técnica, de modo que cumpra coletivamente, com os melhores meios possíveis, a finalidade posta pelos sujeitos singulares no todo coletivo.

Como movimento objetivamente retroativo, os instrumentos (objetos sociais) foram sendo ajustados de acordo com as regras da atividade coletiva de caça, comprovadas, em meio aos sucessos e insucessos conquistados pelas experiências outrora realizadas, no confronto coletivo com os animais, na realidade objetivamente posta. Ao longo do tempo de vida da tribo, comprovava-se que determinados instrumentos, em certas condições climáticas e geográficas, com a caça de determinados animais, foram os mais adequados na atividade coletiva específica.

Desse modo, os instrumentos vão incorporando o domínio do homem que atua historicamente na realidade, ganhando, ao mesmo tempo, a forma de execução mais refinada de determinada atividade. Nessa perspectiva, os modos de utilização do instrumento numa certa atividade também se cristalizam como conhecimento condicionante para a continuidade, de certa forma coletiva e histórica, desse domínio acurado do homem sobre a realidade. É justamente como conhecimento histórico do modo de ação mais adequado para a realização de uma atividade que a técnica se estabelece como fundamental para o progresso da humanidade, condicionando e, ao mesmo tempo, sendo condicionada para o desenvolvimento da atividade.

Entendemos desenvolvimento, fundamentados em Cheptulin (2004, p. 176), “[...] como um movimento progressivo, segundo uma linha ascendente, como mudança no decorrer do qual se produz a passagem do inferior ao superior, do simples ao complexo, do menos perfeito ao mais perfeito.” É nesse sentido que a técnica, como conhecimento, contribuiu e contribui substancialmente para o progresso da atividade, potencializando, como *dynamis*, o aperfeiçoamento dela.

Os instrumentos, como vimos, contêm as operações realizadas ao longo do processo do devir homem do homem. Significa dizer que o instrumento incorpora as operações realizadas nas atividades históricas do homem. Ele condensa e plasma as faculdades motoras superiores da atividade a que serve. Em outras palavras, o instrumento foi sendo configurado e moldado de acordo com o desenvolvimento da atividade (de caça, de pesca, de agricultura etc.), foi se estabelecendo como veículo, como meio de realização da atividade, tendo a prática social, que é sempre histórica, como o critério de verdade, orientando o sujeito singular, via *intentio recta*, ao domínio progressivamente rebuscado da finalidade posta socialmente.

[...] o domínio sobre a natureza que começou com o aprimoramento da mão, com o trabalho, ampliou o campo visual do ser humano a cada novo progresso. Nos objetos da natureza ele descobria continuamente novas propriedades até ali desconhecidas. Em contrapartida, o aprimoramento do trabalho necessariamente contribuiu para estreitar os laços entre os membros da sociedade, na medida em que multiplicou os casos de apoio mútuo, de cooperação, e proporcionou uma clara consciência da utilidade dessa cooperação para cada indivíduo. Em suma, os humanos em formação chegaram ao ponto de *terem algo a dizer* uns aos outros. A necessidade criou o órgão para isso: a laringe pouco evoluída do macaco foi mudando de forma de maneira lenta, mas segura, passando da modulação para uma modulação cada vez mais desenvolvida, e os órgãos da boca aprenderam aos poucos articular uma letra após a outra. (ENGELS, 2020, p. 341).

Era necessária a comunicação da tribo, seja para a atividade de caça e de pesca, seja para as demais atividades que exigiam comunicação entre os seus membros. Ora, quando os

instrumentos (objetos sociais) passaram a ser criados em quantidade e qualidade, precisou-se diferenciá-los, dizer o que são e como são; como se necessitou organizar coletivamente as funções e dizer o que elas são e significam para a coletividade da tribo; aos que ficaram responsáveis pela preparação dos alimentos, aos que se responsabilizaram por espantar o animal na atividade de caça e aos que ficaram responsáveis por sua captura (construindo uma sofisticada armadilha, por exemplo). Era essencial, portanto, a linguagem para diferenciar as funções e realizar as próprias ações e operações de maneiras adequadas.

Primeiramente o trabalho, em seguida e depois com ele a linguagem – estes são os dois impulsos mais essenciais, sob cuja influência o cérebro de um macaco gradativamente passou a ser o de um humano, que, apesar de toda a semelhança, é bem maior e mais aperfeiçoado. O aperfeiçoamento do cérebro, porém, foi acompanhado do aperfeiçoamento de seus instrumentos mais imediatos, os órgãos dos sentidos. Do mesmo modo que o aperfeiçoamento gradativo da linguagem necessariamente foi acompanhado de um refinamento correspondente do órgão da audição, o aperfeiçoamento geral do cérebro foi acompanhado do refinamento de todos os sentidos. A águia vê muito mais longe do que o homem, mas o olho humano vê nas coisas muito mais do que a águia. O cão possui um faro muito mais apurado do que o homem, mas não distingue nem um centésimo dos aromas que para este constituem características determinadas de coisas diversas. E o tato, que no macaco está presente apenas em seus rudimentos mais toscos, desenvolveu-se com a mão humana, por meio do trabalho. – O efeito retroativo do desenvolvimento do cérebro e dos sentidos a seu serviço, da consciência cada vez mais esclarecida, da capacidade de abstração e dedução sobre o trabalho e a linguagem conferiu-lhes estímulos sempre renovados para o aperfeiçoamento continuado, um aperfeiçoamento que não se encerrou assim que o ser humano se separou definitivamente do macaco, mas, desde então, apesar de interrompido por algum retrocesso local e temporal, avançou tremendamente em termos globais nos diferentes povos e em diferentes épocas, diferenciando-se quanto ao grau e à tendência; por um lado, impulsionando com a força para frente, por outro, conduzindo em direções mais específicas por um elemento que se somou à atuação do ser humano completo – *a sociedade*. (ENGELS, 2020, p. 342).

À medida que o ser humano, pelo trabalho e pela linguagem, foi complexificando a realidade social, de forma consciente, com a produção de novos conteúdos e formas, com a fabricação e o aperfeiçoamento de novos instrumentos e modos de utilização deles, com o emprego adequado de ferramentas e produtos do trabalho à disposição de ações coletivas e cooperativas, em que decisões radicalmente socializadas devem ser convincentes construídas ou até mesmo forjadas, os seres humanos foram aperfeiçoando seus órgãos dos sentidos, passando a produzir e reproduzir sons que antes não se ouviam, dando-lhes, inclusive, nomes; a perceber e analisar situações que a visão meramente biológica não lhe permitiria e, além disso, a informá-las a alguém, para além dos gestos; a sentir sensações com toques nos objetos e comunicá-las aos demais sujeitos da tribo de modo a incentivá-los (ou não) a tocá-los, dentre outras ações e sensações, atividades e sentimentos.

Na atividade de caça, como exemplo ilustrativo que vimos tomando, o sujeito passou a se utilizar do som ora para assustar o animal, ora para acalmá-lo, colocando-o à disposição

de um plano coletivo de ação combinado com os demais membros da tribo. Passou a perceber e a analisar a situação objetiva e a tomar decisões para resolvê-la do melhor modo com base na previsão estabelecida, a priori com o coletivo, ou até mesmo compreendê-la pelas circunstâncias imprevistas do planejamento coletivo, levando-o ao replanejamento imediato. Nessa complexificação das relações humanas, mediada pelo trabalho, na produção e reprodução dos instrumentos e das ações cooperadas com estes no seio da sociabilidade, o processo comunicativo torna-se necessário para a sociabilidade.

Destarte, a linguagem, como forma de organização e efetivação qualificada de um processo cooperativo das ações de caça (pesca, agricultura etc.), postava-se como essencial para a sobrevivência da tribo, assim como uma comunicação sistematizada dos conhecimentos da atividade de caça de *geração a geração*. O sábio caçador necessitou ensinar para o jovem caçador o modo adequado de objetivação da atividade. Num primeiro momento o acompanhamento do sujeito, desde a mais tenra idade, na atividade de caça do adulto, por imitação e com certa dose de resolutividade espontânea, estabelecia-se como o processo educativo mais adequado. Em outros momentos que não os da caça, necessitou-se preparar o *jovem* para a função de caçador. Desse modo, como destacado, o pôr teleológico secundário, como processo comunicativo e intencional de conscientização de membros da tribo por *membros mais sábios*, realiza-se como fundamental para a sobrevivência da própria tribo.

Para que continuasse a acontecer a produção de determinado instrumento e determinada atividade, foi preciso um processo comunicativo entre os membros da tribo, os que dividem a ação e aqueles que precisam aprender a ação, para um feito imediato ou para uma ação futura. O pôr teleológico secundário se tornou cada vez mais fundamental na dinâmica social. Afinal de contas, como se formar o arqueiro especialista na atividade de caça a não ser por um processo comunicativo, inicialmente espontâneo, pelo acompanhamento dos mais jovens às atividades de caça dos mais velhos e que, pela complexidade do mundo radicalmente objetivado e socializado, aos poucos, foi se sistematizando e ganhando formas e lugares para a sua apreensão; para que se formar o arqueiro especialista se não para reafirmar a atividade de caça como fundamental para a vida cotidiana da tribo? Em períodos após períodos, gerações após gerações, era preciso ensinar *como fazer* a atividade especializada para continuar a realizar determinada atividade de caça, de pesca, de agricultura etc. Modos de ação requintados surgem e cristalizam-se como verdades à realização de atividades específicas.

Eis aqui a necessidade do processo educativo, que é por essência comunicativo (LEONTIEV, 1978), entre o ser singular que sabe e ensina os conhecimentos historicamente sistematizados do gênero humano, afirmados e reafirmados na prática social, e o ser singular que os assimila e os transmite, produzindo, ao mesmo tempo, no ato da apropriação e da reprodução, novas necessidades e finalidades, novos métodos e instrumentos, conteúdos e formas. Firma-se, assim, um movimento de autodomínio do gênero humano, em que a técnica, como modo de atuação adequado, como ferramenta social, efetivando-se como conhecimento historicamente posto, desempenha papel fundamental para o progresso da atividade e do gênero humano como um todo.

Como vimos, o domínio esmerado coletivo da atividade de caça (de pesca, de agricultura etc.), condicionou e foi sendo condicionado pela técnica, como conhecimento, modo de execução objetivamente sistematizado para a realização refinada de determinada operação/ação em certa atividade. Para tal, a especialização e a comunicação são elementos fundamentais para a ação cooperativa entre os membros da atividade. Da atividade de caça e de pesca estenderam-se às demais atividades necessárias na organização coletiva da vida cotidiana da tribo. A preparação do alimento, os produtores dos instrumentos etc. também se especializaram e formaram seus especialistas. A comunicação entre os especialistas para aprimoramento da variabilidade das atividades cotidianas da tribo também se fazia necessária.

Dessa forma, era preciso o diálogo entre os próprios especialistas da caça com os produtores dos instrumentos da caça, por exemplo. Nessa dinâmica retroativa, de precisão do domínio do real na atividade de caça (de pesca, de agricultura etc.), um novo método de construção do instrumento surgia, tal como uma nova ferramenta auxiliadora na produção desse mesmo instrumento. Machados auxiliares surgiram para a produção do melhor machado de pedra para determinada operação/ação da atividade de caça, por exemplo. Assim, o aprimoramento da própria ferramenta de trabalho, aperfeiçoada pela necessidade do domínio acurado da atividade em que esta funciona como meio, leva ao seu próprio enriquecimento. Essa dinâmica da divisão social do trabalho foi também requintando o domínio do homem sobre a realidade.

Estamos cientes de que nem sempre essa organização coletiva da tribo se deu em plena harmonia. Como também estamos cientes de que o salto ontológico não corresponde única e exclusivamente a uma determinada tribo. Interesses e desejos surgiam, individualizavam-se em relação aos interesses e desejos da tribo, e as disputas – políticas – também se colocavam, bem como tais disputas se realizaram entre várias tribos ao longo do devir histórico. Isso posto, nossa intenção foi colocar o objeto (ser da técnica) em movimento

abstrativo, de modo que pudéssemos apreendê-lo em sua gênese e seu desenvolvimento, de modo mais geral.

Assim, destacamos que a técnica surgiu em meio à *divisão do trabalho*, condicionando e sendo condicionada pela atividade de trabalho que foi se especializando, sofisticando-se e, de certa forma, impondo o refinamento também na produção do instrumento, no qual incorporou historicamente o modo mais eficaz de realização de determinada atividade, ganhando certa forma social.

Como nos assinala Leontiev, a *divisão técnica* surgiu na própria divisão organizada, diferenciada e especializada inerente à efetivação do trabalho.

O trabalho humano, em contrapartida, é uma atividade originariamente social, assente na cooperação entre indivíduos que supõe uma divisão técnica, embrionária que seja, das funções de trabalho; assim o trabalho é uma ação sobre a natureza, ligando entre si os participantes, mediatizando a sua comunicação. Marx escreve: “Na produção, os homens não agem apenas sobre a natureza. Eles só produzem colaborando de uma determinada maneira e trocando entre si as suas atividades. Para produzir, entram em ligações e relações determinadas uns com os outros e não é senão nos limites destas relações e destas ligações sociais que se estabelece a sua ação sobre a natureza, a produção. (LEONTIEV, 1978, p. 75).

Ao longo da discussão fomos mostrando, com auxílio ilustrativo e representativo, três indicativos fundamentais para a gênese da técnica: *a atividade de trabalho, a produção de instrumentos de trabalho e a divisão do trabalho*. Explicitados esses indicativos, para não entrarmos em *bolas divididas* – com chance de nos machucar ou machucar outros – acerca da constituição do ser social e obscurecer nossas análises anteriores e posteriores sobre o ser da técnica, destacamos a simultaneidade do surgimento das categorias fundamentais do ser social. Como bem destaca Lukács (2013, p. 44), “[...] a socialidade, a primeira divisão do trabalho, a linguagem etc. surgem no trabalho, mas não numa sucessão temporal claramente identificável, e sim, quanto a sua essência, simultaneamente”. Com esses processos, em unidade, originou-se a necessidade do modo mais adequado de realização de determinada atividade para a produção e reprodução do modo de existência da *tribo*.

O fato concreto é que o movimento simultâneo *do salto ontológico do trabalho, da divisão do trabalho e da fabricação de instrumentos*, na gênese da humanidade, criou e, de certa forma, ao mesmo tempo, foi criado pela técnica; determinou e foi determinado por ela. Isso significa dizer que o domínio do homem sobre a realidade, em que combinações das leis da natureza (dela mesma e do homem como parte da natureza) foram postas, foi efetivando e sendo efetivado por um *ser necessário* para a produção e a reprodução do ser social, um ser inerente ao ser social: o *ser da técnica*. Aqui tomamos como técnica o modo de atuação, o conhecimento mais adequado para a realização de determinada operação vinculada a ação

corporal, que por sua vez, apresenta certo fim dentro da estrutura da atividade específica, sintetizando, de certo modo, o domínio primoroso histórico do homem sobre a realidade.

1.2.1.4 A técnica como ferramenta de autodomínio: com ela o homem é mais livre

O progresso do ser social foi possível com a técnica como conhecimento, modo de atuação historicamente essencial para o desenvolvimento da humanidade, como um ser (uma forma de existência) do ser social. Vale aqui mencionar, retomando nossa representação cinematográfica, uma última cena (aos 9 minutos e 23 segundos) do filme *2001: Uma Odisseia no Espaço*, a qual retrata o momento em que o primata joga o osso (a ferramenta) para o alto e este – o que a cena selecionada não mostra, mas a continuidade imediata do filme, sim –, como um *passé de mágica*, transforma-se em uma nave espacial (também ferramenta), simbolizando, de forma artística, o avanço do homem no domínio sobre as ferramentas e, como vimos, sobre si mesmo. Esse domínio do humano sobre a realidade se trata, de modo que não podemos nos esquecer, do movimento consciente de recuo das barreiras naturais, do autodomínio do gênero humano e da complexificação das relações sociais.

Ele [Marx] mostra como o homem, ao atuar sobre a natureza e transformá-la, “modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza. Ele desenvolve as potências que nelas jazem latentes e submete o jogo de suas forças ao seu próprio domínio”. Isso significa, antes de tudo, como já referimos ao analisar o trabalho pelo seu lado objetivo, que aqui existe o domínio da consciência sobre o elemento instintivo puramente biológico. Visto do lado do sujeito, isso implica uma *continuidade sempre renovada de tal domínio*, e uma continuidade que se apresenta em cada movimento singular do trabalho como um novo problema, uma nova alternativa, e que a cada vez, para que o trabalho tenha êxito, deve terminar com uma vitória da *compreensão correta* sobre o meramente instintivo. (LUKÁCS, 2013, p. 79-80, grifo nosso).

A técnica, como modo de atuação, como conhecimento correto, plasmado historicamente no seio das relações humanas, de uma determinada operação/ação de uma atividade ou da atividade como um todo, possibilita o processo de *continuidade sempre renovada da própria atividade na qual o sujeito atua*. Nessa dinâmica de continuidade, reafirmação e renovação, a técnica cria novas necessidades e novos problemas aos sujeitos. Ao mesmo tempo, como conhecimento da realidade, a técnica condiciona, isto é, efetiva-se como meio de realização da atividade à qual se vincula. Ela efetiva no homem, desse modo, o domínio do consciente sobre o instintivo. Um autodomínio do gênero humano. A técnica é o modo de atuação (ferramenta) para o controle do instinto que vai se condensando na realidade objetiva, na vida cotidiana dos sujeitos, a ponto de, como condição, permitir avanços significativos ao ser social, do *osso à nave*.

Uma vez que a investigação da natureza, indispensável ao trabalho, está, antes de tudo, concentrada na preparação dos meios, são estes o principal veículo de garantia social da fixação dos resultados dos processos de trabalho, da continuidade na experiência de trabalho e especialmente de seu desenvolvimento ulterior. É por isso que o *conhecimento mais adequado* que fundamenta os meios (ferramentas, etc.) é, muitas vezes, para o ser social, mais importante do que a satisfação daquela necessidade (pôr do fim). (LUKÁCS, 2013, p. 57, grifos nossos).

Como vimos, a técnica surge em meio à preparação, investigação dos meios mais adequados para resolução de certa finalidade. A técnica como meio de trabalho, como conhecimento – ferramenta teórica da ação do pensamento – realiza do modo mais adequado a ação na atividade posta. A técnica fixa os resultados históricos da atividade e, por isso, condiciona avanços possíveis dela.

Pelo instrumento, historiadores são capazes de destrinchar as relações que se estabeleciam em um período histórico, de apresentar pormenorizadamente os costumes, as tradições, os conhecimentos e as experiências, os ritos e os mitos que constituíam a vida cotidiana dos sujeitos. Na busca dos meios, o ser humano sofisticou a ferramenta (objeto social) incorporando os avanços de seu tempo, apresentando o estágio alcançado pelo ser social até então e as potencialidades presentes, bem como as potencialidades não possíveis de efetivação, como impeditivo das condições objetivas impostas ao sujeito singular.

O pôr do fim nasce de uma necessidade humano-social; mas, para que ela se torne um autêntico pôr de um fim, é necessário que a investigação dos meios, isso é, o conhecimento da natureza tenha chegado a certo estágio adequado; quando tal estágio ainda não foi alcançado, o pôr do fim permanece um mero projeto utópico, uma espécie de sonho, como o voo foi um sonho desde Ícaro até Leonardo e até um tempo depois. Em suma, o ponto no qual o trabalho se liga ao surgimento do pensamento científico e ao seu desenvolvimento é, do ponto de vista do ser social, exatamente aquele campo por nós designado como investigação dos meios (LUKÁCS, 2013, p. 57).

Para a nave voar, as condições objetivas, materiais e espirituais precisavam estar postas. Não apenas as condições físicas, as propriedades, mas, inclusive, as condições técnicas, os conhecimentos racionais, comprovados por um conjunto de combinações das mais variadas ciências, sistematizados na investigação dos meios para a resolução de uma finalidade específica. A técnica acumulada culturalmente, fixada racionalmente na prática social, permitiu ao homem voar. E aqui, onde a liberdade é categoria histórica, portanto, humana, diferentemente dos animais, o homem voando é mais livre. Os animais voam aprisionados à necessidade biológica, enquanto os homens criaram a capacidade de voar por consequência do domínio sobre a realidade externa e seu autodomínio.

Assim, o conhecimento objetivo adequado da matéria e dos procedimentos é, acima de tudo, relevante aqui para que o processo de realização tenha êxito; [...]. O conteúdo da liberdade se diferencia, portanto, essencialmente daquele das formas mais complexas. Podemos descrevê-lo assim: quanto mais apropriado é o conhecimento que o sujeito adquiriu dos nexos naturais em cada momento, tanto

maior será o seu livre movimento na matéria. Dito de outra forma: quanto maior for o conhecimento das cadeias causais que operam em cada caso, tanto mais adequadamente elas poderão ser transformadas em cadeias causais postas, tanto mais será o domínio que o sujeito exerce sobre elas, ou seja, a liberdade que aqui ele pode alcançar. (LUKÁCS, 2013, p. 140).

É claro que na sociedade de classes, na sociedade capitalista, o que é liberdade, no sentido da escolha diante do campo das alternativas objetivamente colocadas, também é, ao mesmo tempo, sua *não liberdade*. No seio de suas relações de classe (trabalhadora e capitalista), orientados ao movimento incessante de valorização do valor (Tumolo, 2003), o homem nega o próprio homem e se aprisiona em suas próprias mãos. Ele nega sua condição de gênero e se recoloca, apesar de seu autodomínio conquistado, na condição de espécie. Assim como o animal, o homem, negada sua condição de gênero, orienta-se movido instintivamente *pelo cheiro de um prato de comida*, pois encontrá-lo seria sua única condição para continuar sobrevivendo. Aqui mesmo, na negação do homem pelo próprio homem, há a negação de seu autodomínio como gênero humano.

Temos ciência da condição desumanizadora do capital e de que a liberdade do gênero humano será possível, plenamente, na superação da condição social posta, o que significa que a produção de outra sociabilidade é necessária para o alcance pleno da liberdade, de forma que os sujeitos de fato se libertem das próprias amarras que os prendem.

A luta por essa liberdade é o que nos move como sujeitos, e é justamente nessa direção que consideramos essencial a formação dos sujeitos, o desenvolvimento de suas funções psicológicas superiores, sendo estas tipicamente humanas, as quais são objetivamente fundamentais para o afastando das suas barreiras naturais, colocando-se no movimento do autodomínio do homem, como gênero humano. Nesse escopo, o domínio refinado do homem sobre a realidade se apresenta como fundamental para o desenvolvimento do ser social.

O longo trecho a seguir destaca justamente a relação orgânica do trabalho com a categoria liberdade, sendo tanto esta como aquelas categorias humanas. Isso significa dizer que a liberdade se constitui e se forja na realidade objetiva, como o movimento do autodomínio consciente do gênero humano.

[...] Independentemente da consciência que o executor do trabalho tenha, ele, nesse processo, produz a si mesmo como membro do gênero humano e, desse modo, o próprio gênero humano. Pode-se inclusive dizer, de fato, que o caminho do autocontrole, o conjunto das lutas que leva da determinidade natural dos instintos ao autodomínio consciente, é o único caminho real para chegar à liberdade humana real. [...] A conquista do domínio sobre si mesmo, sobre a própria essência, originalmente apenas orgânica, é indubitavelmente um ato de liberdade, um fundamento de liberdade para a vida do homem. Aqui se encontram os círculos de problemas da generidade no ser do homem e a liberdade: a superação da nudez apenas orgânica do gênero, sua continuação no gênero articulado, que se desenvolve, do homem que se forma ente social, é – do ponto de vista ontológico-

genético – o mesmo ato de nascimento da liberdade. [...] De fato, toda liberdade que não esteja fundada na socialidade do homem, que não se desenvolva a partir daqui, mesmo que através de um salto, é um fantasma. Se o homem não tivesse criado a si mesmo, no trabalho, como ente genérico-social, se a liberdade não fosse fruto de sua atividade, do seu autocontrole sobre a sua própria constituição orgânica, não poderia haver nenhuma liberdade real. A liberdade obtida no trabalho originário era, por sua natureza, primitiva, limitada; isso não altera o fato de que também a liberdade mais alta e espiritualizada deve ser conquistada com os mesmos métodos com que se conquistou aquele do trabalho mais primitivo, e que o seu resultado, não importa o grau de consciência, tenha, em última análise, o mesmo conteúdo: o domínio do indivíduo genérico sobre a sua própria singularidade particular, puramente natural. Nesse sentido, acreditamos que o trabalho possa ser realmente entendido como modelo de toda atividade. (LUKÁCS, 2013, p. 155-156).

Nesse sentido, a liberdade se edifica no conjunto das relações humanas, mediada pela categoria trabalho, e se efetiva na possibilidade concreta de escolha entre as alternativas postas ao sujeito singular, nas condições objetivas colocadas a ele. Dentre essas condições, o *conhecimento mais adequado* sobre os nexos causais presentes na busca dos meios para o alcance da finalidade posta é fundamental para o movimento de domínio consciente do sujeito sobre o meramente instintivo, o que avigora a dinâmica substancial do gênero humano sobre o recuo das barreiras naturais. Nesse movimento de autodomínio consciente do sujeito, a técnica desempenha papel essencial.

A técnica como o *conhecimento correto* de realização de certa operação/ação atrelada a determinada atividade potencializa a continuidade sempre renovada do domínio consciente do sujeito sobre o instintivo. A técnica, como o domínio rebuscado do homem sobre a realidade, como o conhecimento mais adequado que foi sendo plasmado historicamente no modo de execução mais sofisticado de determinada operação/ação orientada a efetivação de certa atividade, possibilita, como conhecimento sistematizado, como condição, a continuidade histórica do progresso humano. Ela preserva as conquistas do gênero humano e, ao mesmo tempo, funciona como veículo para o avanço da atuação do sujeito singular na apropriação e objetivação da atividade, permitindo o aprimoramento, a complexificação e o progresso da própria atividade. Ela é, portanto, como vimos, um ser essencial do *ser social*, que contribui para a manutenção da conquista da liberdade real do gênero humano.

A liberdade não reside na tão sonhada independência em relação às leis da natureza, mas no conhecimento dessas leis e na possibilidade proporcionada por ele de fazer com que elas atuem, conforme um plano, em função de determinados fins. Isso vale tanto com referência às leis da natureza externa quanto àquelas que regulam a existência corporal e espiritual do próprio ser humano – duas classes de leis que podemos separar uma da outra, quando muito, em termos de concepção, mas não na realidade. Em consequência, liberdade da vontade nada mais é que a capacidade de decidir com conhecimento de causa. Portanto, quanto *mais livre* o juízo de um ser humano em relação a uma determinada questão, maior será a necessidade de que esse juízo seja determinado, ao passo que a incerteza baseada no desconhecimento,

que aparentemente escolhe de modo arbitrário entre muitas possibilidades diferentes e contraditórias de decisão, comprova, justamente por isso, sua falta de liberdade, seu ser dominado exatamente pelos objetos que ela deveria dominar. A liberdade consiste, portanto, no domínio sobre nós e sobre a natureza exterior baseado no conhecimento das necessidades naturais; desse modo, é necessariamente um produto do desenvolvimento histórico. (ENGELS, 2015, p. 145-46).

Nesse movimento de autodomínio do gênero humano, a técnica, condicionada historicamente como domínio sofisticado do homem sobre a realidade objetiva, colocou-se como conhecimento (ferramenta), como modo de ação fundamental para o desenvolvimento do ser social, desde sua gênese, e, de forma cada vez mais necessária, postou-se como meio, veículo de continuidade sempre renovada do desenvolvimento de certas atividades que foram surgindo mediadas pelo trabalho, mas que de certa forma, ganhou relativa autonomia diante dele.

Pela ação conjunta de mão, órgãos da fala e cérebro não só em cada indivíduo mas também na sociedade, os humanos se tornaram capazes de executar operações cada vez mais complexas, de propor-se e atingir metas cada vez mais elevadas. O próprio trabalho se modificou de geração em geração, tornando-se mais perfeito e mais multifacetado. À caça e à criação de animais somou-se a agricultura; a essa a fiação e a tecelagem, o processamento de metais, a olaria, a navegação. Ao comércio e à manufatura juntaram-se, por fim, a arte e a ciência; as tribos converteram-se em nações e Estados. Desenvolveram-se o direito e a política e, com estes, o reflexo fantasioso das coisas humanas na mente humana: a religião. Diante de todas essas formações, que de início se apresentavam como produto da mente e pareciam dominar as sociedades humanas, as produções mais modestas da mão trabalhadora passaram para o segundo plano [...] (ENGELS, 2020, p. 345).

Destacamos que, *na busca dos meios* para a realização de determinadas finalidades de forma a aprimorá-las cada vez mais, o homem, por intermédio do trabalho, produziu ciência, arte, *jogo* e outros complexos do ser social. Essas atividades, científicas, artísticas, estéticas, de jogo, foram ganhando relativa autonomia em relação à atividade concreta do trabalho e possuindo seu próprio movimento interno.

O jogo, como ressalta Elkonin (2009), pode ter sido resultado de representações imaginativas das atividades de trabalho fundamentais para a cotidianidade da vida dos sujeitos. O exemplo nos ajuda no movimento abstrativo que vimos fazendo do homem na atividade de caça.

Podemos imaginar que um grupo de caçadores regressou de uma caçada infrutífera. O fracasso foi devido à discordância nas ações coletivas. Para garantir o êxito, faz-se necessário um ensaio prévio, uma orientação sobre as condições e a organização da próxima expedição. O homem ainda não está capacitado para realizar um ensaio mental e esquemático: os participantes da projetada caçada reconstituem de modo prático e concreto a situação e a organização da futura expedição. Um dos caçadores representa o astuto animal e imita-lhe os gestos; os demais, o processo de organização da caça. Trata-se de uma espécie de “manobra” em que se reconstruem as missões fundamentais de cada um dos praticantes das ações conjuntas. Esse ensaio geral da próxima caçada não possui determinadas características da caçada propriamente dita, sobretudo no aspecto técnico-operativo do processo autêntico.

Também é possível outra situação. Os caçadores regressam com a presa. A tribo recebe-os com júbilo e os caçadores descrevem como transcorreu a caça, reproduzindo seu andamento e o comportamento de cada caçador. A narração teatralizada culmina em festança geral. Com uma reconstituição tão singular, os membros da tribo abstraem-se do mero aspecto técnico-operativo e traçam um esquema geral das ações, da organização e do sistema de relações que levaram o empreendimento ao êxito. (ELKONIN, 2009, p. 17).

Essa representação da caça foi sendo utilizada cotidianamente não só como treinamento para a atividade de caça, mas também, ao mesmo tempo, para o suprimento de outras necessidades criadas pelo próprio homem. A encenação da caça foi sendo transformada em brincadeiras das tribos, assim como foi se configurando em uma tradição, uma celebração de conquistas, uma festa, uma comunicação com deuses etc. Sua ação não corresponderia apenas à atuação prática direta da caça, mas tornou-se a própria atividade com sua própria finalidade e motivo, descolada de uma utilidade prática imediata de trabalho. Nascem a arte, a ciência, o jogo etc.

Com novas atividades, novas necessidades e finalidades, novos motivos e desejos, novas ações e operações, amplia-se também o universo do movimento, alarga-se a necessidade do domínio rebuscado do homem nas novas atividades. A técnica, portanto, coloca-se como fundamental para a produção e reprodução dessas novas objetivações relativamente autônomas em relação ao trabalho. Como modo de ação mais adequado, ela condensa e plasma, simultaneamente, o domínio historicamente refinado do homem em determinada atividade, comprovado concretamente no solo da vida cotidiana. Desse modo, essencialmente, a técnica, como modo correto de ação, carrega (preservando) a síntese histórica da própria atividade.

Em suma, apontamos anteriormente a gênese e o desenvolvimento da técnica. Vimos que se trata do movimento constante de autodomínio do homem, configurando-se como o modo de ação historicamente mais adequado no domínio do homem sobre a realidade, sobre a sociabilidade criada por ele na dinâmica com a natureza, por meio do trabalho. Vimos ainda, de forma geral, que quanto mais domínio consciente e voluntário o homem tem sobre a natureza e sobre si mesmo, mais livre ele é, e que a técnica, como conhecimento histórico, desempenha papel fundamental para o progresso do ser social. Ela é, assim, um conhecimento essencial para a continuidade e o aperfeiçoamento histórico do ser social na busca do seu autodomínio. Nesse sentido, a técnica se configura como uma *síntese* da atividade, da *experiência humana* objetivada, porque condensa e plasma, ao mesmo tempo, as conquistas do gênero humano na efetivação histórica de determinada atividade, servindo assim como veículo da continuidade sempre renovada do autodomínio do homem.

Iniciamos o capítulo situando a neoformação como órgão funcional de fixação, no organismo humano, da cultura produzida e reproduzida no devir homem do homem, da mesma forma que o encerramos afirmando que a vida cotidiana é o organismo funcional de *fixação* da produção e reprodução da técnica na experiência histórica da humanidade. Quanto a esta última afirmação, ainda como *aquecimento teórico*, pretendemos ratificá-la ao longo do próximo capítulo, em que trataremos da gênese da técnica no jogo de futebol, bem como perspectivamos avançar acerca das compreensões do ser da técnica, seus conteúdos e processos internos. Mesmo porque o jogo continua!

1.3 A GÊNESE E O DESENVOLVIMENTO DA TÉCNICA DO FUTEBOL: O JOGO CONTINUA

Neste item apresentaremos os processos que levaram à constituição do ser da técnica na particularidade do futebol. Para isso destacaremos, como pressuposto teórico, a especificidade do movimento humano para, assim, entendermos como um movimento fortuito vai se transformando em um movimento objetivo organizado do jogo de futebol, configurando-se em técnica dessa atividade particular da cultura corporal.

1.3.1 O movimento humano: do movimento espontâneo ao movimento objetivo organizado

Neste subitem objetivamos destacar, conforme já indicado na introdução, o que para nós é central: *como um movimento indiferenciado torna-se uma técnica específica ou concreta de uma dada atividade (neste caso particular, o futebol)?*

Para tanto, diante do que apresentamos no capítulo anterior sobre a gênese da técnica na humanidade, perspectivamos aqui reforçar as características do movimento humano em sua diferenciação com o movimento animal, dando base para a discussão posterior sobre a gênese da atividade humana específica: o futebol.

Marx (2010b) destaca a atividade humana como modo de existência. Por meio dela, o ser singular aciona a efetividade humana realizada historicamente.

O animal é imediatamente um com sua atividade vital. Não se distingue dela. *É ela*. O homem faz da sua atividade vital mesma um objeto de sua vontade e da sua consciência. Ele tem atividade vital consciente. Esta não é uma determinidade (Bestimmtheit) com a qual ele coincide imediatamente. A atividade vital consciente distingue o homem imediatamente da atividade vital animal. Justamente, [e] só por isso, ele é um ser genérico. Ou ele somente é um ser consciente porque é um ser genérico. Eis porque a sua atividade é atividade livre. O trabalho estranhado inverte a relação a tal ponto que o homem, precisamente porque é um ser consciente, faz da

sua atividade vital, da sua *essência*, apenas um meio para sua *existência*. (MARX, 2010b, p. 84-85, grifos do autor).

O homem é um ser ativo (Rubinstein, 1977). O homem agindo sobre a natureza a transforma, ao mesmo tempo que se transforma. O animal se adapta à natureza. Ele se identifica com ela. Sua natureza é natural, enquanto a natureza humana é social. “O indivíduo é o ser social” (MARX, 2010b, p. 107). Sendo assim, a atividade humana apresenta um traço peculiar.

A peculiaridade específica da atividade humana consiste em que se trata de uma atividade consciente e orientada a um fim. Nela e por meio dela, o ser humano realiza seus objetivos, objetiva seus projetos e ideias dentro da realidade que tem modificado. Ao mesmo tempo transcende a sua psique como princípio determinante ao conteúdo objetivo com os quais opera ou manipula o indivíduo e o conteúdo da vida social no qual se coordena com sua atividade. O significado da atividade consiste também, em primeiro lugar, no fato de que ela e por meio dela se estabelece um vínculo ativo entre o homem e o mundo, por meio do qual a existência representa uma unidade real e uma influência mútua entre sujeito e objeto.

Por meio da influência do sujeito sobre o objeto, supera-se a limitação do dado, desvendando o conteúdo verdadeiro, essencial e objetivo da existência. Ao mesmo tempo que se realiza na atividade, e por meio dela o indivíduo se impõe como sujeito, como personalidade: como sujeito em sua relação com os objetos que cria, e como personalidade em sua relação com outros seres humanos, que ele influencia por meio de sua atividade e com quem entra em contato por meio dela. Na atividade não somente se manifestam todas as características psíquicas da personalidade, senão que também se formam nela. Portanto, os problemas psicológicos estão muito vinculados e de maneira muito multiforme com o estudo da atividade. (RUBINSTEIN, 1977, p. 590).

Assim, na dinâmica realizada objetivamente pela atividade de trabalho, no devir homem do homem, as denominadas, por Leontiev (1978), *faculdades psicomotoras superiores*, tipicamente humanas, foram sendo configuradas e reconfiguradas sobre a influência da utilização e sofisticação dos instrumentos sociais.

No filme *2001: Uma Odisseia no Espaço*, chama-nos atenção a cena artística (iniciada aos 7 minutos e 48 segundos) que representa o enfrentamento entre os dois grupos de hominídeos, um com um nível de desenvolvimento superior em relação ao outro. Ela ilustra o momento do retorno da tribo (em processo de humanização) ao rio. A tribo dos primatas, com cada um de seus membros portando os instrumentos (ossos), realiza uma ação coletiva de ataque aos macacos, os quais não possuíam o instrumento em mãos. O que nos saltou aos olhos nessa cena foi justamente o *comportamento físico* do primata diante do macaco. Com os instrumentos (ossos) sob seu domínio – certamente representando, na cinematografia, um longo processo de progressão do humano, manifestando assim suas conquistas na luta pela sobrevivência, em um prolongado processo de objetivação e apropriação, de produção e reprodução do ser singular, de organização comunicada e coletiva etc. – a relação *postural* era outra. Os primatas agora, *mais bípedes*, em relação às cenas

anteriores – como que em disputa constante com suas determinações biológicas –, com uma *postura mais ereta*, enfrentam o grupo de macacos pela disputa do usufruto do rio. Este grupo, por sua vez, estava desprovido de ferramentas e apresenta a postura bípede outrora presente na tribo que agora possui os *instrumentos*. A tribo dos primatas, com a posse das ferramentas, orientada pela prévia ideação na organização do ataque ao grupo de macacos que os vencera, enfrentou-os com sucesso, decretando a efetivação da vitória na revanche declarada.

Imediatamente após a cena descrita, acontece o lançamento da ferramenta ao céu, transformando o osso em nave espacial, como mencionamos anteriormente. No sentido ilustrativo com o qual estamos tratando essa cena, a partir daí, da relação substancial do homem com o instrumento, as faculdades psicofísicas começam a se humanizar cada vez mais e de modo mais decisivo para a humanidade:

O objeto [Objekt] só pode se tornar um objeto [Gegenstand] da consciência quando esta procura agarrá-lo mesmo no caso de não haver interesses biológicos imediatos que liguem o objeto [Gegenstand] ao organismo agente dos movimentos. Por outro lado, o sujeito se torna sujeito exatamente pelo fato de consumir semelhante transformação de atitude diante dos objetos do mundo exterior. Fica claro, então, que o pôr do fim teleológico e os meios para a sua realização, que funcionam de modo causal, jamais se dão, enquanto atos de consciência, independentemente um do outro. Nesse complexo constituído pela execução de um trabalho se reflete e se realiza a complementaridade inseparável entre teleologia e causalidade posta. (LUKÁCS, 2013, p. 93-94).

O fato é que se realiza, já no primata, um movimento de gênese das *faculdades motoras superiores*, tipicamente humanas, criadas no intercâmbio do homem com a natureza. O movimento humano começa a se *diferenciar*, a se *especializar*, na dinâmica potencializada do recuo das barreiras naturais, no autodomínio do homem, mediado pelo processo de trabalho, que consiste no domínio consciente do homem sobre as leis combinatórias da natureza. Essas faculdades motoras superiores vão se sofisticar ainda mais, modificar-se substancialmente com outro processo, simultaneamente posto, importante para o ser social e, sobretudo, como vimos, para o ser da técnica (nosso objeto): *a produção de utensílios*.

Os *movimentos indiferenciados* vão se tornando *movimentos diferenciados* pela própria necessidade de adequação, sofisticação e refinamento do meio de trabalho, no processo de sua fabricação e de seu uso, igualmente adequado, sofisticado e refinado, para a efetivação de determinada atividade, como de caça, por exemplo. O aperfeiçoamento, o requinte e as diferenciações desses movimentos surgem em meio à dinâmica necessária de humanização: a de recuo das barreiras naturais. Para Lukács (2013, p. 80), “O homem deve pensar seus movimentos expressamente para aquele determinado trabalho e executá-lo em contínua luta contra aquilo que há nele de meramente instintivo, contra si mesmo”. Sem

contar que nesse tempo em que se sucederam essas sofisticações do instrumento (meio de trabalho) para o uso adequado em determinada atividade específica, surgiam distintos instrumentos mais eficazes para a atividade de caça, de pesca, de agricultura, dentre outros milhares que foram aparecendo no decorrer do processo de humanização.

Como já mostramos, a questão central da transformação interna do homem consiste em chegar a um domínio consciente sobre si mesmo. Não somente o fim existe na consciência antes de realizar-se praticamente como essa estrutura dinâmica do trabalho se estende a cada movimento singular: o homem que trabalha deve planejar antecipadamente cada um dos seus movimentos e verificar continuamente, conscientemente, a realização do seu plano, se quer obter o melhor resultado concreto possível. Esse domínio da consciência do homem sobre seu próprio corpo, que também se estende a uma parte da esfera da consciência, aos hábitos, aos instintos, aos afetos, é uma exigência elementar do trabalho mais primitivo e deve, pois, marcar profundamente as representações que o homem faz de si mesmo, uma vez que exige, para consigo mesmo, uma relação qualitativamente diferente, inteiramente heterogênea daquela que corresponde à condição animal, e uma vez que tais exigências são postas por todo tipo de trabalho. (LUKÁCS, 2013, p. 129).

Esse movimento, em cada atividade de trabalho particular criada no processo histórico de humanização (de caça, de pesca, de agricultura, *ad infinitum*), exigiu do homem, na efetivação da finalidade e na busca dos meios para tal efetivação, certo refinamento dos movimentos para as ações de produção e utilização dos instrumentos a serviço de determinada atividade. A relação consciente com a produção e efetivação do meio de trabalho qualificou as ações de trabalho e o próprio trabalho. O movimento humano se aprimora à medida que o homem se conscientiza de seus atos em determinada atividade de trabalho.

Quando, então, observamos que o ato decisivo do sujeito é seu pôr teleológico e a realização deste, fica imediatamente evidente que o momento categorial determinante desses atos implica o surgimento de uma práxis caracterizada pelo dever-ser; o pôr de um fim inverte, como já vimos, esse andamento: o fim vem (na consciência) antes da sua realização e, no processo que orienta a cada passo, cada movimento é guiado pelo pôr do fim (pelo futuro). (LUKÁCS, 2013, p. 98).

O refinamento dos movimentos na atuação do sujeito é orientado à realização consciente da tarefa de determinada atividade de modo que a efetive da forma mais adequada possível. Os movimentos se guiam à finalidade previamente estabelecida antes e durante o processo de efetivação da tarefa. A relação histórica do homem com a ferramenta (objeto social), seja na produção ou na sua utilização do modo mais adequado, sofisticou o movimento humano.

Rubinstein, outro importante *treinador* da psicologia marxista, reforça o vigor *do instrumento social* sobre o movimento humano a partir da atividade de trabalho e destaca o movimento humano como *movimento objetivo organizado*, sendo parte constituinte da ação que, por sua vez, orienta-se ao objeto a que serve a atividade.

As peculiaridades específicas dos movimentos humanos são condicionadas pelo fato de que sua mobilidade – o movimento humano específico da mão – foi formada no processo de trabalho, em atos convenientes orientados para um fim e adaptados para a ação sobre um objeto que se efetua mediante ferramentas. O trabalho, no decorrer do qual o homem aprendeu a usar ferramentas, produziu modificações qualitativas correspondentes à mobilidade humana. A mão humana deve executar no trabalho, no uso das ferramentas, uma série de movimentos que são determinados pelas funções da ferramenta e pelas regras de seu manuseio. A "lógica de trabalho" dos movimentos, que se origina nos objetos, se submete e transforma a "lógica" natural dos movimentos, que derivam das funções motoras do corpo e do jogo natural dos músculos. As ferramentas não são apenas uma continuação, extensão ou complementação dos órgãos humanos naturais. No manuseio de ferramentas, as regras às quais os movimentos estão sujeitos também são modificadas. Quando o homem trabalha e usa ferramentas, ele não inclui simplesmente no sistema motor de seus órgãos um meio complementar. De certa forma, ele inclui também os movimentos de seus órgãos, de sua mão, no sistema motor de ferramentas. A determinação primária pela correlação natural do próprio corpo, dada pela natureza, com respeito às coisas que nos rodeiam, cede a uma dependência complicada que é determinada pelas relações recíprocas dos objetos sobre os quais a atividade é orientada. O movimento orgânico torna-se um *movimento objetivo organizado*. Como componentes dos atos, os movimentos tornam-se funções de processos psíquicos complicados – percepção da situação, lógica de ação, antecipação de resultados, etc. –, fator dependente da ação orientada para o objeto e por ele condicionada. (RUBINSTEIN, 1977, p. 600-601).

O movimento é componente da ação que, por seu turno, orienta-se à atividade, pelo seu motivo e finalidade. É por isso que um ato, assim como o objeto, é sempre social. O ato volitivo, regulado e orientado conscientemente à finalidade, é especificamente humano. O movimento humano, portanto, na estrutura da atividade, condiciona e, ao mesmo tempo, é condicionado à realização da atividade. (RUBINSTEIN, 1977).

Os ajustes conscientes necessários para a realização de determinada ação inerente à determinada atividade requerem primor e refinamento dos movimentos, o que determina historicamente o aprimoramento e o refinamento da própria atividade à qual se orienta a ação. Os esportes como um todo marcam bem essa questão.

O que seria do basquete, por exemplo, se cada sujeito, ao se iniciar no jogo, tivesse que criar *tudo que nele já se criou*, desde sua gênese, nos Estados Unidos, em 1891? Se o sujeito, dominando o livro de regras, tivesse que realizar todo o processo histórico que culminou na elaboração de técnicas progressivamente *mais avançadas* de arremessos à cesta na dinâmica do jogo? O fato é que sem a técnica o basquete não poderia continuar se desenvolvendo, não poderia criar necessidades novas ao jogo e para estas novas técnicas, num movimento retroativo de ora condicionar, ora ser condicionada pelo jogo de basquete.

O processo de desenvolvimento do jogo, como de qualquer atividade, necessita de processos que condensem e plasmem *movimentos objetivos organizados*, os quais compõem ações e operações da atividade. Nessa perspectiva, o *movimento objetivo organizado* plasma-se como *conhecimento essencial* dessa atividade adequada, o que *desperta* nas gerações

posteriores, *se bem ensinadas pelas anteriores* – sendo justamente aqui, no ensino, que habita nossa preocupação ontológica e epistemológica como professores pesquisadores –, a *dynamis* de progressão da ação na atividade e da própria atividade.

A técnica, como esse *movimento organizado objetivo*, cada vez mais refinado e primoroso, transformado em modo de ação mais adequado de determinada atividade, efetivado como uma espécie de conhecimento correto importante para a realização desta atividade, no solo histórico da vida cotidiana, qualifica a ação do sujeito na atividade e o desenvolvimento da própria atividade.

Podemos afirmar, assim, com aquelas frases só explicadas pela dialética, que o futebol é o mesmo desde sua gênese, mas não é mais o mesmo. A técnica foi condição e, ao mesmo tempo, condicionada pela atividade de jogo de futebol, desde sua gênese, desenvolvendo o jogo progressivamente ao longo de seu devir histórico. Veremos mais concretamente a seguir, na gênese do futebol, quais dinâmicas e processos sociais estabeleceram a criação dos *movimentos objetivamente organizados* do futebol em técnicas, em modos de ação qualitativamente adequados à realização do jogo e à criação do próprio futebol.

Aqui cabe reforçar que pelo trabalho, desde sua gênese, houve a transformação de *movimentos fortuitos*, ligados de modo meramente instintivo a determinada necessidade biológica, em habilidade. Lukács (2013, p. 146) destaca que “somente mediante o trabalho esses movimentos se transformaram de meras possibilidades em habilidades que, num desenvolvimento contínuo, permitem que possibilidades sempre novas amadureçam no homem até converter-se em realidades”.

A habilidade surge, portanto, em meio a um movimento de apropriação e desenvolvimento histórico das técnicas da atividade e da própria atividade. O sujeito é habilidoso em determinada atividade, ou em certas ações da atividade, quando se apropria dos conhecimentos sistematizados produzidos ao longo do desenvolvimento histórico dela. É nesse sentido que a técnica, como conhecimento e, portanto, meio qualificado para a realização da operação/ação, permite ao sujeito se apropriar sinteticamente da história da atividade e contribuir para desenvolvê-la ainda mais e progressivamente melhor. Na condução de bola no jogo de futebol, o jogador habilidoso pode conduzir *na ponta das chuteiras* – como veremos a seguir, no capítulo 3, em relação à situação concreta de condução de bola do jogador francês Pires – as experiências de outras conduções de bola criadas e aprimoradas por um conjunto de jogadores e ao longo do processo histórico da dinâmica do jogo de futebol.

Nessa direção, Lukács (2013, p. 151) nos ajuda na compreensão da distinção entre técnica e habilidade. Para o autor o trabalho está baseado, essencialmente, em “[...] que o ser, o movimento etc. na natureza são inteiramente indiferentes para com as nossas decisões; é exclusivamente o conhecimento correto deles que torna possível o seu domínio prático”. Sendo assim, o domínio de um conjunto de técnicas – movimentos objetivos organizados plasmados de modo historicamente sofisticado e refinado na ação de determinada atividade do jogo – faz com que o jogador se torne habilidoso nele a fim de realizá-lo. A apropriação das técnicas de jogo condicionará o sujeito a tornar-se um jogador habilidoso e não o contrário, como muitas vezes se coloca no cotidiano futebolístico, de que para se apropriar das técnicas é preciso ser, a priori, habilidoso, quase que como *um presente dos deuses*.

De forma geral, o domínio de um conjunto de técnicas articuladas, de modos de ação combinados de forma consciente na atividade de jogo, possibilitará ao sujeito avanços na compreensão do próprio jogo e, de certa maneira, em seu desempenho nele, tornando-o, assim, um jogador habilidoso; do mesmo modo, tornar-se habilidoso potencializará ao sujeito o entendimento mais apurado dos aspectos internos que compõem e estruturam o jogo.

Nesse sentido, Nascimento (2014) destaca que o futebol, por ser um jogo coletivo, apresenta como motivo, seu objeto, o *controle da ação corporal do outro pelo domínio do espaço*, tendo como elementos constitutivos as regras, a dinâmica de ataque e defesa e os conhecimentos táticos e estratégicos. Não é demais ressaltar que os conhecimentos táticos e estratégicos do jogo, de forma geral, representam substancialmente os conhecimentos mais profundos acerca dele.

Nessa perspectiva, o desenvolvimento do pensamento tático e estratégico (EUZÉBIO, 2017) é potencializado justamente no refinamento dos *movimentos objetivos organizados*, transformados historicamente em modos mais adequados de ação, orientados às resoluções dos problemas advindos da relação opositiva interna estabelecida na dinâmica de jogo por meio das combinações, cada vez mais conscientes, das técnicas desenvolvidas e estabelecidas no jogo. Essas combinações das técnicas orientadas às resoluções complexas que o jogo impõe, por meio de uma compreensão mais aguçada sobre os aspectos táticos e estratégicos solicitados por ele, na finalidade constante de controlar o oponente, com ou sem a posse de bola, dominando o espaço do jogo, possibilitam ao sujeito singular melhor atuação e compreensão do jogo.

Rubinstein salienta que, além de estar orientado ao objeto, o movimento humano se articula a outras propriedades internas dele, como a temporização da ação, condicionada pela sua velocidade e sua precisão para a resolução de um problema da tarefa a ser realizada na

atividade de trabalho, sendo que o ritmo de execução dessa ação determina o seu sucesso e até mesmo a apropriação dessa ação.

O caráter dos movimentos é condicionado, por um lado, pelos objetos, sobre os quais o ato é orientado em cada caso, especialmente pela situação espacial dos objetos, sua forma, tamanho e outras características (peso, fragilidade, etc.), e, por outro lado, pela postura do sujeito, especialmente sua postura no que diz respeito à precisão e velocidade. Na organização temporal do movimento, muitas vezes há uma tendência à sua ritmização, o que favorece sua automação e, se a ritmização for correta, facilita os movimentos. (RUBINSTEIN, p. 602).

No futebol, o plano estratégico e o desenho tático da equipe para o jogo devem levar em consideração as propriedades das ações dos sujeitos singulares na coletividade em consonância com a finalidade/motivo coletivo de controlar o oponente dominando, com ou sem a posse de bola, o espaço de jogo. Esse domínio, para alcançar êxito, deve acontecer num determinado tempo estipulado pela regra do jogo, em determinado ritmo de realização da ação, em uma situação de ataque ou de defesa, solicitando do jogador singular, na relação com outros sujeitos do jogo, de modo coletivo – para o sucesso de sua equipe – e conflitivo – para o insucesso da equipe oponente –, determinada postura – técnico, tática e estratégica – nas ações que o jogo solicita.

Uma equipe, considerando a avaliação da correlação de força com o oponente, extraíndo dela e de si seus pontos fortes e fracos (EUZÉBIO, 2017), pode adotar, por exemplo, nas ações de ataque, como estratégia-síntese, a manutenção da posse de bola para a construção das jogadas. Para isso, adere ao jogo de posições, uma espécie de organização de ataque por zona, em que os jogadores singulares dominam determinados setores, em situação de ataque, isto é, quando sua equipe estiver com a posse de bola, antes de receber a bola, o que estabelece, de forma geral, certa vantagem nos conflitos táticos, sejam individuais, em duplas ou trios, que o jogo de futebol solicita a quase todo momento.

Em geral, o início da construção da jogada de ataque – que normalmente se estrutura a partir do tiro de meta, em que o goleiro recoloca a bola em jogo com os pés, ou até mesmo logo após uma defesa do goleiro, entregando a bola por meio de um passe, tanto com as mãos quanto com os pés, para seus jogadores –, estabelece-se por meio da lógica de passes de modo que vai estruturando, de forma coletiva e segura, o jogo de posições, com os seus *atletas nos lugares certos, no momento certo*.

Guardiola destaca que no jogo de posições é preciso que o jogador confie no seu companheiro de equipe de maneira que não precise deslocar-se em direção à bola para recebê-la, mas sim esperar no setor adequado para que a bola, por meio do passe – correto – chegue até ele (PERARNAU, 2014).

No jogo de posições, normalmente, o ritmo desses passes no setor de defesa e de meio campo, correspondendo a dois terços do campo de jogo total, não necessita ser tão veloz. A velocidade das ações singulares dentro de uma ação coletiva de ataque, frequentemente, nesse estilo de jogo (de posições), acontece no último terço do campo, no setor denominado de ataque. O *drible desconcertado* (aquele que desestabiliza o defensor singular e a defesa em seu conjunto) e o passe rápido e/ou até mesmo longo acabam sendo fundamentais para a quebra das linhas de defesa, o que significa dizer que se efetivou, à luz de Euzébio (2017), a criação de situações de superioridade tática, tanto numérica ou de espaço quanto absoluta, o que normalmente culmina, de forma mais direta, em gols.

Aliás, sobre o gol, é fundamental salientarmos que, de acordo com Anderson e Sally (2013), numa análise quantitativa analisada qualitativamente, é um *fenômeno* cada vez mais raro, o que lhe atribui extrema importância. Segundo os autores, essa condição de excepcionalidade deve-se à consciência histórica sobre a necessidade do equilíbrio da dinâmica de ataque e defesa para o alcance do controle do oponente no jogo.

Além do gol, consideramos, sobretudo, como superioridade absoluta, o domínio de uma equipe sobre a outra durante praticamente os *noventa minutos de jogo*, imposto pelas regras do jogo, com ações singulares edificadas sobre uma lógica coletiva. Dizemos, habitualmente, que a equipe conseguiu impor seu ritmo de jogo, tanto em situações de ataque quanto em situações de defesa, sobre a equipe adversária.

Para que se alcance essa condição de superioridade absoluta, exige-se entrosamento substancial entre os membros da equipe e uma disciplina tática coletiva sofisticada, ao mesmo tempo, que se exige dos jogadores um conjunto de técnicas adequadas para o cumprimento da função coletiva de controlar o oponente dominando seu espaço.

No âmbito defensivo, a mesma equipe, depois das mesmas análises de correlação de forças e estabelecimento de pontos fortes e pontos fracos, pode adotar uma ação coletiva de dominar a equipe oponente desde sua saída de bola, no tiro de meta, ou na reposição de bola do goleiro após uma defesa, de forma que o objetivo central, a estratégia-síntese defensiva seja recuperar imediatamente a posse de bola.

Isso exige do jogador singular uma postura coletiva de aceleração em direção ao jogador que estiver com a posse da bola, caso ele esteja no seu setor defensivo, o que leva (ou deveria levar) os outros jogadores singulares de sua equipe a acelerarem em direção aos jogadores oponentes que estão sob suas supervisões, evitando ou ao menos dificultando a troca de passes da equipe oponente e, assim, arruinar a construção de jogadas de ataque do

adversário. Essa forma coletiva de defender é denominada no *mundo futebolístico* – e de outras modalidades também – de *marcação pressão*.

Essa forma de defender, surgida organicamente no Futebol Total criado pelos holandeses e efetivado na Copa do Mundo de 1974 (ANDERSON; SALLY, 2013; WILSON, 2016), colocou (e coloca) um ritmo de jogo acelerado tanto para si quanto para seu oponente, o que exigiu (e exige) qualidade e intensidade no desempenho físico dos jogadores que defendem sob pressão e aos que são pressionados por ela.

A partir desse momento histórico, os passes precisaram (e precisam, no atual momento), nessas condições específicas de aceleração do ritmo de jogo, também responder de forma acelerada (mas não ansiosa) e, ao mesmo tempo, mais adequada possível (tecnicamente) para reagir às complexidades das ações velozes de ataque. Os movimentos objetivos organizados, transformados historicamente em modos mais adequados de atuação dos jogadores, em conhecimentos corretos, também precisam plasmar-se e condensar-se para responderem à lógica do espaço e, ao mesmo tempo, do tempo de sua execução. A velocidade imposta ao jogo, o ritmo atribuído conscientemente, como um movimento tático e estratégico, necessita acontecer da forma mais adequada, qualitativamente posta, pelos jogadores singulares em suas ações coletivas. O entrosamento entre os membros da equipe a favor de um plano mais amplo que transcenda seus interesses imediatos e pragmáticos acaba sendo a substância principal, se adotada, obviamente, sob a tríade orgânica e uniforme da configuração técnico-tático-estratégica.

Essa estratégia-síntese da partida transformada num estilo de jogo, o jogo de posições com a manutenção objetiva da posse de bola para o domínio desse espaço e a busca da recuperação imediata da posse de bola para justamente realizar o jogo de posições de forma mais adequada, é, de modo geral, adotado por Guardiola (PERARNAU, 2014) na atualidade. Ele, por sua vez, embasou-se em importantes treinadores que o futebol criou e que, simultaneamente, criaram e desenvolveram o Futebol Total, como os holandeses Rinus Michels (conhecido como o pai do Futebol Total) e Johan Cruiff (jogador de Michels e seu sucessor como treinador), além do argentino Marcelo (“Loco”) Bielsa (que na atualidade é treinador do Leeds United, da Inglaterra), cada qual com suas particularidades e idiossincrasias, mas que adotaram uma ideia geral em comum do Futebol Total.

Fazendo menção aos princípios adotados por Rinus Michels, idealizador do denominado Futebol Total, mas também por Valeriy Lobanosvki, treinador ucraniano conhecido como um dos implementadores do chamado futebol científico, em que marcou história na década de 1970, no Dínamo Kiev, da Ucrânia, e na Seleção Soviética, Wilson

(2013, p. 232) destaca que “[...] o jogo, como eles viam, baseava-se no espaço e em como controlá-lo: faça o campo crescer quando você tem a bola e será fácil mantê-la; faça-o diminuir quando você não a tem e será muito mais difícil para o adversário conservá-la”.

O Futebol Total, de certo modo, marcou historicamente o movimento objetivo organizado no futebol por ter *acelerado* substancialmente o jogo pela compreensão aguçada sobre o controle dos espaços, com ou sem a bola, para o domínio do oponente e a compreensão mais sólida sobre a linha de impedimento, criando armadilhas para deixar o oponente em condição de impedimento, o que até então não acontecia no futebol organicamente.

Esses componentes, compreendidos e postos em ação coletivamente, além dos avanços científicos no campo da nutrição, da tecnologia dos materiais esportivos, como campos, bolas e chuteiras etc. e da preparação física – principalmente da esfera da biomecânica e da fisiologia do exercício (WILSON, 2016; ANDERNSON; SALLY, 2013) –, impuseram um ritmo mais veloz às ações e operações de ataque e defesa realizadas pelos sujeitos singulares. Segundo Wilson (2016), “[...] esse foi um estágio do desenvolvimento do futebol que derivou tanto do aumento das possibilidades físicas quanto dos avanços nos conhecimentos teóricos.”

Contudo, mesmo diante do desenvolvimento histórico do futebol a partir da lógica do Futebol Total, colocando, de forma geral, mais velocidade ao jogo de modo consciente em relação ao domínio das regras, sobretudo no entendimento da regra do impedimento e seu usufruto orientado à superioridade tática nos conflitos diretos do jogo, e da compreensão do próprio motivo/finalidade do jogo, de dominar o oponente com ou sem a bola, conquistando o espaço por meio dos modos de ação mais adequados, o futebol apresenta estilos e sistemas de jogo dos mais variados, exigindo postura dos jogadores singulares com graus e ritmos diferentes de execução de suas ações.

Nessa dinâmica, uma equipe que adota, por exemplo, por um conjunto de fatores, o jogo ofensivo vertical – como joga na atualidade o Liverpool do treinador alemão Jurgen Klopp –, ou seja, com constantes ligações diretas, por meio de passes longos do setor defensivo aos setores de ataque, a partir de um jogo de transição ofensivo, necessita de um sistema tático defensivo sólido, muitas vezes com um sistema orgânico de coberturas laterais e centrais – como o do treinador argentino Diego Simeone, do Atlético de Madrid, e, ultimamente, o do treinador alemão Thomas Tuchel, do Chelsea, atual campeão da Uefa

Champions League¹⁷, superando, inclusive, com essa forma de jogar, na final, o time de Pep Guardiola, o favorito Manchester City. Tal sistema solicita de seus jogadores uma postura tática defensiva *paciente* calcada na finalidade de desaceleração do ritmo de jogo de equipes ofensivas velozes pelo domínio minucioso dos espaços chaves, normalmente os espaços mais centralizados dos seus setores defensivos.

Para essa conquista tática, os espaços devem ser impenetráveis pela dinâmica de ataque da equipe adversária, sendo necessário um complexo sistema de coberturas defensivas. Realizada com sucesso a defesa, é necessário construir o ataque com um jogo de transição direto substancialmente eficiente. Para esse fim, os passadores que jogam nos setores mais defensivos devem desempenhar bem essa função de ataque, acionando, num movimento estrutural e coletivamente entrosado, a aceleração dos seus colegas de ataque, levando a uma conquista de espaço imediata, não dando tempo suficiente para a organização defensiva de transição da equipe adversária, o que estabelece assim sua superioridade numérica e, em constantes domínios no jogo e nos jogos, sua superioridade absoluta – ao longo do jogo ou até mesmo dos jogos de determinada competição – até alguma equipe, por outros estilos de jogos e sistemas táticos, conseguir conscientemente superá-la.

Sendo assim, é importante destacarmos que os jogadores realizam as ações com certa velocidade e ritmo, para o atendimento de certa lógica de jogo. No futebol, como jogo coletivo, a lógica essencialmente substancial de domínio de espaço, em situações de ataque e defesa, simultaneamente, irrigada com conhecimentos táticos e estratégicos para a resolução dos problemas solicitados por eles, estrutura-se a partir de uma lógica espaço-temporal de jogo.

Nessa perspectiva, a técnica, no futebol, como modo de atuação mais adequado, historicamente constituído, afirmado e reafirmado na vida cotidiana dos sujeitos, foi sendo determinada ao mesmo tempo que determinou essa lógica espaço-temporal desenvolvida no jogo de futebol desde sua gênese.

O passe, por exemplo, deve ser realizado numa ação de ataque, em determinada lógica de jogo, seja ela mais vertical ou mais horizontal, atendendo a certo estilo e modelo de jogo e, portanto, necessita acontecer, para o cumprimento de sua complexidade, no momento certo para atingir o seu espaço mais adequado. Assim, o passe longo, numa situação de ataque num jogo de transição direta, com características verticais de velocidade, exigirá certa força e medida na execução da ação para a realização do passe mais adequado, no lugar mais

¹⁷ Principal competição europeia – e, de certa forma, mundial – de clubes.

adequado para a continuidade das jogadas. O peito de pé, obviamente com *todo o corpo à disposição*, acaba sendo a parte do pé que melhor contribui para tal efetivação. Diferente será o passe, no seu sentido técnico, para a manutenção da posse de bola numa transição de ataque na lógica do jogo de posições, por exemplo. Passes mais curtos, com outros pesos e medidas dispendidos com a finalidade de melhor realizá-los, utilizando a parte interna do pé, de forma a dar (ou ter) mais segurança na construção das jogadas que devem ser aceleradas, principalmente no último terço de ataque como vimos anteriormente, serão efetivados para o atendimento da dinâmica espaço-temporal, que por sua vez atende à lógica do jogo de posições, o que exigirá uma técnica de passe composta de detalhamentos particulares nos seus movimentos objetivos organizados, com certa medida, peso, densidade etc.

De forma geral, o que estamos frisando é que a técnica do jogador deve direcionar-se racionalmente ao lugar – síntese de tempo e espaço – ideal para a resolução do problema posto na dinâmica mutuamente conflitiva entre duas equipes. O *acionamento da técnica ideal*, com sua devida velocidade, peso, força, densidade etc. para o atendimento da conquista, mesmo que da situação específica de ataque e de defesa, do domínio sobre o oponente por meio de ações dos jogadores singulares a serviço de uma lógica coletiva de ação, é algo extremamente complexo. Exige do jogador singular o desenvolvimento de um conjunto de funções analíticas e perceptivas acerca do jogo articulado com a capacidade aguçada de pensar tática e estrategicamente sua ação em jogo, além da formação de uma personalidade disposta à resolução das problemáticas que o jogo impõe ao sujeito singular na esfera coletiva. É importante reafirmar que: jogar é complexo!

Nessa direção, é relevante ainda evidenciarmos, calçados em A.A Toltchinski (apud RUBINSTEIN 1977), que o movimento humano, de forma geral, apresenta sete características, as quais interpretamos como seus conteúdos internos: 1. A *rapidez*, que corresponde à velocidade da trajetória percorrida; 2. A *força*; 3. O *tempo*, que consiste na quantidade de execução dos movimentos em determinado espaço de tempo. Essa execução se objetiva na relação da rapidez com o intervalo entre cada movimento; 4. O *ritmo* (temporal, espacial e dinâmico); 5. A *coordenação*; 6. A *exatidão e a segurança*; 7. A *flexibilidade e a habilidade*.

Rubinstein (1977) realça também o que considera as principais formas de movimento humano: 1. Os *movimentos de posição*, denominados também de reflexos estáticos, são os do aparato muscular, os quais permitem produzi-los pelas ativas tensões musculares tônicas; 2. Os *movimentos de locomoção* se vinculam à *ida e vinda* do sujeito, no que concerne a sua caminhada e à postura de sua caminhada; 3. Os *movimentos expressivos* se atrelam

diretamente às emoções humanas, manifestando a unidade, de modo íntimo, do movimento orgânico com o movimento semântico. 4. Os *movimentos semânticos*, mais evoluídos que os movimentos expressivos, portam determinado conjunto de signos das relações humanas da vida cotidiana dos sujeitos. Como destaca o autor:

O gesto é um movimento que se tem condensado a história. É uma forma de expressão condicionada pela história de determinado e acusado sentido lógico geral. Nestes movimentos se expressa claramente a vinculação da vida espiritual humana com as manifestações mais complexas e perfeitas. (RUBINSTEIN, 1977, p. 603).

Nesse sentido, consideramos o gesto como parte da técnica em que se condensa a história da atividade. Contudo, é necessário trazer à tona *tudo que o gesto traz consigo*, e não apenas seu real aparente. Significa dizer que o gesto deve estar dotado de seu conteúdo, o qual se relaciona intrinsecamente com o objeto (motivo) da atividade que o sujeito realiza, de forma complexa e perfeita.

No cotidiano do futebol, por exemplo, o gesto, mais conhecido como gesto técnico, é comumente extraído do seu conteúdo visto apenas desde sua forma, e quer dizer, o gesto perde seu significado histórico ao qual foi se edificando, o que, no âmbito do ensino, pode atrapalhar sua real compreensão, sua apreensão correta e seu desenvolvimento na lógica do jogo.

O que estamos afirmando aqui é que no futebol o gesto técnico do jogador, seu movimento organizado objetivo, componente de uma ação em jogo, deve estar orientado à resolução do domínio da ação corporal do oponente, por meio do controle espacial. Os *gestos técnicos* – assim comumente denominados no cotidiano futebolístico de passe, chute, condução de bola etc. – são, na verdade, a empiria do movimento humano.

A expressão máxima dessa empiria no universo futebolístico referente à técnica é a atividade realizada com a finalidade de desenvolvimento técnico do jogador. Esse movimento da técnica se descolando de seu conteúdo interno, imediatamente capturado pela ação imediata do sujeito, culminou no método de ensino muito utilizado na atualidade dos esportes e, sobretudo, nas aulas de futebol, denominado de método parcial.

O método parcial (Tenroller; Merino, 2006; Araújo, 2000; Mutti, 2003) consiste na – aparente – dedicação à qualificação do gesto técnico com a efetivação de atividades parcializadas, deslocadas da dinâmica do jogo. Para melhorar o passe, por exemplo, constrói-se uma atividade dois a dois, em que, um de frente para o outro, sem marcação, isto é, sem relação opositiva efetiva, trocam passes de diversas maneiras – tocando a bola com o lado externo de pé, várias vezes, depois do lado interno do pé, também repetidas vezes, justamente *para fixar-se bem no organismo que repete*; pelo chão, depois pelo ar; depois tocando a bola

com o peito do pé, depois com a sola do pé; logo após com a cabeça, dentre outras maneiras – a fim de aperfeiçoar os detalhes do movimento.

É fundamental frisarmos que não estamos aqui dizendo que não se desenvolve, de certa forma, algum aspecto técnico, que não *se educa* o movimento objetivo organizado para a realização da atividade de jogo de futebol, normalmente a posteriori. Também não estamos advogando que o jogo se aprende apenas jogando o jogo – propriamente dito – de futebol, muito menos com a afirmativa de que os sujeitos são dotados de talento a priori. O que defendemos é que, se *se tira* do movimento sua relação com a finalidade de jogo de futebol, se *se arranca* sua articulação com o domínio de espaço na relação mutuamente opositiva, pouco, ou quase nada, desenvolve-se do gesto, em seu sentido amplo com que estamos tratando, como um gesto que traz consigo a significação histórica do movimento. O gesto técnico é um termo empírico da ciência e da prática cotidiana do futebol.

O gesto é, portanto, na verdade, um componente do modo de atuação historicamente mais adequado, em outras palavras, ele é a manifestação mais imediata da técnica, o que não significa desconsiderá-lo, mas colocá-lo no processo interno da ação do jogador singular na dinâmica do jogo, colocá-lo à disposição da resolução dos problemas táticos e estratégicos edificados a partir, à luz de Nascimento (2014), dos objetivos mutuamente opostos entre si em direção ao mesmo alvo, na busca constante do controle da ação corporal do oponente por meio do domínio do espaço em jogo.

Desse modo, acreditamos que essa finalidade de *desenvolver tecnicamente o jogador*, principalmente na sua iniciação com essa atividade particular, só faz sentido lógico se se realiza o *movimento organizado objetivo*, do modo mais qualificado possível, orientado ao objeto de sua atividade. Nesse sentido, defendemos que se aprende jogando e sendo orientado para o conteúdo interno do jogo de futebol, para o seu domínio do espaço na relação opositiva com o adversário, o que exige cada vez mais primor do sujeito que joga e do próprio jogo no conjunto – eis aqui sua capacidade de progresso – dos *movimentos organizados objetivos*, os quais são componentes das ações de jogo de futebol orientadas a determinadas tarefas durante a realização do jogo.

Isso também não significa dizer que se apreende o *jogo propriamente dito* apenas jogando-o. Contudo, é verdade que se desenvolvem melhor as técnicas de jogo dessa forma, conhecida como método de confrontação (Tenroller; Merino, 2006; Araújo, 2000; Mutti, 2003), do que pelo método parcial. O método de confrontação, também bastante presente nas aulas de futebol, apresenta, em nosso entendimento, apesar de limitado, maior possibilidade de desenvolvimento técnico, do seu gesto como componente da ação na totalidade do jogo do

que os métodos parciais, feitos justamente para isso, para o aprimoramento do gesto, parcializando-se do todo. Romário que o diga!¹⁸

A afirmativa que acabamos de fazer também não exclui a possibilidade do desenvolvimento técnico por outros jogos coletivos – como o famoso Rondo, por exemplo – que, de certa forma, simulem o jogo de futebol, muito pelo contrário, há neles a possibilidade desse desenvolvimento técnico de modo que preserve a necessária vinculação do movimento humano aos movimentos da dinâmica de ataque e defesa, bem como dos movimentos táticos estratégicos atrelados ao objeto/motivo de controlar o oponente dominando constantemente seu espaço na atividade de jogo de futebol. Agora, Guardiola que o diga!¹⁹

A estratégia-síntese de utilização do Rondo/Bobinho/Meinho como forma de treinamento do organismo técnico-tático-estratégico, aliás, atrela-se à lógica racional coletiva de se atingir a superação em relação ao adversário por meio do volume de passes. A técnica do passe aprimora-se nessa dinâmica, ao mesmo tempo que sofisticada taticamente a coletividade na lógica racional de domínio de espaço, com ou sem a posse de bola.

As equipes que não perdem a bola, que não a devolvem ao adversário com a mesma frequência, são aquelas que sabem jogar bobinho. Elas conseguem trocar passes com mais segurança em meio aos jogadores adversários. Não são necessariamente aquelas que trocam mais passes. O volume de passes é uma decisão tática. O índice de passes que chegam ao jogador desejado é a verdadeira medida da qualidade do passe, e a taxa de passes certos é menos uma questão de calibragem do pé do passador que uma questão de coordenação em comum entre o passador e o receptor, para criar conexões simples em posições complexas. (ANDERSON; SALLY, 2013, p. 147).

Tais esclarecimentos nos levam a considerar que o método parcial serve mais (e melhor) para o desenvolvimento das capacidades físicas, também importantes para o jogo de futebol, do que para o desenvolvimento técnico do jogo. O que estamos afirmando é que a técnica, como modo de atuação que plasma o desenvolvimento histórico do futebol, como movimento objetivo organizado primoroso e refinado, deve, no jogo de futebol, atrelar-se substancialmente ao motivo/objeto que o estrutura internamente. A técnica no futebol serve

¹⁸ Romário é conhecido como *jogador formado pelo método de confrontação*, já que sua iniciação no futebol foi marcada pelo seu desenvolvimento nos *campos de pelada* das periferias do Rio de Janeiro, além de, declaradamente, *odiar* os treinos – a ponto de faltá-los frequentemente para jogar futevôlei em Copacabana –, mas *adorar* os jogos. Romário foi um dos melhores atacantes que o futebol historicamente produziu.

¹⁹ O treinador do Manchester City (Inglaterra), um dos melhores do futebol na atualidade, utiliza o Rondo, conhecido por nós como *bobinho/meinho*, em praticamente todos os seus treinos. O Rondo consiste num jogo em que, normalmente em círculo, os jogadores atacantes, via de regra em superioridade numérica, trocam passes, comumente limitados por jogadores, enquanto os jogadores defensores, dentro do círculo, geralmente em minoria, tentam interceptar os passes a fim de conquistarem a condição de atacante. Nele o treinador treina princípios fundamentais do jogo de futebol, como por exemplo, a posse de bola em ritmo acelerado, enquanto atacante, e a interceptação das linhas de passes possíveis, também em ritmo acelerado, enquanto defensor. Esses princípios, bem como outros, são acionados na dinâmica particular do jogo de futebol propriamente dito. (PERARNAU, 2014).

como meio para o controle efetivo da ação corporal de seu oponente através do domínio do espaço de jogo.

Diante do exposto, numa espécie de parênteses para a discussão que entendemos necessária, outras duas importantes formas de movimento são destacadas por Rubinstein (1977): a *Linguagem*, como função motora que estabelece e é estabelecida por uma dinâmica semântica histórica na relação comunicativa do sujeito que fala com o sujeito que ouve; os *Movimentos do trabalho*, que apresentam diferenciações significativas, altamente especializadas, de acordo com a atividade de trabalho à qual se vinculam e de suas operações particulares nele efetivadas. Essa forma de movimento caracteriza, a nosso ver, o melhor entendimento sobre a técnica como modo mais adequado para a realização de determinada atividade.

[...] Para estes pertencem também os movimentos suavemente sutis e perfeitos, virtuosos, como os do pianista, do violinista, do violoncelista, [do futebolista], etc. A exatidão, rapidez e coordenação dos movimentos do trabalho, sua adaptação às concretas condições do processo laboral, sua segurança e habilidade são essenciais para a atividade laboral, e isso não somente para a maior economia possível de forças, quer dizer, *para a obtenção do máximo efeito com o mínimo esforço*, senão também para a mais perfeita e exata *realização da intenção*. [...] (RUBINSTEIN, 1977, p. 603, grifos nossos).

Entendemos aqui que os movimentos sofisticados, sutis e refinados do processo de trabalho identificam-se com a técnica. O *movimento objetivo organizado* atrelado à qualidade da ação de determinada atividade constitui-se como técnica, como modo mais adequado de atuação na atividade, manifestando-se como o resultado da efetivação da prévia ideação de modo econômico, isto é, com o máximo possível de resolutividade e o mínimo possível de esforço. Para nós, esse componente que acabamos de pinçar do conceito de movimento de trabalho em Rubinstein correlaciona-se substancialmente com a atividade de jogo, que se estabelece na forma particular de esporte, no atual modo de produção.

Nesse sentido, a frase cotidiana relativa ao esporte de que a técnica se sobressai em relação à força, de certa forma não deixa de explicar parte do real, porém não o explica em sua totalidade. No esporte, o que melhor destacou essa máxima esportiva foram as mais diversas artes marciais. Bruce Lee, inicialmente, e a família Gracie²⁰, em seguida, organizavam sistematicamente desafios, nos mais diversos lugares e com os *maiores lutadores* (em estatura, altura e força; em ranking e fama) do mundo, para demonstrar que o *lutador pequeno*, aparentemente mais frágil, poderia ganhar do *lutador grande*, supostamente

²⁰ Bruce Lee foi um dos mais conhecidos lutadores e professores de artes marciais chinesas. Também foi inventor da arte marcial denominada Jeet Kune Do (O caminho do punho interceptor). A família Gracie é conhecida por criar o jiu jitsu brasileiro, bastante difundido no Brasil e no mundo.

mais forte, numa espécie de forma moderna do confronto Davi e Golias, sendo que o resultado bíblico comumente se efetivaria na modernidade, com as técnicas desenvolvidas por Lee e Gracie, o que comprovava a tese esportiva.

No futebol, no primeiro clássico entre nações no mundo, ocorrido na década de 1870 entre Inglaterra e Escócia, a primeira era a favorita em relação à segunda, justamente pela suposta *força física* em relação aos oponentes. As apostas dos jornais e expectadores em ascensão da época eram todas direcionadas aos ingleses, não apenas por serem os inventores do futebol, mas, sobretudo, pelo seu porte físico avantajado, enquanto os escoceses, representado o contrapondo, eram franzinos e teoricamente mais fracos. O final do confronto entre as nações demonstrou que existem mais coisas, quando se trata do jogo, do que o conflito físico, e que os jornais e expectadores, não sabendo disso até então, descobriram que estavam errados.

[...] Em essência, eles [escoceses] eram mais leves do que os ingleses. É indicativo do caráter físico daquele futebol o fato de muitos especialistas esperarem que a vantagem de peso daria à Inglaterra uma vitória confortável, mas essa expectativa serviu apenas para estimular a imaginação. Embora as evidências não sejam conclusivas, é provável que [...] o Queen's Park²¹ tenha decidido que deveria tentar passar a bola contra a Inglaterra, em vez de buscar o embate corpo a corpo no qual seria superado na força; e a formação usada foi definitivamente um 2-2-6. O plano funcionou. A Inglaterra, de tradição mais estabelecida e com muito mais jogadores para escolher, era a favorita, mas foi contida em um empate sem gols. “Os ingleses”, afirmou o relato do Glasgow Herald, “tinham toda a vantagem relativa ao peso – eram cerca de doze quilos em média mais pesados do que os escoceses (um pequeno exagero) – e também no que dizia respeito à velocidade. O ponto forte do clube da casa foi que seus jogadores atuaram incrivelmente bem juntos”. (WILSON, 2016, p. 30-31).

Esse confronto específico colocou a vantagem da força física dos *grandalhões ingleses* diante dos *pequenos escoceses* em cheque e *abriu espaço* ao reforço da máxima esportiva de que a técnica supera a força física, já que, de acordo com Franco Junior (2007), a Escócia venceu dez dos dezesseis primeiros confrontos com a Inglaterra. O Davi do futebol venceu o Golias, e não foi apenas uma vez.

De forma mais sutil, mas não menos presente, na atualidade do futebol, principalmente nas categorias de base, essa relação técnica versus força física se mantém. Os clubes de futebol vêm preferindo jogadores com maior vigor e porte físico no processo seletivo das categorias de base. No documentário da Netflix, intitulado *Antonie Griezmann: Nasce uma Lenda*, que conta a história do jogador francês, um dos principais protagonistas do título mundial da seleção francesa na Copa do Mundo de 2018, na Rússia, hoje jogador do Barcelona, destaca-se que vários clubes franceses rejeitaram o jogador simplesmente por ser

²¹ Clube que representou a Escócia no confronto contra a Inglaterra. (WILSON, 2016).

franzino. Diante desse impeditivo posto pelo contexto futebolístico, o jogador buscou, junto a seu pai, de fato, outros campos. Foi à Espanha, onde acabou se iniciando profissionalmente no clube Real Sociedad, time que o formou nas categorias de base.

Outro time espanhol, porém mais famoso, o Barcelona, formou talvez o futebol mais eficiente e avançado de *todos os tempos*, que ficou conhecido mundialmente como Tiki Taka. A ideia-chave desse estilo de jogo, como estratégia-síntese estabelecida desde as *canteras* – denominação das categorias de base do clube catalão – consistia num jogo em que a posse de bola estruturava e edificava as ações de ataque e ao mesmo tempo de defesa, orientado pelo jogo de posições (como vimos brevemente, uma espécie de ataque por setores). O passe se apresentava como principal operação da construção das ações de ataque da equipe catalã. Nele, três jogadores franzinos, com 1,70 metros cada, foram peças fundamentais. O argentino Messi e os espanhóis Xavi e Iniesta, *pratas da casa*²², foram protagonistas desse futebol bonito, envolvente e eficiente, filho do Futebol Total, que conquistou 14 dos 19 títulos disputados, sob o comando do treinador e ex-jogador catalão, também franzino, Pep Guardiola. Os Davis do futebol também venceram os Golias; no entanto, não o fizeram porque superaram a força pela técnica, mas usaram a força adequada à disposição do modo mais adequado, com certo *ingrediente* coletivo, de efetivação da atividade de jogo de futebol, mesmo porque, como vimos e novamente reforçamos, a força é um conteúdo da técnica, e não a sua negação.

Na verdade, o que defendemos aqui é que a técnica não se contrapõe à força, mas sim se apropria adequadamente dela, combinando-a com os outros conteúdos (rapidez, exatidão, flexibilidade, tempo etc.) na realização de determinada tarefa da atividade de trabalho.

Como adendo, nessa direção da técnica a serviço da atividade de trabalho, é preciso destacar desde já que, no futebol, algumas técnicas foram surgindo no cerne de sua gênese, em solo britânico, principalmente quando o profissionalismo se colocou em campo, na década de 1880, e permitiu que os jogadores, sendo jogadores de futebol e não mais profissionais (tecelões, fiadores etc.) que jogavam futebol, melhor desenvolvessem suas máximas potencialidades em seus movimentos e ações no jogo de futebol e nos treinos para os jogos. Como atividade de trabalho, o jogo de futebol se fez presente na vida cotidiana dos sujeitos em lugares diversos, seja em momentos de lazer, seja como atividade *para a vida*, o que contribuiu para o desenvolvimento das técnicas na lógica do jogo.

²² Termo utilizado para designar os jogadores que foram formados no clube.

Ainda acerca da especificidade do movimento humano, outros autores entraram em campo e nos ajudaram na compreensão e, ao mesmo tempo, na configuração do ser da técnica. Bernstein (apud VERESOV, 2006) nos traz o conceito de *movimento vivo*. O autor, enfrentando no âmbito da psicologia a relação psicofisiológica dada ao movimento do organismo, destacou que o movimento humano não possui característica meramente passiva e reativa, mas também *ativa* direcionada à resolução de uma determinada tarefa. Assim, frisou que qualquer *movimento vivo*:

[...] é um processo de solução de alguma tarefa motora. Se a causa de um ato reativo é o irritante que o desencadeou, a causa de um ato ativo é uma imagem psicofisiológica do que ainda não existe, do que ainda precisa acontecer - ou seja, algum tipo de modelo (imagem) do futuro necessário. (BERNSTEIN, apud VERESOV, 2006, p. 4).

Bernstein, no trecho a seguir, realça a relação orgânica entre a fisiologia e a psicologia na edificação dos movimentos e ações humanas, trazendo à tona a complexidade da interação entre o ato consciente, volitivo e mediado, e o ato automatizado.

A rigor, na estrutura dinâmica de movimentos e ações vivas complexas, a fronteira entre o fisiológico e o psicológico é apagada. Mais precisamente, esse limite se torna móvel. Um ato consciente, volitivo e mediado, que coagula e se torna automático, se transforma em um ato reflexo não-volitivo, direto. E inversamente, um movimento "reflexo", incorporado a um todo complexo como sua parte subordinada, pode novamente adquirir significado independente, entrar na esfera da consciência e tornar-se um ato volitivo. E o problema da transformação de um ato volitivo mediado em um ato direto não-volitivo e vice-versa é um dos mais complexos e menos estudados na psicologia contemporânea, ou pelo menos na teoria psicológica da atividade. (BERNSTEIN, apud VERESOV, 2006, p. 4, grifos do autor).

O que Bernstein (Apud Veresov, 2006), apresenta, diferentemente do que a psicologia tradicional vinha trazendo, é a característica *aferente*, e não apenas reflexiva, do movimento. Isso quer dizer que o sujeito se movimenta orientado à realização de uma determinada tarefa, para a efetivação consciente de uma determinada finalidade/motivo. Assim, o sujeito dinamiza uma cadeia de movimentos vivos. Movimentos esses que *articulam atos-conscientemente volitivos* com *atos operacionalizados*, automatizados pelo processo histórico-ontogenético, em neoformações, constituindo unidades psicofisiológicas.

Nessa mesma direção, Rubinstein (1977) destaca que o movimento humano é constituído por um complexo sistema aferente-eferente. Os impulsos aferentes são os que regulam o movimento. Eles permitem essa plasticidade do movimento, de acordo com a tarefa que o sujeito deva resolver na atividade e com a experiência prévia (conhecimento) do sujeito na efetivação dela. É por meio do movimento como componente da ação que se executa uma tarefa. A atuação do homem é, assim, formada por uma complexa unidade sensório-motora

produzida pelo conhecimento, por uma síntese cognoscitiva muito complicada na realização da atividade.

Não há dúvida de que a forma perfeita dos movimentos é a ação racional, pois caracteriza o ser humano. No laboratório do Instituto Estatal de Psicologia se estudou a forma como, em soldados feridos, cujo aparato móbil periférico estava lesionado, se produzia o restabelecimento dos movimentos. Aqui se viu claramente que com a alteração da tarefa, que deve ser resolvida por meio de movimentos, variavam não somente a extensão do movimento (investigação de Galperin e Ginevska), senão também a coordenação (investigação de Komm e Merlin). Assim, um enfermo não podia levantar a mão se se lhe pedia para levantar a mão até um ponto determinado. Mas podia efetuar esse movimento tão pronto quando lhe dizia para pegar um objeto que se encontrava na mesma altura. Dessa maneira se modificam com a mudança da tarefa e da motivação variada por aquela também os mecanismos neurológicos do movimento, em especial o caráter dos impulsos aferentes que regulam os movimentos. Esses fatos contradizem as opiniões tradicionais, vulgarmente dualistas, segundo as quais os fatores psicológicos da atividade humana são forças que regulam desde fora os movimentos, enquanto que o movimento se considera como um fenômeno puramente psíquico, para cujo caráter fisiológico carecia de relevância a relação psicofísica. Na realidade, segundo demonstram os fatos, este contexto psicofísico é determinante para o caráter fisiológico do movimento. Este representa uma autêntica unidade psicofísica. (RUBINSTEIN, 1977, p. 605-606).

Dialogando com essa compreensão, Zaporózhets (1987), estudando a psicologia do desenvolvimento da motricidade na criança pré-escolar (de 3 a 6 anos), baseado em experimentos de pesquisas realizados por colegas russos (Gorinévskaia, Guinévskaia, Dimanshtein, entre outros) além de seus próprios experimentos, apresenta algumas importantes contribuições para o nosso estudo, sobretudo na ratificação do destaque dado por Rubinstein e Bernstein, apontados por nós, acerca da assimilação e efetivação consciente da atividade, movida pela orientação da tarefa na estrutura da atividade e pelos motivos para sua realização.

Diferente do animal, a criança domina conscientemente novas formas de movimento. O desenvolvimento de sua motricidade não transcorre de forma isolada, está incluído no contexto mais amplo do desenvolvimento da *atividade da criança* e depende das *tarefas* que diante dele se colocam e dos *motivos* que o impulsionam a atuar. (ZAPORÓZHETS, 1987, p. 72, grifos nossos).

Principalmente por meio do estudo do salto, movimento altamente complexo tanto para a criança pré-escolar quanto para o adulto, Zaporózhets (1987) chegou ao resultado de que na idade pré-escolar a tarefa deva ser orientada pela atividade principal do sujeito para que a qualidade da ação seja efetivada. Isso significa dizer que para a criança, apesar de resultados menos eficientes em relação às orientações dadas pelos adultos de *saltar mais longe* ou *saltar até determinada marca*, do ponto de vista prático, a atividade de jogo de papéis cumpre papel fundamental no aspecto psicofisiológico. A solução prática na atividade de jogo de papéis condiciona o desenvolvimento ulterior do salto e das demais habilidades motoras complexas.

O autor realizou experimentos científicos em que eram solicitados saltos em diversas situações e orientações para a criança em idade pré-escolar. As crianças saltavam, a pedido dos adultos, imitando um atleta de salto em distância (tarefa: salte como um atleta); ou sendo orientadas para o estabelecimento de uma marca (tarefa: salte o máximo que puder). A realização das tarefas mencionadas, do ponto de vista motor, não foram ao todo ruins. Porém, as crianças ficavam *desmotivadas* para a realização da atividade. Ao contrário, na *brincadeira de coelho e caçador*, a criança encontrava motivo para continuar saltando e, portanto, qualificava-se sua ação de salto dentro da lógica do jogo de perseguidor e fugitivo, papéis estes representados objetivamente no referido jogo (ZAPORÓZHETS, 1987).

Na atividade de jogo de papéis, cujo conteúdo são as relações humanas (brincar de motorista de carro, de médico, de professor), a criança é impulsionada a se engajar de forma consciente na realização da tarefa ao jogar. Na criança, de forma geral, a atividade de jogo motiva, engaja-a na realização das tarefas, qualificando, assim, a assimilação dos movimentos conscientes. No movimento de salto, o que a impulsiona a saltar é a orientação da tarefa e, principalmente, o motivo para sua realização (ZAPORÓZHETS, 1987).

O autor evidencia que “os *motivos* do jogo, que criam na criança estímulos tão fortes para realizar uns ou outros movimentos, geram condições específicas para seu desenvolvimento, deixando assim um rastro peculiar em toda fisionomia motora do pré-escolar” (ZAPORÓZHETS, 1977, p. 77, grifos do autor).

Embora as novas e complicadas habilidades motoras não são produzidas no jogo, mas são assimiladas pela criança pela aprendizagem direta, o jogo cria condições especialmente favoráveis para dominar estes movimentos. [...] No jogo do pré-escolar o movimento pode converter-se, pela primeira vez, de meio para alcançar determinados resultados em uma finalidade da atividade da criança e, com isso, transformar-se em objeto de sua consciência. [...]. O domínio do movimento [no jogo de papéis] se converte na finalidade da atividade da criança. Trata conscientemente de reproduzir os movimentos característicos de determinado personagem, transmitir intencionalmente suas maneiras peculiares. (ZAPORÓZHETS, 1987, p. 82).

De forma geral, a tarefa e o motivo cumprem papel importante para a assimilação e desenvolvimento de determinado *movimento objetivo organizado*, transformado historicamente, no seio da vida cotidiana dos sujeitos em técnica, em modo de atuação mais adequado para a realização de determinada ação de uma certa atividade.

Nesse processo de assimilação e desenvolvimento da técnica, há, portanto, que situar-se o sujeito singular em suas atividades principais, para que essa assimilação e desenvolvimento possam efetivar-se qualitativamente, de modo mais correto possível. Para isso, a atividade principal, atividade reatora, deve ser considerada na organização do ensino para a assimilação e o desenvolvimento da técnica em determinada atividade. Os motivos do

sujeito na atividade principal de estudo e de atividade laboral são outros. Não aprofundaremos essa questão neste trabalho, todavia acreditamos ser importante tal indicação.

O que reforçamos, para o propósito deste trabalho, ancorados no time russo, com Rubinstein, Berstein e Zaporózhets, é que o contexto psicofísico é determinante para o caráter fisiológico do movimento humano. A técnica, como objetivação humana nesse processo de assimilação do ser singular, desempenha importante papel como conhecimento, como modo de ação qualificado, o mais adequado (correto) possível, afirmado e reafirmado na prática social, na vida cotidiana dos sujeitos, a ser assimilado pelo sujeito singular que o realiza e que simultaneamente, ao realizá-lo da melhor maneira possível, contribui para a apropriação da atividade como um todo, bem como colabora para o processo de permanência e aperfeiçoamento da ação na atividade e de continuidade e progresso da própria atividade.

A técnica é um modo de atuação mais adequado, um conhecimento correto, amparado na tendência da racionalidade do movimento humano, plasmado e condensado ao longo da constituição da história da atividade na qual se engaja. Contudo, ela não pode ser *vista de fora, vidrada* ao meramente aparente. Aqui para nós está o risco do ensino da técnica no futebol sem estar substancialmente atrelada a tarefas que realizem o motivo da atividade. No futebol, como vimos, o sujeito singular deve ser orientado a agir, do melhor modo possível, engajado ao controle coletivo da ação corporal do outro dominando o seu espaço.

Perante o exposto, Rubinstein (1987, p. 606) ainda contribui com nosso estudo ressaltando que “as formas evoluídas de motilidade, que se desenvolveram ao longo de um longo desenvolvimento filogenético e histórico, também se desenvolveram ontogeneticamente em um longo processo”. Ou seja, desde a gênese do futebol, os movimentos objetivos organizados foram sendo refinados, pelos seus jogadores, à medida que se vinculavam conscientemente às tarefas que levassem as equipes pertencentes a resoluções de problemas internos do jogo. O motivo consciente dos jogadores de futebol, ao longo de seu processo histórico, na relação opositiva posta, atrela-se ao controle da ação corporal do outro pelo domínio de espaço. Nesse processo de conscientização coletiva da atividade de jogo de futebol, modos de atuação adequadamente refinados foram surgindo na esteira histórica do futebol, desenvolvendo-o, como *conhecimentos corretos* da atividade, como ferramentas que controlam o movimento meramente instintivo, e se desenvolvendo nos próprios sujeitos atuantes, numa interação substancialmente orgânica.

Outro elemento importante a destacar e que, de certa forma, demarca a diferenciação entre o movimento humano e o movimento animalesco é o de que aquele apresenta característica revogável. O movimento humano objetivo organizado hoje existente pode *não*

mais existir, seja pela extinção da atividade ou modificação de suas leis, seja pelo aprimoramento da ação e da atividade. Uma técnica outrora utilizada pode, inclusive, ser substituída por outra técnica. Também é fundamental destacar que o ato humano singular no trabalho é estabelecido conscientemente.

[...] Não devemos nos confundir pela aparência de que em cada trabalho executado a maior parte dos atos singulares não mais possui um caráter diretamente consciente. O elemento “instintivo”, “não consciente”, baseia-se aqui na transformação de movimentos surgidos conscientemente em reflexos condicionados físicos. No entanto, não é isso que os distingue, em primeiro lugar, das expressões instintivas dos animais superiores, mas, ao contrário, o fato de que esse caráter não mais consciente é continuamente revogável, sempre pode acabar. Foram fixadas por experiências acumuladas no trabalho, mas outras experiências podem, a cada momento, substituí-los por outros movimentos fixos e revogáveis. A acumulação das experiências do trabalho segue, portanto, um duplo caminho, eliminando e conservando os movimentos usuais os quais, porém, mesmo depois de fixados como reflexos condicionados, sempre guardam em si a origem de um pôr que cria uma distância, determina o fim e os meios, controla e corrige a execução. (LUKÁCS, 2013, p. 81, grifos do autor).

Nesse movimento revogável conscientemente nos atos singulares para o atendimento do melhor modo de execução de determinada atividade de trabalho, estrutura-se a técnica. Nela a experiência acumulada nas operações/ações da atividade de trabalho, por meio do refinamento e da sofisticação de movimentos objetivos organizados, vai se constituindo como uma verdade para a atividade. O sujeito singular, como destacamos, domina a técnica de efetivação de determinada operação/ação de trabalho, podendo inclusive substituí-la por uma técnica mais precisa na execução de uma ação da atividade. A técnica acumula as experiências dos sujeitos singulares anteriores conservando-se, de modo histórico, no sujeito singular e, ao mesmo tempo, possibilita sua própria superação na ação de outro sujeito singular.

Para o sujeito singular desenvolver esses modos de atuação historicamente produzidos por gerações precedentes, é necessário um longo processo educativo, de apropriação e aprimoramento deles, por meio de treinamentos e jogos.

A habituação pelo treinamento serve no esporte para que o indivíduo contentor possa concentrar toda sua capacidade consciente sobre a questão da tática adequada para conseguir o êxito, etc. Esse “passo ao inconsciente” não estreita pois o âmbito do jogo da consciência, mas o amplia”. (LUKÁCS, 1966, p. 98).

Nesse processo da ampliação da esfera da consciência, justamente pelo movimento de transformação do consciente em inconsciente, por um processo de apropriação de conhecimento, inclusive do conhecimento técnico, acontece a edificação, no sujeito, de habilidades complexas, em que se torna necessário, na atividade de jogo ao qual esse modo de atuação se orienta, de acordo com Leontiev (1978), a automatização de ações conscientes convertidas em operações motoras auxiliares.

Zaporózhets (1987) nos traz importantes contribuições, embasado em Leontiev, para o entendimento da conversão de uma *ação consciente autônoma* em uma *operação motora auxiliar* na formação de uma habilidade motora.

Utilizando palavras de A. Leontiev, diremos que o procedimento de formação de hábitos, desde abaixo, por via da adaptação às condições existentes durante a realização da ação, é substituído pela formação de habilidades motoras como se fosse de cima, por via da conversão das ações conscientes autônomas em operações motoras auxiliares. (ZAPOROZHETS, 1987, p. 73).

O autor ainda destaca que as habilidades motoras são formadas na dinâmica de conversão de ações conscientes autônomas em operações motoras auxiliares (ZAPORÓZHETS, 1987). Essa conversão é potencializada pela apropriação pelo sujeito singular das técnicas do futebol, no sentido com que vimos tratando, como modo de atuação mais adequado, que plasma nele os seus avanços históricos como meio efetivo de realização das ações de jogo, seja de ataque ou de defesa, orientados à sua dinâmica interna de controlar o oponente dominando seu espaço, e que funcionando como meio transporta a possibilidade de outros possíveis avanços na continuidade sempre renovada de tal domínio conquistado. A apropriação do conjunto de *técnicas* na estrutura orgânica com os aspectos táticos e estratégicos torna-se o ser singular apto, melhor dizendo, *habilidoso* para desempenhar o jogo de futebol. Reforçamos que estamos considerando, assim, a técnica como um tipo determinado de conhecimento que traz consigo os progressos do gênero humano na atividade orientados para a evolução futura.

Ainda nesse aspecto mais geral da assimilação de um conjunto de técnicas pelo sujeito singular e seu aprimoramento como meio, operação motora fundamental de uma determinada ação de futebol, como a de ataque por exemplo, é importante, assinalarmos, podermos aprofundar, o papel do sistema nervoso central. Para Bernstein o sistema nervoso central possui papel fundamental pois permite a *fixação* das técnicas adquiridas no processo de formação cultural do ser singular a ponto de colocá-las em movimento sempre que acionadas em situações específicas similares. Ele afirma

[...] que no momento em que um movimento começa, todo o conjunto de engramas necessários para concluir esse movimento já estão presentes no sistema nervoso central. A existência de tais engramas é comprovada pelo próprio fato da existência de habilidades motoras e de movimentos que se tornaram automáticos. (BERNSTEIN, 1990, p. 281, apud VERESOV, 2006, p. 3).

Nesse sentido nos orienta Rubinstein (1987, p. 607, grifos nossos):

Os complicados movimentos voluntários com que o indivíduo realiza seus atos se desenvolvem ontogeneticamente por meio da apropriação de certos *modos de ação socialmente elaborados*, de certas operações de trabalho, etc., que foram alcançados no processo educacional.

Eis a importância da compreensão do ser da técnica e do processo educativo da organização do ensino da técnica para a formação do sujeito singular. Passamos a seguir a apresentar como foram surgindo as técnicas do futebol na gênese e no desenvolvimento desta atividade particular

1.3.2 A gênese da técnica do futebol

Pretendemos, neste item, compreender mais detidamente como um movimento humano indiferenciado, fortuito, vai se transformando socialmente em um *movimento objetivamente organizado* e sistematizado a serviço de determinada atividade, isto é, perspectivamos destacar como um *movimento espontâneo* vai se metamorfoseando em técnica, em um conhecimento, um modo de ação que possibilita objetivamente primar a realização da atividade e, ao mesmo tempo, sua apropriação mais refinada. Nessa dinâmica, a técnica condiciona, ou seja, é meio de efetivação da atividade e, ao mesmo tempo, é condicionada pela própria atividade.

Avancemos um pouco mais, nesta seção, na qual daremos continuidade à elucidação do processo de objetivação da técnica, iniciada no capítulo anterior. Para tal propósito, como caminho metodológico de exposição, apresentaremos esse movimento de configuração da técnica como condição para o surgimento e desenvolvimento da especificidade do jogo de futebol e, simultaneamente, para uma apropriação da qualidade específica desse jogo. Ao fazermos esse movimento, pretendemos continuar evidenciando os conteúdos internos da técnica por dentro da dinâmica da atividade particular de jogo de futebol.

Cabe-nos, portanto, apresentar os processos e os motivos que levaram ao surgimento e ao desenvolvimento da atividade de jogo de futebol e como, nele, um *movimento humano espontâneo* foi se transformando em um *movimento objetivo organizado*, em um tipo de conhecimento afirmado e reafirmado na prática social, na vida cotidiana dos sujeitos, de modo que efetivasse a *continuidade sempre renovada* do autodomínio do gênero humano, isto é, como um movimento espontâneo vai se transformando em técnica, em um modo de ação histórico e socialmente sofisticado para a realização primorosa de determinada atividade.

Dito de outro modo, utilizando-nos de um exemplo, objetivamos apontar como a ação de *chutar* transformou-se no *chute deliberado e intencional* do jogo de futebol, em modo de execução, em meio mais adequado para a sua realização, ou seja, em técnica. Para isso, necessitamos adentrar a lógica de criação do futebol apresentando as condições objetivas que o formaram, mesmo porque, como nos orienta Rubinstein (1977), o movimento humano, como componente da ação, se forma na relação objetiva com a atividade.

1.3.2.1 O chute libertou-se: da esfera prático-utilitária à atividade lúdica

Galeano (1995) destaca que a origem do futebol se deve aos chineses, os quais, em cinco mil anos, organizaram os primeiros jogos com bola. Proni (2000) e Giulianotti (2002) apontam que jogos em que se *chutava*²³ uma bola existiram desde a Antiguidade, no Japão, Grécia, Roma e, inclusive, na China, tal como nas civilizações nativas das Américas e na Europa Medieval. Nascimento (2014) aponta particularidades de jogos com bola nas sociedades astecas e maias, do mesmo modo que destaca a particularidade do *cálcio*, jogado, entre os séculos XVI e XVII, em Florença, na Itália. Wisnik (2008) salienta outra particularidade de jogos com bola, o *soule*, que se constituiu nas regiões francesas no período medieval ou, do que ele mesmo vai denominar, período pré-moderno. Porém, veremos que os *chutes dados no solo inglês* determinaram e foram determinantes para o surgimento e o desenvolvimento do futebol.

Os *jogos com bola* citados no parágrafo anterior apresentam como característica comum uma *dimensão prático-utilitária*, sem um fim em si mesma. Esses jogos eram, portanto, uma ação da finalidade de treinamento bélico ou se edificavam a serviço de uma função simbólica, na esfera política, econômica, religiosa, festiva e/ou ritualística. Jogavam-se esses jogos, cada qual com sua particularidade, com finalidades vinculadas a uma esfera prático-utilitária. (NASCIMENTO, 2014).

Dos jogos atrelados ao treinamento militar destacamos, para efeito de nossa análise, os jogos com bola do Império Romano e dos chineses no século II a.C. De forma geral apontamos que as ações desses jogos se realizavam atreladas à finalidade de treinamento bélico. Isso significa dizer que elas aconteciam na cotidianidade dos sujeitos como forma de preparação para a atividade de guerra. As ações – de pontapés e chutes, socos e palmadas, conduções de bola com mãos e pés, contatos físicos etc. – estavam a serviço do treinamento para as ações de guerra. Quando chegava a guerra, esses jogos pouco serviam para o cotidiano dos sujeitos do Império. Longos períodos de guerra significavam longos períodos de ausência desses jogos.

Uma primeira forma de reconstituição de uma situação de oposição ou de um conflito real é a sua reconstituição *direta* sob a forma de uma situação simulada de combate. Essas situações visavam atender a um objetivo geral de treinamento militar. Esse era o caso dos “jogos com bola” dos chineses e romanos praticados por volta do século II a.C. (SPEAK, 1999).

²³ Estamos enfatizando de forma direta o chute no futebol, cientes de que o chute é apenas o fenômeno desta atividade, não a própria atividade. Outras ações realizam a atividade de jogo de futebol. Contudo, temos clareza de que o chute é a ação, o movimento sistematizado que melhor representa/simboliza essa atividade específica, mesmo quando esse movimento se realiza de forma espontânea.

Essa reconstituição de um conflito físico ou de uma oposição bélica por meio de ações com bola e nas quais grupos opostos se enfrentavam na tentativa de alcançar um mesmo objetivo (por exemplo, levar a bola até o campo do outro grupo e, ao mesmo tempo, proteger o próprio campo para que a bola não chegasse nele) possuía dois objetivos principais com relação ao treinamento militar: a) aprimorar o combate sem armas (já que nessas formas de jogos os *meios* para se impedir o deslocamento de um jogador podiam ser abertamente o combate físico, uma luta corporal), b) aprimorar uma dimensão tática do treinamento com relação à disposição e ocupação do terreno em situações de combate. (NASCIMENTO, 2014, p. 99-100, grifos da autora).

Dos jogos medievais, destacamos dois com características similares, o *soule* francês, que apontaremos brevemente, e o *football* inglês, o qual queremos ressaltar neste momento, já que nele, especialmente, encontra-se o germe do surgimento e desenvolvimento do futebol que conhecemos. Tanto o *soule* como o *football* aconteciam nas plebes de seus países e vinculavam-se a um calendário festivo religioso. O *soule*, por exemplo, tratava-se

[...] de uma *festa popular* (grifos do autor) praticada em regiões da França ao longo dos séculos desde pelo menos meados da Idade Média, análoga a outras modalidades registradas nas ilhas britânicas (como o foeth-ball e o knappan), e caracteriza-se como uma encarnizada disputa de bola – espécie de vale-tudo da pelota – empreendida por grupos inumeráveis de pessoas, contando-se às centenas, usando pés e mãos para todo tipo de choques, além de escaramuças e emboscadas lúdicas e agressivas, espalhando-se pelas bordas de povoados e cidades, entre campos, bosques e brejos, numa disputa sem margens definidas à qual nunca faltaram contusões graves, ferimentos, fraturas e, segundo relatos, não descartadas nem propriamente raras, mortes. (WISNIK, 2008, p. 76-77).

As festas não eram realizadas *frequentemente* no cotidiano da comunidade. Elas aconteciam em datas específicas do calendário comemorativo religioso cristão, o que dificultava sua produção e a reprodução do *soule todos os dias*. O *soule*, portanto, era uma ação pontual da atividade festivo-religiosa da plebe. Além do mais, as proibições frequentes das autoridades, pelo caráter violento e baderneiro do jogo, cerceava sua prática constante. Essa condição *não cotidiana* inibia o surgimento e o desenvolvimento de habilidades – com as mãos e os pés – nas ações com a bola no *soule*. Acabavam-se as festas, vedava-se o surgimento e o desenvolvimento de ações cada vez mais esmeradas no *soule*. Além disso, as regras não eram bem definidas e codificadas, funcionando praticamente como uma espécie de *vale tudo*, o que também dificultava sua reprodução consciente.

Com uma configuração diferente em relação ao *soule*, na Itália renascentista um jogo com bola merece nosso destaque: o famoso *calcio*. Surgido em Florença no século XVI, o *calcio* é, para muitos, a primeira versão do futebol moderno²⁴ (PRONI, 2000). Nascimento (2014) acrescenta que o *calcio* foi uma forma particular de jogo com bola que, inclusive,

²⁴ Principalmente para os italianos. O futebol na Itália é denominado calcio. Inclusive na atualidade, o time de um dos protagonistas das cenas que analisaremos no próximo capítulo, Ibrahimovic, chama-se oficialmente Associazione Calcio Milan, bem como o time de Napoli, onde jogou, de forma memorável, Diego Armando Maradona, chama-se *Società Sportiva Calcio Napoli*.

diversamente dos jogos anteriormente realçados, apresenta um fim em si mesmo. Diferentemente do *soule*, o *calcio* apresentava regras claras, com espaços, tempo de jogo e número de jogadores definidos. Nesse sentido, no que concerne ao desenvolvimento das ações com bola, ele manifesta uma diferença significativa em relação aos demais jogos com bola pré-revolução industrial.

O jogo de *calcio* apresentava as seguintes regras: participavam 27 homens de cada lado, distribuídos em 3 linhas. Podiam usar pés e mãos para golpear a bola e para desestabilizar o jogador (GALEANO, 1995). Contudo, o *calcio* era uma prática exclusiva da nobreza. Era um jogo codificado e organizado. Apresentava, além do exposto, um terreno delimitado e um tempo estipulado. Havia regras que limitavam as ações violentas dos jogadores dentro de campo, mesmo porque esse jogo particular apresentava uma preocupação educativa. O jogo servia para a educação dos jovens cidadãos nobres. Buscava-se, por meio dele, canalizar a raiva dos homens (NASCIMENTO, 2014). O *calcio* possuía árbitro e havia inclusive torneios em que disputavam quatro equipes representando quatro zonas tradicionais da cidade, associadas às suas igrejas: Santa Croce, Santa Maria Novella, Santo Spirito e San Giovanni (WISNIK, 2008).

No entanto, apesar da codificação e regulamentação do *calcio* e das aparentes semelhanças com o futebol da atualidade, destaca-se a inferência histórica de que o *calcio* não se desenvolveu, no sentido de que suas regras não se universalizaram. Ele ficou restrito à geografia e à nobreza florentina, bem como se estabeleceu de fato na era medieval renascentista. Assim, o *calcio* praticamente deixou de ser praticado após o século XVII, com o fim do Renascimento (NASCIMENTO, 2014).

Aquelas ações com os pés e as mãos, atreladas à finalidade de recreação, um passatempo, para a nobreza italiana representaram, provavelmente, certo grau de domínio primoroso da realidade. As regras com os espaços e números de jogadores limitados, com seus eventos festivo-competitivos, permitiram que movimentos espontâneos de chutes e socos na bola pudessem atingir certo nível de autodomínio do homem nessa atividade, passando a estabelecer movimentos objetivos organizados a ponto de serem produzidos e reproduzidos nas ações de jogo de *calcio*. Provavelmente também essas ações possuíam, pelas relações opositivas efetivamente colocadas, algum nível de desenvolvimento tático e estratégico.

Contudo, essas ações deixaram de se desenvolver, a nosso ver, por dois aspectos que se articulam. O primeiro seria o fato de a prática desse jogo com bola restringir-se apenas à nobreza renascentista, o que fez com que a esfera do cotidiano da maioria dos sujeitos acabasse pouco *irrigada* com essa atividade. O segundo e, talvez, o mais determinante, é o de

que o *calcio* apresentou seu fim articulado ao próprio fim do Renascimento, apesar da tese de uma possível continuidade pelas vias comerciais entre países, sobretudo europeus, hipótese histórica que não se pode excluir.

A esse respeito, encontramos em Marx elementos que nos auxiliam a refletir acerca da circulação de mercadorias e suas implicações histórico-culturais. Ao tratar da apresentação de como o dinheiro se transforma em capital, o autor destaca:

A circulação das mercadorias é o ponto de partida do capital. A produção de mercadorias e o comércio, forma desenvolvida da circulação de mercadorias, constituem as condições históricas que dão origem ao capital. O comércio e o mercado mundiais inauguram no século XVI a moderna história do capital. (MARX, 2010a, p. 177).

Assim, o comércio, que permite além da globalização das mercadorias a integração das demais relações como, por exemplo, as culturais, estava em desenvolvimento. Porém, acredita-se que o não desenvolvimento do *calcio* possa ser atribuído aos dois aspectos a que nos referimos, pois não havia as condições objetivas postas para a sua universalização. Todavia, não excluimos a hipótese de que os jogos populares ingleses, precursores do futebol e outras modalidades esportivas modernas, sofreram alguma influência do *calcio*.

A questão central aqui, entretanto, excetuando as questões particulares atreladas ao *calcio* já mencionadas, é que os chutes (também os socos, e obviamente todo o *corpo*, a *alma* e o *coração*) efetivados na bola até o Renascimento orientavam-se à atividades prático-utilitárias, ou seja, eram movimentos a serviço da ação de jogar para fins militares, ritualísticos e festivo-religiosos.

É certo que esses jogos com bola, mesmo sendo uma ação de outras atividades (bélicas, festivas etc.) vinculadas à vida prática e utilitária dos sujeitos, conseguiram desenvolver, em certa medida, suas técnicas, seus movimentos objetivos organizados de forma cada vez mais primorosa e refinada, transformando-os em conhecimento. No entanto, as restrições em seu desenvolvimento se efetivavam à medida que os movimentos com bola serviam à realização de determinada demanda da esfera prático-utilitária. Esses *jogos* eram ações de outras atividades, e não a própria atividade.

Nesse sentido, o *movimento objetivo organizado* sofisticado e refinado de determinada ação pôde se desenvolver em sua máxima potencialidade apenas quando o motivo de sua ação de *jogar* deslocou-se do *externo* ao *interno*, ou seja, quando a ação se transformou em atividade de *jogo*. Segundo Nascimento (2014), a finalidade prático-utilitária se estabeleceu no movimento de relativa autonomia, na busca dos meios para a realização de

uma atividade com fins prático-utilitários para uma atividade com os fins não utilitários, as denominadas atividades lúdicas, como o jogo e a arte.

Ao conquistar essa possibilidade de autonomia com relação a um motivo externo, os objetivos e formas específicas do jogo puderam ser destacados e ressaltados na direção de desenvolver as situações de oposição ali representadas. Foi possível ao homem *intensificar* e, ao mesmo tempo, *regular* cada vez mais as formas de oposição de jogo existentes. Novamente, aqui, estamos falando de um momento embrionário no processo de desenvolvimento da relação de *controle da ação corporal do outro*. Foi somente nas formas contemporâneas dos jogos com bola que essa ação de domínio consciente e voluntário das formas de oposição do jogo, com o fim específico de desenvolvê-los e ampliá-los, até os seus limites máximos pôde efetivamente se constituir como um *objeto* das atividades corporais. (NASCIMENTO, 2014, p. 105-106, grifos da autora).

Agora, nas formas contemporâneas de jogo, a orientação do sujeito que joga deve estar direcionada efetivamente ao seu objeto; nos jogos com bola, dentre eles o futebol, *ao controle da ação corporal do outro pelo domínio de espaço* (NASCIMENTO, 2014). É na relação com esse *objeto* que o homem vai engajar-se de forma cada vez mais consciente e volitiva, de modo a dominá-lo primorosamente e, ao fazê-lo, reciprocamente autodomina-se. É preciso enfatizar que o chute restrito a esse objeto não o limita, senão amplia suas possibilidades de aprimoramento. Os movimentos objetivos organizados ampliam-se a ponto de fazê-los, progressivamente, do melhor modo possível dentro da atividade de jogo.

Assim, o *chute* libertou-se das amarras das atividades prático-utilitárias, ainda que sendo nelas preservado, e passou a se sofisticar no universo de possibilidades das *atividades lúdicas*, sem fins práticos utilitários, em especial no jogo de futebol. O chute espontâneo, desprezioso, transformou-se em ação cada vez mais apurada da atividade lúdica do jogo de futebol, em chute objetivamente organizado como modo de ação aprimorado na efetivação dessa atividade particular.

1.3.2.2 O chute transformou-se: do jogo da plebe ao jogo da elite

Explicitado como um movimento fortuito foi se transformando em um movimento objetivo organizado, passaremos agora a examinar as relações concretas que demarcaram esses processos de transformação dos *jogos populares ingleses com bola*, chamados de *football*, com ações de uma atividade cuja finalidade era festivo-religiosa, em futebol como atividade sem fins prático-utilitários, o que potencializou, como *dynamis aristotélica*, o surgimento e o desenvolvimento das ações com bola cada vez mais aperfeiçoadas.

Veremos como as *ações com os pés*, pouco desenvolvidas nesses *jogos populares ingleses*, foram se transformando nos chutes do futebol, em movimentos organizados e sistematizados, transformados em técnicas, destacando os processos que configuraram essa

condição das *ações com os pés* de modo mais refinado no jogo de futebol, e quais condições essas ações foram possibilitando para o surgimento e desenvolvimento da especificidade do jogo de futebol.

Apresentaremos, na dinâmica interna da gênese do futebol, como esses movimentos e ações com bola pouco desenvolvidos nos jogos populares tornaram-se, aos poucos, movimentos objetivos e organizados do jogo de futebol, resultando em conhecimentos, meios adequados para a efetivação do jogo.

Começamos a trajetória de nossas reflexões acerca da gênese da técnica do futebol pelo seu lugar de origem, a Inglaterra. Os jogos com bola, denominados, como vimos, genericamente de football, foram levados à Inglaterra pelos legionários romanos (GALEANO, 1995), que tinham como finalidade usá-los como meio de treinamento militar (NASCIMENTO, 2014). Esses jogos populares merecem destaque quando se trata da origem do futebol, pois nela, por intermédio da Revolução Industrial, as condições favoráveis para o seu surgimento e desenvolvimento estavam objetivamente presentes. O início desses jogos populares se deu no século XII, em que se costumava, em várias localidades inglesas, comemorar a expulsão dos dinamarqueses, inimigos de guerra, *chutando* uma bola de couro, simbolizando a cabeça desses inimigos. Essas comemorações tornaram-se populares, parte integrante de um calendário festivo-religioso, e a prática de jogos com bola se estabeleceu frequente nas plebes, nas camadas populares (PRONI, 2000). Em 1314, inclusive, o Rei Eduardo II proibiu o *football* por causa da desordem que este causava nos feudos, principalmente por sua característica violenta (GALEANO, 1995; PRONI, 2000).

O futebol, que já se chamava assim, deixava uma fileira de vítimas. Jogava-se em grandes grupos, e não havia limite de jogadores, nem de tempo, nem de nada. Um povoado inteiro chutava a bola contra outro povoado, empurrando-a com pontapés e murros até a meta, que então era uma longínqua roda de moinho. As partidas se estendiam ao longo de várias léguas, durante vários dias, à custa de várias vidas. Os reis proibiam estes lances sangrentos: em 1349, Eduardo III incluiu entre os jogos estúpidos e de nenhuma utilidade, e há editos contra o futebol assinados por Henrique IV em 1410 e Henrique VI em 1547. Quanto mais o proibiam, mais se jogava, o que não fazia mais que confirmar o poder estimulante das proibições. (GALEANO, 1995, p. 30).

Esse futebol se jogava com objetos distintos. Era de certa forma violento, permitiam-se chutes e pontapés na bola e no oponente, uma espécie de *vale-tudo*. Não possuía regras claras e codificadas, variando muito de localidade a localidade. Não se determinavam números de jogadores nem se tinha um espaço de jogo definido: *todo lugar era o lugar do jogo*. As regras eram apenas passadas de geração a geração, nada ou quase nada era registrado e codificado. Esses jogos com bola aconteciam em momentos pontuais, atendendo, conforme mencionamos, à expectativa de um calendário festivo-religioso (PRONI, 2000).

Reforçamos que esses jogos populares com bola consistiam em uma ação da atividade prático-utilitária, atendendo à esfera festivo-religiosa. Por ser um determinado tipo de jogo, apresentava certa oposição objetiva, real, o que permitiu determinados avanços técnicos, táticos e estratégicos. Entretanto, nessa *falsa liberdade* de ações opositivas e movimentos em todos os lugares possíveis e de todos os modos possíveis, algumas poucas conduções de bola com os pés – ou até mesmo dribles e passes com eles – realizavam-se com certa intencionalidade. Essas ações se realizavam, talvez, mais casualmente do que com consciência nas combinações de movimentos técnico-tático-estratégicos possíveis. Todavia, nesses jogos populares da plebe inglesa, apesar de uma atividade mediada e, portanto, possível de desenvolvimento humano, as ações estavam mais cerceadas pelas barreiras naturais do que se afastando delas. O autodomínio do homem era limitado justamente por essa *falsa liberdade* de movimentos nas ações de certo modo desregradas e violentas presentes nesses jogos.

Esse futebol, jogado pelas camadas populares, foi aos poucos se transformando no jogo de elite. Tal mudança é atribuída a uma transformação no modo de produção e reprodução da vida na Inglaterra e que, posteriormente, se estendeu e se consolidou de forma global: o surgimento e a consolidação do *modo de produção do capital*. A ascensão da burguesia como a classe dominante da sociedade capitalista foi fator determinante para a mudança substantiva dos jogos com bola. Esse “novo” futebol surge do “velho” futebol a partir da apropriação dos jogos populares pela *burguesia inglesa* e por meio da impressão, nestes, de sua digital de classe. Aqui se inicia, efetivamente, o processo de constituição dos jogos com bola com *o fim em si mesmo*, e que determinou o surgimento de outros jogos com bola ao longo do processo histórico de desenvolvimento das práticas corporais no modo de produção do capital.

Na Inglaterra, embora os jogos com bola tenham sido apropriados pela classe dominante mais tardiamente (a partir do século XVIII)²⁵, essa apropriação pôde se constituir como mais duradoura e efetiva, especialmente pelas condições materiais que a condicionaram: a ascensão e expansão da burguesia como classe econômica dominante da sociedade capitalista. A burguesia inglesa conseguiu imprimir a sua forma particular de classe às formas de jogo com bola que começaram a se desenvolver a partir de meados do século XIX, especialmente no interior das Universidades (dos “colleges”). (NASCIMENTO, 2014, p. 108).

Proni (2000) ainda atribui a outras duas instituições inglesas a constituição do futebol moderno: a *escola* e os *clubes esportivos*. Nas escolas e nas universidades, os jogos populares foram sendo incorporados como uma prática pedagógica que confluía, além da relação de

²⁵ Isso em relação ao cálculo, cuja prática também era privilégio da classe dominante.

canalização de energia, para uma espécie de ferramenta controladora da instintividade humana, com a formação de um líder, viril e virtuoso, com espírito vencedor e, ao mesmo tempo, respeitador das regras do jogo (social). Molda-se, assim, o homem burguês ao atendimento da *lógica cavalheiresca* presente na Inglaterra naquele momento histórico. Os egressos dessas escolas e também das universidades, passam a se associar aos clubes esportivos – lugares também da elite, assim como as escolas públicas inglesas da época – para continuarem a praticar o futebol – e demais práticas corporais que estavam se formando por esse mesmo *movimento civilizador* (remo, críquete, tênis e golfe, como exemplos) – e se afirmando na vida cotidiana inglesa, ainda que restrito *aos pés* (e ao corpo, à alma e coração) *burgueses*.

[...] Era necessário fazer com que tais práticas, tais jogos, expressassem em suas regras os valores e gostos dessa burguesia. Contudo, foi somente a partir do século XIX que a burguesia conseguiu efetivamente “domar” esses jogos, imprimindo neles a sua marca. (FRANCO JR., 2007, p. 19, apud NASCIMENTO, 2014, p. 108, grifos da autora).

A autora elucida que “era preciso regradar ou domesticar essas práticas e ações corporais presentes no jogo, tal qual vinha se fazendo desde o século XVIII com demais formas de ações corporais.” (NASCIMENTO, 2014, p. 109), de modo a caracterizá-las como parte constituinte da identidade da classe burguesa.

Wisnik (2008), atribui a criação do futebol à rebeldia da juventude burguesa. Diante do vazio lúdico festivo dos lazeres aristocráticos britânicos, do período de 1820 a 1860 – inclusive no período intenso de *regulamentação do futebol* (PRONI, 2000; WISNIK, 2008, GIULIANOTTI, 2002) – que consistiam na caça, na equitação e no críquete, os jovens burgueses optavam pela experimentação e constante modificação dos jogos populares das plebes, no seio das escolas, universidades e associações, espaços estes, nesse período, exclusivos da elite.

Vale frisar que a apropriação desses jogos populares da plebe e sua transformação em jogos da elite não foram aceitos de forma harmônica nos lugares em que foram criados. Inicialmente esses jogos não eram aceitos por pedagogos e clérigos de algumas escolas e universidades, por consequência da atitude anticavalheiresca presente nesses jogos, já que estes apresentavam embates físicos ainda muito rígidos e violentos. Para esses senhores, tais jogos eram indignos para a lógica do *gentleman* (WISNIK, 2008).

Mas o fato é que, em especial, a juventude burguesa inglesa continuou se apropriando dos movimentos dos jogos populares e organizando-os em seus espaços e tempos, de acordo com suas vontades e desejos, criando uma dinâmica de regulamentação e,

ao mesmo tempo, objetivação dessa nova prática corporal na cultura inglesa, de modo que atendesse, seja de forma consciente ou inconsciente, à identidade da classe social à qual se vinculava.

[...] Os jogos de bola, sob a iniciativa dos jovens futuros cavalheiros ingleses, em especial burgueses ricos ou em ascensão, adaptaram-se às condições físicas dos espaços disponíveis em cada escola, com regras próprias e locais sujeitas à discussão a cada vez que se promoviam encontros entre escolas diferentes. Assim, a invenção do futebol, como a do rúgbi, é o resultado de um trabalho consensuado à inglesa, pragmaticamente estipulado a partir do uso, isto é, de um longo processo de regulamentação desses jogos coletivos diversos; regulamentação imposta pelo hábito, logo contratado pelos alunos internos, de organizar encontros esportivos desafiando outros estabelecimentos. (WISNIK, 2008, p. 89).

A juventude burguesa começou a organizar frequentemente esses jogos em espaços limitados dentro de outros espaços limitados. Foi nos gramados de determinadas escolas, universidades e/ou clubes sociais que o futebol se desenvolveu concreta e objetivamente. Além do espaço de realização desses jogos, precisavam delimitar as ações possíveis, as normas de conduta nele, como forma de inibir a violência contida nos jogos populares. Os contatos físicos não foram excluídos, mas cerceados por meio de um conjunto de codificações. O número de jogadores e o tempo de jogo foram sendo colocados, de fato, no papel e, de certa forma, na memória efetiva dos praticantes e futuros praticantes do futebol.

Centralmente envolvido neste processo [de desenvolvimento do jogo de futebol] estavam: 1) a perpetração das regras escritas; 2) uma demarcação e limitação estrita do tamanho e forma de área de jogo; 3) a imposição de limitações estritas na duração das partidas; 4) a redução do número de participantes; 5) uma equalização no tamanho dos times competindo; e 6) a imposição de regulações estritas nas formas de força física que era legítimo utilizar. (DUNNING, 1999, p. 93 apud NASCIMENTO, 2014, p. 109).

Inicialmente, essa dinâmica de regulamentação foi acontecendo em cada instituição, conforme acordos específicos. Contudo, os desafios opositivos com outras escolas, universidades e associações foram impondo a necessidade de unificação e, por isso, universalização das regras do jogo, as quais deveriam ser cada vez mais claras e equânimes aos seus praticantes.

Desse modo, as ações centrais que puderam ir se desenvolvendo nos jogos com bola – sobretudo a partir do século XIX, com a apropriação desses jogos pela classe burguesa – foram, justamente, as ações que permitiam *intensificar, ampliar e desenvolver as relações internas de oposição que se apresentavam nos jogos*, o que requeria intensificar, ampliar e desenvolver *intencionalmente as regras* de tais jogos. Com essa intervenção deliberada nas regras do jogo, nota-se uma dissolução do aparente paradoxo entre um controle ou restrição do jogo e a sua “liberdade”. Quanto maiores as demandas internas de um jogo, quanto maiores as suas exigências internas (o que passa pelas demandas alternativas às suas *regras, objetivos e ações*), maiores serão as possibilidades de ações verdadeiramente *livres* do homem. Ser livre significa poder agir de forma consciente em relação aos fins e aos meios para se atingir esses fins. E quanto maior a demanda interna de uma atividade, quanto mais complexas forem as relações entre fins e meios nela, maior

será a exigência de uma ação *livre* do homem em tal atividade. (NASCIMENTO, 2014, p. 109-110, grifos da autora).

Nesse contexto de estandarização e organização, as práticas corporais estabelecidas pelos jogos populares foram ganhando outra forma e outro conteúdo. Estabeleceu-se assim, na forma contemporânea, com o nome de esporte, *o jogo sem fins prático-utilitários*. Essa nova forma atribuída às práticas corporais permitiu explorar as máximas potencialidades humanas, desenvolver as capacidades humano-genéricas de modo cada vez mais sofisticado (NASCIMENTO, 2014). Wisnik (2008) contribui na compreensão do desenvolvimento da máxima potencializada humana no âmbito das práticas corporais na forma de esporte.

Ao longo desse processo, define-se na Inglaterra o conjunto de práticas em que se incluem não só o futebol e o rúgbi, mas a corrida de cavalos, o atletismo, o tênis, o remo, a luta livre e o boxe – regidos estes últimos, agora, por regras que controlam o tempo da luta, a equivalência de peso entre os oponentes e a violência dos golpes. Trata-se de uma completa recodificação das formas de disputa física envolvendo força, velocidade e domínio de bola – tendo ganho esta, então, a sua inédita *autonomia*. Os jogos e lutas passam por um processo de “esportivização”, e seu vocabulário *técnico*, todo em inglês, está para os esportes como o da língua italiana está para a música. (WISNIK, 2008, p. 85, grifos do autor).

Dessa maneira, as ações com bola e os movimentos objetivos que as compõem, realizados na forma esporte, que começam a ser criados e executados/praticados na Inglaterra, puderam se desenvolver em suas máximas potencialidades. Isso não significa apagar da história as ações e os movimentos até então realizados, sobretudo os efetivados nesses jogos populares ingleses. Trata-se de afirmar que naquele momento, no solo inglês do século XIX, essas ações e movimentos *estavam mais livres* para se desenvolver de modo cada vez mais sofisticado, de forma que pudessem atender às demandas internas da dinâmica opositiva nas quais os sujeitos engajavam-se (motivavam-se a mover-se) ao jogar futebol.

As ações e os movimentos com as mãos e os pés (e com todo o corpo, alma e coração) realizados nos jogos populares ingleses, denominados, de forma geral, de futebol, foram se transformando e sendo transformados objetivamente, condicionando e ao mesmo tempo sendo condicionados nesse primeiro movimento objetivamente transformador, o de apropriação e objetivação dos jogos populares pela juventude burguesa.

Esse período de apropriação e objetivação de um novo sistema de regulamentação dos jogos com bola ocorreu mais objetivamente, de acordo com Proni (2000), de 1810 a 1830, funcionando como um movimento vivo, concreto, de três instituições sociais pertencentes à classe burguesa. O processo resultou na efetivação das primeiras regras escritas do futebol realizadas em 1830, na Universidade de Harrow.

1.3.2.3 O chute liberta-se da mão: Futebol se desdobra em Rúgbi

Cabe destacar, aqui, que as ações e movimentos com bola no futebol eram realizados com as mãos e com os pés de forma indiferenciada. Chutes e socos dados na bola andavam *pari passu* na condução de um ataque à baliza oponente. As regras não limitavam a condução de bola, mantendo certa característica dos jogos populares. Assim podemos dizer, *pós festum*, que nesse momento histórico o futebol e o rúgbi não se diferenciavam, que eram, portanto, a *mesma coisa*. No entanto, o jogo ainda carregava o nome tradicional: football (futebol).

Nessas conduções de bola talvez fossem mais seguras e mais eficientes as ações com as mãos do que com os pés, ou, até mesmo, a combinação de ambas. Se assim o fosse, os chutes, ainda nesse período, não estariam libertos para alçarem voos maiores. Contudo, apesar de pouco se desenvolverem os *movimentos diferenciados* com os pés, na perspectiva da técnica, por consequência regulamentária do jogo de futebol, resultando em certa *amarra com as mãos*, esses movimentos já estavam em dinâmica objetiva de organização e aperfeiçoamento. Isso se deve à crescente consolidação da prática do futebol na dinâmica social inglesa, ainda que restrita à vida cotidiana burguesa, mas já como uma realidade marcante do lazer da elite, particularmente dos jovens.

Objetivamente, só poderia ocorrer mesmo com a juventude burguesa esse movimento de apropriação e objetivação dos jogos populares, já que ela gozava de tempo disponível, no sentido do *tempo do não trabalho*, para tal realização, usufruindo desses jogos e outras atividades educativas e recreativas nas instituições burguesas.

A juventude da classe trabalhadora, antagonicamente, estava nas indústrias vendendo sua força de trabalho, com 16 horas diárias de condições humanas indignas²⁶. Não obstante, reforçamos que o tempo disposto na organização recreativa-educativa da juventude burguesa, na formação do *gentleman*, foi uma condição importante para o surgimento *dos chutes* cada vez mais organizados e aprimorados do futebol e, ao mesmo tempo, para a origem desta prática corporal que ainda estava em processo de formação e afirmação social.

Assim, *esses chutes*, nesse período ainda amarrados pelas regras postas às ações das mãos, ainda que tecnicamente acanhados, foram contribuindo para o processo de surgimento e desenvolvimento do futebol. Esses chutes foram, desse modo, determinando e sendo determinados por esse processo de reestruturação do jogo e afirmação de uma importante atividade de lazer da classe burguesa.

²⁶ Sobre as condições de trabalho da classe trabalhadora nesse período, ver o capítulo XIII, de *O Capital*, de Marx (2010a).

Outros episódios históricos foram acontecendo de modo que, cada vez mais, *esses chutes* fossem colocados à disposição do movimento de autodomínio do homem. O processo de apropriação e objetivação dos jogos populares pela juventude burguesa desdobrou-se em processo de progressiva regulamentação iniciado, de forma objetiva, como vimos, em 1830, com o surgimento das primeiras regras escritas, como memória recreativa e educativa oficializada da cotidianidade dos jovens burgueses ingleses.

Em 1830 surgiram as primeiras regras escritas do futebol – The Football Rolles, do colégio Harrow – quando se definiu o número de onze jogadores de cada time e que duas traves verticais constituíam a meta para a qual a bola deveria ser conduzida. Posteriormente, em 1846, foram publicadas as regras de Rugby – The Laws of Football Played at Rugby School. Como cada colégio possuía suas próprias regras, os adeptos encontravam dificuldades em organizar jogos quando chegavam nas universidades e se deparavam com outras normas. Assim, em 1848, reuniram-se em Cambridge representantes de diferentes escolas para estabelecer um código comum para o futebol. (PRONI, 2000, p. 23-24).

O movimento de progressiva regulamentação do futebol, de 1830 a 1848, experimentado ativamente na vida cotidiana burguesa de um modo geral, desdobrou-se em outro movimento necessário, o de sua *institucionalização*. A organização de jogos e torneios, como forma de desafiar o oponente, estava em progressiva ascensão, o que colocava a necessidade de se discutir frequentemente as regras do jogo. Em cada jogo, cada torneio, era necessário discutir e rediscutir as regras do futebol, mesmo porque, lembramos, cada escola, universidade e clube social apresentava sua forma de jogar futebol, com particularidades no âmbito das regras.

Assim, diante da necessidade de universalização das regras do jogo, reuniões entre as instituições para discutir e acordar acerca das regras mais adequadas foram sendo constantes. Essa dinâmica culminou no surgimento, em 1863, de uma associação, a Football Association (FA), a qual se responsabilizava pela organização de jogos e competições nacionais, o que marcaria o desdobramento de duas modalidades esportivas particulares: o *futebol* e o *rúgbi*.

Portanto, o futebol (soccer) teve suas regras básicas instituídas em 1863, em Londres, por representantes de doze escolas (a maioria do sul da Inglaterra). A disputa pelo controle da modalidade resultou numa cisão esportiva. Nenhum representante de Rugby participou das cinco famosas reuniões, em razão das diferenças ideológicas e das rivalidades regionais. É importante, porém, não perder de vista que – além de indicar níveis distintos de aceitação de contato físico e a resistência à eliminação do hacking ou “chute na canela” – esta cisão entre duas modalidades de praticar o football expressava também duas concepções divergentes da dinâmica do jogo: de um lado, *aqueles que desejavam proibir o recurso de carregar a bola com as mãos*; de outro, *aqueles que consideravam essa proibição uma desfiguração do jogo*. E embora ambas as modalidades (soccer e o rúgbi) tenham se conformado no interior de um sistema de ensino burguês e fossem de algum modo destinadas à formação de homens “civilizados” (portadores de virtudes “nobres” como a capacidade de liderança, a lealdade e o espírito de grupo), nota-se que a opção defendida por Cambridge e Eton apontava para uma prática mais “técnica” (menos bruta e baseada na individualidade), de certo modo mais

condizente com a postura de superioridade moral da elite inglesa e dos gentleman. (PRONI, 2000, p. 25, grifos nossos).

Com a criação da FA e a definição e a orientação, no âmbito da regra, de que “[...] carregar a bola com as mãos [no futebol] foi declarado ilegal, e o futebol e o rúgbi tomaram caminhos separados” (WILSON, 2016, p. 27), as *ações com os pés*, no futebol, ganham relativa autonomia em relação às ações com as mãos, marcando, a nosso ver, uma nova fase para o desenvolvimento do autodomínio do homem no jogo de futebol. Agora, atenta e minuciosamente, o sujeito, com a *bola na ponta dos pés*, passa a se preocupar com a realização de ações cada vez mais efetivas na dinâmica opositiva que o jogo solicita. Para isso, a necessidade de movimentos refinados nas ações com a bola nos pés durante esse período foi desenhando modos de ação, meios mais adequados para o cumprimento da finalidade do jogo que se tornariam conhecimentos fundamentais para a continuidade gradativa da efetivação qualificada do futebol, afirmados e reafirmados cotidianamente na realidade social inglesa.

Outra condição que contribuiu para o desenvolvimento do jogo como uma atividade cada vez mais autônoma em relação a demandas externas à própria estrutura do jogo (ao seu objetivo de controlar as formas artificiais de oposições) foi o fato de esses jogos passarem a ocorrer em diversos momentos do ano, e não mais atrelado a alguma festividade. Essa prática “contínua” contribuía para que o engajamento na oposição existente no jogo emergisse como um motivo por si só para se jogar. (NASCIMENTO, 2014, p. 109, grifos da autora).

Assim, nos jogos e torneios organizados, principalmente, pela FA, cada vez mais frequentes, os *chutes* – conduções, passes, dribles, na verdade as ações corporais do futebol em seu conjunto – foram se sofisticando e se aprimorando à medida que mais esmero se exigia deles nos movimentos efetivos do jogo. Os movimentos com os pés nas ações do futebol vão sendo, assim, racionalmente condicionados pela nova regra – que impossibilita ao jogador singular conduzir a bola com as mãos durante o jogo – e, ao mesmo tempo, pela sua aplicabilidade constante, cotidiana, na prática social.

Os jogadores singulares, na busca, de modo cada vez mais consciente e voluntário, por realizar as operações/ações mais adequadas para a finalidade de jogo – de dominar o oponente dominando o espaço de jogo mutuamente disputado – foram criando modos de execução aperfeiçoados, os quais tornaram-se verdades para a efetivação do futebol. Os modos de execução, como conhecimentos fundamentais para *se jogar o jogo*, como meios mais adequados para sua realização qualitativamente efetiva, foram criando a necessidade de sua apropriação para a reprodução constante do jogo na prática social, o que elevou, progressivamente, o nível de elaboração do próprio jogo.

Afinal de contas, o futebol passou a ser crescentemente frequente no cotidiano da elite inglesa, seus movimentos objetivos organizados e qualificados foram sendo cada vez mais exigidos e essenciais para a sua reprodução de forma que atendessem objetivamente ao domínio primoroso do homem sobre a realidade do jogo, o qual, como vimos, apresenta como objeto (social) – como motivo – o domínio sobre as ações do oponente controlando o espaço. A relação dos jogadores singulares, constantemente em maior número e qualidade, com esse objeto, além do domínio sobre suas ações, suas habilidades com a própria bola, foi criando modos de execução, meios de cumprir primorosamente a finalidade do jogo.

Durante esse período de gênese e desenvolvimento do futebol em solo inglês, jogadores habilidosos criaram modos de ação qualificados, meios adequadamente efetivos à finalidade, progressivamente consciente e voluntária, de controlar o oponente dominando suas ações no espaço de jogo, enquanto as técnicas, conscientemente postas na dinâmica do jogo de futebol, igualmente consciente e voluntariamente, foram criando jogadores habilidosos nesse período.

Nessa perspectiva, as técnicas, os modos de atuação socialmente postos para o cumprimento apurado da atividade determinada, começam a surgir e a se desenvolver no futebol, ao passo que fazem surgir e desenvolver o próprio futebol. Essas, como conhecimentos, ferramentas para o controle instintivo da ação humana no jogo, surgem dos jogadores habilidosos e concomitantemente os fazem surgir, de maneira que determinam a preservação dos avanços até então conquistados na esfera do futebol e, ao mesmo tempo, possibilitam progressivos avanços.

1.3.2.4 O chute transforma-se em técnica do futebol: A primazia da condução de bola

Um dos meios para que o jogador realize uma ação de ataque com os pés na dinâmica opositiva do jogo de futebol, a *condução de bola*, ganha destaque, no período abordado, sobretudo determinado pela regra 6 do livro de regras de futebol, estabelecida no movimento de regulamentação e institucionalização de 1863. A condução de bola, inclusive, marcou, por muito tempo, o estilo de jogo²⁷ inglês, mesmo diante de pequenas mudanças nas leis do jogo que continuavam a acontecer em frequentes convenções a partir de 1863.

O jogo de condução de bola prevaleceu, principalmente por causa da regra 6, a precursora da lei do impedimento: “Quando um jogador chutar a bola, todos os

²⁷ Estamos tratando como estilo de jogo uma estratégia que acabou se constituindo como um sistema idiossincrático, característica central de uma determinada seleção ou equipe, como por exemplo o famoso Tic Taka, iniciado pelo Barcelona de Johan Cruyff, realizado pela seleção espanhola campeã mundial de 2010 e aprimorado, atingindo seu auge, no mesmo Barcelona de Pep Guardiola, no período de 2008 a 2012.

companheiros de time que estiverem perto da linha do gol do oponente estão fora de jogo e não podem tocar a bola, nem impedir de nenhuma forma outro jogador de tocá-la, até que retomem a condição de jogo”. Em outras palavras, os passes teriam de ser laterais ou para trás; para ingleses convictos de que qualquer coisa diferente de atacar um alvo era suspeitosamente sutil e afeminado, isso com certeza não funcionaria. (WILSON, 2016, p. 27).

A partir daí a *condução de bola* se coloca como principal forma de atacar a equipe oponente na finalidade de superá-la conquistando a pontuação (o gol). O movimento de conduzir a bola com os pés, presente de forma tímida até então, libertado pelo conjunto posto de novas regras, foi condicionando e simultaneamente sendo condicionado pela principal ação de ataque no propósito de realizar o gol e ganhar vantagem no duelo com o oponente. Contudo, por intermédio dessa regra, o *acanhamento* agora ficava por conta do movimento de *passe*.

Sendo assim, a condução de bola – operação de ação de ataque que analisaremos no próximo capítulo, na atuação do jogador Pires pela equipe do Arsenal – foi provavelmente o primeiro movimento em jogo a se configurar como técnica em relação às demais técnicas do futebol. O trecho a seguir, de Wilson, apresenta passagens de jornais da época que evidenciam a necessidade, desde sua gênese, de uma condução de bola atrelada à lógica de superação do oponente na dinâmica do jogo, de maneira que o jogador realizasse a ação de ataque do modo mais adequado possível para o sucesso da jogada. Esta, por sua vez, tratando-se de uma relação de oposição, deveria se nutrir, desde a gênese do jogo, da compreensão correta do jogador – e de seus companheiros – sobre a lógica interna do jogo, sobre o entendimento dos aspectos táticos e estratégicos que o jogo solicitava em suas situações particulares. O autor destaca que

[...] um jogador de primeira classe [...] jamais perderia a bola de vista, ao mesmo tempo, mantendo sua atenção dedicada a vislumbrar os espaços nas linhas inimigas, ou qualquer ponto fraco da defesa, que possa dar a ele uma chance favorável de chegar ao cobiçado gol adversário. Ver alguns jogadores guiando e conduzindo a bola por um círculo de pernas adversárias, girando e se contorcendo como a ocasião exige, é uma visão para não ser esquecida [...]. A habilidade para carregar a bola [...] exige algo mais do que um destemido ataque violento, de cabeça baixa, à fortaleza do inimigo; *pede um olhar voltado para a descoberta de um ponto fraco, para calcular e decidir as chances de sucesso*”. Em termos de formação em campo, soa mais como uma versão elementar do rúgbi moderno, só que sem o uso das mãos. (WILSON, 2016, p. 28, grifos nossos).

Como vimos, na ação de condução de bola em uma situação de ataque, o *movimento com os pés* deveria ser realizado objetivamente desde sua gênese, em solo inglês, *não de qualquer forma*, mas atendendo efetivamente à lógica interna solicitada pela dinâmica do jogo, orientado às próprias leis dele. O jogador precisava conduzi-la e, ao mesmo tempo, observar, perceber e analisar as situações de jogo, de modo crescentemente eficaz. A dosagem

de velocidade e força também deveria ser considerada na condução de bola, com o risco de, se mal calculada a execução, atravessar-se os limites do campo ao som das risadas ou vaias que ecoavam da torcida, cada vez mais organizada para assistir aos espetáculos, ainda que restritos à burguesia.

O *movimento de levantar a cabeça* enquanto conduz a bola com os pés, com o tronco praticamente ereto, inicialmente pouco executado, servia não mais apenas – ou melhor, não poderia apenas servir – aos limites impostos pelas regras do jogo. Elas obviamente são fundamentais para condicionar *o que se pode fazer* no jogo, mas não determinam, de imediato, *tudo o que se pode fazer* nele. Conduzir com toda a velocidade – *para isso o melhor é estar de cabeça baixa, com o olhar todo atento à bola* –, até sair do campo de jogo, não parece fazer sentido ao movimento racional que o jogo solicita ao jogador.

A intencionalidade do jogador ao conduzir a bola no jogo de futebol, *ao lado de seus dez companheiros e diante de seus onze opositores*, deve estar incorporada à dinâmica interna do jogo, a sua finalidade e ao seu motivo. Nesse sentido, embasados em Nascimento (2014), reforçamos que no futebol, tratando-se de um jogo coletivo que apresenta finalidade mutuamente opositiva em direção ao mesmo alvo, o movimento de conduzir a bola em uma ação de ataque deve atender à relação essencial geral, seu motivo/objeto de controlar a ação corporal do oponente dominando seu espaço.

Sendo assim, o jogador, no movimento de condução de bola em uma ação de ataque, deve se ater de modo volitivo às regras do jogo, mas não depositar somente nelas toda a sua capacidade psicofísica para a ação. Se assim o fizer, ao invés de libertarem seu pensamento para a ação solicitada pelo jogo, as regras o aprisionarão.

O que estamos ratificando é que as regras condicionam a operação de condução de bola na atividade de jogo de futebol, mas não apresentam *de imediato* todas as possibilidades de ação no jogo. O jogo tem suas próprias leis para além das suas regras. Contudo – e, portanto –, as regras são elementos constitutivos do jogo que potencializam – como *dynamis aristotélica* – as operações/ações de jogo, mas não o único elemento concreto, sendo acompanhadas, como nos mostra Nascimento (2014), da dinâmica de ataque e defesa e dos conhecimentos táticos e estratégicos. De qualquer maneira, é preciso dominá-las para que os outros elementos constitutivos possam se desenvolver no jogo da melhor forma possível.

O *jogador habilidoso* – representando todos os outros da época – trazido até nós por Wilson (2016), de *cabeça erguida sem perder o contato com a bola*, já na gênese do futebol incorporou as regras do jogo na condução de bola de modo que lhe permitisse se ater,

conscientemente, às leis da dinâmica de ataque e defesa à luz de conhecimentos táticos e estratégicos.

Com isso, o *movimento objetivo organizado* de condução de bola de nosso jogador habilidoso incorporou também as leis da dinâmica de ataque e defesa, qualificando-se e qualificando o próprio jogo. Por estar numa ação de ataque, o movimento de condução de bola orienta-se, em linhas gerais, à finalidade desta ação: superar o adversário avançando em direção à baliza a fim de realizar o gol, o que coloca o atacante, substantivamente, em vantagem em relação ao oponente. Esse é o principal fator na elaboração consciente de um ataque. Quanto mais gols a equipe efetivar em relação ao oponente, maior será o domínio.

Para realizar tal feito, o jogador, na ação coletiva com os demais jogadores de sua equipe, necessita manter a bola progressivamente *sobre o domínio de seus pés* a fim de encontrar o momento exato, nem sempre facilmente identificado, para a finalização em direção ao gol. Porém, para que o ataque se realize da melhor forma possível, é necessário fundamentar-se minimamente – melhor seria minuciosamente – em princípios da tática e da estratégia.

Pelo fato de o futebol ser uma atividade coletiva, o jogador precisa elaborar previamente suas operações na ação de ataque, sobretudo à luz das leis da tática e da estratégia, para que possa atingir, nesse aspecto, o domínio sobre o oponente. O mesmo deve acontecer em relação à defesa, dinâmica antagônica em relação ao ataque. É preciso se organizar na dinâmica de ataque e defesa considerando os conhecimentos táticos e estratégicos prévios. Euzébio nos auxilia na compreensão dos conceitos de estratégia e tática:

Trataremos aqui de *estratégia* como o estabelecimento, a partir de uma análise ampla, de um plano de ações (ou expectativas), decalcado das alternativas possíveis, que procura constituir vantagens estáveis, coerentes com os objetivos definidos. Nesse sentido, objetivando “vencer o inimigo”, se elabora uma determinada estratégia que determina as melhores (a juízo dos pensadores) possibilidades de serem exitosos no objetivo. Os mecanismos, instrumentos ou simplesmente ações adotados para materializar essas possibilidades estratégicas são as *táticas*. Pretende-se encontrar, idealmente, coerência entre os objetivos pretendidos, *o plano estratégico, a tática selecionada e a capacidade técnico-operacional* envolvida. E o alcance, ou não, dos objetivos, é resultado direto da captura, correta ou equivocada, dos planos, escolhas e capacidade dos adversários de projetos (que disputam o mesmo objetivo). (EUZÉBIO, 2017, p. 108, grifos nossos).

Para que as ações táticas de um plano estratégico possam se efetivar, é fundamental a desenvoltura técnica, ou melhor, o conjunto devidamente combinado delas. Por isso a importância, para além das suas regras, do domínio refinado do jogador sobre as leis do jogo.

Nesse sentido, a técnica – ou o conjunto de técnicas no futebol – é o meio sofisticado, o conhecimento pelo qual se combinam as leis possíveis (do jogo), o modo de

realização do controle da ação corporal do outro dominando seu espaço, sendo este o motivo/finalidade do jogador singular posto objetivamente na dinâmica coletiva do jogo de futebol.

O jogador habilidoso, que vimos a partir de um importante trecho de Wilson (2016), no momento em que conduz a bola com *um olhar voltado para a descoberta de um ponto fraco, para calcular e decidir as chances de sucesso*, realiza, em tese, a técnica de condução de bola, pois direciona seu movimento, objetivamente organizado, ao objeto/motivo da atividade de jogo de futebol de modo mais adequado.

Assim, a condução de bola engaja-se ao controle da ação corporal pelo domínio de espaço, o qual se compõe substancialmente dos elementos regras, dinâmica de ataque e defesa e conhecimentos táticos e estratégicos. A técnica aqui, atrelada ao objeto, realiza-se, objetivamente²⁸, como modo de ação socialmente posto, como conhecimento fundamental para a realização da finalidade do jogo. Grosso modo, dessa forma consciente e voluntária, a técnica efetiva-se como autodomínio do homem na atividade de jogo (de futebol).

No local a que nos referimos, não nos esqueçamos, ainda nos marcos de sua gênese, em 1870, o futebol, apesar de pouco desenvolvido, foi transformando e sendo transformado pelo *movimento objetivo organizado* da condução de bola em movimento organizado, progressivamente consciente e voluntário, de ataque. A condução de bola – e os *acidentais dribles* – era a principal técnica de ações táticas, ainda também pouco desenvolvidas, de ataque ao oponente.

A condução de bola, na qual se ergue *a cabeça sem perdê-la de vista* – e isso é apenas um detalhe –, orientando-se às resoluções dos problemas táticos e estratégicos que o jogo impõe, analisando os *pontos fracos do oponente* e tomando uma decisão sobre a ação mais adequada, estava posta e colocadas à prova no cotidiano inglês. Euzébio (2017) destaca que o reconhecimento de *pontos fortes e fracos do oponente* configura-se como conteúdo da tática.²⁹ O fato é que esse movimento objetivo e organizado, progressivamente qualificado, em direção consciente e voluntária ao objeto, estava (e está) em desenvolvimento constante.

Nesse período a condução de bola foi se consolidando, em meio a aperfeiçoamentos e mudanças de regras, como principal traço da ação de ataque do futebol inglês. Com ela,

²⁸ De acordo com Marx (2010, p. 109), “O homem só não se perde em seu objeto se este lhe vem a ser como objeto humano ou homem objetivo. Isto só é possível na medida em que ele vem a ser objeto social para ele, em que ele próprio se torna ser social (gesellschaftliches Wesen), assim como a sociedade se torna ser (Wesen) para ele neste objeto”.

²⁹ Euzébio (2017) apresenta doze conteúdos táticos e estratégicos presentes nas mais diversas atividades com significados antagonísticos: guerra, administração e esporte. Nesta tese situaremos alguns desses conteúdos em análises de situações concretas, presentes principalmente no próximo capítulo, a fim de consubstanciá-las e, ao mesmo tempo, perspectivar a articulação substancial de tais conteúdos com os conteúdos técnicos.

outras ações e operações da ação de ataque também foram surgindo, atendendo, progressivamente, às demandas racionalmente internas das relações opostas que o jogo estabelece, transformando-se em técnicas, modos de atuação basilares ao desenvolvimento do jogo, como os dribles e, para a finalização das jogadas de ataque, os chutes em direção à baliza, bem como as ações e operações de apoio, numa espécie de cobertura de ataque, caso o companheiro viesse a perder a posse de bola, como nos mostra em detalhes a passagem a seguir.

Mesmo quando a Regra 6 foi alterada, em 1866, após a convenção de Eton, para permitir um passe para frente desde que houvesse pelo menos três jogadores de defesa entre o jogador de ataque e o gol no momento em que a bola fosse chutada (ou seja, um a mais do que na lei do impedimento moderno), a mudança parece não ter feito grande diferença para aqueles que haviam sido educados no jogo de condução de bola. Em 1870, Charles W. Alcock, administrador por formação e jogador proeminente (e o primeiro homem a ser flagrado em impedimento depois da mudança da regra), escrevia em tom pastoral sobre “o magnífico e essencial princípio do apoiar. Por “apoiar”, é claro, estou me referindo à ação de seguir um companheiro de perto a fim de assisti-lo, se for necessário, ou retomar a bola no caso de ele ser atacado ou de qualquer outra maneira impedido de continuar em frente”. Em outras palavras, mesmo uma década depois do estabelecimento da FA, um dos fundadores do jogo achou necessário explicar aos outros que se um de seus companheiros atacasse o gol, olhando para baixo, poderia ser uma boa ideia ajudá-lo – ainda que receber dele a bola, voluntariamente, parecesse um pouco demais. (WILSON, 2016, p. 28, grifos do autor).

Além da percepção acerca da lógica coletiva da ação de apoio – cobertura – do jogador em relação ao seu companheiro condutor da bola em uma ação de ataque, vimos na citação que o *passe*, mesmo quando colocado como potencial meio de efetivação da finalidade de jogo, pela alteração da regra 6, precursora da regra atual do impedimento, a regra 11, era pouco utilizado no futebol inglês, destacando-se a primazia do estilo de jogo de condução de bola. O passe era praticamente movido, inicialmente, por certa casualidade em detrimento de um meio consciente de buscar uma solução efetiva da finalidade de ataque.

Também observamos como um movimento de ataque pouco desenvolvido foi induzindo conscientemente a criação de outros movimentos objetivamente organizados. A condução de bola pouco desenvolvida tecnicamente, *aquela de cabeça baixa e tronco curvado*, fez com que surgisse a necessidade de um movimento objetivo e organizado de *apoiar* do jogador sem a posse de bola ao seu companheiro com a posse na efetivação de uma ação de ataque, o que orgulharia até mesmo, para muitos – inclusive para nós –, o melhor técnico da atualidade: Pep Guardiola.

O espanhol, treinador do Manchester City, utiliza e defende objetivamente o *jogo de posição*. Este se trata, como vimos, da elaboração de ataque por setores que devem ser ocupados pelos jogadores de forma consciente e coletivamente organizada. Uma espécie de

ataque por zona. Contudo, o jogo de posição tem o propósito de organizar coletiva e simultaneamente ações de ataque e ações de defesa. As ações de defesa estão na própria construção de ataque; ataque-se em bloco, ocupando os setores. Caso o companheiro perca a bola, a equipe está organizada e disposta a recuperá-la imediatamente. Para isso, o treinador estabelece a lógica da marcação pressão imediata por cerca de cinco segundos³⁰, o que consiste na aceleração e *atenção conscientemente redobrada* da ação defensiva. O *apoio*, se bem realizado, trata-se de um movimento de defesa em um movimento de ataque. No jogo de posições, assim como o apoio, o passe é fundamental para seus planos estratégicos e seus desdobramentos táticos. Nesse formato estratégico o *jogador não vai até a bola, mas a bola vai até o jogador*. Nele, a sofisticação dos movimentos entrosados da operação de passe são fundamentais para edificação de um ataque qualificado.

1.3.2.5 O passe e a coletividade escocesa: a pedra na chuteira dos jogadores ingleses

O *passe*, ato de transferir a bola em condições para que o companheiro de equipe possa dar sequência ao jogo, mesmo como operação da ação de ataque, potencializada nas regras do jogo, conforme observado, era pouco utilizado no futebol inglês. Ele foi se estruturando como um importante movimento organizado e objetivo para a ação de ataque nos *pés dos escoceses*, que se encontravam, *geograficamente, próximos aos ingleses*. Não é demais observar que a Escócia era (e é) parte constituinte da Grã-Bretanha, o que permitiu na época intercâmbios futebolísticos com a Inglaterra.

Ademais, os novos meios de transporte facilitaram a propagação do futebol. Em vez de somente partidas locais, entre alunos de um mesmo colégio (e mais tarde entre trabalhadores de uma mesma fábrica ou habitantes de uma mesma aldeia), tornavam-se possíveis desafios intermunicipais e inter-regionais. A geografia futebolística inglesa mostra como, na década de 1920, o surgimento ou fortalecimento de clubes de futebol seguiu muito de perto o traçado de ferrovias. (FRANCO JUNIOR, 2007, p. 32).

O primeiro jogo oficial entre seleções, marcando esse intercâmbio entre as nações, aconteceu no dia 30 de novembro de 1872, no estádio de críquete – outro importante esporte surgido na Inglaterra – de Partick, em Glasgow, Escócia, e foi justamente entre Escócia e Inglaterra (WILSON, 2016). Esse confronto, motivado pelos escoceses, que acabou em *zero a zero*, colocou em movimento a continuidade de regulamentação e unificação das regras, ao passo que condicionou, ainda mais, o desenvolvimento técnico, tático e estratégico no futebol.

³⁰ Perarnau (2014) salienta que o princípio dos cinco segundos está embasado nas experiências do treinador, acumuladas em treinamentos e jogos, em conversas com sua comissão técnica e *com seu próprio pensamento*. Consiste na recuperação da posse de bola de forma imediata, após perdê-la, por meio de uma marcação pressão ao jogador com a posse de bola e aos jogadores em possibilidade concretas de recebê-la. A não recuperação imediata da posse de bola por pressão, nos cinco segundos, levará à marcação por setores.

O jogo de futebol inglês, seu estilo, desenvolveu-se e, ao mesmo tempo, foi desenvolvendo tecnicamente a condução de bola, enquanto o jogo escocês, seu modelo, desenvolveu-se e, concomitantemente, foi desenvolvendo tecnicamente o passe. Simultaneamente, ambas as ações auxiliares (operações) foram se constituindo como meios adequados para a realização de uma ação mais ampla, a de ataque.

O confronto dos estilos de jogo, que se realizou frequentemente após esse primeiro jogo, caracterizado pelas capacidades técnicas e táticas diferenciadas, alimentadas também por questões econômico-políticas – como, por exemplo, a luta da Escócia pela emancipação política em relação à *todo-poderosa* Inglaterra –, vai impulsionar o desenvolvimento do jogo (de futebol).

No que diz respeito ao futebol na Escócia, salientamos que era jogado na década de 1860 ainda uniformemente pouco regulamentado. O futebol estava menos desenvolvido em relação ao país vizinho. As regras do jogo cabiam particularmente a alguns clubes, inclusive, menores em quantidade em referência às instituições inglesas. Um exemplo desse atraso no desenvolvimento do jogo é que a Associação Escocesa surgiu dez anos após a FA. Antes disso era difícil marcar alguma partida entre instituições escocesas com as regras definitivamente codificadas. Isso levou o principal time da época, o que representou a seleção escocesa nas primeiras partidas, Queen's Park, a solicitar filiação à FA.

No entanto, antes mesmo da filiação à FA, o *passe*, como movimento objetivo e organizado, configurando-se na vida cotidiana escocesa, como técnica, diferentemente do jogo inglês, estava posto como uma ideia-chave do jogo de futebol escocês. Ele foi sendo condicionado, inicialmente, a partir do estabelecimento de uma regra, a do impedimento, definida em 1867 e efetivada no referido clube escocês.

[...] a versão adotada da lei do impedimento dizia que um jogador a estaria infringindo apenas se estivesse à frente do penúltimo defensor nos últimos quinze metros de campo. Essa era claramente uma regulamentação muito mais favorável ao passe do que a primeira lei do impedimento da FA, ou a revisão dessa norma, de 1866. O Queen's Park aceitou a variação dos três homens quando ingressou na FA em 9 de novembro de 1870, mas então a ideia do passe já estava implantada. Na Escócia, a bola servia para ser chutada, não apenas carregada [...]. (WILSON, 2016, p. 32).

Levando em consideração esse desenvolvimento do futebol escocês em relação à utilização do passe para suas ações de ataque, a aposta no primeiro jogo entre seleções era toda para a Inglaterra, que dispunha de um amplo leque de possibilidades de jogadores, em quantidade e qualidade, espalhados por praticamente todo o seu território, enquanto a Escócia se restringia ao jogo realizado no clube do Queen's Park. Além do mais, como vimos, os ingleses eram fisicamente mais fortes, o que, em uma análise imediata da característica do

futebol até então, lhes daria certa vantagem. Contudo, os estilos colocados em campo demonstraram que existia uma forma, mais coletiva e, principalmente, por isso, mais aperfeiçoada de se realizar o jogo de futebol (WILSON, 2016).

O futebol escocês, já na década de 1870, constituiu sua forma coletiva de jogar diferente da organizada até então pelos ingleses. Estes tinham na *condução de bola* e, praticamente acoplados a essa lógica de condução, nos *dribles*, sua condição de efetivação da qualidade tática na elaboração das jogadas de ataque. Os escoceses atribuíam sua condição qualitativa e o resultado dessa construção à operação do *passe*. A preocupação com a distribuição dos jogadores em espaços favoráveis para o domínio sobre o oponente, tanto em ações de ataque quanto em ações de defesa, desencadeou a importância da operação do *passe*, permitida pelo conjunto de regras, tornando-a uma organização substancialmente mais coletiva do futebol (GIULIANOTTI, 2002; WILSON, 2016; WISNIK, 2008).

Esse modelo escocês de realização coletiva do jogo de ataque de futebol por meio dos passes, sobretudo os realizados a pouca distância, sugerindo estruturalmente uma aproximação entre os membros da equipe, surgiu por uma dinâmica um pouco diferente em relação ao surgimento da dinâmica inglesa na edificação dos movimentos objetivos e organizados de operação de condução de bola na ação de ataque. A primeira condição para o surgimento da *técnica de passe* foi a regra destacada anteriormente; a segunda condição foi o modo de aprimoramento do jogo de combinação de passes. Enquanto a condução de bola no futebol estava praticamente por toda a Inglaterra caracterizando-se como o estilo de jogo inglês, o jogo de combinações de passes se deu particularmente no seio do clube Queen's Park (WILSON, 2016).

Sem muitos times para jogar, os treinos eram frequentes no clube, na prática organizada entre os seus membros. Além do mais, o clube apresentava certa característica didática em sua versão de futebol, promovendo jogos demonstrativos pelas cidades escocesas, sobretudo em Glasgow e Edimburgo, ensinando as regras do jogo e o que havia conquistado com ele, no sentido do seu desenvolvimento técnico e tático. Em alguns desses jogos demonstrativos era comum parar-se o jogo para se explicar as regras e os significados das ações com bola. Para isso, também era necessário treinamento e aprimoramento para as demonstrações, da mesma forma para os jogos com outras instituições a fim de comprovar, no confronto objetivamente direto, tais avanços (WILSON, 2016).

Nessa dinâmica interna do clube, muito se treinou, jogou-se e, portanto, aprimorou-se o *jogo de combinações de passes*. A ideia-chave escocesa, conquistada justamente nessa dinâmica, era realizar coletivamente o ataque com *menos esforço e mais eficiência*, pelo fato

de a condução de bola exigir fisicamente dos jogadores que eram, via de regra, franzinos. A efetivação constante dessa ideia-chave, transfigurada numa espécie de estratégia-síntese, contribuiu efetivamente para o desenvolvimento do futebol, justamente pelo fato de *o jogo de combinações de passes* estar objetivamente incorporado à dinâmica coletiva que o próprio jogo internamente solicita. A coletividade escocesa, condicionada pela regra do impedimento – mas não apenas por ela – do Queen's Park, condicionou-a à realização de passes progressivamente primorosos.

Inclusive, na construção coletiva de uma jogada de ataque, os passes no jogo de futebol escocês vinham acompanhados, muitas vezes, por movimentos de apoio dos jogadores de ataque sem a posse de bola, na espécie de cobertura sem a posse de bola, como vimos em uma situação anterior deste texto. O apoio dos jogadores de ataque sem a posse de bola, diferentemente da Inglaterra, como ressaltamos em Wilson (2016), em que esse movimento de apoio funcionava como *tapa-buraco do rastro mal percorrido do ato de conduzir-se a bola de cabeça baixa*, na Escócia servia como movimento objetivamente organizado, como ação consciente da construção de ataque por meio de passes adequados e com a cobertura de ataque adequada para tal finalidade.

Entre treinamentos e jogos, o *passé* se estabeleceu como um movimento objetivo organizado coletivamente necessário para as ações de ataque no futebol. O desenvolvimento desse *caráter didático* apresentado pelo Queen's Park acabou justamente por sua adesão à FA. Contudo, evidenciamos que esse aspecto não impediu que a forma de combinações de passes (com seu conteúdo orientado conscientemente, de maneira progressiva, a resoluções de problemas táticos e estratégicos que o jogo impõe) fosse posta em evidência e aprimorada em outros campos de jogo, inclusive nos gramados dos rivais ingleses.

Nesse movimento, a discussão do jogo de combinações de passes escocesa já tinha tomado o cotidiano inglês. Demonstrada a eficiência coletiva do jogo de combinações de passes, como foi chamado o estilo de jogo realizado pelos escoceses nos primeiros jogos entre as seleções, com dispêndio físico menor em relação ao jogo de condução de bola inglês, esse estilo de jogo passou a ser uma realidade na Inglaterra, apesar da desconfiança, no cotidiano futebolístico inglês, quanto a essa eficiência, já que o jogo de conduções de bola estava de certa forma impregnado no gramado inglês, como, inclusive, uma característica egoísta de sua burguesia.

As operações da ação de ataque do habilidoso jogador escocês, McColl, contratado pelo time inglês do Newcastle justamente do Queen's Park, manifestam a sofisticação do jogo de passes escocês, incorporado pelos clubes ingleses, na efetivação coletiva de um ataque.

[...] um “primeiro toque refinado” era o começo de tudo; depois “um ligeiro olhar pelo campo e ele parecia se dar conta de todas as posições. No mesmo instante, saía um passe escolhido à perfeição, sempre pelo chão, para o companheiro mais bem posicionado, enquanto ele assumia a posição mais arriscada para receber o passe de volta. McColl parecia enxergar vários movimentos de uma só vez, como em um jogo de damas. Muitas vezes eu o vi dar um passe e depois buscar uma posição para receber a bola, ciente de que, antes de voltar a tocá-la, dois ou três companheiros teriam de participar da jogada. (WILSON, 2016, p. 39-40).

Aos poucos, o processo de conscientização sobre a compreensão correta do jogo de futebol, seus conteúdos internos, foi desenvolvendo técnicas de passes, dribles, conduções de bola, cobertura etc., vale dizer, de modos de execução, meios adequados para a busca da superação do oponente numa situação de ataque, como também em uma situação de defesa. Da mesma maneira, as técnicas, como conhecimento, ferramenta de controle instintivo do gênero humano na atividade de jogo de futebol, foram refinando-o progressivamente, em quantidade e qualidade, estruturando configurações táticas e estratégicas mais eficazes de controle da ação corporal do oponente, desenvolvendo, assim, o próprio jogo.

O passe já não bastava em si, senão para contribuir efetivamente na fluência da mobilidade coletiva, cada vez mais entrosada na elaboração de um ataque. Como vimos em nosso jogador habilidoso na descrição apresentada, não bastava mais passar a bola ao companheiro, mesmo que a transferindo da melhor forma possível, mas sim passar e se posicionar no lugar – síntese de tempo de espaço – mais adequado para a continuidade da jogada de ataque na busca do domínio constante do controle do espaço na dinâmica do jogo.

Para isso, os elementos internos do jogo, sobretudo os conhecimentos táticos e estratégicos, precisavam ser progressivamente melhor compreendidos, possibilitando seu espelhamento correto, da mesma forma que potencializassem a efetivação da superioridade de uma equipe sobre a outra, na situação conflitiva posta, por meio da escolha das melhores técnicas possíveis. A importância da compreensão da unidade técnico-tática-estratégica estava posta desde a gênese do futebol, sendo nutrida, principalmente, pelos primeiros confrontos protagonizados por Inglaterra e Escócia.

A dinâmica conflitiva dos estilos ingleses e escoceses, os quais foram desenvolvidos, em processos distintos, mas que agora são compartilhados no mesmo gramado de jogo, desdobrou-se em outros processos, como, por exemplo, o da *internacionalização* do futebol, que contribuíram para o desenvolvimento das técnicas do jogo de futebol e, como consequência, do próprio jogo.

Além do jogo entre seleções existiam, nesse período, conflitos entre os clubes campeões de cada país. O Renton, vencedor da Copa da Escócia, venceu, em 1888, o West

Bromwich Albion, vencedor da FA Cup, no chamado primeiro duelo dos Campeões do Mundo.

A expansão do futebol foi estimulada pelas partidas anuais entre Inglaterra e Escócia desde 1872, pelo campeonato entre as quatro nações britânicas [Inglaterra, Escócia, País de Gales e Irlanda] a partir de 1883, pelas primeiras partidas entre seleções fora da Grã-Bretanha no começo do século XX. Em 1901, em Montevideú, o Uruguai venceu a Argentina por 3x2. No ano seguinte, a Áustria ganhou da Hungria, em Viena, por 5x0. A necessidade da criação de uma federação internacional impunha-se, mas a Inglaterra era contrária à ideia. Isso não impediu que em 21 de maio de 1904 tenha sido fundada, em Paris, a FIFA, idealizada pelo francês Robert Guérin, eleito seu primeiro presidente, e pelo holandês Carl Anton Wilhelm Hirschman, vice-presidente. Os países fundadores foram Bélgica, Dinamarca, Espanha, França, Holanda, Suécia e Suíça. A Alemanha, que não enviou representante a reunião, aderiu por meio de telegrama. Em meados do ano seguinte, Tchecoslováquia, Itália e Áustria filiaram-se. Embora reticente, a Inglaterra entrou na entidade em 1906, e no ano seguinte foi a vez da Finlândia, Irlanda e Noruega. Em 1910 ocorreu a filiação do primeiro país não europeu, a África do Sul. (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 42).

Simultaneamente a esses processos de gênese e desenvolvimento do futebol, e incorporando-se a eles, outra dinâmica foi se colocando fortemente, a partir da década de 1870, na realidade da vida cotidiana inglesa e escocesa, como também dos demais países da Grã-Bretanha (Irlanda do Norte e País de Gales), o que potencializou seu crescimento: o intenso processo de apropriação e objetivação dos esportes, sobretudo o futebol, pela classe trabalhadora e, como desdobramento, a tentativa da burguesia de barrá-lo, com a perspectiva de que os esportes continuassem sendo usufruídos apenas por ela, como uma espécie de identidade da classe.

1.3.2.6 A classe trabalhadora quer jogar: mas a classe burguesa quer levar a bola embora

Na Inglaterra, essa adesão do futebol pela classe trabalhadora se deu, inicial e contraditoriamente, pelo incentivo dos próprios diretores de fábricas, donos de minas de carvão e, também, clérigos que, para *complementar suas equipes*, necessitavam dos jogadores operários. Aos poucos, outro discurso foi sendo incorporado ao futebol, diferente daquele das virtudes do *gentleman*, o de que era preciso combater as delinquências das grandes cidades, como Liverpool e Manchester, bem como era preciso educar o trabalhador, com disciplina, resistência física e obediência ao mundo do trabalho (PRONI, 2000).

O futebol passa ser visto como uma espécie de *recreação* para os moradores das grandes cidades. Aos sábados, os trabalhadores industriais, ao contrário de outros tipos de trabalhadores, tinham folga, edificando-se como um momento propício para a prática do futebol. A *proletarização* do futebol também permitiu um canal de comunicação entre as classes sociais, fazendo com que os trabalhadores se moldassem ao estilo de vida das metrópoles inglesas, estilo de vida ao mesmo tempo próspero e opressivo (PRONI, 2000).

A classe operária, diante das condições desumanas das indústrias e da vida no entorno dela, com muita luta, foi conquistando direitos, *inclusive o direito de ser gente*. Um dos direitos fundamentais foi a diminuição da carga horária de trabalho e a melhoria nas condições sanitárias, o que levou a condições mínimas de recreação. O tempo disponível para a prática dos esportes burgueses começa a se efetivar como realidade da vida cotidiana dos trabalhadores, sobretudo nesse período, o que ampliou e intensificou a prática do futebol.

[Na Inglaterra]. No plano sindical, os direitos do operariado avançavam: em 1851 organizou-se a Federação dos Maquinistas, em 1864 reuniu-se a Primeira Internacional, em 1868 ocorreu o Congresso das Trade-Unions, em 1875 uma lei aceitou os piquetes pacíficos. No plano eleitoral, em 1867 duplicou-se o número de eleitores, em 1872 implantou-se o voto secreto. Diante disso tudo, no futebol abandonou-se em 1876 o *dribbling game*, a forma individualista de os burgueses ingleses jogarem, na qual o desempenho pessoal era mais importante que o coletivo. Desde então prevaleceu o *passing game*, o jogo solidário dos operários escoceses, que provava sua incontestável superioridade: nas dezesseis primeiras partidas entre os dois selecionados houve dez vitórias da Escócia, quatro empates e apenas dois sucessos da Inglaterra. (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 30).

Dessa forma, a década de 1880 é marcada por um acirramento ideológico entre a classe burguesa e a classe trabalhadora também no âmbito da prática do futebol. Apesar de o movimento de proletarização criar um canal de comunicação entre as classes, este, desdobramento daquele, configurou-se como disputa pela organização das competições esportivas. À medida que o futebol ia se popularizando na Inglaterra e por toda a Grã-Bretanha, a perpetuação do domínio sobre o futebol regulamentado era a preocupação central dos burgueses. Por outro lado, os proletários vinham praticando o futebol, ganhando prestígio social e recebendo alguma espécie de gratificação pelos resultados dos jogos, ainda mais que esses eram assistidos de forma crescente pela população, que começou a pagar a alguns clubes para assistir ao *espetáculo*. A título de exemplo dessa tensão social, o Blackburn começou a encontrar formas de remuneração para que seus jogadores pudessem *treinar* e, assim, melhorar seu desempenho nos dias de jogos. A importância do *espetáculo* começa a se estabelecer fortemente na vida cotidiana de grande parte dos ingleses (PRONI, 2000).

Nesse contexto, a luta da classe proletária pelo *profissionalismo* postava-se de forma antagônica frente os interesses do *amadorismo* apregoado pelos burgueses e aristocratas que pretendiam cada vez mais controlar o futebol, do ponto de vista de poder continuar usufruindo, principalmente, no que concerne ao controle das competições organizadas pela FA. Lutas foram travadas no âmbito da organização das competições e da regulamentação dos pagamentos e possíveis transferências dos jogadores entre as equipes. Os burgueses e aristocratas não abriam mão do comando da FA e dos clubes que surgiam constantemente, utilizando-se do aparato jurídico para tal controle, enquanto os jogadores da classe

trabalhadora necessitavam de remunerações que lhes permitissem viver em melhores condições. Nesses embates, o profissionalismo foi legalizado em 1885 e se estabeleceu fortemente por volta de 1892 (PRONI, 2000).

Foi nessas bases que se consolidou o modelo inglês de organização do futebol profissional – um modelo híbrido que incorporou valores mercantis (que transformaram o espetáculo esportivo em lazer das massas urbanas), mas preservando aspectos do ideário amador (que via o esporte como uma atividade autônoma), e estabeleceu uma clara hierarquização das equipes e dos níveis de poder. Aos jogadores ficava vetada qualquer ingerência no controle administrativo dos clubes e ficava reservado o papel de mão-de-obra barata e submissa. Por outro lado, os times ingleses deviam ser organizados como entidade civil sem fins lucrativos. Deviam compor um quadro societário (formado basicamente por “profissionais liberais”, empresários e comerciantes locais) e deviam ser dirigidos por uma diretoria eleita pelos conselheiros do clube. Finalmente, a Football Association (composta por membros da elite nacional) continuaria sendo responsável pelos rumos do esporte. (PRONI, 2000, p. 30).

Os jogos, principalmente das competições da FA, eram progressivamente acompanhados por um público cada vez mais frequente e exigente quanto à *beleza* do espetáculo, atribuída ao nível de competitividade das equipes que se confrontavam, o que solicitava maior compreensão tática e estratégica de seus praticantes e, ao mesmo tempo, sofisticação das ações em jogo. O passe que foi parar na arquibancada certamente passou a ser desaprovado e o tropeçar na bola do jogador que a carregava ecoava, sem sombra de dúvida, risos e vaias. Nessa intensidade dos espetáculos esportivos, o treinamento, como uma preparação sistemática para o jogo, começa a se pôr como necessidade dos jogadores e dos clubes.

Os clubes, agora quase uma entidade inseparável dos sujeitos que os representam, seja torcendo, seja jogando, desejavam a tão sonhada taça, simbologia de conquista, o que os colocaria como *os todo-poderosos* do futebol inglês e daria aos jogadores dos clubes campeões inicialmente prestígio social, além do necessário dinheiro. Afinal de contas, todos gostariam de assistir e jogar, além do seu próprio time, no clube campeão. Para efetivar-se em títulos, seria melhor estabelecer condições objetivas para isso. Dentre elas surge o treinamento, como condicionante para o sucesso das equipes nas competições.

O treinamento, sendo a sistematização do exercício físico de maneira a preparar a equipe para o jogo, constituía-se como principal momento para se testar teorias táticas e estratégicas, condicionar fisicamente os jogadores do time e entrosá-los enquanto equipe, além de lugar de aprimoramento dos movimentos e ações de dinâmicas de ataque e defesa. Ele foi se estruturando como importante componente do cotidiano futebolístico e, por consequência, como momento fundamental para o desenvolvimento do futebol. Sua realidade

se efetivou objetivamente com o profissionalismo, o qual *impulsionou* o desenvolvimento da unidade técnico-tático-estratégica.

O profissionalismo, por conseguinte, contribuiu para o aperfeiçoamento das técnicas do futebol. Os jogadores *ficaram livres* para os treinamentos e para os jogos. O futebol agora, ainda que de forma incipiente, configurava-se como trabalho, que estabeleceu, na dinâmica dialética, melhores condições para o desenvolvimento do jogo como um todo e da técnica em particular. O profissionalismo contribuiu para a *liberação*, em tempo e espaço, do pensamento do jogador, atenciosamente consciente para o desenvolvimento do jogo. *Agora não sou o tecelão e o fiandeiro que jogo futebol nos tempos de lazer, mas sou jogador de futebol, como trabalho*, no sentido da profissão. Nesse processo, o movimento de domínio primoroso do homem sobre a realidade futebolística, contraditoriamente, apesar da dinâmica aprisionadora do capital, se libertou das amarras do futebol apenas para fins de lazer.

Os movimentos das ações de ataque, como o passe, a condução de bola, o drible, o apoio, as finalizações etc. foram se tornando cada vez mais *objetivos* e *organizados*, com o futebol profissionalizado e transformado em recreação, principalmente para os que não jogavam, na vida cotidiana da maioria dos sujeitos da Grã-Bretanha, configurando-se em técnicas, em quantidades e qualidades progressivamente postas. Elas foram sendo aprimoradas e, ao mesmo tempo, aprimorando o próprio jogo, dando-lhe o que ele internamente solicita, de modo crescentemente eficaz.

Esse movimento de profissionalização também fez com que os melhores jogadores escoceses fossem à Inglaterra, ainda que contrariando os ingleses burgueses adeptos do amadorismo, em busca de dinheiro e prestígio social, para compor os times ingleses, mais bem estruturados, nas competições da FA, principalmente para participarem da *famosa Copa da Inglaterra*, que surgiu em 1871, tendo como primeiro campeão o Wanderes, e como atual campeão o Leicester City. Esses jogadores continuaram a desafiar o ainda forte *jogo de condução de bola inglês*, que por sua vez já incorporara, na década de 1880, a coletividade e o próprio jogo de passe, apreendidos com as experiências frente os rivais escoceses, nos jogos entre as seleções e aprimorados nas competições nacionais e internacionais entre clubes (WILSON, 2016; PRONI, 2000).

1.3.2.7 O jogo progressivamente dando ao jogo o que é do jogo: as técnicas orientadas às resoluções dos problemas de ordem técnico-estratégica.

Algumas variações decorrentes dos estilos ingleses e escoceses, em tese antagônicos, foram sendo utilizadas, testadas e aprovadas (ou não), progressivamente nos gramados,

sobretudo ingleses, principalmente nas competições organizadas pela FA que já contavam com os passes, dribles e conduções de bola, em quantidade e qualidade, dos sujeitos da classe trabalhadora.

A condução de bola pelas laterais, com dribles quando necessários, chegando próximos à linha de fundo e resultando num passe rasteiro ou aéreo em direção à área oponente, conhecido popularmente como *cruzamento*, começou a ser utilizada constantemente pelas equipes (WILSON, 2016), caracterizando-se, inclusive, como um traço importante do jogo inglês, que perdurou por muito tempo, até mesmo com alguns resquícios dele na atualidade.

Aos jogadores que cruzavam a bola na área era necessário aperfeiçoar esse tipo de passe para que se efetivasse como uma primorosa assistência para o companheiro, colocando-o e colocando, assim, a sua equipe, em condições objetivas favoráveis à realização do gol. A estes jogadores caberia a efetivação certa – e a responsabilidade – de transformar a ação de ataque de sua equipe em gol.

Para tal, como forma de superar a defesa oponente, era fundamental, muitas vezes, arremates de primeira – isto é, sem dominar a bola – em direção à baliza, seja com os pés, seja com a cabeça ou com qualquer *parte do corpo* permitida pelo conjunto de regras do jogo de futebol que necessitavam, tal qual a assistência, efetivar-se de forma aperfeiçoada.

As necessidades de novos *movimentos organizados e objetivos* a partir da realização cada vez mais requintada de outros movimentos objetivos organizados nas ações de jogo começam a surgir nos campos ingleses. Quando o cruzamento para área efetivou-se como uma ação eficiente de ataque, transformando-se em importante mecanismo tático e estratégico de superação do oponente, exigiram-se cabeceios e chutes esmerados.

Nesse movimento progressivo de aprimoramento das ações de jogo, surge a necessidade de outras ações refinadas, e, com elas, de edificação de novas técnicas, como, por exemplo, a de cabeceio. O jogador necessitava enxergar a bola para atingi-la precisamente e golpeá-la de preferência com a testa, sendo este o local mais seguro e eficaz da região da cabeça para realizar o cabeceio, descoberto na prática frequente do futebol, no seio da vida cotidiana dos ingleses e escoceses. Quando necessário, precisava saltar antes para golpear a bola com a cabeça, no tempo e espaço (lugar) certo, o que exigia do jogador, progressivamente, treinamentos e jogos para sofisticar a técnica do cabeceio, já que ela era exigência das *liberdades de movimento e ações* conquistadas pela compreensão progressivamente consciente dos jogadores singulares no enfrentamento coletivo contra seus adversários.

Além desses passes longos e finalizações (de cabeça e com os pés) que surgiram como necessidades técnicas para a dinâmica coletiva do jogo, outros movimentos objetivos organizados foram aparecendo, na elaboração de ações de ataque progressivamente meticulosas. Os passes no setor de ataque, próximos da linha de fundo, não eram os únicos, nem os passes curtos, características do eficiente ataque escocês. Os passes longos de uma lateral a outra de campo, principalmente no setor de meio campo em direção ao ataque, começam a se tornar importantes movimentos objetivos organizados das ações de ataque na década de 1880.

Esses passes longos começaram a ser realizados e a determinar, inclusive, uma superioridade tática, já que o jogo de passes combinatórios escoceses não previa passes longos, e sim passes curtos na construção das jogadas de ataque, enquanto o jogo de condução de bola – e dribles, os quais foram emergindo pelos avanços sobre a compreensão das relações objetivas do jogo e pelos aprimoramentos das ações de jogo – dos ingleses necessitava de certa velocidade para *furar as linhas* da defesa oponente, o que significa criar superioridade numérica sobre o adversário. Desse modo, *acelerava-se o jogo*, no sentido tático, ganhando espaços favoráveis no setor defensivo oponente, a partir da dinâmica de passes longos, os quais precisavam ser crescentemente precisos e, por isso, preciosos.

Os passes longos eram uma forma de acelerar o jogo, em detrimento da lentidão do jogo de passes curtos escocês. Esse modo de ação foi criado, como outros, a partir dos níveis de compreensão da essência do jogo, de controle da ação corporal pelo domínio de espaço, sucessivamente apurado, do aprimoramento das ações de jogo e dos movimentos sistematicamente sutis que as regem.

De certa forma, o jogo de passes longos estabelecia-se, comumente, como uma amálgama do estilo de jogo inglês e escocês que vinha se desenhando nos gramados da Grã-Bretanha. Dos primeiros, dribles e conduções de bola, frutos de uma conduta individual em jogo; dos segundos, passes curtos se desencadeando como necessidade da coletividade nas ações opositivas. As combinações desses estilos foram sendo colocadas em jogo, determinando e sendo determinadas, simultaneamente, pelas compreensões táticas do próprio jogo e pelos avanços técnicos conquistados pelas *ações progressivamente mais livres* alcançadas pelas condições objetivas gradativamente favoráveis dadas aos jogadores e ao próprio jogo.

Um exemplo concreto de superioridade de uma equipe sobre a outra, conquistada por condições favoráveis de aprimoramento das ações em jogo, como os treinamentos antes dos jogos de competições realizadas e assistidas, foi a elaboração dos passes longos efetivados

como efeito da variabilidade permitida pelas contribuições dos estilos de jogos ingleses e escoceses, até então, antagônicos, que aconteceu na Final da FA Cup, de 1883, entre Blackburn Olympic e Old Etonians.

Todos os jogadores do Olympic tinham empregos em tempo integral, e causou um certo furor o fato de seu centromédio e técnico de fato, Jack Hunter, tê-los levado para Blackpool para um período de treinamentos antes da final. Esse evidentemente não era o tipo de superioridade que os amadores aspiravam. No começo do jogo, uma lesão reduziu os Etonians a dez jogadores, mas de qualquer forma é improvável que eles tivessem sido capazes de enfrentar a estranha tática do Olympic de fazer longos passes de uma lateral a outra. O gol da vitória, marcado na final da prorrogação, foi bastante representativo de jogo como um todo: uma bola de Tommy Dewhurst (um tecelão) atravessou o campo da direita para a esquerda e encontrou Jimmy Costley (um fiandeiro) com espaço para avançar, e ele teve a tranquilidade necessária para bater J. F. P. Rawlinson no gol de Etonians. (WILSON, 2016, p. 34-35).

Nesse jogo, o passe longo *de uma lateral do campo a outra*, quando tecnicamente realizado – isso significa dizer, quando a bola chegou ao companheiro em condições concretas de recebê-la –, cumpriu importante papel tático no jogo. O primeiro aspecto tático foi justamente sua utilização sistemática, o passe longo de um lado a outro do campo, como o elemento *surpresa* da final, sendo que até então esse tipo de passe era infrequente nos gramados da FA Cup.

Euzébio (2017) destaca o elemento *surpresa* como conteúdo da tática: trata-se de preparar uma emboscada ao adversário com a realização de uma ação, mecanismo e/ou instrumento inesperado por ele.

Essa surpresa trouxe implicações técnicas e táticas ao Etonians, que precisou, jogando, estudar detalhadamente o jogo e determinar como se portar técnica, tática e estrategicamente nele. O resultado final, com o gol tomado em vista dessa estratégia-chave da equipe do Olympic, permite-nos apontar que a estratégia defensiva do Etonians, seja lá qual tenha sido, pôde até ter sido eficaz momentaneamente, mas não absolutamente, sendo que o gol do oponente aconteceu justamente na armadilha do passe longo da direita para a esquerda do campo.

O segundo elemento tático realizado por essa nova configuração de passe, referendado na passagem anterior extraída de Wilson (2016), foi o controle dos espaços. Euzébio (2017, p. 211) destaca que “*o controle dos espaços* configura-se como relevante objeto da tática e da estratégia”. É possível que, nesse jogo, o controle das laterais do campo pelo Olympic primeiramente foi se colocando como superioridade relativa para se transformar, provavelmente pela máxima atribuída à dialética quantidade e qualidade, em superioridade absoluta. A busca da superioridade relativa e absoluta são conteúdos da tática e

da estratégica, segundo Euzébio (2017). Este foi o terceiro conteúdo tático efetivado com a dinâmica de passes longos de *lateral a lateral* do campo verificado no episódio descrito.

Não sabemos ao certo se os jogadores e o técnico estavam cientes desses conteúdos táticos e por isso se utilizaram dessa nova configuração de passe, ou se essa nova configuração de passe *fez surgir* objetivamente os conteúdos no jogo, quase que pela casualidade do período de treinamento antes da final, organizado pelo técnico Jack Hunter.

Quanto a essa questão, é importante destacar, em Lukács (2013), que as categorias de causalidade e da casualidade se interlaçam. De todo modo, o elemento surpresa contém elementos de causalidades, de compreensão correta das propriedades do objeto no qual a ação do sujeito se engaja, bem como pode conter certo grau de casualidade, no sentido do poder do acaso na ação do sujeito em determinada atividade. A situação concreta que veremos no próximo capítulo evidencia, a nosso ver, o entrelaçamento possível entre o que se fixou na ação emergente a partir de conhecimentos anteriores e os componentes fortuitos.

O fato central é que essa nova configuração de passe se colocou como importante meio de realização do controle da ação corporal do outro pelo domínio de espaço, articulando-se consubstancial e objetivamente aos elementos tático-estratégicos do jogo de futebol, o que o elevou à condição de *movimento objetivo e organizado* qualificado do jogo de futebol, transfigurando-se em um conhecimento essencial para a sua realização, na forma mais adequada possível à resolução de determinada situação concreta de jogo, isto é, em técnica.

O certo é que o aprimoramento técnico desse tipo de passe, o longo, colocou-se como necessidade para a versatilidade das ações de ataque, cada vez mais necessárias, no jogo de futebol. Agora era preciso reproduzir essa nova forma de passe, como meio, como modo de ação de ataque, como forma primorosa na vida cotidiana dos sujeitos singulares que jogam futebol, principalmente dos sujeitos que jogam as competições de futebol profissionalmente.

O domínio dos espaços para controlar o oponente foi ganhando prioridade na apropriação e objetivação dos movimentos e ações do jogo a partir do momento que as regras foram melhor compreendidas pelos próprios jogadores e que as próprias ações condicionadas por elas (sua lógica de ação) foram progressivamente apropriadas e objetivadas para o atendimento da lógica interna do jogo, além de suas crescentes modificações orientadas a resoluções eficientes dos problemas de ordem tático-estratégica que o jogo colocava em múltiplas situações concretas, tanto para o atendimento dos anseios e perspectivas dos jogadores quanto para as expectativas dos torcedores, atendendo à lógica do esporte espetáculo.

Afinal de contas, quanto mais pessoas eram atraídas aos jogos para assisti-los, mais os clubes lucravam. Era preciso agradar não mais apenas aos jogadores, mas também aos torcedores, crescentemente apaixonados pelo jogo, mas algumas vezes frustrados pelo tédio que um jogo mal jogado (sinônimo, principalmente, naquele instante, de um jogo sem gols) poderia causar. A passagem a seguir salienta a continuidade do processo de transformação das regras do futebol para o atendimento de um conjunto de necessidades.

A popularização do jogo e o aceleração das transformações sociais levaram a uma série de novas mudanças nas regras do futebol. Em 1877 fixou-se a duração de cada partida em noventa minutos (cuja primeira experiência tinha acontecido em 1866, num encontro Londres contra Sheffield), embora fosse aceitável um tempo menor por acordo mútuo, geralmente oitenta minutos, como ocorreria no Brasil até a década de 1930 e na França em 1941-2, durante a ocupação nazista, por questões de segurança pública e de natureza econômica. Em 1880 estabeleceu-se que não haveria impedimento na bola vinda do tiro de meta, e em 1881 na bola lançada diretamente do escanteio. Em 1882 decidiu-se que o tiro lateral seria cobrado com as duas mãos, talvez como resposta ao fato de no ano anterior ter sido criada a Welsh Rugby Union, que completava a organização daquele esporte na Grã-Bretanha. De maneira complementar às regras oficiais, desde os primeiros tempos o futebol conheceu práticas que se incorporaram a ele como se fossem outras regras. É o caso do apito do árbitro, usado pela primeira vez em 1878, quando de um Nottingham Forest versus Sheffield United. Ou das redes que guarnecem as metas desde 1890. Ou ainda do intervalo de quinze minutos, introduzido em 1896. (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 36-37).

Nesses processos de manutenção e alteração das regras, alguns movimentos foram se transformando em técnica, enquanto outros chegaram ao fim. Wilson (2016) destaca que em 1912 modificaram-se as possíveis ações do goleiro com a bola, no âmbito das regras do jogo. Até então era permitido, a essa função, avançar quicando a bola com as mãos – como se estivesse driblando no basquete – em todo o campo de jogo, não podendo, contudo, conduzir a bola com os pés. Apesar de pouco desenvolvida, a técnica de o goleiro quicar a bola durante a ação de ataque, nesse período, para alguns clubes, principalmente o Sunderland, funcionava como uma forma de superação tática diante do oponente, mesmo porque seu goleiro astuto, Leigh Richmond Roose, conduzia a bola quicando-a constantemente até o meio campo, ampliando as possibilidades de ações de ataque de sua equipe. Com o fim dessa regra, Roose, infelizmente para o Sunderland, não pôde mais fazê-lo, justamente por um impeditivo legal imposto pelo conjunto de regras.

Isso significa dizer que essa técnica foi impedida de se desenvolver pelas regras do jogo, enquanto outras técnicas foram potencializadas por elas, como, por exemplo, a regra do impedimento, que possibilitou o surgimento de técnicas de passes das mais diversas, bem como proporcionou o surgimento, em quantidade e qualidade, das mais *variadas espécies* de finalizações a gol, além de contribuir para movimentos precisos e preciosos de defesa,

exigindo progressivamente, na dinâmica do jogo, o aprimoramento da unidade técnico-tática-estratégica.

Em 1925 ocorreu uma das mais significativas mudanças da história do futebol – a regra que considera impedido (offside) de continuar a jogada o atleta que não tiver pelo menos dois adversários entre ele e o goleiro. [...] Ela atingiu sua intenção de dar maior fluência ao jogo e permitir maior número de gols (antes era preciso três adversários entre o atacante e a meta), recuperando a atração do público, que vinha caindo depois de uma fase inicial bastante promissora.

[...] A nova regra do impedimento exigiu significativa adaptação na maneira de jogar e provocou verdadeira revolução tática no futebol, com o aparecimento de sistemas mais elaborados e complexos que os anteriores. (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 46-47).

Os *movimentos objetivos organizados*, condicionados pelas regras do jogo, foram também condicionando o surgimento, sempre mais amplo e qualificado, dos aspectos táticos e estratégicos do jogo. Desse conjunto de combinações técnicas, cada vez mais aprimoradas, orientadas a soluções de ordem tática e estratégica do futebol, surge o que ficou conhecido como o primeiro sistema tático padronizado mundialmente: o sistema 2x3x5 (a pirâmide invertida). Este consiste, grosso modo, no âmbito da organização posicional inicial em campo, em dois jogadores no setor de defesa, três jogadores no meio campo e cinco jogadores no setor de ataque. O goleiro, conforme decisão tomada em uma das convenções da FA, não precisou ser destacado na formação tática. Assim o é até a atualidade. Esse sistema foi se configurando, como padrão de jogo, durante as primeiras décadas após o surgimento da FA, em 1863.

Fosse o futebol jogado rapidamente ou devagar, com passes curtos, triangulares ou de lado a lado, ou até mesmo com o velho estilo de condução de bola, o fato é que a pirâmide seria o padrão global até a mudança na lei do impedimento, em 1925, levar ao desenvolvimento, na Inglaterra, do [sistema] W-M. Da mesma forma que o jogo de condução de bola e o ataque desenfreado um dia foram o jeito “certo” – o único – de jogar, o 2-3-5 se tornou então a pedra fundamental. (WILSON, 2016, p. 44, grifo do autor).

Esse sistema foi se desenhando progressivamente pelas técnicas que surgiam e pelo domínio, cada vez mais consciente, dos espaços de jogo na relação mutuamente opositiva, tornando-se o sistema tático hegemônico no futebol, na Inglaterra e fora dela, até 1925, quando modificações das regras, sobretudo na regra do impedimento, e os avanços nas compreensões dos elementos internos do jogo levaram ao surgimento de novas configurações tático-estratégicas e, conseqüente e simultaneamente, de novas técnicas. Com esses avanços técnicos e táticos, estabelecidos consubstancialmente em unidade, necessitou-se definir mais claramente as funções dos jogadores em campo.

A *especialização* das funções dos jogadores foi outro fator fundamental para o surgimento e aprimoramento das técnicas de jogo. No sistema da pirâmide invertida (2x3x5),

por exemplo, os dois jogadores de defesa precisavam jogar alinhados como forma de antever o impedimento. Ao mesmo tempo, ambos os jogadores precisariam realizar bons passes para os jogadores de meio-campo (3). Estes, por sua vez, eram responsáveis, de forma geral, a partir de suas ações com bola, por *ligar* os dois setores, da defesa e do ataque. Para isso, seus passes, suas conduções de bola e seus dribles precisariam ser certos e eficientes, mesmo porque *qualquer erro* poderia levar a um contra-ataque fulminante. Os atacantes (5), *mais soltos* para construírem as situações de ataque, necessitavam ser bons finalizadores, especialmente os centroavantes. Ainda no setor de ataque, os pontas precisavam ser velozes e bons dribladores para que pudessem avançar nos espaços abertos na defesa e efetuar bons passes para os centroavantes.

As mesmas funções, muitas vezes, condicionavam novas dinâmicas táticas e estratégicas para a equipe, pela diferenciação técnica de um jogador singular e pelo domínio consciente de determinado espaço de jogo. Uma característica técnica diferente de um jogador destacado poderia trazer – tanto é que trouxe e ainda traz – outra sinergia de movimentos táticos para *toda a equipe*, a sua e a do oponente, produzindo novas configurações táticas e estratégicas na dinâmica de ataque e defesa. O trecho a seguir manifesta justamente como características importantes de jogadores, como a velocidade na condução de bola articulada a passes precisos para os companheiros mais bem posicionados, modificaram (e ainda modificam) a fluência coletiva das ações em jogo e influenciaram (e ainda influenciam) a gênese de técnicas, modos de ação mais adequados para a realização do jogo.

[...] A chave para a vitória foi o baixinho ponta-direita W.I Basset, que tinha sido selecionado naquela tarde pela Inglaterra para enfrentar o País de Gales e se tornou presença regular na seleção durante oito anos. "Naqueles dias, os pontas procuravam chegar perto das bandeiras de escanteio para então lançar bolas altas perto do gol, mas Basset nunca foi escravo desses métodos", relatou Green. "Ele acreditava em avançar rápido (sua aceleração era formidável) e entregar a bola sem demora e com a maior precisão possível, antes que a defesa tivesse tempo para se recuperar" (WILSON, 2016, p. 41).

A habilidade de um jogador contribuía (e ainda contribui) para o surgimento e aprimoramento de ações táticas coletivas. Contudo, é importante registrarmos que as ações do jogador singular precisariam (e precisam), como obviedade, estar em sintonia com as ações dos demais companheiros. O entrosamento de toda a equipe é necessário nas movimentações *intra* e *inter* setoriais para o sucesso em campo. Essa *sintonia fina* do coletivo era, desde sua gênese, fundamental. Isso deveria estruturar-se e definir-se em treinos e se comprovar (ou não) nos jogos das competições mais importantes.

Nessa dinâmica constante de jogos e treinos, com a contribuição das idiosincrasias singulares na busca do aprimoramento técnico e tático como unidade, cada vez mais

solicitado na prática social futebolística, na vida cotidiana dos sujeitos, *funções* foram reinventadas, o que ampliou, ainda mais, o universo das possibilidades de ataques e a busca de soluções defensivas para *barrá-las*, o que foi desenvolvendo, *pari passu* com a ofensividade, a dinâmica defensiva do jogo.

É uma ideia que pode soar pouco sutil, mas já no final dos anos de 1890 o Corinthians [inglês] passou a ter G.O Smith, um centroavante que preferia distribuir a bola para os pontas e companheiros de time marcar gols – a primeira insinuação, talvez, do *falso nove*³¹. Como disse o prolífico Steve Bloomer, que jogou com Smith pela Inglaterra, ele “transformou o papel do centroavante: do atacante individualista para o unificador da linha de ataque, de todo o time”. (WILSON, 2016, p. 40, grifos nossos).

A especialização do futebol foi alargando as possibilidades de desenvolvimento da unidade técnico-tática-estratégica, contribuindo na criação de novos modos de execução de jogadas de ataque e defesa que foram aprimorando e sendo aprimorados por novas configurações coletivas em campo.

Esse movimento de constituição da unidade técnico-tática-estratégica transcendeu os conflitos entre Escócia e Inglaterra. O futebol, principalmente no início do século XX, *tomou* primeiramente a Europa e a América do Sul, e depois todo o mundo. Clubes de futebol e jogadores foram surgindo em abundância, competições nacionais e internacionais se intensificaram, assim como suas propostas, modelos e estilos de jogo. Sistemas Táticos e estratégicos foram *brotando* da compreensão cada vez mais correta sobre o jogo e, ao mesmo tempo, sobre a própria melhora das condições objetivas do jogo – melhores gramados, chuteiras etc., avanços científicos também nos conhecimentos das mais variadas ciências sobre alguma influência no esporte (nutrição, psicologia, biomecânica etc.) – o que resultou em transformações na esfera dos meios mais adequados para a efetivação do jogo, sobretudo dos meios técnicos, os quais retroalimentavam (e retroalimentam), simultaneamente, os avanços das configurações táticas e estratégicas do futebol.

Em suma, a gênese da técnica do futebol se deu no movimento de apropriação dos jogos populares pelos jovens burgueses ingleses do século XIX, em espaços próprios da burguesia, tais quais a escola, a universidade e o clube social, imprimindo-lhes, inicialmente, regras que atenuassem a agressividade e a violência dos jogos populares e ao mesmo tempo desenvolvessem virtudes de competitividade, liderança e respeito às regras sociais, dignas de um *gentleman*. No cerne desses espaços e diante das necessidades e interesses postos,

³¹ O falso nove, grosso modo, é o centroavante, disposto na configuração do sistema tático de ataque, que faz a função de um jogador de meio-campo, responsável pela criação das jogadas, para além da função de finalizador, estabelecendo-se como um elemento surpresa dentro da dinâmica do jogo. Messi, por exemplo, no Barcelona, frequentemente exerce essa função.

estabelece-se um movimento de regulamentação e de institucionalização desse novo jogo com bola, justamente em um período *vazio lúdico festivo* dos lazeres aristocráticos britânicos, entre 1820 e 1860. Como assinalamos, essa dinâmica fez emergir a *Football Association* (FA), em 1863, que passa a regulamentar e a organizar as competições e torneios de futebol por toda a Inglaterra e também a Grã-Bretanha. Concomitantemente, a classe proletária, em seus momentos de lazer e em convites que recebia de seus patrões para completar suas equipes, começa a se apropriar desse jogo (se constituindo como esporte) e a imprimir nele seus interesses, num movimento considerado como proletarização do futebol. A classe burguesa, ao passo que convidava a fazer parte, refutava a participação dos jogadores proletários em competições organizadas pela FA e pelos clubes que surgiam. Antagonicamente, os proletários necessitavam de dinheiro e viam no futebol a possibilidade de encontrá-lo, bem como gozavam do jogo em seus momentos de lazer.

Nesse embate de classes pelo usufruto do futebol, a profissionalização dos jogadores, em meados de 1892, se constituiria sob o controle dos burgueses e aristocratas ante a FA e aos clubes ingleses. O confronto dos estilos de jogo entre Escócia e Inglaterra, presente nessa dinâmica genética do futebol do século XIX, também marcou significativos avanços para o processo de internacionalização do futebol, o que contribuiu para o surgimento e o desenvolvimento do futebol em outros gramados do mundo, principalmente a partir do século XX.

Depois morreu o século [XIX], e com ele terminou o monopólio britânico. Em 1904 nasceu a FIFA, Federação Internacional de Futebol Associado, que desde então governa as relações entre a bola e o pé no mundo inteiro. Ao longo dos campeonatos mundiais, a FIFA introduziu poucas mudanças naquelas regras britânicas que organizaram o jogo. (GALEANO, 1995, p. 35).

O tempo livre (ou disponível) foi determinante para o surgimento do futebol e, portanto, das ações do futebol, tanto para a elite, que gozava desse tempo desde a revolução industrial, quanto para classe trabalhadora, que conquistou progressivamente tal gozo. No início, alguns trabalhadores jogavam inclusive sábado à tarde. Era o que lhes restava, no sentido do tempo. Mas aos poucos, a conquista coletiva dos trabalhadores de mais horas de lazer levou o futebol a tornar-se cotidiano. O futebol esteve, a partir da sua proletarização, presente na realidade de forma mais assídua, não apenas para a classe trabalhadora.

Outro fator importante foram os treinamentos para os jogos. *O tempo para jogar mais e mais*. A criação do espetáculo esportivo, brotando como mercadoria, também foi determinante para o surgimento das técnicas do futebol, inicialmente a condução de bola, depois o passe e assim por diante. Os conhecimentos das ações com a bola foram solicitando

dos jogadores melhor domínio sobre elas. O aprimoramento para se realizar a finalidade opositiva do jogo de controlar o oponente dominando o seu espaço foi se colocando como uma categoria fundamental da vida cotidiana já no solo britânico.

O profissionalismo foi um movimento que também contribuiu para condicionar o aprimoramento das ações de jogo. O jogador da classe trabalhadora necessitava de melhores condições de vida e por isso clamava por dinheiro. Essa prática de solicitar dinheiro era socialmente refutada, pois os defensores do amadorismo, movimento que defendia a preservação da identidade de classe elitizada no gozo do futebol (e demais esportes), a rejeitava. Era inconcebível um *gentleman* aceitar dinheiro para jogar. Mas a classe trabalhadora precisava do dinheiro, e os pagamentos pelos treinos e jogos começaram a ser os motivos primordiais desses jogadores, bem como o prestígio social que se estabelecia a eles no seio da vida cotidiana inglesa. As pessoas passaram a convidar os jogadores, principalmente os mais habilidosos, para ir a lugares não antes por eles frequentados: restaurantes, clubes, entre outros. Seus nomes eram reconhecidos pelos bares e lares. O jogador habilidoso precisou continuar jogando e para isso treinos e jogos foram se constituindo como fundamentais. Isso tudo foi se efetivando na realidade como verdade social, *encharcando* de futebol a vida cotidiana de grande parte dos sujeitos britânicos, predominantemente homens, estendendo-se aos demais países no fim do século XIX.

Nesse percurso, vimos então que o futebol se originou e se desenvolveu como jogo no próprio seio britânico do século XIX. Muitas das regras presentes na atualidade – como o próprio impedimento, o número de jogadores, o árbitro etc. – se originaram nesse período e local. Os aspectos técnicos, táticos e estratégicos, em unidade, também tiveram, mesmo de forma incipiente, significativos avanços nesse período histórico, o que embasou o surgimento de novos modos de ação, novos meios para a resolução de problemas de ordem tática e estratégica, sendo esta ordem estabelecida a partir da realidade conflitiva do jogo, na busca, progressivamente consciente e voluntária, de controlar o oponente, dominando o espaço de jogo.

As técnicas do futebol continuaram a se desenvolver fortemente fora da Grã-Bretanha. Principalmente pelo poder político, econômico, militar e cultural da Inglaterra na época, difundiram-se seus costumes e tradições, invenções e influências para o restante do mundo. Em *outros solos* o futebol foi incorporando identidades e personalidades de povos, configurando-se de outras formas, seja simplesmente nas suas transformações regulamentares ou, acima de tudo, em seu desenvolvimento técnico, tático e estratégico, posto de forma

orgânica quando conscientemente apreendido na relação essencial da atividade à qual se atrela.

Durante a história do futebol, os movimentos objetivos organizados, permitidos pelas regras apenas como possibilidades *ocultas (dynamis)* foram se convertendo em conhecimento à medida que realizavam, cada vez mais na realidade social, a finalidade de dominar conscientemente a outra equipe, encontrando, na busca dos meios para tal, também de forma consciente, modos de realizar o referido domínio. Assim sendo, a técnica no futebol é a síntese, o produto histórico do jogo e, concomitantemente, o meio, o modo de seguir individualmente atuando no jogo, de forma que realize o motivo/finalidade de controlar a ação corporal do outro pelo domínio do espaço.

Na imersão histórica que fizemos até aqui no texto, da gênese da técnica na humanidade à gênese da técnica no futebol, elucidando os processos que a formaram e a transformaram, simultânea e substancialmente, apontamos, de forma geral, que a técnica, no seu sentido amplo, é a qualidade da forma que recolhe em si determinado conteúdo, o modo de ação mais adequado, a ferramenta de controle do instinto, o conhecimento sintético e sistematizado da atividade, da experiência humana, elaborado e sofisticado socialmente na dinâmica da vida cotidiana dos sujeitos singulares, estabelecido na prática social, que condensa historicamente a resolução aprimorada de determinada ação atrelada à atividade e, assim, contribui para o refinamento da própria atividade. Esse meio de efetivação da atividade plasma os movimentos objetivos organizados, qualificados ao longo do processo histórico da efetivação voluntária e consciente da atividade a serviço de determinada ação que, por sua vez, orienta-se à finalidade da atividade à qual substantivamente se vincula, constituindo-se como mecanismo de preservação *do que foi conquistado* pelo gênero humano e, ao mesmo tempo, tendência progressiva de seu autodomínio.

No próximo capítulo iremos elucidar, por meio da análise de duas situações concretas, a unidade técnico-tático-estratégica fundamental para a compreensão do jogo e ação qualificada nele. Buscaremos também incorporar novas discussões às reflexões destacadas até aqui na trajetória de nossas conquistas de estudos acerca do ser da técnica e sua particularidade interativa com o futebol.

2. A TÉCNICA COMO INSTRUMENTO DE DOMÍNIO PRIMOROSO DO REAL: A PARTICULARIDADE DO FUTEBOL

Jogar futebol é muito simples, mas jogar futebol simples é a coisa mais difícil que há.

Você joga futebol com sua cabeça, e suas pernas estão lá para te ajudar.

Johan Cruyff³²

Neste capítulo objetivamos apresentar as relações e as interações que estabelece o ser da técnica na estrutura interna do jogo de futebol. Para isso, perspectivamos apresentar as interações e as relações que se efetivam na esteira dessa atividade concreta da cultura corporal, destacando nela a ação do jogador. Com isso, buscamos analisar a complexidade da ação do jogador na dinâmica do jogo de futebol, apresentando as fases dessa ação, sua conversão necessária em operação para que assim outras ações e níveis de técnicas existentes no interior dessa dinâmica sejam possíveis.

Dessa forma, apresentamos a complexidade da ação do jogador no futebol manifestando o seu conteúdo interno. Nessa imersão, apresentaremos os níveis e os componentes da técnica, as fases da ação do jogador e outras importantes categorias que interagem na efetivação dessa ação corporal no jogo, quais sejam: *combinações associativas, plano motor, motricidade*, entre outras.

Para que esses objetivos sejam alcançados, optamos, mesmo sabendo dos riscos de conclusões pragmáticas e fenomênicas que este modo analítico pode nos trazer, por examinarmos *situações concretas* do futebol. Essas análises serão feitas por meio de vídeos, e o propósito é examiná-los com apoio teórico, destacando elementos teóricos acumulados na discussão do capítulo anterior, elucidando, assim, de forma qualificada, a unidade necessária do organismo técnico-tático-estratégico que qualifica o jogo e a compreensão sobre ele.

³² Johan Cruyff foi um dos maiores jogadores e treinadores de futebol do mundo. Jogador da seleção holandesa de 1974, conhecida como Laranja Mecânica, foi um dos responsáveis pela formulação e efetivação, por esta mesma seleção, do chamado *Futebol Total*. Este consistia num sistema tático, antes nunca visto no futebol, que prezava pelo domínio de espaços: sem a bola cercando o oponente que estava com a bola e com a bola utilizando-se de passes, principalmente curtos, de forma a se agrupar coletivamente para ampliarem-se as possibilidades de um bom ataque. Não se tinha bem ao certo as posições táticas definidas, e a preparação física apresentou-se também como um diferencial naquela Copa do Mundo. Cruyff foi treinador do ex-jogador e atualmente treinador Pep Guardiola, na equipe do Barcelona, inspirando-o na elaboração e efetivação de sistemas de jogo, como o conhecido *Tiki-taka*, do mesmo Barcelona, do período de 2008 a 2012.

2.1 PRELEÇÃO PARA ANÁLISE DAS SITUAÇÕES DE JOGO: ALGUNS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.

Antes de adentrarmos nas situações de jogo, alguns pressupostos teóricos são fundamentais, os quais estamos denominando *preleção* para análise das situações de jogo. Fazemos alusão à *preleção*, analogamente ao futebol, por entendermos ser esse item uma espécie de preparação para o jogo, com a solicitação dos detalhes e ajustes que este requer. Tais pressupostos teóricos pretendem consubstanciar as análises concretas ulteriores. Contudo, não podemos esquecer, nem aqui, nem no jogo de futebol, que a *preleção* deve considerar a nossa trajetória de *conquistas* – e também de frustrações, dúvidas, anseios e desejos – até o momento, no âmbito das compreensões acerca do ser da técnica. Principalmente as *conquistas* iluminarão nossas análises, bem como outras categorias entrarão em campo para nos ajudar a entender o ser da técnica no futebol.

O *primeiro de nossos pressupostos*, como esforço de síntese do compreendido até aqui, é apresentarmos o conceito de *técnica* a que nossos estudos nos conduziram e que, portanto, iluminará nossas reflexões articulado com outras categorias nas quais trabalharemos nesta seção. Estamos tratando a técnica como modo de execução mais adequado da operação (ou de um conjunto de operações) que compõe uma ação atrelada à determinada atividade. Ela é conhecimento (ferramenta) de controle do instinto, elaborada de forma histórica e, portanto, sempre renovada na dinâmica social da vida cotidiana dos sujeitos singulares, condensando em si a resolução primorosa de determinada operação/ação ou conjunto de operações/ações orientadas à atividade, contribuindo significativamente, dessa forma, para a preservação e o requinte da própria atividade. A técnica se efetiva, assim, como *meio mais avançado* de efetivação de certa operação (ou o conjunto de operações) de certa ação da atividade. Na estrutura da atividade ela é, portanto, uma condição.

Nessa direção, o ser singular, para desenvolver a técnica, socialmente produzida, necessita se inserir em um processo educativo, de apropriação e aprimoramento dela. Nesse processo educativo se efetiva a criação de habilidades complexas no sujeito, em que se torna essencial, de acordo com Leontiev (1978), a automatização de ações conscientes autônomas convertidas em operações motoras auxiliares.

No futebol, a técnica é o modo de atuação mais adequado, um conhecimento histórico fundamental para a realização de uma ação atrelada à lógica racional de controlar o oponente dominando o espaço de jogo. Por ser histórica, a técnica, orientada à resolução das problemáticas táticas e estratégicas que internamente o jogo solicita, carrega na *ponta da*

chuteira o dever homem do homem na atividade de futebol. Seu ensino, portanto, deve estar voltado a essa orientação teórico-metodológica.

Também nos parece elucidado, pela dinâmica de nossos estudos, nosso *segundo pressuposto teórico*, incorporado no conceito de técnica abordado anteriormente, no qual destacamos a compreensão das relações essenciais gerais, ou seja, os nexos internos que efetivam o futebol como tal. Salientamos que o futebol é uma forma particular de atividade esportiva (Mahlo, s.d), – sendo esta, por sua vez, um tipo particular de atividade humana (Davidov, 1999), – que apresenta, de acordo com Nascimento (2014), por se caracterizar como jogo coletivo, em sua estrutura interna, a relação essencial geral de *controle da ação corporal do outro pelo domínio de espaço*, mobilizando (e sendo mobilizado por) um *estatuto de regras, pela dinâmica de ataque e defesa e pela relação tático-estratégica*, que lhe são próprios.

Dois outros *pressupostos teóricos* lançarão luz sobre nossas reflexões acerca das situações concretas do jogo de futebol. Ambos extraídos de estruturas teóricas apresentadas por Mahlo (s.d)³³ sobre a ação tática do jogador no jogo. A primeira estrutura teórica apresenta as relações internas das *fases da ação do jogador*. A segunda estrutura teórica refere-se aos *níveis de técnicas* existentes na ação do jogador. Vejamos de forma sintética como se organizam essas duas estruturas.

A estrutura teórica da *fase de ação do jogador* é composta por três fases:

1) *A percepção e a análise da situação* (sendo o seu resultado o conhecimento da situação); 2) *A solução mental* do problema (sendo o seu resultado a representação de uma tentativa); 3) *A solução motora* do problema (sendo o seu resultado a solução prática).

A fase da *percepção e análise*, primeira fase da ação do jogador, corresponde à observação do jogo (a leitura de jogo) realizada pelo jogador. Quanto mais correta for a leitura, melhor sua possibilidade de acerto prático. Para isso, o jogador precisa, já nessa fase, compreender um conjunto de questões postas. Dentre essas questões, sublinhamos que o jogador precisa previamente conhecer aspectos táticos e estratégicos do jogo, tanto da sua equipe quanto da equipe oponente, identificar suas possibilidades de ação enquanto jogador e as possibilidades de ação dos companheiros e dos adversários.

A segunda fase da ação do jogador, denominada *solução mental do problema*, diz respeito à *tomada de decisão* do jogador a partir da percepção e análise da situação de jogo realizada na primeira fase, articulada, inclusive, aos conhecimentos técnicos e táticos que o

³³ Importante destacar que Mahlo (s. d) não reflete especificamente apenas acerca do futebol. Sua obra discorre sobre os jogos coletivos, suas características e aspectos gerais.

jogador já possui sobre si e sobre os demais companheiros de equipe e adversários. Tal tomada de decisão é, ao mesmo tempo, o resultado e a condição do nível de compreensão da complexidade posta em determinada situação do jogo. Essas duas primeiras fases, *em unidade, formam a atividade mental que orienta a ação prática.*

Assim, a terceira fase da ação do jogador, a da *solução prática do problema*, corresponde ao resultado de efetividade “[...] dos processos psicológicos e psíquicos da percepção e do pensamento em simultaneidade com os resultados das condições interiores da personalidade. A unidade da atividade considerada como um todo aparece mesmo na análise.” (MAHLO, s.d, p. 123).

De acordo com Mahlo (s.d), toda ação do jogador carrega em si essas três fases. Contudo, o sucesso e insucesso da ação dependem de uma série de condicionantes e, mais precisamente, da articulação e sintonia “fina” entre essas fases.

A segunda estrutura teórica de Mahlo (s.d), sendo nosso *quarto pressuposto teórico para a análise das situações concretas*, corresponde aos níveis de técnica existentes nos atos dos jogadores durante o jogo.

Para tal, iniciamos pela conceituação de técnica de Mahlo (s.d). O autor destaca que a técnica é o conjunto de gestos³⁴ simples ou combinações de gestos elementares caracterizados pela segurança, rapidez e precisão na sua realização. Para ele, a técnica ou a sucessão dessas técnicas serve como meio – o que reforça nosso conceito –, de resolução do problema posto pela variabilidade de situações-problema exigidas durante o jogo. O autor destaca, ainda, que as técnicas e suas combinações são elementos de ações complexas, possuindo, portanto, níveis. Esses níveis se encontram em estreita relação com as necessidades de resolução dos problemas postos durante o jogo e os graus de exigências táticas e estratégicas que o jogo determina, as quais se diferenciam umas das outras pelo nível de consciência do jogador que as realizam.

O nível de experiência que o jogador possui incide diretamente sobre o nível de técnica correspondente. Citamos aqui as técnicas: 1) *motoras ou motoras simples*; 2) *sensorio-motoras*; 3) *complexas, resultando de uma atividade criadora*. Reafirmamos que as diferenças entre elas se encontram nos níveis de suas elaborações e apontamos que essas diferenças não são percebidas imediatamente pela observação do expectador.

³⁴ Sobre o gesto, tecemos a crítica no capítulo anterior incorporando-a ao nosso conceito de técnica. No entanto, optamos por preservar a conceituação do autor, pois entendemos que não prejudica nosso entendimento sobre a técnica nem compromete nossas análises.

Contudo, é fato que os três níveis de técnicas estabelecem interações mútuas, estruturando-se em unidade. A explicação dessas interações será dada nas análises das situações concretas de jogo de futebol, mas antes disso apresentaremos as técnicas conceitualmente, de forma sintética para, assim, analisarmos-las em interações entre si e em articulações com demais categorias na efetivação da ação.

Sendo assim, a *técnica motora simples* é o conjunto de gestos elementares automatizados. No jogo, não exige atenção volitiva³⁵ do jogador para sua efetivação. Dessa forma, a consciência “se liberta” para a resolução de problemas mais complexos que o jogo solicita. Já a *técnica sensório-motora* se diferencia da primeira técnica por carregar maior exigência de processos sensoriais e solicitar, por isso, certo grau de inteligência, uma espécie de *antecipação intelectual* para o ato motor. Dessa forma se constitui como elemento importante, já que se dá no jogo em grande número e contribui na estruturação do pensamento tático mais complexo. A *técnica complexa resultando de uma atividade mental criadora* constitui-se, assim, a partir de um alto grau de exigência tática que a situação do jogo impõe ao pensamento. Estabelece-se como uma forma superior do pensamento tático.

Importante apontar que as três fases da ação do jogador – *percepção, análise e síntese da situação de jogo, solução mental do problema e solução motora do problema* – formam uma unidade e, por isso, estabelecem relações e interações internas constantemente. Fundamental destacar também que os três níveis de técnicas apontados – *técnica motora simples, técnica sensório-motora e técnica complexa resultando de um ato criativo* –, além de estabelecerem interações e relações entre si formando-se em unidade, permeiam e são permeados, dinamizam ao mesmo tempo que são dinamizados pelas fases em seus momentos predominantes e enquanto unidade. Os níveis de técnicas jogam papéis fundamentais sobre as fases da ação, bem como as fases da ação determinam o nível da técnica a ser efetivada. Assim, cabe assinalar que ocorrem interações mútuas e retroativas constantes entre as fases da ação e os níveis da técnica. Vejamos como essas relações e interações se dão a partir das análises concretas de situações de jogo, apontando quando se destacam e ganham prioridades umas em relação às outras.

Antes disso, torna-se necessário apresentarmos de que forma foi pensada a organização dessas análises concretas. Organizamos as situações concretas em subitens que carregam em seus subtítulos, metaforicamente, as discussões pretendidas.

Situação 1: O mágico!

³⁵ Para nós, *atenção volitiva* é uma função psicológica superior importante para a ação do jogador.

Situação 2: Assim ninguém segura!

Cada subitem comporta reflexões alocadas nas estruturas apontadas acima e demais discussões dimensionadas a elas. O critério de escolha das situações concretas que analisamos por meio de vídeos, de forma geral, aconteceu por duas vias. Uma via direta com os próprios vídeos, os quais suscitaram indagações e problematizações que orientaram a busca investigativa pela fundamentação teórica. Outra via foram as próprias leituras de estudo que solicitavam representação em imagens, as quais acreditamos que os vídeos correspondentes manifestam. Ressaltamos que o critério de escolha de cada situação concreta será apresentado especificamente no próprio subitem.

Importante observar também que as duas primeiras situações possuem um vídeo de representação. Reforçamos ainda que as situações concretas carregam um vídeo principal, bem como vídeo ou vídeos auxiliares. No desenrolar dos capítulos explicitaremos melhor essas considerações.

Apontando os pressupostos teóricos e de organização da exposição, partimos então às situações concretas na busca pela compreensão o mais apurada possível da teorização acerca da ação do jogador no jogo de futebol. Afinal, de que forma a técnica *carregada na ponta da chuteira* dos jogadores aparecem nessas situações concretas? Vamos ao jogo!

2.2 SITUAÇÃO 1: O MÁGICO!

O título da situação 1³⁶, O mágico!, faz alusão a Dennis Bergkamp, conhecido no mundo do futebol pela inteligência, plasticidade e sofisticação com que resolvia os problemas do jogo por meio de suas ações. A analogia ao mágico, aqui adotada, é pelo fato de o jogador holandês *tirar da cartola* resoluções *improváveis* aos problemas postos em situações específicas de campo³⁷, como a que descreveremos. Quando ninguém esperava a ação do atacante, sobretudo o zagueiro que o marcava, ela surge como num passe de mágica, ou, se preferirem na situação específica analisada, como um *drible mágico*.

Apesar de toda a jogada contar com a participação efetiva da equipe, principalmente pela ação essencial do jogador francês Pires, dividindo certo protagonismo com Bergkamp em nossas análises o holandês se configura como *ator* principal, justamente por resolver a problemática complexa que o jogo, especialmente, impôs-lhe numa situação concreta de ataque, sendo esta a cena exatamente selecionada por nós.

³⁶ Assistir ao vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=IicmCu47pMo>

³⁷ Esse vídeo expressa o que estamos dizendo sobre o padrão de resolução de problemas em campo, o qual se estabelece como seu principal traço: <https://www.youtube.com/watch?v=mvREhmTptSc>

Entretanto, e isso vale para todos os lances de nossos protagonistas e coadjuvantes, das situações concretas a seguir, não nos esqueçamos, de forma alguma, que a *ação coletiva* da atividade é a verdadeira orientadora, consciente ou inconscientemente, das ações e operações individuais dos sujeitos que jogam. Aliás, destacamos que a coletividade, como vimos, se efetiva como um elemento primordial na elaboração e utilização da técnica do jogo de futebol.

A *situação concreta 1* trata, portanto, do recorte do jogo entre Arsenal e Newcastle United pelo campeonato inglês, conhecido como Premier League³⁸. O vídeo mostra a jogada iniciando-se num possível contra-ataque – indicado a nós pela própria posição e disposição em campo da equipe que agora está defendendo, o Newcastle –, no setor de defesa da equipe do Arsenal, com o próprio Dennis Bergkamp. O jogador holandês *passa* a bola para seu companheiro de equipe, Pires, e infiltra-se³⁹ no setor de ataque. Pires, que se encontra em transição do setor de defesa para o setor de ataque pela extremidade esquerda, *recepiona a bola* com a perna esquerda e segue *conduzindo-a* pela extremidade do campo. Pires, então, *passa* a bola para Bergkamp, que já se encontra na entrada da área penal adversária. Exatamente no semicírculo desta área, ele *recebe a bola*, ao mesmo tempo que *dribla* o oponente com uma espécie de *drible da vaca ou meia lua*⁴⁰ articulada a uma *definição do jogo de pivô*⁴¹, e realiza um *chute* em direção à baliza, o qual culmina em gol. Com essa descrição *acelerada*, pretendemos apenas situar o leitor sobre a situação concreta, a qual passamos a analisar à luz da teoria e de forma *desacelerada*.

Iniciamos nossas discussões de modo mais detalhado analisando a operação da ação de ataque específica de Pires, na utilização da técnica de *condução de bola*. Numa atenção mais detalhada da cena no início do vídeo que assistimos, percebemos que o comportamento de Pires no ato de conduzir a bola avançando ao setor de defesa do oponente, numa situação de ataque, além de preocupar-se em progredir ganhando espaços em relação ao adversário, tendo a posse dela, é de quem, concomitantemente, objetiva perceber e analisar a situação do jogo a fim de encontrar uma solução para superar o oponente, com outros companheiros,

³⁸ A Premier League é o principal campeonato nacional da Inglaterra. Na atualidade é uma das competições mais acirradas do mundo.

³⁹ A *infiltração* é uma importante ação tática no jogo de futebol. Com ela objetiva-se desregular a organização defensiva adversária, criando domínio de espaços importantes em localidades e também em números. Mais um jogador para realizar ações de ataque.

⁴⁰ Meia lua ou drible da vaca é quando o jogador atacante lança a bola para um lado em relação ao jogador, vai pelo outro lado e recebe a bola de si mesmo, para dar continuidade na jogada.

⁴¹ O jogo de pivô é quando o jogador atacante se posiciona de costas para a baliza a fim de servir como base de apoio para a construção das jogadas pelo centro do campo. O jogador então, recebendo a bola normalmente, passa a bola para os companheiros de equipe, fazendo tabelas e triangulações de ataque, ou tenta resolver a jogada com dribles e chutes.

perspectivando um possível ataque à baliza adversária e, conseqüentemente, a realização do sucesso de um ataque, o gol. Toda a sua atenção, no – *aparentemente* simples – ato de conduzir a bola, está *depositada* nessa finalidade.

O aparentemente *simples* apontado anteriormente concerne justamente à complexidade para que o sujeito singular efetive uma operação de uma ação de ataque no futebol. O ato de o sujeito conduzir a bola numa situação de ataque de modo mais adequado possível, como nosso jogador Pires, carrega em si dois processos complexos que se articulam substancialmente: o processo de configuração histórica da técnica, visto, de certa forma, no capítulo anterior, e o processo ontogenético de elaboração da técnica, o qual veremos a seguir. Este trata principalmente da transformação, no sujeito que realiza a atividade, da *ação em operação consciente*, sendo a técnica, configurada historicamente por gerações anteriores, uma condição fundamental.

Reiteramos, de forma geral, que o processo complexo de transformação da *ação em operação consciente* surgiu ao longo do processo histórico do homem e se deu na relação da ação humana no processo de trabalho. Leontiev (1978) nos auxilia nessa questão, ao apresentar a relação da *ação* e da *operação consciente* como resultado histórico da produção de instrumentos especializados, ou seja, como síntese de um processo de trabalho diferenciado. A *produção de utensílios de trabalho* permitiu ao homem distinguir, diferenciar as operações de trabalho.

Assim, as operações de trabalho que se formaram inicialmente no decurso de uma simples adaptação às condições exteriores conhecem uma nova gênese: quando o fim de uma ação entra numa segunda ação, enquanto condição da sua realização, ela transforma-se em meio de realização da segunda ação, por outras palavras, torna-se *operação consciente*. Isso acarreta um alargamento considerável da esfera do consciente. Compreender-se-á facilmente toda a importância deste fato para o desenvolvimento ulterior da atividade humana. (LEONTIEV, 1978, p. 105, grifos nossos).

Grosso modo, aqui, na produção de utensílios para o aperfeiçoamento do trabalho, encontra-se, como vimos no primeiro capítulo, a gênese da técnica. As *operações conscientes* são o que chamamos, a partir de agora, de *técnica* na estrutura da atividade. Quando se incorpora conscientemente uma determinada ação, isto é, quando ela se transforma em ato automatizado consciente, tornando-se condição e/ou meio para que outras ações/tarefas/atividades sejam possíveis, dizemos que o sujeito se apropriou conscientemente de um determinado ato, isto é, que o sujeito o transformou em *operação consciente*.

Apresentada a gênese das operações conscientes, a obra de Leontiev continua contribuindo com nossas análises, à medida que apresenta como se dá essa metamorfose da ação em operações conscientes por meio do exemplo do *atirador*. O exemplo de Leontiev é

para explicitar a mudança, no processo da aprendizagem, de uma atividade em ação e de uma ação em atividade, em que a automatização é um dos elementos intercorrentes.

Tomamos o caso de um atirador: quando ele atinge o alvo, efetua uma ação bem determinada. Como caracteriza essa ação? Em primeiro lugar, evidentemente, pela atividade em que se insere, pelo seu motivo e, portanto, pelo sentido que ela tem para o indivíduo que a efetua. Mas ela caracteriza-se também pelos processos e operações das quais se realiza. Um tiro ajustado requer numerosas operações, cada uma respondendo às condições determinadas da ação dada: é necessário assumir uma certa pose, apontar, reter a respiração e premir corretamente o gatilho.

Para o atirador experimentado, estes diferentes processos não são ações independentes. Os fins correspondentes não se distinguem da sua consciência. O atirador não diz: *agora devo pôr a arma no ombro, agora retenho a minha respiração etc.* Na sua consciência, só há um único fim: atingir o alvo. Isto significa que ele domina as operações que o tiro atinge.

A coisa é absolutamente diferente naquele que se inicia no tiro. Deve primeiro ter por fim agarrar corretamente a espingarda; é nisso que reside a sua ação; em seguida, a sua ação consciente consiste em visar etc. Ao estudar a aprendizagem do tiro ou qualquer outra ação complexa, vemos, portanto, que os elos que a compõem se formam inicialmente como ações separadas e só se transformam em operações ulteriormente. (LEONTIEV, 1978, p. 103-104, grifos nossos)

No *atirador experimentado*, o que antes era uma ação perdeu seu fim e agora se tornou operação para o fim de outra ação mais complexa. Vejamos isso no futebol, ainda no exemplo da ação de *condução de bola* de nosso jogador Pires, agora dialogando com as categorias de *indivíduo experimentado* e *indivíduo em iniciação* em determinada atividade, apresentados na citação de Leontiev. O entendimento da transformação da ação em operações conscientes por meio desses dois conceitos nos permitirá destacar que a *ação de condução de bola* do jogador, para se constituir como *operação consciente*, precisa estar vinculada com um processo educativo, ou seja, um processo de apropriação, cada vez mais sofisticado e aprimorado dessa ação corporal, a ponto de torná-la automatizada, ou seja, um ato conscientemente apreendido, para outras ações que a atividade singular solicita, neste caso, o futebol, fomentado pela finalidade de controlar a ação corporal do outro pelo domínio do espaço.

Em relação à transformação da ação em operações conscientes, trazemos agora Mahlo (s.d) para dialogar conosco referente aos *níveis de conhecimento* da ação do jogador na atividade esportiva. Importante sublinhar, desde já, que nos referenciamos em Mahlo (s.d) a partir das conceituações dos níveis de técnica considerando que o autor os relaciona ao alto nível, ou a certo desempenho na efetivação do jogo.

Para a discussão desse nível de conhecimento, como forma análoga, pensamos na iniciação de um condutor de carro, na ação de dirigi-lo. A ação de “segurar o volante” – instrumento que possibilita a ação direta de guiar o carro – requer toda a atenção voluntária do condutor, ao mesmo tempo que colocar o pé na embreagem e no acelerador, articuladamente,

impõe a ele certo domínio da interação que o mecanismo da dirigibilidade necessita. A troca de marcha constitui-se em uma ação complexa, que requer do iniciador a relação de uma dinâmica com outra ação. O olhar se dirige à marcha quando a ação prioritária é trocá-la. Nesse momento, perde-se a noção da direção que o carro está tomando. Assim, a ação consciente do condutor do carro em iniciação é *depositada* para cada ação segmentada: liga o carro, agora coloca o carro na primeira marcha; acelera o carro; troca da primeira marcha para a segunda; agora é hora de acelerar novamente para o carro se deslocar em direção ao local desejado; agora é o momento de prestar atenção na condução; acelera novamente, e assim sucessivamente.

O condutor está, assim, em meio a um processo educativo, de aprendizagem de uma determinada atividade humana. O instrutor o acompanha, dando-lhe informações fundamentais para que, aos poucos, o condutor domine minimamente a função de dirigibilidade de um carro qualquer. Na medida em que o condutor domina a dinâmica total da dirigibilidade, outras exigências poderão se colocar à sua ação de dirigibilidade. Dirigir o carro no bairro, com poucas ruas e pouco movimento, impõe exigências mais simples em relação à dirigibilidade do carro numa autopista movimentada e em alta velocidade, ou em relação a uma área urbana lotada de carros, pedestres e símbolos sociais que exigem do condutor conhecimentos de outra ordem. Logo, dirigir nesses locais torna-se mais complexo pelos níveis de exigência postos do que no primeiro cenário, o do bairro.

De forma geral, salvo questões de outras ordens, as experiências como condutor de carro, nos mais diversos locais e com as mais diversas exigências, vão fazendo do sujeito um condutor melhor, com *níveis de conhecimentos* mais sofisticados em relação ao iniciante. Isso acontece pela necessidade de ações serem transformadas em operações conscientes para que outras ações e atividades sejam realizadas pelo sujeito.

Assim, toda a dificuldade do sujeito iniciante na execução do mecanismo mínimo para a dirigibilidade vai se dirimindo a partir do momento em que o sujeito se apropria das ações em articulação com outras ações que compõem a ação da dirigibilidade do carro.

Quando ele domina esse mecanismo de dirigibilidade do carro, as ações que o compõem se transformam, agora para ele, em operações conscientes. Sua atenção estará atrelada voluntariamente à função de dirigir de uma localidade a outra para uma finalidade qualquer de deslocamento. Seu nível de compreensão da atividade adequada ampliou. Agora o sujeito passou de simples iniciante a motorista experiente. Outrora, na iniciação, o sujeito, para dirigir, necessitou se apropriar das ações que a compõem. Por isso precisou, em algum momento de seu processo de aprendizagem, depositar toda a sua atenção em cada ação

segmentada – a troca de marcha; a troca de marcha em articulação com o acelerador e a embreagem; com a atenção volitiva na ação de guiar com o volante o carro etc. – e na articulação entre essas ações. Essas, então, vão se transformando em *operações conscientes* que possibilitam o aprimoramento da ação e da atividade de conduzir o carro.

À medida que o sujeito vai dominando as ações em articulação com outras ações, apreendendo-as objetivamente, as ações da atividade de dirigibilidade e, portanto, a própria dirigibilidade vai se tornando cada vez mais eficaz. Dessa forma, o sujeito agora experiente carrega um conjunto amplo de conhecimentos das ações assimiladas no processo educativo pelo sujeito outrora iniciante.

Essa complexificação que vimos anteriormente, de ações para dirigir o carro se intensifica ainda mais quando se trata de dirigir um carro de *fórmula 1*. Primeiro, pela própria tecnologia e engenhosidade de dirigibilidade do próprio carro de fórmula 1. Segundo, pela dirigibilidade desse carro numa disputa competitiva de automobilismo. Assim, por ambos os motivos, desconsiderando as impossibilidades financeiras, as ações de nosso sujeito experiente não são suficientes para inserir-se nesse contexto da fórmula 1. Seu nível de conhecimento não alcança os níveis de conhecimentos exigidos. Para o nosso sujeito se inserir na atividade de fórmula 1, outros conhecimentos precisarão ser assimilados, inclusive, em uma relação estreita com o tempo de formação necessário à capacidade mínima para a efetivação desta condição: o de piloto de fórmula 1. Esta, a relação tempo para a aprendizagem de um determinado conjunto de técnicas que compõem uma ação de uma atividade e o desenvolvimento de uma habilidade motora humana, também nos instiga como investigadores das relações da cultura corporal. Todavia, no momento, enfatizamos que o *nível de conhecimento* do sujeito atuante numa atividade adequada é uma condição fundamental para a transformação da ação em operação consciente.

Considerando o que foi exposto, destacamos que o *nível de conhecimento* do sujeito em relação a uma determinada atividade fim apresenta-se como um dos componentes de transformação da *ação* em *operação consciente*, num processo educativo, por meio da apropriação de um conjunto amplo e profundo de conhecimentos, dentre eles os conhecimentos técnicos, além, obviamente, das condições adequadas para essa assimilação. Dessa forma, elucidamos que a transformação da *ação* em uma *operação consciente*, ou seja, a conscientização do ato transformada em automatização é um processo complicado ao aprendiz, num determinado processo educativo. Vimos essa complexidade no exemplo do atirador em iniciação e experiente, destacado por Leontiev (1978), e estabelecemos um exemplo do motorista em iniciação e do motorista *transformado* em piloto de fórmula 1.

Esse processo de transformação de ação em operação consciente, no qual se estabelecem *níveis de conhecimento* ao sujeito ao longo do processo formativo na e para a realização da atividade adequada, acontece também, e não poderia ser diferente, no processo formativo do jogador. O jogador necessita assimilar um conjunto de técnicas para aperfeiçoar as suas habilidades e demais conhecimentos, assim como condições adequadas exigidas à realização do jogo de futebol, desde a técnica, aparentemente mais simples, de *condução de bola* que estamos analisando a partir da situação concreta de Pires, até ações mais complicadas relacionadas profundamente aos aspectos táticos e estratégicos. Na verdade, forma-se uma tríade necessária para a ação/pensamento de sucesso do jogador em jogo. Trata-se, portanto, de um organismo técnico-tático-estratégico.

Contudo, importante salientarmos que a *condução de bola* constitui uma ação altamente complexa para o jogador iniciante. Conduzir a bola no jogo significa fazê-la em condições que permita ao jogador, ao mesmo tempo, perceber, analisar e sintetizar o jogo, elaborar mentalmente sua decisão com conhecimentos sobre si, sobre os outros e sobre o jogo, e efetivar essa decisão.

Assim, a assimilação dessa ação requer do sujeito um esforço de seu ato voluntário no processo de exercitação de *conduções de bola*, em diversas situações de treinos, aulas e jogos, numa variabilidade de *informações e autoinformações*⁴², a ponto de realizá-la “inconscientemente”, ou seja, de forma que essa ação particular, a condução de bola, no jogo, se efetive como *operação consciente* de ações mais complexas que o jogo solicita, as ações tático-estratégicas.

Importante destacar que compreendemos por inconsciente a automatização de um conhecimento, de acordo com Lukács (1966), sem perder a interação com o consciente de uma ação já apropriada, transformada em *operação consciente*, em conteúdo interno dessa ação, segundo Leontiev (1978), na efetivação de determinada atividade fim.

Assim, *as técnicas* na particularidade do futebol, as quais se constituem como modos de ação mais adequados, como meios eficientes de *conduzir, passar, receber, driblar, chutar a gol* etc. para a efetivação de uma ação de ataque, são importantes componentes da *ação coletiva* na totalidade do jogo. Dessa forma, os jogadores necessitam dominar, com certo desempenho, essas técnicas para a realização mais avançada de uma configuração coletiva de ataque em jogo com o objetivo de realizar a finalidade da ação de ataque, que é o gol.

⁴² Veremos melhor essas duas categorias um pouco mais adiante.

As técnicas, como conhecimentos históricos, como modos de execução mais adequados para a realização de uma ação do jogo de futebol – seja de ataque ou de defesa –, que apresenta sua própria finalidade – sendo a de ataque realizar o gol e a de defesa evitar que o gol do oponente aconteça –, contribuem substantivamente para a formação do sujeito singular, para a transformação da ação em atos automatizados, em *operações conscientes* a fim de que outras ações, solicitadas pela dinâmica do jogo, sejam pensadas com maior teor voluntário.

No longo processo de assimilação e aperfeiçoamento das ações de jogo, e, de certa forma, de constituição de *operações conscientes* pelo sujeito em iniciação na aprendizagem do jogo de futebol, exige-se uma primeira complexidade particular que merece nossa atenção: a relação do indivíduo com a bola.

A bola é um implemento de jogo presente na maioria dos esportes coletivos, constituindo parte fundamental deles (BAYER, 1994). O indivíduo, mesmo antes da iniciação à determinada modalidade esportiva, em nosso caso, o futebol, depara-se com a bola logo na tenra idade. É, muitas vezes, o primeiro brinquedo que o indivíduo recebe, seja por uma cultura relacionada principalmente aos meninos, presenteados com bola no Brasil – *porque meu filho (homem) será jogador de futebol!* – dizem os pais no mais alto tom –, seja por possibilidade financeira, mesmo porque qualquer objeto que *role* vira uma bola de futebol para muitos indivíduos.

Vale destacar aqui que a bola é antes de tudo um objeto social, um utensílio. E como todo objeto social, ela carrega consigo as possibilidades da ação humana historicamente produzidas. De acordo com Leontiev (1977), ao assimilar a utilização dos utensílios, o homem modifica os movimentos naturais e instintivos e adquire, ao longo da sua vida, novas e mais aperfeiçoadas faculdades motrizes. A bola de futebol, portanto, carrega em si a síntese das ações e operações humanas realizadas ao longo de sua constituição como atividade esportiva, desde sua origem inglesa, no século XIX. Contudo, não é um simples *toque* na bola, como um *passe de mágica*, que depositará no sujeito todo o conhecimento humano estabelecido histórica e coletivamente nessa atividade esportiva. Para se tornar habilidoso no jogo de futebol, o indivíduo precisa entrar em atividade de jogo de futebol, assimilar seus conteúdos e sua dinâmica interna.

A primeira atividade do sujeito com a bola de futebol é provavelmente de manuseá-la, verificando, identificando dados da realidade e aprendendo suas possibilidades na relação estabelecida com ela, na satisfação de *fazerem-se coisas legais com ela* (chutá-la pra cima

para em seguida dominá-la, ou em direção a certo alvo; quicá-la; controlá-la com os pés mudando de direção etc.).

Quando o sujeito se insere na iniciação esportiva, a primeira ação na atividade de futebol é, a nosso ver, a conquista da bola. É ela, a bola, cujas possibilidades de uso o sujeito ainda não domina, e agora na relação de jogo, que está em disputa, seja no *um contra um* em um simples jogo de futebol de rua, seja na famosa *travinha livre*, seja em outros pequenos jogos em que o sujeito se engaja.

A questão é que a bola é o primeiro objeto de disputa, na iniciação esportiva, no futebol. Nesse princípio não é o espaço que se busca conscientemente dominar, mas sim a bola. Essa relação se radicaliza à medida que os colegas de seu próprio time e oponentes colocam todo seu nível de pensamento para conquistá-la. Ao conquistá-la, mais problemas se colocam em ação: e agora, o que fazer com ela sob meus pés? A imediaticidade da resposta exige que o jogador a leve, o mais longe que conseguir, em direção ao gol (até então o segundo alvo principal). Conduzir a bola até a baliza acaba sendo, na perspectiva de fazer-se o gol, a segunda finalidade do sujeito em iniciação.

Até mesmo na gênese do futebol, conforme discutimos no segundo capítulo, logo após sua institucionalização e regulamentação, marcada historicamente pelo surgimento da *Football Association* (FA), em 1863, a qual passou a organizar e a reger as competições da modalidade, os ingleses jogavam tendo como principais fundamentos a *condução de bola* e o drible buscando a direção ao gol como a finalidade principal. As equipes eram movidas à busca do gol, com o mínimo de organização tática. Os espaços organizados para atacar e defender eram impensados. A verdade é que a necessidade do controle da ação corporal do outro pelo domínio do espaço, *estava ali*, o tempo todo, mas ainda não se tomava consciência, justamente pelo fato de o utensílio bola necessitar de sua maior atenção e o alvo principal ser estabelecido como baliza. Assim como era na gênese do futebol, é para o jogador iniciante.

Na iniciação ao futebol, o sujeito passa a compreender melhor esse condicionante fundamental de domínio do espaço para o jogo e para sua própria ação no jogo, a partir do momento em que começa, ora por suas próprias experiências de sucesso e insucesso (*autoinformações*), ora pela orientação do professor (*informação*), a se preocupar, de forma consciente, com o domínio de determinado espaço.

Um exemplo ilustrativamente concreto é o momento em que o jogador em iniciação passa a assimilar que diante da multidão desenfreada atrás do objeto almejado, a bola, como acontece habitualmente na iniciação esportiva, não garante o sucesso da jogada de ataque, que seria a realização do *tão sonhado gol!* Então, passa a cuidar de um determinado espaço,

privilegiado, *pertinho* do gol, ampliando sua possibilidade real de fazê-lo. Esse distanciamento do objeto almejado inicialmente, a bola, em direção a certo espaço privilegiado, pode manifestar uma melhor compreensão do jogador em relação ao jogo. No entanto, o sucesso da jogada, da finalidade almejada pelo jogador, só se concretizará, isto é, se efetivará em gol, se ele, agora melhor posicionado em relação aos demais, receber um passe de um colega ou até mesmo a bola vier até ele por algum desvio de um jogador oponente ou algo similar. Para que isso aconteça de fato, o jogador deve ter habilidade suficiente para *dominar* a bola e/ou *arrematá-la a gol*. Assim, para a efetivação do gol, sua preocupação prioritária volta a ser, num movimento interativo e inesgotável com a dinâmica do domínio de espaço, o domínio da própria ação corporal, ou seja, é preciso o seu domínio em relação à bola, de forma que consiga percebê-la, analisar a distância, a altura e a velocidade com que vem em sua direção, para que a apare, com qualquer parte do corpo permitida pela regra, com certa habilidade, ou seja, que a coloque em condições favoráveis de realizar outra operação fundamental, o chute da bola à baliza, a ponto de realizar o gol.

Não esqueçamos aqui, que a bola, ao ser chutada, tem que passar ainda pelo goleiro. Isso quer dizer que, antes do chute, o jogador precisa perceber em que condição de espaço e de possibilidades de defesa encontra-se o goleiro em relação a ele e desempenhar o *chute* do modo mais adequado possível, combinando detalhadamente movimentos objetivos organizados de forma que despenda na bola determinada força, com certa postura corporal em relação a ela, ao campo, aos companheiros e adversários, utilizando-se para tocá-la de uma parte interna ou externa do pé, atingindo trajetória curvilínea ou retilínea, com propensão aérea ou terrestre, dentre outros movimentos condicionados pela relação história do sujeito com a bola (objeto). Essa decisão da forma mais adequada de realização do chute depende do espelhamento correto, da leitura correta da situação real de jogo (a percepção e a análise da situação de jogo), o que não é simples, além dos conhecimentos de suas próprias possibilidades com a bola para a realização do chute. *Se não sei chutar de diversas maneiras, chutarei da maneira que sei*. A apropriação das técnicas mais adequadas de chute nas mais diversas situações de jogo amplia a possibilidade de sucesso na tomada de decisão (a solução mental) sobre o chute mais adequado que o jogo solicita naquela situação concreta (a solução motora). Jogar é complexo!

De qualquer forma, esse afastamento intencional do jogador em relação à bola com o intuito de alocar-se em um espaço favorável para a realização da finalidade do ataque, objetivando a realização do gol, é um passo importantíssimo para uma compreensão mais aguçada acerca da relação essencial geral que o jogo de futebol solicita, o controle da ação

corporal do outro pelo domínio de espaço. No entanto, se a bola vier até o jogador, este deve, em tese, saber o que fazer com ela, melhor dizendo, dominá-la a ponto de seguir na busca do alcance do gol. O fato é que o domínio do jogador e suas ações possíveis com a bola em meio a uma relação mutuamente opositiva, torna tudo mais complexo ao sujeito. A relação com ela, já complexa, colocará o sujeito em ações ainda mais complicadas de domínio constante da ação corporal do outro pelo domínio de espaço em determinado tempo. Não basta apenas dominar a bola, mas dominá-la a fim de possibilitar outras ações eficazes na busca da finalidade posta ao ataque, que é, grosso modo, fazer o gol.

A questão central no jogo de futebol é de que a interação dos sujeitos com a bola *complexifica* as demais relações do jogo. A ação com a bola exige do sujeito o domínio de um conjunto de relações dificultosas que faz com que o futebol carregue maiores exigências em comparação ao pique-bandeira e às demais atividades de “pegar”, por exemplo, numa circunstância de regras que não valide ações com bola. A finta, importante ação (*e/ou* operação) na realização do jogo de pique-bandeira e no futebol, naquele está colocada com o intuito de ludibriar o oponente na busca constante de espaços favoráveis para *congelar* ou fugir do *congelamento*, o que lhe permite seguir ou não pegando ou fugindo.

Para o futebol, a *finta* está atrelada à necessidade de o jogador pensar a melhor forma de ludibriar o oponente de maneira que se coloque em melhores condições a fim de recepcionar a bola no melhor espaço e tempo possíveis na sequência da dinâmica de ataque e defesa, dentro de um plano estratégico e tático (ou não), perspectivando o sucesso de sua equipe. A maneira mais eficaz, isto é, segura, rápida e precisa de realizar uma determinada ação (*e/ou* operação), no jogo, continua sendo fundamental.

O que evidenciamos é justamente essa complexidade que o utensílio bola estabelece no jogo de futebol. Está posta na bola toda a radicalidade da ação humana nessa forma particular da atividade esportiva. Na relação de domínio da bola na mediação para o domínio do outro em uma relação opositiva de jogo de futebol, o sujeito se engaja substancialmente, o que dificulta ainda mais suas relações e interações com os objetos (a bola, sobretudo, o espaço) do jogo e os outros sujeitos, companheiros e oponentes que fazem parte dele. O que demarcamos aqui é que o sujeito deve assimilar as ações e operações com a bola, sendo esta utensílio/ferramenta fundamental, na atividade de jogo de futebol, o que significa dizer que tanto na dinâmica de ataque quanto na de defesa o sujeito deve mediar suas ações nas relações e interações concretas com a bola, na busca pelo domínio do oponente dominando seu espaço.

Assimilar o emprego de um utensílio significa, portanto, para o homem, *assimilar as operações motrizes encarnadas nesse utensílio*. Este processo é, ao mesmo tempo, o

da formação, dentro de si próprio, de *aptidões novas e superiores*, daquilo a que se chama as *funções psicomotrizes, humanizando o seu domínio motor*. (LEONTIEV, 1977, p. 56, grifos nossos).

Sendo assim, na atividade particular da cultura corporal chamada futebol, a assimilação e o aperfeiçoamento de uma determinada ação e operação motora – *passe, chute, condução de bola, drible* – pressupõem, teoricamente, a necessidade da transformação da *ação consciente* em uma *operação consciente* para que ações de ordem tática e estratégica, na prospecção de controlar a ação corporal do outro dominando seu espaço, sejam conscientemente efetivadas. Isso só pode ocorrer no processo de aprendizagem. A transformação do iniciante em um jogador experiente, fruto de um processo educativo, o qual pressupõe condições objetivas de tempos e espaços adequados para a aprendizagem do futebol, é a única forma de ampliar a possibilidade para o jogador realizar as ações mais complexas que o jogo solicita. O processo educativo é, portanto, a apropriação das operações presentes no utensílio na interação com os outros durante a atividade de jogo de futebol. Nessa perspectiva, o sujeito precisa dominar um conjunto amplo de conhecimentos históricos, de técnicas criadas no futebol, de forma que possa potencializar a *libertação de sua consciência* para situações problemáticas que o jogo, na sua complexidade, impõe a ele.

Isso quer dizer que o nível de conhecimento do jogador no âmbito das ações e *operações conscientes motoras* coloca sua ação em determinada posição na estrutura da atividade. Se domino conscientemente a ação de condução de bola, logo minha consciência estará liberta para resolver outros problemas que o jogo de futebol solicita. Assim, dominando-a conscientemente, minha ação de outrora será agora operação consciente, isto é, condição para a resolução de ações mais difíceis, quer dizer, ações orientadas à ordenação tática e estratégica. Se não domino, minha atividade passa a ser a de dominar a ação, a ponto de efetivar-se como meio para resolver outras questões do jogo, principalmente as problemáticas táticas e estratégicas.

Assim, podemos afirmar que a *condução de bola* realizada em nossa situação concreta pelo jogador experiente Pires, de forma geral, efetiva-se, na estrutura da atividade de jogo de futebol, como operação consciente. Isso significa que o ato de conduzir a bola, automatizado conscientemente por nosso jogador ao longo de sua ontogênese, permitiu um alargamento da esfera de seu consciente a ponto de efetivar tal ato orientando-se à resolução de um problema de maior dificuldade, o qual se encontra na preocupação de melhor realizar a ação coletiva de ataque, na situação específica de jogo em que desempenha determinada função coletiva. Para isso, conhecimentos e pensamentos de ordem tática e estratégica necessitaram ser acionados por Pires para a materialização da continuidade da ação coletiva

de ataque ao oponente. Reafirmamos aqui que a técnica, na estrutura da atividade de jogo de futebol, torna-se condição para que a operação ou uma cadeia de operações as quais, por sua vez, condicionam uma ação corporal, se efetivem de forma adequada no jogo.

Na atividade esportiva, essa técnica apresentará características e níveis específicos. Mahlo (s.d) contribui com a elucidação da interação fundamental, dos órgãos dos sentidos para assimilação e aprimoramento de determinada técnica no jogo, inclusive, da técnica de *condução de bola* que estamos analisando. Desde a iniciação até a formação do jogador experiente, essa interação está presente, de forma ininterrupta.

O autor destaca que é por meio dos órgãos dos sentidos (audição, tato, olfato, visão e gustação), em interações ativas e retroativas, que o ser humano estabelece relação orgânica com o meio externo. Dentre estes, salienta a importância da relação articulada entre a *visão* e o *tato* ao jogador, tanto ao jogador em iniciação quanto ao experiente.

Não perdemos de vista que os órgãos dos sentidos estabelecem interações constantes entre si e jogam papel fundamental para a apropriação do sujeito do externo ao interno. Salientamos que apesar de não atuarem de forma isolada, há momentos em que determinados órgãos efetuam ação atrelada a certa finalidade, de modo prioritário. Ora, na degustação de um vinho, o paladar efetiva-se com prioridade em relação ao olfato, não obstante este estabelecer uma relação importante na assimilação do sabor. Assim o é também na efetivação de um jogo esportivo. No entanto, destacamos a predominância da interação particular desses órgãos, tato e visão, na assimilação dos conhecimentos que o jogador necessita.

Seguindo nosso exemplo das operações motoras voltadas à condução de bola, como a realizada por Pires, o que estabelece uma técnica de condução de bola na ação de ataque, na iniciação esportiva do futebol, é que o jogador necessita, ao *conduzi-la* em determinada situação, enxergá-la. Ele só conseguiu conduzi-la à medida que a enxergava. Pires e todos os outros jogadores de futebol do mundo necessitam ater-se à bola, enxergando-a. Logo, sua atenção conscientemente volitiva estava direcionada a ela.

Foi assim também, como vimos, na gênese do futebol. A necessidade de erguer-se a cabeça para *assistir* ao jogo ao mesmo tempo que conduzia a bola em uma situação de ataque, assumindo uma postura ereta, foi surgindo à proporção que se compreendia socialmente melhor o jogo e, portanto, jogava-se progressivamente melhor. Esse movimento de compreensão de jogo foi sofisticando a operação de condução de bola na ação de ataque no jogo e aprimorando o próprio jogo. O jogador, desde a gênese do futebol, necessitou, progressivamente, para dominar uma situação de ataque, *descolar* seu olho da bola para perceber e analisar a situação concreta que o jogo lhe requeria.

No que diz respeito à visão, dois aspectos fisiológicos e psicológicos foram historicamente e permanecem fundamentais para a assimilação e o aprimoramento técnico das ações do jogador com a bola no jogo, inclusive na condução de bola de Pires em nossa situação concreta: a *amplitude da visão* e o *cálculo óptico motor*. O primeiro se refere aos aspectos quantitativos da visão; o segundo aos aspectos qualitativos (MAHLO, s.d).

Quanto aos aspectos quantitativos, a amplitude da visão constitui-se, principalmente, por três fatores: *excitabilidade*, *visão periférica* e *aparelho óptico motor*. O primeiro, da *excitabilidade*, diz respeito à capacidade de sensibilidade elétrica do olho na visualização dos objetos. Essa sensibilidade elétrica, que pode aumentar o campo de visão, atua em conjunto com a *visão periférica*, que amplia a atividade ocular criando na retina a capacidade de percepção de movimentação de objetos e sujeitos ao redor do sujeito que enxerga. Desempenha uma função importante na periferia ocular, dando-lhe capacidade de visualizar melhor os elementos externos. Tanto a excitabilidade quanto a visão periférica, ao mesmo tempo que contribuem para as ações do jogador no jogo, são aprimoradas à medida que mais se joga. Isso também é verdade para o terceiro fator, o aparelho óptico-motor, que é justamente a capacidade muscular do olho do indivíduo na realização de uma tarefa motora por meio de uma operação motora, como a *condução de bola*.

Quanto aos aspectos qualitativos, *os cálculos óticos-motores* dizem respeito à percepção de avaliação da distância, da velocidade e do tempo. Para Rubinstein (apud Mahlo, s.d) a percepção é a unidade de sensações e conhecimento. No jogo, a percepção do jogador acerca do espaço que ocupa na situação-problema articula-se com as movimentações de bola e de jogadores (oponentes e companheiros) na referida situação problema que o jogo coloca. De modo simultâneo, o jogador necessita tomar uma decisão em relação ao que percebe. Para isso ele precisa acionar seus conhecimentos táticos e estratégicos e prospectar uma resolução motora do problema. Por isso Mahlo (s.d, p. 65) afirma que “[...] os cálculos óticos motores são simultaneamente o resultado e a condição dum comportamento inteligente e conseqüente em jogo”.

A importância funcional, quantitativa e qualitativamente, do *organismo ótico-tátil* vai além de perceber e analisar, com conhecimentos e experiências, a situação-problema que o jogo impõe. Nessa primeira fase da ação do jogador, da percepção e da análise (e síntese) da situação de jogo, também é essencial para o sucesso da ação a seleção hierárquica do que se percebe e analisa (e sintetiza), do que se generaliza e abstrai. Por isso, para o jogador, “não se trata só de ver muitas coisas; trata-se também de, a partir da percepção de tudo, separar aquilo

que é essencial, de abstrair do acessório e de fazer tudo isto no espaço de tempo mais breve possível.” (MAHLO, s.d, p. 68).

A percepção e a análise (síntese, abstração e generalização), como primeira fase da ação do jogador, quanto mais carregadas de conhecimentos táticos e estratégicos, mais qualificadas serão, ou seja, o jogador enxergará melhor a situação e melhor iluminará sua tomada de decisão para a efetivação prática de ações e operações ulteriores. Nesse movimento de memorização e associação de conhecimentos hierarquicamente selecionados a partir de percepção e análise, extraindo o essencial do que se percebe e analisa, um novo, ou mais qualificado conhecimento tático também surge, também se fixa, em forma de síntese, dando ao pensamento tático mais sofisticação e significação. A longa passagem a seguir sintetiza bem essa questão.

[...] Um jogador experimentado não tem a necessidade de apreender todos os aspectos da situação. O problema tático que ele põe a si próprio provém de uma percepção e de uma análise da situação que comportavam já em si próprias um significado tático. A primeira condição e, ao mesmo tempo, a primeira fase da solução, consiste em discernir, numa dada situação, os problemas essenciais (o adversário está em número superior, adapta-se à defesa da zona, tem uma falha na defesa, o adversário está empenhado em assegurar uma marcação dupla do médio, etc.). Os conhecimentos táticos adquirem-se sobretudo na atividade mental criadora que é também um prefácio ao progresso qualitativo ulterior das formas da percepção e da análise da situação, para além do papel direto que tem na solução do problema apresentado. Toda a percepção significativa deixa marcas na memória. A repetição de uma percepção provoca a reprodução dessa percepção e também dos pensamentos que a acompanham. É importante para a sequência da solução, uma vez que a percepção renovada numa situação está associada a ações que poderão resolver esta última. E assim nascem os conhecimentos e as experiências táticas, que são tanto mais sólidas quanto a sua aquisição for consciente e a sua reprodução frequente. (MAHLO, s.d, p. 68-69).

Dessa forma, reforçamos que a – aparentemente – *simples* técnica motora de *condução de bola*, como a realizada por Pires em nossa cena analisada, na situação de ataque dentro da dinâmica de ataque e defesa que o jogo estabelece, precisou historicamente estar cada vez mais aprimorada a ponto de o jogador executá-la muito mais guiado pelas sensações quinestésicas do que pela observação da bola no ato de conduzi-la, na relação complicada entre sujeito e objeto.

Muitas outras tantas incontáveis conduções de bola em situações similares foram realizadas, desde a gênese do futebol até chegar historicamente, fazendo menção a uma das frases de nossa epígrafe, às pernas (guiadas pela cabeça) de nosso *jogador experimentado* Pires na situação concreta do jogo analisado. A simplicidade aparente do jogador francês na condução de bola numa situação de ataque, como podemos perceber em nossa cena, nos direciona à segunda frase de nossa epígrafe – ambas do jogador e treinador Johan Crujff – em que afirma *que jogar futebol simples é a coisa mais difícil que há*.

É nesse sentido que a condução de bola de Pires carrega os avanços históricos das conduções de bola ao longo do devir homem do homem na atividade de futebol. Ela é a forma de execução de condução de bola mais adequada para a situação de transição na qual se encontra, detalhadamente, com a velocidade do jogador em seu deslocamento e o dispêndio de força realizada por ele sobre a bola de forma que ela permanecesse sob o seu controle durante a efetivação do contra-ataque, sendo que a equipe oponente encontra-se normalmente desorganizada defensivamente nessas situações transitórias, o que solicita aceleração na ação corporal do jogador com a bola, bem como dos companheiros sem ela, na busca de um ataque eficiente.

Essa aceleração do jogador com a posse de bola na ação de ataque pode se dar por diferentes meios, dependendo das situações concretas de jogo e/ou do próprio estilo de jogo efetivado pela equipe atacante. Posso efetivar a ação de transição ofensiva, *conduzindo a bola*, como estamos assistindo e analisando neste caso particular de condução de bola de Pires em uma situação concreta de jogo, como também *passando-a* rapidamente ao companheiro de equipe, normalmente construindo a jogada ofensiva com passes de primeira – ou com dois toques na bola – em projeção vertical, de modo a ir conquistando os espaços e simultaneamente criando as condições mais adequadas, desestruturando ainda mais a defesa já desestruturada, para o arremate final, objetivando convertê-lo, por meio de um *chute (cabeçada etc.)* qualificado, na tão desejada finalidade da ação ofensiva: o gol.

Por essa razão, a de perceber uma situação de contra-ataque em que a defesa adversária se encontra desorganizada, Pires acelera sua operação de condução de bola na ação de ataque em direção ao setor de defesa do oponente, conquistando espaços fundamentais para a continuidade da construção da jogada, objetivando criar situações favoráveis para a realização do gol. Sua técnica de condução de bola acontecida numa situação de contra-ataque, acelerando em direção ao setor defensivo do oponente, orientou-se pela situação tático-estratégica favorável, para a superação numérica e absoluta no controle da ação do adversário, já que ele se encontra desestruturado, perspectivando, obviamente, a realização do gol.

Nesse sentido, sua condução de bola teve participação efetiva do seu organismo ótico-motor, desenvolvido em sua relação ontogenética em situações de conduções de bola, num processo de aprendizado que o levou a assimilar a técnica mais adequada e aprimorá-la em situações concretas de jogo. Acelerar em direção à baliza oponente, de modo que controle a bola e, simultaneamente, perceba, analise e pense o jogo desenhando a tomada de decisão

adequada para a situação concreta, é *ganhar tempo para ganhar espaço* na relação do domínio da ação corporal do oponente.

Nesse ponto de vista, a técnica de condução de bola de Pires, como operação, meio de realização da ação de ataque, foi guiada pela possibilidade tática concreta de criação da superioridade em relação ao oponente. Ela atendeu à necessidade da aceleração da ação contraofensiva na busca da elaboração de uma situação adequada para o arremate de forma que dominasse substancialmente o oponente desorganizado defensivamente.

A técnica de condução de bola de Pires deveria estar (e estava), portanto, atrelada corretamente ao ritmo tático solicitado pela situação concreta. Se não conseguisse acelerar, por um limite técnico de condução de bola em velocidade, a defesa possivelmente se reestruturaria, com objetiva transição defensiva, o que significaria a necessidade de outro conjunto de operações para a ação ofensiva, fato que certamente nos impossibilitaria de assistirmos e, muito menos, de analisarmos esta situação concreta.

O sucesso do *jogador experimentado* Pires na condução de bola conforme a situação concreta analisada, ocorreu por sua apropriação e aprimoramento da técnica – que é sempre histórica – de condução de bola ao longo de sua trajetória ontogenética futebolística, a qual, por sua vez – e não poderia ser diferente –, foi favorecida pela trajetória histórica de progressão dessa técnica, desde sua gênese, no jogo de futebol. Para que isso acontecesse, as sensações quinestésicas, essenciais para a criação da técnica – tanto no sentido histórico, na formação desse ser (o da técnica no futebol), quanto no sentido ontogenético, na formação dela em um ser singular, tornando-o apto à realizá-la –, precisaram ser desenvolvidas e qualificadas, com as devidas interações óticas-motoras, pelo jogador, formando um sistema ótico-tátil capaz de realizar, objetivamente, a técnica orientada à situação tática solicitada pelo jogo, neste caso, a de acelerar a operação de condução de bola em uma situação objetiva de transição ofensiva a fim de, simultaneamente, *ler e decidir*, mentalmente, sobre *que fazer* para alcançar o controle sobre o oponente nessa situação particular de confronto. De fato, jogar é complexo!

O fato de deter a bola transmite sensações musculares e táteis complexas e o fato de a manipular, segundo a tática considerada, acrescenta um número maior ou menor de sensações óticas. Estas sensações musculares e táteis complexas são as sensações quinestésicas. Têm uma importância especial para a percepção das diferentes partes do corpo no espaço, dos utensílios relativamente ao corpo e do corpo relativamente aos objetos. São, antes de mais nada, as percepções óticas que jogam um papel muito importante na aprendizagem das técnicas, mas, à medida que a técnica se afirma, o jogador vai-se orientando cada vez mais para as sensações quinestésicas. Contudo, subsiste ainda uma certa influência do controle óptico. (MAHLO, s.d, p. 63).

As sensações quines-tésicas tratam, portanto, das sensibilidades, dos sentidos e conhecimentos táteis formados ao longo do processo ontogenético do sujeito na incorporação das significações produzidas historicamente e objetivadas nas produções culturais. A pele, maior órgão morfológico humano, constitui-se como importante mecanismo da relação do sujeito com o meio social. Acaba sendo o manto que reveste o humano na interação com o meio externo. Na gênese das neofomações, este órgão desempenha papel primordial.

Na formação técnica do jogador, do esporte de forma geral e do futebol de forma específica, as sensações quines-tésicas em articulação com os cálculos óticos-motores se colocam como fundamentais. É nessa unidade ótico-tátil que a técnica de *condução de bola* vai se desenvolvendo, no processo formativo do jogador, de modo que atenda às necessidades gerais do jogo. Essa unidade permite, aguça e adensa no jogador suas possibilidades perceptivas do jogo. Nessa percepção as sensações quines-tésicas permitem, inclusive, que o jogador se perceba no espaço e analise suas capacidades de ação possíveis.

Krestovnikov introduziu a noção dum receptor complexo porque não é só o sentido da vista, mas também outros sentidos, como a sensibilidade muscular ou o sentido estático, que criam no desportista sensações complexas e complicadas. Os jogadores não se limitam a perceber a situação, mas ainda a sua própria motricidade e a sua posição no espaço graças às sensações quines-tésicas, e graças ao seu sentido estático. No nosso perfil das ligações temporais das fases principais da ação, nós chamamos a atenção para este aspecto da percepção, o controle da atividade motora própria. Efetua-se graças a sensações quines-tésicas e óticas. Esta noção de controle não serve senão para os treinos. Uma percepção central, isto é, uma atenção total é indispensável no processo de aprendizagem, ou nos encadeamentos que por ora não se dominam ainda. A percepção do mundo exterior encontra-se, bem-entendido, reduzida. O termo *percepção ótico-motora* dá bem conta das particularidades da percepção em jogo. (MAHLO, S.D, p. 56, grifos do autor).

Sendo assim, o jogador Pires percebe e analisa a situação do jogo e a posição em que Bergkamp se encontrava em relação a ele e aos marcadores, justamente pela automatização consciente dessa ação – *condução de bola* – em operação consciente, técnica, a ponto de *libertar o seu olhar* para outras situações de movimentações de jogadores oponentes e companheiros que o jogo solicitava. A técnica de condução de bola passa a ser orientada hierarquicamente pelas sensações quines-tésicas, mas nunca perdem a relação com os cálculos óticos motores.

No que respeita à percepção do jogo, são sobretudo as sensações musculares táteis que têm um papel preponderante. O olho deve ir-se libertando, cada vez mais, dos movimentos do corpo e do seu controle. A manipulação da bola deve ir sendo cada vez mais comandada pelas sensações quines-tésicas. Então torna-se possível assegurar uma observação contínua da situação exterior. (MAHLO, s.d, p. 63).

A técnica de condução de bola de Pires, na condição de jogador experiente, está posta, grosso modo, como um meio para a efetivação de ações táticas, melhor dizendo, a ação consciente de condução de bola transformou-se em *operação consciente* articulada a uma

ação consciente volitiva voltada ao cumprimento da tarefa tática e estratégica. Contudo, é esse caráter conscientemente automatizado da ação de condução de bola de Pires, transformado de ação em operação consciente ao longo de seu processo formativo de jogador, que permitiu a ele, na ação por nós analisada, *liberar sua consciência volitiva* à percepção e à análise da situação do jogo, perspectivando a continuidade da sequência da jogada, talvez, orientado pela ação coletiva de realização de um ataque ao oponente, com sucesso, transformando-se assim, inclusive, em gol. Além do mais, Pires possivelmente também conhecia a possibilidade de seu parceiro (Bergkamp) superar o adversário na relação um contra um, dado/fato que, provavelmente, o leva a tomar a decisão tática de passar-lhe a bola. Ademais, poderia ter a informação de que o adversário que marcava o parceiro era mais lento em termos de reação e velocidade de deslocamento. Essas são algumas possibilidades do campo do pensamento do jogador Pires.

No entanto, destacamos que não estamos aqui preocupados em dissecarmos todas as tomadas de decisão possíveis do nosso jogador, mas sim, de irmos adensando e sofisticando a complexidade da efetivação da técnica de condução de bola mais adequada à disposição de uma configuração tático-estratégica potencialmente solicitada.

O que gostaríamos de apontar ao leitor, em nossa análise detalhada da simples condução de bola de Pires em uma situação ofensiva, é justamente a compreensão de que até mesmo uma ação aparentemente simples no jogo de futebol, a técnica de condução de bola de um *jogador*, em nossa situação concreta a condução de bola do jogador Pires, carrega certo grau de complexidade ontogenética e histórica. Tal complexidade também estará presente na técnica de *domínio e drible* que nosso outro jogador protagonista, apesar de ainda não aparecer objetivamente em cena, realizou. No entanto, essa ação específica carrega outras dificuldades. Veremos.

Considerando os níveis de técnicas em Mahlo (s.d), a condução de bola de Pires, *pelo nível de experiência do jogador e pelas exigências táticas e estratégicas do nível do jogo*, efetiva-se como uma *técnica sensório-motora*. Esta carrega em si a *técnica motora*.

Vimos que a técnica motora no jogo, por mais simples que seja, transporta consigo o processo de assimilação e aprimoramento que o jogador efetivou ao longo de sua formação na atividade de jogo atrelada sempre de forma histórica com a técnica, a mais avançada, criada no processo de desenvolvimento do próprio jogo de futebol. Assim, afirmamos, de forma sintética, que a *técnica motora simples* não é capaz de resolver a complexidade que o jogo exige, mas ao mesmo tempo compõe, de forma significativa, as técnicas que mais são utilizadas durante o jogo: as *técnicas sensório-motoras*.

A maior parte das ações de jogo diferem essencialmente das técnicas motoras e dos automatismos simples porque comportam obrigatoriamente um maior número de processos sensoriais. São, sobretudo, as ações com bola que fazem necessariamente apelo às técnicas complexas que se caracterizam pela estreita coordenação da sua componente quinestésica (que é a componente principal das técnicas motoras automatizadas) com os cálculos ópticos, ou seja, a observação do jogo. As ações sensório-motoras representam soluções simples, variáveis em múltiplas situações, ao mesmo tempo que são elementos duma certa amplitude, largamente perfectíveis e variáveis. A maior parte das ações de jogo são ações sensório-motoras, desde o simples *remate à baliza*, passando pelas *defesas*, até *utilização racional das relações espaciais que surgem nas colocações da equipe*. Estas últimas ações são já ações táticas. (MAHLO, s. d., p. 83, grifos nossos).

É sobre os *níveis de técnicas*, embasando-nos em Mahlo (s.d), que trataremos agora, considerando a compreensão dos níveis de conhecimento estabelecidos até aqui. Para tanto, continuemos a análise da jogada de nossa situação concreta. Estávamos na operação de condução de bola de Pires, em uma ação de ataque da equipe inglesa do Arsenal. Passamos a nos reportar, a partir de agora, ao momento em que Pires, por ter percebido e analisado a situação de jogo, supostamente, toma sua decisão de passar a bola ao companheiro de equipe, Dennis Bergkamp.

Não é demais reforçar que, por se tratar de situações de jogos de alto rendimento, as técnicas efetivadas pelos jogadores destacados encontram-se em alto grau de desempenho. Dessa forma, tais técnicas estão colocadas num nível de consciência elevado. Quanto a esse aspecto, Mahlo (s. d) destaca ser impossível detectar o tipo de técnica numa ação imediata. Para ele, “a aparência externa de uma ação não nos permite distinguir uma ação sensório-motora duma ação resultando duma atividade mental criadora. É o nível de formação dos jogadores que permite concluir pela predominância duma ou de outra.” (MAHLO, s.d, p. 85).

Dessa forma, Pires, nosso *jogador experimentado*, realizou o ato de conduzir a bola de modo que, simultaneamente, pudesse perceber e analisar as situações em jogo que ocorriam a seu redor, efetivando a primeira fase da ação do jogador. Nesta, inclusive, está a prévia-ideação da objetivação prática dessa resolução, ou seja, o fim de sua ação encontra-se já na análise e síntese da situação concreta (MAHLO, s.d).

Assim, a *condução de bola* realizada por Pires dinamiza e é dinamizada por um conjunto de movimentos objetivos organizados que compõem a operação que se orienta à ação de ataque, mas também – e isso não poderia ser diferente – impulsiona movimentos do pensamento, ligados em interação constante com a fase posterior, a da *solução mental*, prevendo uma *solução prática* possível, sendo esta, como vimos em nosso pressuposto teórico, a última fase da ação do jogador.

Tendo isso em vista, a resolução da finalidade posta de sua ação de ataque articulada à ação coletiva ofensiva de sua equipe objetivando a realização do gol, nosso jogador,

enquanto conduzia a bola em direção ao setor de ataque de sua equipe, *ergueu a cabeça e a movimentou muitas vezes tentando visualizar o máximo de elementos possíveis para realizar a leitura ideal da situação; manteve o tronco quase que totalmente ereto; no fim da operação de condução de bola, antes de passá-la ao companheiro de equipe, ajustou-a com a perna direita, ajustando o tronco de forma que pudesse realizar uma segunda operação, a de passe, para dar prosseguimento à construção coletiva da jogada*, dentre outros movimentos objetivos organizados menores que compuseram, detalhada e refinadamente, a sua técnica de condução de bola, assimilada no seu longo processo de aprendizado em sua trajetória como jogador, efetivada em uma situação particular de contra-ataque.

Por se tratar de uma situação concreta de transição ofensiva, de passagem de uma situação de defesa para uma situação de ataque, o que normalmente faz com que a equipe oponente esteja desorganizada, a finalidade do ato de Pires encontrou-se orientada à efetivação do gol. Para isso, buscou meios mais adequados para efetivá-la. A condução de bola constituiu uma importante operação para a efetivação da ação desta ação de contra-ataque, como também o passe, como analisaremos adiante, na relação com Bergkamp.

Como aponta Leontiev (1978), a ação também apresenta uma finalidade, que por sua vez atrela-se à finalidade da atividade, mesmo que possa parecer o seu contrário. O espanto de um animal em uma ação de caça está aparentemente vinculado à finalidade de sua não captura. Se eu não o desejo, eu o espanto. Mas, a ação orientada conscientemente à atividade de captura do animal está, essencialmente, ajustada à lógica coletiva de seu espanto. O fim da ação não necessariamente se articula de forma direta com a finalidade da atividade da qual faz parte. Portanto, sua articulação ocorre por um conjunto de mediações. No futebol, às vezes, a recuada de bola, por meio do passe, para o setor defensivo em uma situação de ataque, é *espantar o animal para depois capturá-lo* em condições mais adequadas, desde que, obviamente, o faça atendendo à determinada intencionalidade tática.

Guardiola estabelece a intencionalidade técnico-tática-estratégica como primordial na elaboração das ações em jogo, tanto a serviço da organização ofensiva quanto da estruturação defensiva, por meio de um dos seus conceitos, aparentemente empírico, mas que, no entanto, atende à determinada lógica interna, essencial para o domínio do oponente mediante a unidade defensivo-ofensiva de sua ação, o dos *quinze passes iniciais* na elaboração do ataque (mas também da defesa). Por meio de precisos e, por isso, preciosos passes, Guardiola sugere estrategicamente a seus atletas a efetivação da lógica de, no mínimo, quinze passes entre os membros da equipe em uma situação objetiva de ataque, tanto para se

organizar conjuntamente para ação ofensiva quanto para se estruturar defensivamente (PERARNAU, 2015).

De acordo com Perarnau (2015), Guardiola destaca que, na lógica dos quinze passes em sua vertente ofensiva, a intencionalidade é conquistar os espaços fundamentais do jogo — para ele dividido em defesa, meio e ataque —, de modo que conquiste os dois primeiros mediante essa forma coletiva de realização de passes, para que no último terço do campo (de ataque), condizente com os últimos trinta (trinta e cinco) metros de campo de jogo, a equipe chegue devidamente agrupada (no sentido coletivo da palavra) a ponto de estabelecer, numérica e espacialmente, situações favoráveis — por meio de outros passes, mas também de outras operações, como dribles, fintas e deslocamentos sem bola —, as quais condicionem à finalização do ataque mediante arremate à baliza, perspectivando superar o goleiro, grosso modo, no último conflito particular da relação do controle espacial de jogo, resultando, assim, em gol.

Simultaneamente à organização ofensiva, pelo princípio dos quinze passes, Perarnau (2015) explica que Guardiola organiza sua equipe defensivamente, sendo que na lógica dos passes, sobretudo curtos, orientados à organização coletiva conscientemente preparatória para a finalização adequada em condições criadas para tal, os jogadores agrupam-se de modo que, caso percam a bola, por algum erro de passe, o time possa recuperá-la imediatamente. Articulado a esse agrupamento de seus jogadores, o treinador espanhol motiva-os a exercer outro princípio que considera fundamental: o da pressão defensiva acionada intensivamente por aproximadamente quatro segundos em caso de perda da posse de bola. A dinâmica consiste na pressão do jogador marcador individual, aproximando-se em velocidade, sobre o jogador adversário que estiver com a posse de bola, com o objetivo de recuperá-la imediatamente, já que estrategicamente a equipe de Guardiola estrutura-se com a manutenção constante da posse de bola para exercer o domínio sobre seu adversário. Do mesmo modo que o jogador marcador individual se aproxima intensamente, diminuindo os espaços de atuação do jogador oponente, limitando suas ações de ataque, os companheiros defensores devem marcar, pressionando individualmente os adversários sem a bola, impedindo ou, ao menos, dificultando a recepção de bola e, portanto, cerceando a continuidade de construção das jogadas de ataque. Caso sua equipe não consiga nesse tempo, seus jogadores formarão uma espécie de marcação por zona, em que serão responsáveis pelo cuidado defensivo de um determinado setor.

Reiteramos que essa unidade defesa-ataque é treinada por Guardiola, como nos indica Perarnau (2015; 2017), cotidianamente, por meio do já destacado rondo/meinho —

além, obviamente, de outras formas, como o próprio jogo de futebol, com suas regras oficiais –, o que o enriquece, enquanto jogo coletivo, como possibilidade pedagógica concreta – se bem orientada, sistematizada e conduzida didaticamente –, para a efetivação da compreensão desta unidade (defesa-ataque) em articulação com a apropriação e o aprimoramento do organismo técnico-tático-estratégico, essencial para o desenvolvimento do jogo de futebol.

Para aproveitar a reflexão dessa unidade da dinâmica defesa-ataque, generalizando-a, ou seja, indo além da análise particular do futebol, convidamos para *entrar em campo*, antes de prosseguirmos com a análise da situação concreta de condução de bola de Pires, outro futebol, mas agora americano. Nele, o quarterback é o jogador que desempenha extraordinária função, principalmente de passador de sua equipe. Quase toda jogada, chamada de snap, passa por ele. O center passa a bola para ele, que deve acionar, por meio de passes ou corridas, avanços de territórios à sua equipe. Para isso, necessita de proteção especial para que tenha tempo, num espaço adequado, de efetivar essa ação de forma *minimamente pensada*. Boa parte de sua equipe de ataque, composta, como no futebol, por onze jogadores, destina-se a protegê-lo. São no mínimo 5 jogadores, salvo exceções de jogadas específicas, que protegem, com bloqueios permitidos pela regra, as investidas de ataque ao quarterback. Essa proteção trata-se, portanto, e em nosso entendimento, efetivamente, de *ações de defesa dentro de ações de ataque*. Muito se tem a se discutir sobre essa questão. No entanto, para o propósito deste trabalho, buscamos apenas evidenciar nossa preocupação com o limite da configuração de ataque e defesa nos esportes coletivos apontados por Bayer (1994), destacando que a relação ataque-defesa, enquanto unidade, mantém-se em nosso horizonte teórico.

Voltando ao futebol, vimos que Guardiola apregoa que a organização de sua equipe para a finalidade de superação do oponente dominando o seu espaço, na dinâmica substancialmente conjunta de ataque-defesa, efetiva-se por meio da precisão e da velocidade com que são realizados concretamente os passes de sua equipe, objetivando com isso desorganizar a equipe oponente mediante ação ofensiva e, de forma simultânea, organizar defensivamente a sua equipe caso perca a bola.

A posse de bola é só um instrumento, uma ferramenta, não é um objetivo nem um fim em si mesmo. O técnico explica: “se não houver uma sequência de passes preparatórios, é impossível realizar bem a transição de ataque e defesa, Impossível. O importante não é ter a bola, nem passá-la muitas vezes, mas combinar os passes com uma intenção. Os percentuais de posse de bola ou o número de passes de um time ou de um atleta não tem a menor importância: o que importa é a intenção por trás dos passes, o que se buscava quando foram dados, o que uma equipe pretende quando tem a bola em seu poder. Isso é o que importa! (PERARNAU, 2015, p. 110).

Nesse caso, a condução de bola e, posteriormente, o passe constituíram importantes meios para a ação particular de Pires em uma situação de contra-ataque de sua equipe,

objetivando a manutenção da posse de bola para o prosseguimento da elaboração de um ataque eficiente. A técnica de condução de bola realizada de forma acelerada visando ganhar tempo para conquistar espaço, de modo que percebia e analisava as movimentações de seus companheiros e de sua equipe, orientando-se por uma lógica tático-estratégica, foi importante meio para a efetivação do ataque, mas não o suficiente para resultar em gol. Para tal o *passé*, com sua qualidade, constituiu-se em valioso mecanismo de continuidade da construção da jogada de ataque. Pires combinou, de modo adequado, dois importantes meios de prosseguimento na trajetória de conquistas particulares da totalidade do confronto com o oponente.

De forma geral, pelo exposto até aqui sobre a técnica de condução de bola de Pires, lembremos, de forma histórica, que o conjunto de regras condiciona a ação. Contudo, outras possibilidades da ação, mais detalhada e sofisticada, foram surgindo e se aprimorando ao longo do processo histórico, seguindo também as próprias mudanças de regras durante os períodos, mas principalmente fomentadas pelos avanços na tecnologia dos materiais (bolas, chuteiras etc.) e dos espaços esportivos (estádios modernos, gramados melhores etc.), como também pelo desenvolvimento interno do próprio jogo, em sua dinâmica de ataque e defesa e nos avanços em conhecimentos táticos e estratégicos sobre o auxílio de variados campos científicos (da esfera da preparação física, das metodologias de ensino-aprendizagem, entre outras).

Assim, o jogador se apropria de conhecimentos, de modos de atuação mais avançados, de gerações anteriores para poder continuar jogando e desenvolvendo o jogo. É nesse sentido que continuamos afirmando que Pires traz consigo, em sua condução concreta, *na ponta da chuteira*, as conduções construídas, aprimoradas e desenvolvidas por jogadores anteriores ao longo do devir histórico. Esse é um ciclo que não podemos esquecer: *o movimento histórico da apropriação e da produção do conhecimento*.

Nessa perspectiva vimos, no segundo capítulo, que a primeira técnica do futebol provavelmente tenha sido justamente a técnica de condução de bola, a qual surgiu na própria gênese do futebol no século XIX, na Inglaterra, como o modo mais adequado de realizar operações/ações de ataque no futebol, contribuindo para o próprio desenvolvimento deste jogo particular. Nele, o passe foi conscientemente descoberto como meio, como possibilidade concreta de construção das jogadas de ataque pelos escoceses, que agregaram/acrescentaram a coletividade na objetivação do jogo de futebol, contribuindo tanto para o desenvolvimento da especificidade da técnica do futebol como para o desenvolvimento do próprio futebol.

Como destacavam os jornais da época, segundo Wilson (2016), para que uma condução de bola se orientasse à resolução tático-estratégica imposta à sua equipe, era necessário que o jogador tivesse, cada vez mais, *um olhar voltado para a descoberta de um ponto fraco, para calcular e decidir as chances de sucesso*. Progressivamente, os conhecimentos formulados pelos jogadores daquela época na lógica de condução de bola como meio de realização de um ataque foram se consolidando como *verdades do jogo*, comprovadas e reafirmadas nas competições que se configuravam como cotidianas, bem como no profissionalismo dos jogadores, que permitiu que se dedicassem (de corpo, alma e coração) à prática do futebol como trabalho. A intensificação do futebol na vida cotidiana foi se ampliando para além da Escócia e da Inglaterra, tomando primeiramente a Europa e a América do Sul para depois se estender praticamente a todos os países do mundo. Conduções de bola foram sendo aprimoradas e, ao mesmo tempo, sofisticaram configurações tático-estratégicas por todo o mundo, o que potencializou o próprio modo de execução da condução de bola.

Reiteramos assim que Pires trouxe, em nossa situação concreta, na ponta da chuteira, com seu modo de execução adequado para a efetivação da ação de ataque na atividade de jogo, as conduções de bola sofisticadas ao longo do processo de desenvolvimento do futebol, desde sua gênese. A técnica (ou o conjunto de técnicas) de condução de bola, como conhecimento histórico, é um dos meios mais adequados para a efetivação da ação de ataque no jogo de futebol, bem como o passe, o drible e o chute, os quais analisaremos a seguir.

Dando sequência à análise *da situação concreta*, prestemos atenção no comportamento de Denis Bergkamp no momento do passe de Pires. Primeiramente, ele busca receber a bola numa região central. Essa decisão carrega, a priori, a orientação tática de um importante conteúdo teórico da ação coletiva no jogo: o *controle dos espaços*. Euzébio (2017) destaca a importância desse componente teórico da tática na orientação dos jogadores e equipe. Reforça que a conjuntura do jogo dará os elementos mais concretos de quais espaços devam ser controlados, mas, ao mesmo tempo, traz o indicativo, de forma geral, da importância do controle do centro para os esportes, utilizando-se de exemplos do xadrez e do próprio futebol.

Guardiola⁴³, utilizando-se também dos exemplos do xadrez e do futebol, para especialmente entender melhor este último, pois trata-se de sua atividade de trabalho, salienta a relevância do domínio das regiões centrais no jogo para a dinâmica de ataque e defesa. Sua

⁴³ Talvez o principal treinador de futebol na atualidade. Seguidor das ideias de Johan Crujff, Guardiola é atualmente o treinador do Manchester City, da Inglaterra.

organização tática de ataque orienta-se por essa busca constante, justamente porque nas regiões centrais aumentam-se as possibilidades de elaborações objetivas de jogadas (PERARNAU, 2015).

Vimos ainda, neste capítulo, que, no movimento histórico de constituição do futebol, funções táticas e técnicas de jogo foram criadas e recriadas a fim de atender racionalmente a lógica interna de controle do oponente dominando o espaço. Dentre as funções táticas destacamos que o *falso nove* provavelmente tenha sido criado na década de 1890, ainda na gênese do futebol em solo inglês, exatamente para alargar as possibilidades concretas de construção das jogadas de ataque no setor de ataque. Nesse período, G.O Smith, presumivelmente, como salienta Wilson (2016), foi o jogador que melhor desempenhou essa função tática, que consiste na inserção efetivamente presencial e dinâmica do jogador nessa função em *regiões centrais do setor de ataque*, justamente, para aumentarem-se as possibilidades de ações táticas de sua equipe (PERARNAU, 2015).

Nos períodos posteriores, agora em outros campos espalhados pelo mundo, experimentações táticas do *falso nove* em novos sistemas táticos – os quais foram surgindo para o atendimento da lógica interna do jogo –, foram realizadas com sucesso. O jogador húngaro Puskas, na Copa do Mundo de 1954, desempenhou essa função com qualidade até então pouco vista na história do futebol, contribuindo para que a seleção húngara fosse conhecida historicamente como *uma das melhores equipes de todos os tempos*, principalmente pelo seu poder ofensivo. Em 1986, Maradona sagrou-se campeão da Copa do Mundo de Futebol pela seleção argentina desempenhando, muitas vezes, essa função, com *habilidade sem igual*, objetivada por uma técnica de condução de bola veloz articulada a dribles acelerados e desconcertantes nas mais diversas zonas do campo de jogo. Além do mais, o argentino se deslocava frequentemente do meio para as extremidades do campo, o que dificultava as ações defensivas de seus marcadores (WILSON, 2016).

Guardiola, enquanto treinador do Barcelona, resgatou essa função a fim de atender justamente a esse alargamento de potencialidades concretas na elaboração de ataques na região central do último terço do campo, o que constitui *desenhos táticos* eficientes. No período em que exerceu a função de treinador do Barcelona (de 2008 a 2012), muitas vezes *Lionel Messi*, um dos melhores jogadores do mundo na atualidade, atuou como um *falso nove* (PERARNAU, 2015). Recentemente, como treinador do Manchester City, Guardiola vem confiando essa função, de modo alternado, dependendo da configuração tática pretendida para o jogo determinado, ao jogador belga Kevin De Bruyne e ao jogador alemão Ilkay Gundogan. Ambos com características diferentes em relação a Maradona e a Messi. Estes mais velozes

nas conduções de bola e dribles; aqueles jogadores eficientes na dinâmica de passes constituída no jogo de posições do City.

A metamorfose da função tática do falso nove, de outras funções táticas e do próprio jogo – e não poderia ser diferente –, continua inesgotavelmente, o que exigiu (e exige) sofisticação técnica para cada uma dessas novas configurações tático-estratégicas na busca da superação ao oponente, com ou sem a posse de bola.

Frisamos, também, que o domínio dessa região central, obviamente, deve estar antagonicamente posto em relação ao ataque. Nesse sentido, sistemas de defesa também foram e são criados a fim de esgotarem-se as possibilidades centrais do ataque oponente, criando uma dinâmica defensiva, com um forte sistema de coberturas, que inibam e dificultem essas ações ofensivas adversárias, *empurrando*, preferencialmente, as equipes para as extremidades do campo. Simeone, por exemplo, importante treinador argentino que na atualidade sagrou-se campeão do disputado campeonato espanhol (temporada 2020/2021) pelo Atlético de Madrid, conseguiu com êxito tais feitos, em confrontos importantes com equipes oponentes, como Real Madrid e Barcelona, configurando-se tático-estrategicamente como padrão defensivo geral, numa formação coletiva com duas linhas defensivas, com quatro jogadores em cada uma delas, devidamente compactadas, sendo que uma linha encontrava-se mais próxima à sua linha de meta (e obviamente ao seu goleiro) enquanto a outra linha estruturava-se um pouco mais à frente, formando a segunda defensiva, com movimentos concatenados pela lógica das coberturas verticais e horizontais, orientados ao movimento do jogador com a posse de bola, perspectivando evitar investidas ofensivas que conquistassem regiões centrais aproximadas de sua meta.

Como regra geral, as movimentações defensivas direcionam-se ao fechamento constante do meio, evitando ao máximo que essa bola chegue ao atacante, sobretudo evitando o jogo de pivô, que acontece *por dentro* do sistema defensivo oponente, ampliando as possibilidades de arremates à baliza. Com esse padrão tático-estratégico, o Atlético de Madrid conquistou o título de melhor defesa da competição, com 25 gols tomados em 38 jogos, contribuindo significativamente para o título do campeonato espanhol.

Pelas questões discutidas, supomos que Bergkamp, com essa orientação tático-estratégica de domínio de centro no setor de ataque, infiltrou-se no setor defensivo adversário, buscando ampliar as potencialidades ofensivas: suas, e, obviamente, de sua equipe. Foi nesse momento que solicitou ao companheiro, com o gesto de levantar a mão direita, a bola, mesmo porque a região central do último terço de campo, sendo importante espaço de confronto direto nos conflitos particulares entre atacante-defensor, ainda estava em disputa. O passe,

como meio adequado de realização de um possível ataque, no tempo e no espaço certo de sua efetivação, é que indicaria o domínio possível dessa região. E isso, por meio do passe de Pires, efetivou-se em nossa situação concreta.

Realizada essa possível conquista e um suposto controle de uma região central importante na batalha travada entre Arsenal e Newcastle, em uma situação acelerada de contra-ataque, em milésimos de segundos, outro recorte de nossa imagem mostra-se fundamental para pensarmos a dedutiva possibilidade de orientação teórica na decisão de Bergkamp diante da percepção e análise da situação que, por sua vez, importante destacar, colocam-se sempre em movimento. A situação muda a cada novo movimento objetivo organizado que irá compor, detalhadamente, uma operação e/ou ação de jogo, de quem ataca e de quem defende, o que desencadeará outras possíveis operações/ações constantemente analisadas. No jogo, isso é altamente dinâmico.

O recorte, em nossa imagem, dá-se aos *10 segundos*. Com a tela congelada, é possível percebemos e analisarmos que Dennis Bergkamp encontrava-se em *inferioridade numérica*, ou seja, em certa desvantagem numérica em relação aos oponentes. Para Euzébio (2017), a *superioridade numérica e de espaço* é um conteúdo teórico da tática o qual se estabelece em relação com outros conteúdos, que precisam ser articuladamente pensados a fim de romper com a ação oponente, seja na defesa ou no ataque.

Bergkamp estava, portanto, em inferioridade numérica, entre três marcadores diretos. Um jogador às suas costas, outro à sua frente e um à sua esquerda, considerando que Bergkamp encontrava-se de costas em relação à baliza oponente. Não nos esqueçamos de um quarto jogador que estava à sua direita, um pouco mais distante, porém na sua zona de marcação, e do próprio goleiro, encoberto pela imagem. Ao mesmo tempo, percebem-se ausências, nessa batalha específica, de companheiros de equipe. O mais próximo em relação a ele era o jogador de número doze, nosso figurante, que aparece no canto da tela, quase imperceptível.

Com essas informações captadas pela percepção ótico-motora do jogador holandês, como vimos anteriormente, deduzimos que tenha pensado que se dominasse a bola protegendo-a do oponente que se encontrava atrás dele, fazendo assim a função de pivô⁴⁴, estaria cercado por quatro jogadores oponentes e, assim, dificilmente encontraria outra solução para sua equipe, como passes para seus companheiros ou uma condução de bola para

⁴⁴ Função tática em que o atacante recebe a bola de costas para a baliza oponente, protegendo-a a ponto de realizar uma segunda ação, sendo esta de passe a outro companheiro ou até mesmo de giro em direção à baliza.

uma região mais favorável, ganhando assim tempo para pensar a ação, dentre outras soluções possíveis. Esse tempo, pensou, talvez eu não tenha.

Inferimos também que Bergkamp pensou que continuaria em inferioridade numérica caso optasse por reter a bola sob seu domínio. Talvez tenha pensado na sua capacidade interna de driblador. Como característica, seus dribles não são efetivamente similares aos de *Messi* e de *Neymar*, por exemplo, que vão resolvendo as situações-problema impostas pela lógica interna de domínio do espaço com dribles subsequentes e acelerados em direção à baliza oponente. Esses dribles subsequentes efetivam-se como um traço característico de ambos esses jogadores, mas não de Bergkamp. Este, por sua vez, tem característica de um drible seguido imediatamente de passes ou finalizações a gol na elaboração da ação de ataque. Certamente percebeu e pensou sobre isso no momento de tomada de decisão. Ora, se dominasse com o intuito de conduzir a bola em direção à baliza, teria que efetivar vários dribles e possivelmente perderia a bola.

Mais uma vez salientamos que não pretendemos aqui adentar a lógica de tomada de decisão do jogador, mesmo porque precisaríamos aprofundar outras esferas do conhecimento científico e da formação humana, mas sim apresentarmos a necessidade da técnica e/ou do conjunto de técnicas, como conhecimento, como modo de execução mais adequado para a realização da ação tático-estratégica, seja ofensiva ou defensiva – e também transitória ofensiva ou transitória defensiva, se preferimos nos aprofundar na complexificação do jogo –, orientada à lógica racional de domínio de espaço para o controle da ação corporal do oponente, que, reciprocamente, orienta-se à lógica de tempo de execução da ação para o alcance do êxito desejado em cada conflito particular que compõe a totalidade da atividade de futebol.

Seguindo essa linha de raciocínio, consideramos que a técnica ou o conjunto concatenado de técnicas, como conhecimento elaborado historicamente, que compõe a ação tático-estratégica ofensiva ou defensiva, deve contribuir para que o sujeito singular ou a coletividade dos sujeitos singulares atenda (ou deveria e/ou deverá atender) à determinada lógica racional espaço-temporal na busca dos meios efetivos para a finalidade de superação do oponente no jogo de futebol.

A técnica como o modo de execução mais adequado, como meio sofisticado, precisa, então, atender a essa lógica racional espaço-temporal para a finalidade da conquista do controle do oponente nos conflitos particulares que o jogo de futebol solicita, objetivamente, em situações-problema que o compõem em sua totalidade.

É por isso que a *finta* do jogador singular deve ser realizada no momento certo e, simultaneamente, atrelada à conquista do espaço certo, do modo correto, para o atendimento da lógica de construção da jogada de ataque (ou até mesmo de defesa). Sendo assim, os detalhes que formam a posição inicial do jogador (inclusive na fase preparatória para a efetivação da operação da ação), a velocidade de seu deslocamento em direção à bola ou ao espaço adequado para recebê-la, dependendo do que a situação particular do jogo pede, fazem toda a diferença. Isso significa que as sutilezas dos movimentos objetivos organizados que compõem a técnica de uma ação na atividade são decisivas para o atendimento dessa lógica espaço-temporal que leva o jogador a dominar o oponente no conflito particular, que, por sua vez constitui a totalidade do jogo de futebol. Seguimos reafirmando, a cada detalhe teórico que refina nossa análise sobre a técnica, que jogar é, de fato, complexo!

Retomando nossa análise sobre a situação concreta, foi então que Bergkamp efetivou uma das jogadas mais geniais que o futebol produziu, justamente pela complexidade de decisões e ações que ela exigiu dele, além da plasticidade de sua operação (ou seria nova técnica!) de *drible* articulada à sua sofisticada técnica de *chute*. O que ele fez, como dito anteriormente, foi *receber a bola driblando o oponente*, ou seja, ele articulou duas operações conscientes em uma só operação da ação ofensiva: *recebeu a bola ao mesmo tempo driblando*. Podemos dizer que ele *recebeu a bola atacando-a*. Atemo-nos um pouco na *recepção* e no *drible* de forma separada, para entendermos melhor a expressão adotada nas linhas anteriores.

Tomamos como *recepção de bola* a ação de receber, ou controlar, ou até mesmo dominar a bola de forma adequada (TENROLLER; MERINO, 2006). A nosso ver, ela também é uma operação constituinte do passe. Para isso, nos apropriamos do conceito de passe. De acordo com Rosa (2012), o passe é o lançamento do instrumento de jogo ao colega de equipe em condições que a *recepção* seja efetivada, envolvendo necessariamente as operações de lançamento, deslocamento e recepção do instrumento. A estruturação do passe, portanto, se dá pelo lançamento, passando pelo deslocamento (trajetória) da bola, culminando na recepção dela. Foi exatamente isso que aconteceu na relação de Pires com Bergkamp, quando o primeiro efetivou um passe ao segundo. Reforçamos que o passe se efetiva como importante ação ofensiva do jogo de futebol.

Contudo, Bergkamp dominou a bola com a ação simultânea de início do *drible*. Tratamos aqui *drible* como a operação/ação de desequilibrar o oponente com o instrumento de jogo obtendo vantagem sobre ele ou a ação consciente de ludibriar o adversário com a bola (TENROLLER; MERINO, 2006). Podemos nos perguntar se a ação consciente, com os

elementos que discutidos até agora, pode, nessa ação específica, virar um ato conscientemente automatizado, ou operação consciente. Pelo conceito de jogador experimentado, que adotamos de Leontiev (1978), podemos afirmar que o drible é uma operação, um meio de realização da ação de ataque no jogo de futebol.

Mas, o que cabe pensarmos aqui, na situação concreta de Bergkamp, é a complexidade da ação combinatória dessas duas outras operações corporais importantes para o desenrolar das tramas do jogo. Na ação do jogador holandês, está a articulação de ambas as operações motoras: *recepção da bola e drible*. Essa articulação de duas operações formando, de certa forma, uma terceira operação motora da ação de ataque, é posta num grau de dificuldade maior, pois se encontra justamente numa situação que exige do jogador uma solução mental e prática originalmente sofisticada. A solução de sair dos marcadores e se postar em uma região favorável para a continuidade da jogada, colocando-se em condições objetivas para a finalização à baliza, objetivando a concretização do gol, se deu em apenas um toque na bola, em uma situação específica do jogo de pivô.

Essa técnica *de receber a bola atacando-a objetivando um drible*, apesar de certa originalidade na plasticidade da operação da ação de ataque, carrega um conjunto de conhecimentos prévios, de ordem técnica e tática – como vimos – que dinamiza e é dinamizada por uma ação psicológica chamada por Zaporózhets (1987) de *fase preparatória do movimento consciente*. O autor destaca que essa fase de preparação, de estruturação psicológica para uma ação ulterior é fundamental para a qualidade desta ação de ataque e das operações motoras que de certa forma a compõem. O sucesso dessa cadeia mobilizadora da ação da recepção aferindo um drible, com a fase preparatória irrigada de conhecimentos técnicos e táticos prévios, assimilados ao longo da vida como jogador – desde a tenra idade até a vida profissional assídua – tornando-o experiente, por meio de treinos e jogos, certamente contribuiu para a qualidade de sua ação, da realização do drible com apenas um toque para outra ação ulterior, a do chute a gol, a qual converteu-se, assim, em um ataque eficaz.

No congelamento da imagem em nossos 10 segundos da situação concreta analisada, podemos perceber que Bergkamp recebe a bola atacando-a com um toque com a perna esquerda (a não dominante⁴⁵ do atacante) e, ao mesmo tempo, ludibria o oponente direto da batalha, o último zagueiro, com um toque sutil de pé esquerdo, enquanto gira seu corpo também pelo lado esquerdo, num movimento incomum no futebol, realizando uma espécie de

⁴⁵ No linguajar do futebol, a *perna não dominante* significa a de não predominância nas operações/ações de jogo. Nesse caso, Bergkamp é destro.

meia lua ou drible da vaca numa situação de jogo de pivô, de modo que a força e a maneira com que realizou o toque que resultou no drible, no ritmo e velocidade que o fez, colocou a bola no espaço onde nenhum dos oponentes que o cercavam pudesse tirar a bola dele.

Figura 1 - Drible da vaca de Bergkamp numa situação de jogo de pivô.



Fonte: Acervo pessoal

É possível que a operação de Bergkamp, principalmente no ato do drible da vaca em um jogo de pivô, na ação de ataque tenha emergido em meio a certa casualidade. Estamos cientes disso. Todavia, também sabemos, de acordo com as discussões que vimos traçando, particularmente em Lukács (2013), que casualidade e causalidade se entrelaçam, podendo efetivar certo movimento surpreendente, que pode articular-se com elementos de causalidades, com conhecimentos do organismo técnico-tático-estratégico que compõe (e/ou nutre) o pensamento em ação do jogador na atividade de futebol, como no caso por nós analisado. Assim, a casualidade do drible de Bergkamp pode ter trazido certa casualidade “aparente”, na surpresa do momento da operação de drible, mas ela tem elementos de fixação emergente (ou não) de elementos anteriores.

Bergkamp considera em sua entrevista, na continuidade do vídeo em análise, certa casualidade em seu ato, sendo que sua intenção era (supostamente) ludibriar o oponente por meio de seu giro (de pivô) acompanhando o mesmo lado da bola, como ocorre comumente na vida cotidiana do futebol. Entretanto, possivelmente, carregando certa causalidade de conhecimentos e experiências anteriores em seu ato casual, Bergkamp foi surpreendido pela trajetória curvilínea da bola advinda do passe de Pires, a qual foi modificada precisamente

com o leve toque na ponta da chuteira de seu oponente direto – que tentava impedir que a bola chegasse a Bergkamp, por meio da operação defensiva de interceptação –, ocasionando um efeito de recepção, comparando ao tênis, proveniente ao ataque em *topspin*⁴⁶.

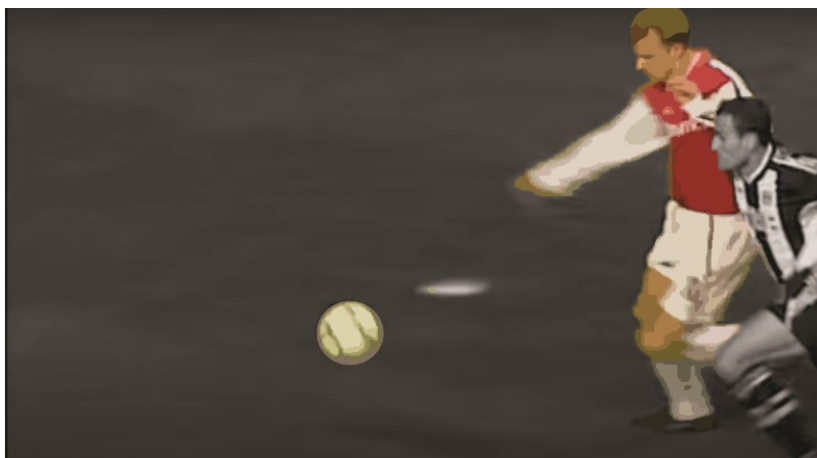
Dessa forma, o passe de Pires efetivado de cima para baixo com efeito curvilíneo sofreu um efeito contrário ao esperado, tanto para ele quanto para Bergkamp, pelo fato de ter encostado na ponta da chuteira do jogador adversário e tomado outra trajetória e consequência, dificultando ainda mais o processo de tomada de decisão de Bergkamp sobre que solução motora, sobre que meio adequado utilizar para a continuidade da jogada de ataque.

Também reforçamos que, por meio de uma análise imediata, esse drible poderia ter sido realizado como comumente ouvimos na vida cotidiana, principalmente vinculado às defesas difíceis dos goleiros, como uma ação de *puro reflexo*, dando, inclusive, certa conotação de mística à ação: é dom! Contudo, destacamos nesse momento que é justamente pelo componente interno da ação, ou melhor, por meio da *operação consciente*, orientada pela tarefa de driblar para resolver uma questão tática atrelada à ação ofensiva, que se esclarece essa operação de drible de Bergkamp como uma técnica motora altamente complexa, sobretudo trazendo nela os conhecimentos e experiências acumulados ao longo da trajetória do jogador experiente.

Na sequência da jogada, após a beleza do drible, nos segundos imediatamente posteriores, Bergkamp se projeta diante do oponente, protegendo-se com os braços de forma que não realize uma obstrução, adequando o seu corpo de modo que efetivasse a finalização satisfatoriamente, resultando em gol.

⁴⁶ Topspin é um golpe muito usado no tênis, em que o jogador bate (ou rebate) na bola com a raquete num movimento de cima para baixo, com a finalidade de causar um efeito que acelere sua caída repentina na quadra do oponente, dificultando a reposição do adversário.

Figura 2 - Bergkamp completando o drible se projetando para o chute.



Fonte: Acervo pessoal

No conjunto de nossas deduções acerca das percepções e análises possíveis que levaram Bergkamp a tomadas de decisão para a efetivação de sua operação de drible nessa situação concreta de ataque, destacamos duas que entendemos como chave. Não estamos aqui descartando as outras mencionadas anteriormente, mas sim potencializando as duas inferências a seguir, mesmo porque o emaranhado de problemáticas que vão se manifestando no pensamento do jogador experiente, em sua leitura da situação de jogo, isto é, em sua primeira fase da ação, orienta o processo decisório, que por sua vez dinamiza-se por concatenações de possíveis soluções práticas e a escolha dessa solução. Estamos aqui justamente na interação da solução teórica adotada para o desdobramento prático. Tudo isso se efetivando em milésimos de segundos. Sobre *como* é possível essa *velocidade* do pensamento, veremos na próxima situação concreta.

Aqui desejamos externalizar, em primeiro lugar, a complexidade do processo de pensamento e ação do jogador experiente em jogo de alto nível para, em segundo lugar, destacarmos o papel da técnica nessa complexidade, mesmo porque a técnica é, como vimos, condição necessária para a realização da operação motora consciente da ação corporal em determinada atividade fim. Trata-se do conjunto – minucioso e sofisticado – de movimentos ou do conjunto de combinações de movimentos – detalhados e sofisticados – mais adequados, criado e recriado numa dinâmica histórica da operação/ação humana na atividade, que se caracteriza pela segurança, rapidez e precisão da sua efetivação orientada ao cumprimento da finalidade consciente da atividade.

Diante disso, apontamos que a primeira das deduções é que a percepção e a análise de Bergkamp alimentaram-se da técnica de passe de Pires, o que significa que o drible de Bergkamp inicia-se na análise e síntese acerca do *tipo de passe* realizado pelo seu

companheiro de equipe, bem como sua trajetória, velocidade e forma. O início desse passe se manifesta em nosso vídeo dos sete aos oito segundos e chega ao pé de Bergkamp dos nove aos dez segundos. Sendo assim, a sofisticação do drible de Bergkamp requer a análise minuciosa do passe de Pires.

O tipo de passe de Pires é conhecido no futebol como o *passe com a parte lateral interna do pé*. Denominamos o tipo de passe caracterizando a parte do corpo com que é realizado, obviamente considerando as regras do Futebol. O jogador de futebol, exceto o goleiro em sua área penal, não poderá realizar, de forma geral, suas ações corporais com as mãos, antebraços e braços⁴⁷. Sendo assim, existem os passes, menos frequentes, de cabeça, de ombro, de peito, de coxa, dentre outros, e existem os passes, mais frequentes, com os pés.

Temos as formas de passe mais frequentemente utilizadas com os pés – com a *lateral interna, com a lateral externa e com o peito do pé (dorso, parte superior do pé)* etc. –, e as infrequentemente utilizadas, mas não menos importantes – com o calcanhar, com o bico (com a pontas dos dedos), com a planta do pé (parte inferior do pé). Cada situação específica do jogo requererá uma determinada forma de passe, como vimos, para o atendimento tático-estratégico de cada ação específica no interior de conflitos particulares, os quais constituem o *todo* da atividade de futebol.

Assim, tomamos nossa situação concreta para iniciarmos uma pequena análise sobre os passes mais frequentes no jogo de futebol, com o intuito aqui de apresentarmos a complexidade da leitura de jogo e das decisões tomadas por Bergkamp na situação específica analisada e, sobretudo, destacar a necessidade da qualidade da ação em que a técnica cumpre papel fundamental. O tipo de passe efetivado em nossa situação concreta, tanto por Bergkamp no início de nossa jogada quanto posteriormente, o passe realizado por Pires a Bergkamp culminando no drible, também em análise, foi com a lateral interna do pé.

Esse tipo de passe é frequentemente efetivado e utilizado pelo jogador atendendo a situações de segurança no princípio operacional de manutenção de posse de bola e na progressão à baliza oponente, de modo que sua equipe construa as jogadas de ataque dominando os espaços de forma gradativa, esperando assim uma situação favorável, que desestruture a defesa, o que significa domínio do espaço pelo controle da ação corporal do outro, para, assim, atacar a baliza oponente. Nessa progressão gradativa, paciente e segura no domínio de espaço, o passe mais curto, considerando a distância entre um jogador em relação

⁴⁷ Excetuando a regra do arremesso lateral, em que o jogador deverá efetuar-lo com as mãos. O arremesso lateral é a forma de reposição da bola no campo de jogo quando esta sai de campo pelas linhas laterais. Ver detalhes das regras em: Confederação Brasileira de Futebol (2019).

a seu companheiro, torna-se adequado e condiciona a realização eficiente e aperfeiçoada dessa forma de passe. Nesse contexto, a forma mais precisa, rápida e segura para realizá-lo, ou seja, a operação motora adequada para o fim da ação é com a lateral interna do pé – e isso é apenas um detalhe da técnica –, considerando, é claro, a força despendida para realizá-la em resposta à lógica racional espaço-temporal que a situação concreta solicita.

Foi assim que, em nossa situação concreta, Bergkamp realizou o passe com a parte lateral interna do pé a Pires e o recebeu deste também assim. Outros fatores são fundamentais para a realização desse modo de passe. Além da segurança na manutenção da posse de bola e progressão à baliza, tem-se a distância entre os jogadores que realizam os passes na elaboração das jogadas de ataque. A preferência tática por um jogo terrestre em detrimento de um jogo aéreo, considerando características individuais dos jogadores de equipe e a proposta estratégica e tática do jogo, também condiciona o jogador a realizar essa forma de passe na busca de um eficiente e primoroso ataque coletivo.

O Manchester City, do treinador Guardiola, na atualidade, manifesta essa proposta de jogo com passes curtos que permitem um avanço tático-estratégico gradativo. Neste vídeo⁴⁸, que apresenta a situação concreta de um ataque da equipe do City no clássico da cidade com a equipe do United, foram trocados 44 passes antes da efetivação do gol. Desses passes, 3 foram com o peito do pé e 2 com a parte lateral externa do pé. Portanto, desses 44 passes, todos com os pés, 39 passes, foram com a parte lateral interna do pé. Nessa proposta (tático-estratégica) de jogo, com manutenção constante da posse de bola e troca de passes entre os companheiros do City em espaçamentos curtos, objetivando uma progressão gradativa e segura que vá dominando os espaços da defesa oponente, no seu tempo certo, até encontrar fragilidades organizativas do oponente, a forma de passe mais utilizada para sofisticar essa ação corporal é, assim, com a parte interna do pé.

Além disso, para a consolidação dessa proposta de jogo, não basta apenas tornarem-se jogadores habilidosos de passe, mas sim estar na posição certa para recebê-los. Anderson e Sally (2013) exemplificam Xavi – jogador do estilo Tik Taka do Barcelona – como jogador de futebol diferenciado justamente por sua capacidade de bem posicionar-se para receber a bola em condições apropriadas para, assim, dar a efetiva sequência na construção de ataque por meio de seus passes apurados. Sua diferenciação está justamente na lógica racional de encontrar-se na posição certa no momento certo, para assim acionar o passe mais adequado para ação de ataque. O que não é tão simples.

⁴⁸ Ver em: https://www.youtube.com/watch?v=H8v8DiPX-Lk&ab_channel=JankNEWS.

Nessa direção, os autores apontam a necessidade de efetivar a construção do ataque com passes primorosos simultaneamente a recepções sofisticadas em lugares adequados. Isso fortalece nossa tese da sofisticação do sistema técnico-tático-estratégico para a compreensão aguçada sobre o futebol. O passe deve servir ao domínio de espaço da mesma maneira que o espaço deve potencializar a função tática do passe na construção das jogadas de ataque. A passagem a seguir manifesta adequadamente essa relação espaço-temporal na dinâmica dos passes em situação de ataque.

Em outras palavras, o futebol de posse de bola é mais do que simplesmente ser capaz de passar a bola – no topo da pirâmide do futebol profissional, tem relativamente pouco a ver com isso: é mais uma questão de estar no lugar certo para recebê-la, ajudando o companheiro de equipe a ficar na posição certa, da maneira certa, e ajudando-o a se livrar da bola de maneira que o time mantenha o controle dela. Como incontáveis treinadores já gritaram para seus atletas em dificuldade, você não passa a bola com os pés, você passa com os olhos e o cérebro. O futebol se joga com a cabeça.

Um bom time, quando está no ataque, consegue criar e encontrar espaço tanto para o passador da bola quanto para o alvo desejado, tornando mais fácil a situação do passe. Um time fraco, na mesma situação, não cria tanto espaço, de modo que a situação do passe fica mais difícil. Bons times não passam a bola melhor que times fracos. Eles simplesmente engendram mais passes fáceis, em posições melhores, limitando, assim, as perdas de bola. (ANDERSON; SALLY, 2013, p. 144).

Uma proposta de jogo diferente desta, mas não necessariamente menos eficiente, de passes curtos e progressões tenazes e gradativamente lentas e seguras, é a do Liverpool, da Inglaterra. A equipe, comandada pelo treinador alemão Jurgen Klopp, apresenta uma proposta de jogo pautada na verticalidade. Significa que o domínio do espaço e a consolidação de certa superioridade em uma situação de ataque não necessariamente se dará por uma proposta de jogo centrada numa horizontalidade tenaz, pautada em trocas constantes de passes aproximativos, que mova assim coletivamente a equipe à baliza oponente, mas que esse domínio aconteça por *ligação direta* do setor de defesa ao setor de ataque, isto é, sem uma possível mediação pelo setor de meio campo. Para isso, passes longos muitas vezes são realizados de forma que consigam exercer essa verticalidade na ação de ataque. Além dos passes longos, com uma organização defensiva cada vez mais preocupada com um domínio de espaços no setor de defesa, surge a necessidade de passes que sejam realizados por cima dos jogadores, os chamados passes aéreos em profundidade. Para realizar esse passe longo e aéreo em profundidade de forma que ligue o setor defensivo ao setor de ataque, sem necessidade de intermediação pelo setor de meio-campo, o passe com *o dorso do pé* (peito do pé)⁴⁹ se torna essencial, assim como se torna fundamental um passe com o dorso do pé tecnicamente bem realizado, isto é, de forma rápida, segura e precisa – com a força

⁴⁹ Ver vídeo <https://www.youtube.com/watch?v=Q2KPE5r1Sr0>. O vídeo mostra imagens de passes com o dorso do pé de forma que liguem o setor de defesa ao setor de ataque.

empregada e a velocidade despendida na bola de modo adequado pelo jogador –, a fim de sofisticar a ação corporal do passe de modo que atinja certo domínio de determinado espaço, em determinado tempo da ação de jogo, em determinada situação concreta de ataque.

Contudo, ressaltamos que na dinâmica do jogo ambas as propostas estratégicas de ataque, pois se trata de orientações gerais de um plano geral no futebol (EUZÉBIO, 2017), requerem todos esses tipos de passes. Não os negam em detrimento de outros. O Manchester City, mesmo diante de sua proposta estratégica de horizontalidade e manutenção constante da posse de bola, necessita de passes longos, inclusive os usa constantemente, como forma de tentar desorganizar a defesa oponente. Os passes longos aéreos de uma lateral a outra, por exemplo, são constantes. Para isso, o passe com a parte externa do pé é fundamental como meio de efetivação de um ataque.

Do mesmo modo, na construção de ataque, mesmo com orientação para um jogo vertical, é necessário passes mais curtos e, portanto, com a parte interna e externa do pé. Não podemos esquecer que o futebol, por se estabelecer historicamente na relação antagonista entre os sujeitos, apresenta o confronto de duas equipes que se orientam a objetivos mutuamente apostos direcionados ao mesmo alvo, possuindo como objeto a relação de controle da ação corporal do outro pelo domínio de espaço num determinado tempo. Por isso, deve-se considerar, sobretudo, a ação opositiva da equipe oponente para organizar-se tática e estrategicamente. Desse modo, a realização sofisticada dessas formas de passes, em suas variabilidades de formas e conteúdos, em ambas as propostas acabam sendo exigências da efetivação de um bom ataque em alto nível.

Chamamos atenção aqui à complexidade da técnica de passe nas exigências que o jogo impõe. Não se trata apenas do passe, mas como e com que potência o realizo, com que qualidade o efetuo a fim de atingir o objetivo da função que desempenho coletivamente. O passe, como vimos, sendo a ação/operação corporal de transferir a bola ao companheiro de equipe de modo que ele tenha condições de dominá-la, sendo o domínio, parte de sua estrutura interna (ROSA, 2012), necessita de sofisticação e de primor para que as táticas e estratégicas sejam objetivadas do mesmo modo. Isso significa dizer que assim como o passe precisa ser primoroso e sofisticado, o domínio, como fase última da primeira operação corporal da ação de ataque, também precisa ser.

Para realizar o domínio de forma apurada, necessito perceber e analisar o passe realizado pelo companheiro, para decidir como o dominarei. Na sofisticação das formas e tipos de domínios, poderíamos adentrar num conjunto de análises similares a que fizemos anteriormente em relação à forma de passe. Afinal de contas, qual a forma de dominar melhor

um determinado tipo de passe e sob que vigor corporal fazê-lo? De que maneira realizá-lo – com o dispêndio de energia adequado para tal – e sobre que finalidade domino a bola, para o atendimento de qual lógica racional espaço-temporal? No entanto, para nossa discussão, apontaremos apenas algumas complexidades a partir da análise do domínio de bola de Bergkamp.

A técnica de passe realizada por Pires com a parte lateral do pé foi de forma curvilínea justamente pelo efeito com que o fez. Além desse efeito, o jogador francês estabeleceu-o com certa força – para que a bola chegasse ao companheiro pretendido – fazendo com que a trajetória da bola, além de curvilínea, fosse também instável. Isso não significa dizer que o passe foi ruim, mesmo porque Pires cumpriu o papel do passe, de chegar em condições de domínio e talvez fosse o único jeito, já que dois jogadores tentavam impedir esse passe – ação percebida dos sete aos oito segundos do vídeo –, isto é, evitar que a bola chegasse a Bergkamp. Além do mais, vimos anteriormente que o efeito contrário que a bola atingiu por tocar, inesperadamente, na ponta da chuteira do jogador adversário, foi determinante para o ato subsequente de Bergkamp.

Figura 3 - Momento de iniciação da execução do passe de Pires em direção a Bergkamp



Fonte: Acervo pessoal

Aquilo que afirmamos no início desta análise, de que a percepção e a análise de Bergkamp, ou seja, sua leitura de jogo, alimentaram-se da técnica de passe de Pires, significa dizer que o jogador holandês precisou, para sua tomada de decisão, levar em consideração a

força com que a bola veio do passe de Pires e de que forma ela veio, curvilínea, instável e com efeito. Melhor dizendo, Bergkamp precisou assimilar que técnica de passe – a serviço de que lógica racional tempo-espço da atividade de futebol – foi realizada pelo jogador francês a fim de influenciar seu ato posterior presente na ação coletiva de ataque. Articula-se a isso o contexto situacional no qual Bergkamp se encontrava, ou seja, que elementos táticos e estratégicos estavam postos na particularidade desse confronto mutuamente oposto, enquanto possibilidade de operação ofensiva diante da relação objetiva ataque-defesa. Jogar é complexo!

Nesse contexto e na particularidade do passe de Pires realizado com força e em trajetória curvilínea, sinuosa e instável, em outras palavras, da técnica de passe de Pires, influenciada pelo contrafeito da trajetória e velocidade do passe como consequência do toque da bola na chuteira do jogador defensor oponente, Bergkamp tomou a decisão, como já explanamos, de *dominar driblando*. Tecnicamente o fez com um detalhe fundamental. Efetou nessa ação corporal o movimento que culminou na originalidade dela. Na ação corporal desse domínio que ao mesmo tempo dribla podemos perceber um movimento sutil. Esse movimento vai se manifestar em nosso vídeo em dois momentos. O primeiro deles, dos vinte e oito aos vinte e nove segundos e, sob outro ângulo de imagem, dos trinta e cinco aos trinta e seis segundos. Posteriormente, na entrevista com o jogador, essas cenas se repetirão em câmera lenta, o que ajuda na análise.

Dessa forma, numa análise atentamente sofisticada – e é aí, na sofisticação que a técnica *faz morada na ação corporal* – percebe-se que Bergkamp faz um movimento de contracurva em relação à direção e ao sentido com que a bola chegou até ele. Essa batida, com a perna esquerda – a não dominante – de contracurva na bola realizada com a *parte lateral interna* do pé, fez com que ela passasse no entorno do defensor que imediatamente o marcava (marcação individual), tocasse na grama de modo a fazer um efeito que minimamente a direcionasse ao encontro de Bergkamp, no mesmo momento em que ele girava seu corpo à esquerda e à esquerda do seu próprio defensor, realizando um drible de meia lua.

Um detalhe importante no complemento do drible é justamente o efeito da bola na realização dessa batida em contracurva fazendo com que ela se voltasse a Bergkamp de modo que ele pudesse dar continuidade à jogada de ataque. Nessa sutileza de movimentos na batida de efeito com a parte lateral interna do pé está o *segredo* da originalidade técnica dessa operação corporal da ação de ataque. O drible, assim, foi conquistado. Bergkamp com essa batida na bola iniciou, na solução prática, o processo de ludibriar o oponente.

No processo de realização do drible, articulado com os movimentos já expostos neste capítulo, dando sequência à jogada, consciente e voluntariamente, Bergkamp *organiza seu corpo* posicionando-o de modo que pudesse realizar, com sua perna dominante, isto é, a perna direita, o chute. Ao mesmo tempo, o jogador holandês precisava observar a posição ocupada pelo goleiro, bem como a disposição e a preparação dele em impedir seu ataque. Assim o fez, como fez, diante disso, o gol.

Essa sequência articulada e primorosa de *domínio/recepção de bola, drible e chute*, diante de todas as circunstanciais dificuldades postas na situação concreta, apresenta a técnica como um complexo de combinações de movimentos que cumpre um papel fundamental nas resoluções de ordem tática e estratégica. Em nossa situação concreta efetiva, inferimos que o início da realização *mágica* e original de Bergkamp se deu na análise e na percepção da qualidade do passe, ou seja, na técnica de passe de seu companheiro Pires. O processo decisório de Bergkamp, considerando as já vistas fases da ação do jogador (MAHLO, S/D), desdobra-se dessa leitura e síntese da situação concreta a partir do passe recebido de Pires.

A segunda dedução provável para a realização desse domínio driblando é que a percepção e a análise/síntese de Bergkamp talvez sejam limitadas, no sentido da totalidade do jogo, ao *confronto direto* com o próprio jogador que individualmente o marca. Ou seja, talvez a análise de superioridade numérica e de espaços que tenhamos logicamente apresentado, tenha sido, naquela circunstância concreta, descartada da análise e síntese de Bergkamp. Isso não diminui em nada sua capacidade de leitura, de tomada de decisão e de efetivação prática daquela circunstância do jogo. Talvez a coloque de forma fidedigna àquela circunstância.

No futebol o confronto particular de *um contra um* ou até mesmo *dois contra dois* é extremamente frequente. Durante o jogo de futebol acontecem *pequenas batalhas* nas mais diversas zonas de campo. Isso posto, a percepção e análise de Bergkamp pode ter se limitado – no sentido da totalidade das movimentações dos demais companheiros e defensores, o que não dá menos importância, como dissemos, ao desfecho da jogada –, na leitura tática das ações de seu próprio defensor, quer dizer, no confronto direto com seu próprio marcador individual.

Melhor dizendo, Bergkamp pode ter percebido e analisado os sinais do opositor direto, que desempenhava uma marcação individual sobre ele. O jogador da equipe de Newcastle está próximo a ele, numa distância possível de realizar-se o drible meia lua. Além do mais, o defensor marca Bergkamp com os dois pés *cravados* paralelamente ao chão – manifestado aos nove segundos de nossa situação concreta – com os joelhos fletidos, com uma postura de quem esperava o *domínio da bola para si* pelo jogador holandês. Dessa

forma, parece-nos que sua decisão em esperar o *domínio de bola de Bergkamp* para realizar um possível e imediato desarme na ação posterior do jogador atacante, colocou-o numa tardia reação diante da decisão de Bergkamp, inesperada pelo defensor, de um *domínio que o driblaria*. Sobre os aspectos teóricos da ação corporal de *marcação*, fundamental na dinâmica do jogo de futebol, nos ateremos na seção seguinte, na análise da próxima situação concreta.

Na sequência desse *confronto um contra um*, percebe-se, principalmente no movimento dos 36 aos 37 segundos, que Bergkamp ao girar no entorno do defensor, logo após o toque na bola, projeta seu braço esquerdo no peito do jogador defensor, sem que efetue uma falta, e direciona-se em busca da bola orientado à superação do oponente no confronto direto pelo domínio do espaço, posicionando-se para o chute.

Possivelmente isto, o gol, só foi possível pela sofisticação do drible, colocando a bola e se projetando a ela, no, talvez, único espaço possível para que a jogada toda acontecesse, com todos os marcadores envolvidos e com os tempos desfavoráveis à sua ação. A técnica de recepção articulada com um drible resolveu uma questão de ordem tática. Suponhamos que foi ali, naquele espaço específico, por toda dinâmica de operações e ações que o lance nos mostra, o local pensado pelo jogador para resolver o problema posto, para ele e para sua equipe, de modo que sua ação ulterior tivesse êxito. Foi naquele espaço que colocou propositalmente – salvo a situação causalidade-casualidade, destacada anteriormente – a bola para que pudesse resolver outra situação problema, a de confrontar-se com o goleiro. Nesse duelo, ainda protegendo-se do zagueiro com as mãos – importante movimento objetivo organizado que compõe técnicas de recepção de bola e de dribles no jogo de pivô, Bergkamp percebe a posição que o goleiro ocupa no espaço e seu movimento, e escolhe o canto direito, com a bola rasteira passando sobre a linha de meta e efetivando o gol. Jogada mágica!

Cabe aqui um registro fundamental em relação à gênese de uma determinada técnica, como modo de execução mais adequado para a realização de determinada ação de jogo, configurando-se historicamente em conhecimento essencial para o movimento de reprodução, tendencialmente progressivo, do futebol. Assim, vimos que a técnica de condução de bola de Pires *carrega na ponta da sua chuteira* as conduções de bola realizadas desde sua gênese, em meio ao entendimento e aprimoramento dos processos históricos de desenvolvimento das ações que, de certa forma, sintetizam o organismo técnico-tático-estratégico no jogo de futebol. Esse movimento histórico de constituição da técnica é verdadeiro também para a técnica de passe que percebemos em Pires e para além dele, por meio de análises que fizemos, embasadas em outros lances e/ou discussões, no transcorrer desta seção. Aliás, passes e conduções de bola, similares aos realizados por Pires, bem como dribles e fintas (dentre

outras operações, inclusive combinadas), são frequentemente utilizados como meio adequado para a realização da ação de ataque, condicionando a realização do próprio jogo, enquanto o *drible da vaca em uma situação de jogo de pivô com a bola atingindo um contrafeito em topspin*, não se constitui, no sentido histórico (mas pode se constituir), em técnica.

Isto não acontece, a nosso ver, justamente pelas complicações dos detalhes incomuns, de causalidades e efeitos, como a análise que fizemos de *topspin* em um jogo de pivô, dentre outras complicações vistas e discutidas, numa situação de ataque comumente do jogo de futebol. Dessa forma, *reconstruir* essa operação como técnica, como modo de execução mais adequado para a realização da ação de ataque, elaborada historicamente, confirmada e reafirmada na vida cotidiana dos sujeitos praticantes do futebol, fica muito mais difícil, embora não possamos descartá-la como possibilidade histórica.

Grosso modo, o que estamos afirmando é que é muito mais difícil reproduzir no jogador singular a técnica – se é que se configura efetivamente como técnica em seu sentido histórico – de drible realizada por Bergkamp – talvez aí esteja o encanto – do que o passe e a condução de bola destacados na cena analisada. Isso não os torna menos importantes em relação àquela, muito pelo contrário, pois estas estruturam possibilidades concretas de efetivação daquelas quando assimiladas e aprimoradas ao longo do processo de formação do jogador singular, determinando e, simultaneamente, sendo determinadas pelo jogo de futebol.

Diante da situação concreta analisada, identificamos também, apoiados em Mahlo (s.d), que uma simples condução de bola de uma *técnica motora simples e de uma técnica sensório-motora* requer um conjunto de assimilações e aprimoramentos pelo sujeito, ao longo de seu processo formativo como jogador, dessa técnica específica e que, para que outras ações mais complexas, incluindo as ações táticas, sejam realizadas, torna-se necessário a automatização consciente desse ato, ou seja, a transformação da ação consciente em operação consciente. Esse processo de transformação de ação em operação consciente, de ação em condição e conteúdo interno de outra ação, é fundamental para o aprimoramento, inclusive técnico, do jogador, tornando-o adequadamente apto para o jogo, mesmo porque, “uma grande atenção fornecida à técnica não permite resolver corretamente a situação.” (MAHLO, s.d, p. 49).

Dessa forma, pela automatização de uma ação consciente, a consciência volitiva do jogador *está livre* para se atentar às possibilidades táticas e estratégicas do jogo, que por sua vez, são resoluções essencialmente solicitadas quando se trata de uma atividade que apresenta em sua essência interna a relação de controle da ação corporal do outro pelo domínio da lógica espaço-temporal. Essa intencionalidade volitiva do jogador à resolução do problema

posto move uma cadeia que articula ações volitivas em operações conscientes. Para essa cadeia se mover adequadamente, é necessário a técnica.

Sobretudo é importante destacar aqui que a ação do jogador no jogo não se identifica, portanto, com a técnica. A técnica é um instrumento essencial, melhor dizendo, um componente fundamental no ato de jogar realizado pelo jogador no dinamismo complexo que é o jogo. A técnica não é a ação do jogador em si. Ela é a qualidade da ação (MAHLO, s.d).

Vimos também que quanto maior o nível técnico, tático e estratégico do jogo, mais se solicitam ao sujeito *técnicas sensório-motoras*, sendo aquelas que se formam a partir de maior exigência sensorial que o confronto impõe e que demandam, portanto, uma *antecipação intelectual* da ação, ao mesmo tempo que se estruturam possibilidades de uma técnica que se efetive como *forma superior do pensamento tático*. Mahlo (s.d) destaca que o componente quinestésico é o componente principal das técnicas, e que as técnicas sensório-motoras são estabelecidas de forma interativa no jogo, num plano motor maior por meio das *combinações gestuais* nas situações de jogo. Apresentaremos do que se trata essas combinações gestuais na segunda situação concreta, logo a seguir, por meio da análise dos dribles subsequentes do jogador sueco Ibrahimovic. Cabe agora assinalar que o nível de exigência qualitativa dessas combinações orienta a efetivação de *técnicas complexas (resultando de uma atividade mental criadora)* na ação tática do jogador no jogo.

Foi esse tipo de técnica, *resultando de um ato criativo*, que, em nossa compreensão, efetivou Bergkamp em nosso lance mágico. Sua percepção ótico-motora desenvolvida e aguçada permitiu-lhe perceber-se, no momento da recepção de bola, nesse espaço, entender suas possibilidades motrizes diante da inferioridade numérica na qual estava e resolver a situação com um toque na bola que, ao mesmo tempo, efetivasse um *drible da vaca* – de um modo particular – *em uma situação de jogo de pivô*, girando no entorno do oponente, com a dosagem – de força, velocidade, tempo e espaço, fluência etc. – certa para que continuasse atacando. Foi então, que acertando o drible, ajustou-se o seu corpo a fim de chutar a bola com a perna direita, sua predominante, para melhor realizar o ataque à baliza. Acertou. Sua ação singular de ataque culminou em gol. Toda a situação-problema evidenciada na situação concreta em que Bergkamp se encontra foi resolvida, desde sua recepção até o arremate final, em toda sua complexidade apresentada acima, com dois toques na bola. Eis o lance mágico!

Nesse sentido, o drible, com uma recepção atacando a bola, efetivou-se como uma forma superior de pensamento tático, sendo que esta operação motora, em meio ao nível de complicações postas ao jogador holandês na realização desse conflito particular, contribuiu, substancialmente, em articulação com outra operação motora, o chute, como meio adequado

para a efetivação do fim desejado da ação de ataque no futebol – a realização do gol – de modo que encontrou o início desta resolução por meio desse drible, concatenado, inicialmente, com a técnica de passe de Pires (com seus percalços, vistos acima, em sua trajetória), e posteriormente com a técnica de chute.

A operação motora consciente *de recepção atacando a bola de forma que efetivasse um drible*, de Bergkamp na situação concreta assistida, sendo a síntese combinada de outras operações motoras fundamentais para o desenvolvimento do jogo de futebol, com sua plasticidade e sofisticação dos movimentos objetivos organizados que a compõem, consegue efetivar adequadamente a lógica racional espaço-temporal condicionando a continuidade da jogada na busca do fim da ação de ataque.

Por isso, fundamentados em Mahlo (s/d), consideramos que essa operação se constituiu como uma forma superior do pensamento tático. Isso só foi possível pela combinação da assimilação e do aprimoramento de *técnicas sensório-motoras acumuladas* ao longo do processo ontogenético do jogador, o que o fez experiente. Essas técnicas sensório-motoras dão base para a formação de técnicas complexas resultado de uma atividade criativa. A questão central é que esses três níveis de técnicas não se excluem, mas sim retroagem e interagem uns nos outros, dependendo do nível de consciência depositada pelo jogador na ação, do nível exigido pela própria situação de jogo e do nível de qualidade das ações apropriadas ao longo da formação do jogador, convertidas em operações conscientes.

Destacadas essas questões, seguimos com análises acerca da técnica na particularidade do futebol.

2.3 SITUAÇÃO 2: ASSIM NINGUÉM SEGURA!⁵⁰

Apesar de considerarmos que a seção anterior, intitulada *situação 2: O mágico*, caberia muito bem na roupagem futebolística do jogador protagonista da cena descrita, Zlatan Ibrahimovic, justamente pelo conjunto de jogadas espetaculares que também *tira da cartola*⁵¹. Preferimos destacá-lo, contudo, em uma situação específica. Esta situação aconteceu no campeonato holandês, em 2004, na partida entre Ajax⁵² – time em que jogava o sueco – e NAC Breda. Esse jogo aconteceu na Johan Crujiff Arena, estádio do Ajax, e terminou com o resultado de seis a dois para o Ajax.

⁵⁰ Assistir a situação concreta: <https://www.youtube.com/watch?v=q2WsVHbD7zg>

⁵¹ Ver algumas dessas situações de jogo: <https://www.youtube.com/watch?v=GV1c5g3LUHQ>

⁵² Na atualidade Zlatan Ibrahimovic joga na equipe italiana do Milan.

A jogada que expressa o subtítulo *Assim ninguém segura* diz respeito aos dribles subsequentes realizados por Ibra – assim apelidado pela mídia. Essa importante operação corporal na dinâmica de ação de ataque, o *drible*, no âmbito da resolução de situações-problema poderia ser representada por outros importantes jogadores da atualidade, como o argentino Lionel Messi, do Barcelona (Espanha), e o brasileiro Neymar, do Paris Saint Germain (França). No entanto, escolhemos essa jogada particular pelas características múltiplas da técnica de cada drible realizado, de forma sequencial, com mudanças bruscas de direção, em curtos espaços e em poquíssimo tempo para realizá-los. Normalmente, os dribles subsequentes de Neymar e Messi, assim como foram os de Maradona, são num espaço de ação maior e ao mesmo tempo de forma acelerada, enquanto esses dribles subsequentes de Ibra aconteceram com mudanças bruscas de direção, num espaço menor e num tempo menor para a efetivação das operações corporais na ação de ataque. Isso lhe exigiu uma série de ações/operações que respondessem à dificuldade que a situação de jogo lhe impôs pela considerável quantidade de marcadores em um curto espaço para ação/operação. Vejamos a situação concreta a seguir.

A cena do vídeo demonstra que Ibra, antes de receber o passe do companheiro de equipe, encontra-se próximo ao semicírculo da área oponente. Ele se projeta para receber a bola do companheiro de equipe, posicionando-se de costas para o gol, apoiando-se com a mão esquerda (sua *extensão do olho* nesse instante) no peito do jogador oponente, com uma carga que não estabeleceu uma relação faltosa, desempenhando assim, como o companheiro Bergkamp na cena analisada anteriormente, o papel de pivô.

Essa função de pivô lhe dá proteção em relação ao oponente que o marca diretamente e segurança para a recepção de bola. Isso é um princípio geral de ação do jogador nessa posição de ataque. Na sequência da jogada, ao receber a bola, domina-a imprecisamente, de modo que necessita disputá-la diretamente com outro defensor. Ao ficar com a posse de bola, após a disputa direta com o oponente, Ibra estabelece uma série de dribles e conduções de bola que foram resultando numa finalização com o pé esquerdo e que, efetivamente, transformaram-se em gol.

Do mesmo modo que na situação concreta anterior, passamos agora a *desacelerar* a cena para analisá-la – *com mais calma* – à luz da teoria. Antes de começar pelas ações coletivas de dois importantes coadjuvantes que contribuíram efetivamente para a realização da tarefa coletiva de ataque, sinalizamos que conceitos apresentados na situação concreta anterior também estarão presentes nesta situação concreta.

Ibra é um *jogador experiente*. Isso significa que ele se apropriou, durante sua formação futebolística, entre treinos e jogos, autoinformações e informações de treinadores e professores, de conhecimentos – inclusive, os de ordem técnica –, das ações necessárias para a atividade de jogo a ponto de automatizá-las conscientemente, transformando-as assim em operação consciente, aperfeiçoando-as enquanto jogador e condicionando-as a resoluções de problemas ainda mais complexos que o jogo impõe, formando um significativo sistema de conteúdos técnico-tático-estratégicos. Um sistema que, em condições concretas favoráveis, sofisticou e qualificou cada vez mais suas operações e ações de jogo.

Esse movimento de aprendizagem que gerou desenvolvimento permitiu que Ibra participasse do jogo num *contexto de alto nível* competitivo, como, por exemplo, o campeonato holandês, que impõe um conjunto de desafios mais complexos em relação a jogos de níveis inferiores. Lembramos que em jogos de alto nível, as técnicas sensório-motoras – aquelas em que o jogador apresenta certa antecipação intelectual no ato de jogo – apresentam-se constantemente como predominantes e ao mesmo tempo condicionam as técnicas, resultando em um ato criativo. Esta última encontra-se no nível mais avançado da técnica no jogo. Esse nível de técnica, de operação consciente, incorpora os outros dois níveis de técnica (sensório-motora e motora) e é o resultado da interação sofisticada e primorosa entre as fases da ação do jogador – fase de análise (e síntese) e percepção da situação de jogo; fase da solução mental; e fase da solução prática – que efetiva a ação atrelada à atividade fim.

Nesse sentido, ratificamos que no futebol a finalidade/motivo, a relação essencial geral é o controle da ação corporal do outro pelo domínio de espaço, condicionado pelas regras, dinâmica de ataque e defesa, e pelos conhecimentos do estatuto tático-estratégico. Sendo assim, a técnica se estabelece como o modo mais adequado – seguro, preciso e eficaz – de efetivação de uma operação ou um conjunto de operações que compõem a ação atrelada à finalidade/motivo de controlar a ação corporal do outro, nessa ação mutuamente opositiva orientada a um mesmo alvo, dominando o espaço de jogo.

Nesse emaranhado de questões anteriormente tratadas, encontram-se mergulhadas as ações/operações de dribles realizadas por nosso jogador protagonista: Ibra. Assim como em questões que apresentaremos a seguir, poderão atrelar-se também a nosso jogador protagonista da situação concreta anterior, Dennis Bergkamp. O movimento de superação por incorporação de novos conhecimentos referentes ao ser da técnica no jogo de futebol estará presente a seguir, como estiveram no horizonte de nossa escrita até o momento.

Iniciemos pelas questões relacionadas diretamente à segunda situação concreta a partir da ação de dois jogadores coadjuvantes. Como vimos em nosso jogador da situação

concreta anterior, Pires, a operação *mais simples dentro* de uma ação de ataque em situação de jogo no alto nível, como a condução de bola, acaba carregando uma série de avanços provenientes de um longo processo de apropriação e desenvolvimento dessa ação em treinos e jogos realizados pelo jogador. Muitas ações nesse processo foram transformadas, de certa forma, em operações conscientes, *em técnica assimilada*, para que outras ações se estabelecessem prioritariamente na consciência do jogador.

Nesse sentido, a técnica de condução de bola tratada pormenorizadamente na situação concreta vale também para o início da jogada de nosso vídeo, logo aos três segundos deste. O jogador companheiro de Ibra conduz a bola em direção ao campo oponente tentando realizar uma ação coletiva de ataque. Ao carregar a bola, no primeiro instante, observa um companheiro à sua frente, nosso segundo jogador coadjuvante, que se encontrava em uma posição não favorável para a recepção de bola e ao mesmo tempo impedia a progressão ao ataque do companheiro com posse de bola. O coadjuvante com a posse de bola, dos quatro aos cinco segundos de nosso vídeo, possivelmente tomou a decisão de passar para o Ibra, pelo movimento sem bola de nosso segundo coadjuvante. Se este não tivesse agido como agiu, a jogada possivelmente seria outra. Imaginamos o passe a um dos dois jogadores posicionados nesse instante (quatro/cinco segundos) como possibilidade de seguimento de ataque. No entanto, a ação sem bola, na dinâmica de ação coletiva da dinâmica de ataque, de nosso segundo jogador coadjuvante, abriu a possibilidade de passe a Ibra. Foi a ação do jogador sem bola, movimentando-se em direção a um espaço vazio, que permitiu o passe ao jogador mais avançado no campo de ataque.

O segundo jogador coadjuvante, o que agiu sem bola, o fez possivelmente orientado por um princípio geral de ação coletiva. O sinal, a sua percepção e análise (síntese) para a sua ação corporal sem bola foi dado na própria condução de bola do seu companheiro em sua direção. Como uma possível ação de dinâmica de ataque coletivo, imediatamente desloca-se girando à sua esquerda, indo assim para o lado direito do seu campo de ataque. Essa ação sem bola criou uma *linha de passe*⁵³ entre o companheiro que estava com a bola e o nosso jogador protagonista Ibra, ao mesmo tempo que evitou que o jogador oponente realizasse uma possível *dobra*⁵⁴, além de colocá-lo em condições efetivas de recepção de bola no

⁵³ Conceito muito utilizado no esporte. Serve para designar a possibilidade de passe entre os jogadores. Para os atacantes sem bola, a orientação é favorecer o surgimento dessas linhas abstratas. Para os defensores, é impedir que elas apareçam.

⁵⁴ Dobra significa, na linguagem esportiva, a ação tática defensiva de cobertura de um jogador a outro companheiro de equipe, orientado pela importância de se estabelecer, em jogo coletivo, a superioridade numérica (EUZÉBIO, 2017). Assim, o jogador defensor sai de seu marcador e vai em direção ao jogador que está com a posse de bola e está sendo marcado por seu colega de equipe. Dessa forma dois jogadores marcam um. Algumas

prosseguimento da jogada. Percebe-se, em nossa situação concreta, que dos três aos sete segundos o jogador coadjuvante que agiu sem bola possibilita efetivamente a recepção de bola de Ibra. O fato de este não dominar a bola eficientemente ou talvez por não perceber seu companheiro para um possível passe de primeira, ou, ainda, por não querer passar a bola a ele por algum motivo interpessoal, impediu a realização da importante ação tática de *triangulação*.

Um breve parêntese sobre a triangulação. Na imagem congelada aos sete segundos (figura 3), percebe-se abstratamente um triângulo entre os três jogadores descritos em cena. A triangulação se efetivaria se Ibra, ao receber a bola do primeiro jogador coadjuvante, acionasse por meio de passe o segundo jogador coadjuvante, o que agiu sem a bola, saindo de uma *condição morta* de jogo, isto é, sem possibilidade de contribuir na tarefa coletiva de ataque para uma situação viva, quer dizer, com possibilidade de participação efetiva na construção da jogada de ataque. As triangulações são importantes mecanismos táticos para a penetração eficiente da equipe atacante na defesa oponente de modo que se efetiva superioridade numérica e de espaço.

questões precisam ser elucidadas: 1) Não se faz dobra em qualquer momento e espaço de quadra/campo/piscina (há uma orientação tática particular a cada esporte, mas também há uma geral); o basquete e o futsal apresentam a mesma orientação. A dobra é orientada a ser feita, logicamente pela equipe defensora, no momento em que o jogador atacante estiver na ala de seu campo de ataque e ao mesmo tempo realizar uma ação tática ou tecnicamente malsucedida, como por exemplo, quando o jogador atacante levar a bola para a extremidade da lateral da quadra de forma que dificulte seu próprio campo de visão em relação à totalidade do jogo e seu próprio campo de ação. É nesse exato momento – eis a complexidade do jogo – que o jogador defensor deve realizar a dobra. Estamos no conteúdo do conteúdo (EUZÉBIO, 2017) *dobra?* 2. A dobra não se faz em qualquer momento do jogo e não deve perdurar por muito tempo, com o risco de inclusive perder-se em superioridade numérica. Isso significa que o jogador defensor deve realizar a dobra objetivando recuperar a posse de bola ou impedir que o ataque seja feito pela equipe atacante, desarmando o jogador que estiver com a posse de bola. Para isso, deve *fechar todas as linhas de passe*, juntamente com o companheiro de dobra, ou seja, impedir todas as possibilidades de ação/operação de passe. Deve impedir também outras ações/operações: o jogador atacante não deve ter espaço suficiente para conduzir a bola e/ou driblar. Este, o drible, é uma ótima ação para superar a dobra. Marcar o Neymar e o Messi com dobra não deve ser nada fácil.

Figura 4 - Possibilidade de triangulação ofensiva.



Fonte: Acervo pessoal

Tão importantes que acabam, inclusive, estruturando-se como a configuração tática mais importante na ofensividade do supercampeão Chicago Bulls, sob o comando de Phil Jackson. O então treinador do Bulls identificou, no denominado *triângulo ofensivo*, do importante treinador universitário Tex Winter, uma possibilidade ampla de construções fluentes e autônomas de ataques que encontrassem espaços livres na defesa oponente, sem que necessitasse de um jogo constante de contato físico, presente no espírito do jogo das equipes da *National Basketball Association* (NBA). As jogadas coletivas eram pautadas, de forma geral, no vigor físico dos jogadores. Era preciso um tipo de jogo que extrapolasse isso e permitisse movimentações de ataque mais fluentes, capazes de encontrar espaços vulneráveis na defesa (PHIL JACKSON; HUGH DELEHANTY, 1997).

O triângulo ofensivo talvez seja melhor descrito como um *tai chi para cinco homens*. A ideia básica é orquestrar o fluxo de movimentos de modo tal que a defesa acabe se confundindo, criando-se desta forma incontáveis aberturas na quadra. [...]. Exemplo: à medida que Scottie Pippen leva a bola quadra acima, ele e dois outros jogadores formam um triângulo no lado direito da quadra, com cinco metros de espaço entre eles – Steve Kerr no córner, Luc Longlev no pivô de baixo e Scottie no prolongamento da linha lateral na direção da linha de lance livre. Enquanto isso, Michael Jordan fica por perto da cabeça do garrafão, e Toni Kukoc se posiciona em frente a Pippen, do outro lado da quadra. A seguir, Pippen passa bola para Longlev, e todos fazem uma série de movimentos coordenados, dependendo de como a defesa adversária reage.

A questão aqui é não confrontar a defesa, mas brincar com os defensores até fazê-los abrir a guarda. Isto significa pensar e agir em uníssono, como um grupo, e estar sempre consciente, a qualquer momento, do que está acontecendo em quadra. Executado adequadamente, este sistema é virtualmente invencível, porque tudo nele

é flexível e não existe nada predeterminado, portanto, a defesa não pode saber o que vai acontecer a seguir. Se a defesa tentar impedir um tipo de movimento, os jogadores automaticamente ajustam seu jogo e começam outra série de cortes e passes, que muitas vezes conduz a uma oportunidade melhor de arremesso. (PHIL JACKSON; HUGH DELEHANTY, 1997, p. 88-89, grifos dos autores).

Para isso, era necessário o entrosamento dos jogadores e suas capacidades de perceber e analisar (e sintetizar) as operações e ações de seus companheiros e de seus oponentes, fazer a leitura correta, a tomada de decisão certa e a ação eficientemente adequada. A ação coletiva, porém, era (e é) a mola propulsora das possibilidades de um ataque eficiente com as ações singulares adequadamente eficientes. Feito o parêntese sobre a importância das configurações em triângulo nas ações/operações coordenadas de ataque em jogo, prosseguimos na análise da situação concreta.

Enfatizamos que nosso segundo jogador coadjuvante, em uma situação de ataque, isto é, objetivando conquistar espaços até a consagração coletiva da finalidade de ataque, o gol, com sua ação sem bola de deslocamento para outro espaço, fez com que o marcador se preocupasse em segui-lo marcando, abrindo dessa forma possibilidades, tanto para ele mesmo, de receber a bola do segundo jogador participante da jogada, que seria o Ibra, formando assim uma espécie de triangulação ofensiva, quanto de uma possível ação do companheiro que estava com a bola, nosso primeiro jogador coadjuvante. Esta última foi a que aconteceu.

Contudo, antes de darmos continuidade à análise da sequência da jogada, destacamos que a operação de se deslocar sem bola, feita pelo jogador do Ajax, favoreceu e potencializou o prosseguimento da ação coletiva de ataque. Isso, somado ao conceito de triangulação ofensiva mencionado, elucida que a ação singular do jogador de futebol deve estar orientada essencialmente à ação coletiva de controle da ação corporal do outro pelo domínio de espaço.

As ações dos jogadores são, portanto, tarefas conscientes que se engajam na resolução constante dessa significação social produzida ao longo do processo histórico por uma necessidade antagonista do ser humano. O futebol, como muitas outras atividades particulares esportivas (basquete, vôlei, handebol, entre outras), incorporou, produziu e reproduziu essa significação social a ponto de se efetivar como uma consciência e uma necessidade social que incorpora, produz e reproduz, pelas ações do sujeito na atividade de jogo, essa significação objetiva antagonista.

Enfatizamos aqui que o termo antagonista é o que, a nosso ver, melhor representa a *significação social* opositiva objetivada pelos humanos ao longo do processo histórico e que assim produziu a necessidade e o motivo da criação de ações e relações essenciais gerais de *controle da ação corporal do outro*, presentes nas atividades de jogo e de luta

(NASCIMENTO, 2014). A intenção antagonista presente nas relações objetivas dos sujeitos históricos se junta a outras significações objetivas, que são representações e ideias produzidas pela consciência social. Nesse sentido, o Coletivo de Autores (1992, p. 62, grifos nossos), destaca que

[...] o homem se apropria da cultura corporal dispondo sua intencionalidade para o lúdico, o artístico, o agonístico, o estético ou *outros* que são representações, ideias, conceitos produzidos pela consciência social e que chamaremos de significações objetivas.

No *outros*, acrescentamos a significação antagonista das ações e operações conscientes dos sujeitos nas atividades da cultura corporal.

Na complexidade e radicalização histórica das ações e operações orientadas conscientemente ao motivo/finalidade antagonista das interações dos sujeitos e, na especificidade do futebol, norteadas conscientemente ao controle das ações corporais do outro pelo domínio de espaço, destacamos que algumas ações e operações conscientes, no nível do jogador experiente e no alto nível do jogo, sintetizam conteúdos táticos. E o fazem no aprimoramento da técnica, isto é, o fazem justamente na transformação da ação consciente em operação consciente na estrutura da atividade, num processo contínuo de aprimoramento.

Para ilustrar nossa afirmação, concentrar-nos-emos na assistência – pensando sobre o que assistimos – dos dribles de Ibra em nossa situação concreta. Para tanto, precisamos antes compreender o conteúdo interno da ação do drible. Enfatizamos, desde já, que nos apropriaremos do conceito de drible no futebol, posto que, diferentemente do conceito de passe, o conceito de drible não se pode universalizar no esporte, isto é, não se estende aos demais jogos coletivos. O drible no basquete e no handebol significa o ato de quicar a bola sobre o controle do jogador. No handebol, inclusive, o drible se articula com a finta.

Na especificidade do futebol, o *drible* se constitui em a ação de *ludibriar*, com a posse de bola, o oponente, enquanto a *finta* se estabelece como a ação de ludibriar, sem a posse dela, o oponente. (TENROLLER; MERINO, 2006; ARAÚJO, 2000; MUTTI, 2003). Na estrutura interna de ambas as operações das ações corporais, finta e drible, encontra-se a *intencionalidade objetivada do sujeito de enganar o oponente* na busca de alguma situação de jogo que lhe dê superioridade no controle da ação corporal do outro pelo domínio de espaço na tarefa coletiva de fazê-lo constantemente em determinado tempo de jogo.

Dessa forma, as operações de *drible* e de *finta* devidamente orientadas à lógica espaço-temporal de domínio da ação corporal do oponente nos conflitos diretos e particulares que o jogo impõe, trazem em si, como conceito, um conteúdo tático que Euzébio (2017) denomina de *dissimulação*. Segundo o autor, dissimular é o mesmo que blefar, enganar o

oponente de modo que se estabeleça como um conteúdo essencial do estatuto tático-estratégico. Isso significa que ambas as operações motoras nas ações de ataque apresentam essencialmente, em sua estrutura interna, o conteúdo tático da dissimulação. Dominá-las corporalmente e efetivá-las de forma consciente e voluntária ao motivo/finalidade de jogo significa substancialmente sintetizar uma tática fundamental na própria ação corporal.

Porém, a ação de *finta* e de *drible*, assim como outras ações corporais da atividade de jogo de futebol, qualificam-se à medida que o sujeito que as realizou em um processo formativo objetivado, consciente e voluntariamente, em diversas situações de jogo orientadas por movimentos de informação e autoinformação, controlados pela aceitação da dinâmica erro/acerto, e de acordo com sua própria personalidade, transforma-as em operações conscientes, quer dizer, quando essas ações corporais, com a contribuição substancial da técnica, como conhecimento histórico, forem transformadas constantemente em operações conscientes. Dessa forma, as técnicas no jogador experiente são incorporadas e aprimoradas constantemente, em treinos e jogos. Nesse movimento formativo, as técnicas de *drible* e *finta*, por exemplo, orientadas à lógica espaço temporal de domínio do oponente, constituem uma fundamental síntese tática de dissimulação na atividade de jogo.

Assim sendo, a incorporação processual consciente e voluntária dessas ações corporais no sujeito orientadas à determinada atividade adequada, neste caso particular à atividade de futebol, potencializa o sujeito a aperfeiçoá-las e qualificá-las em sua função tática e estratégica de dissimular o oponente. Nesse sentido é que defendemos um estatuto técnico-tático-estratégico na ação corporal do jogador, ação corporal que vai condensando as aspirações e os avanços técnicos, táticos e estratégicos de gerações anteriores de jogadores experientes no desenvolvimento histórico do jogo e firmando-se, bem como aprimorando-se na prática social, por meio de processos educativos. Assim, a ação corporal se estabelece como uma síntese histórica de ações de sujeitos experientes nessa atividade específica, fixando-se primeiro na história⁵⁵, como vimos no capítulo anterior, por meio da efetivação na prática social, para depois fixar-se no sujeito singular, por meio de processos educativos.

O engajamento consciente e voluntário do sujeito na atividade adequada permite-lhe apropriar-se das ações corporais de modo que busque, num movimento constante, a qualificação dessas ações em suas reproduções em treinos e jogos. Nesse *acúmulo quantitativo* de experiências em atividades de jogo com orientação à realização da forma mais adequada, a técnica, como condição para a efetivação da ação de determinada atividade fim, a

⁵⁵ Falaremos mais adiante sobre o gesto, como categoria que dialoga com nossa afirmativa, em Rubinstein.

ação se transforma em operação consciente, ocupando outra posição na estrutura da atividade, o que potencializa a realização da atividade.

Essa transformação quantitativa que gera qualidade, isto quer dizer, que transforma uma coisa em outra, também se efetiva no aprimoramento da própria ação corporal, no estabelecimento, como vimos em Mahlo (s.d), de níveis de técnicas, quais sejam: *motora, sensório-motora e resultando de uma ação criadora*. Essa ação criadora diz respeito ao nível mais avançado da técnica no jogo, sendo o resultado e ao mesmo tempo a condição para que o jogador resolva problemas complexos de ordem tática e estratégica que o jogo impõe. Esse nível de técnica constituiu, como vimos, uma forma superior do pensamento tático.

Contudo, sem perder essa questão de vista, é importante destacar que o sujeito que se apropria consciente e voluntariamente do jogo, mesmo em iniciação, o faz de forma criativa. Por outras palavras, no processo de apropriação do drible e da finta no jogo, melhor dizendo, no processo de apropriação da atividade pelo sujeito em iniciação, se efetiva, por seu caráter consciente e voluntário, como uma *ação criadora*. Por ação criadora entendemos aqui “[...] uma relação consciente e voluntária do sujeito com uma determinada atividade: o sujeito reconhece a si mesmo como sujeito criador, capaz de transformar aquilo que a atividade é naquilo que ela pode vir a ser.” (NASCIMENTO, 2018, p. 684).

Nesse engajamento consciente e voluntário do sujeito na atividade que se apreende, potencializa-se a apropriação das técnicas como condição para a realização das operações que compõem a ação corporal de ataque e defesa, bem como o aprimoramento delas para melhor atender a lógica interna do jogo de futebol. Dessa forma, o sujeito, em iniciação ou experiente vai, então, nesse processo educativo, apropriando-se e desenvolvendo as capacidades humano-genéricas (NASCIMENTO, 2014) que estão incorporadas na atividade de jogo.

Sendo assim, apropriando-se, de forma consciente e voluntária das técnicas do drible e da finta como condições essenciais para a efetivação de operações/ações para o atendimento da lógica dialética espaço-temporal do jogo de futebol, e aprimorando-as, também de forma consciente e voluntária, o sujeito singular cria para si a síntese técnico-tático-estratégica da dissimulação, como uma ideia-chave de conquista do oponente nesta atividade particular. Sem cairmos nas armadilhas da lógica moralista, alocando na lógica dialética, para dominar o adversário é preciso enganá-lo constantemente. Para que esse processo aconteça efetivamente, o de apropriação e de aprimoramento da técnica a fim de estabelecer um organismo técnico-tático-estratégico, o sujeito necessita, então, *entrar* em atividade de jogo, ou seja, engajar-se na atividade de forma orientada a seu motivo.

É preciso destacar, nesse sentido, que o jogador iniciante na atividade de futebol necessita se apropriar das operações motoras historicamente produzidas, de operações com a bola no contexto de jogo, em específico no jogo de futebol, transformadas em técnicas, em conhecimentos mais adequados para a execução das operações/ações corporais em jogo.

Isso significa dizer que o jogador iniciante precisa aprender com alguém mais experiente a *driblar* e a *fintar* atendendo à lógica interna do jogo de futebol. Mais do que isso, o sujeito iniciante deve apreender a desejar (a querer) *fintar* e *driblar*. Para tal, precisa reconhecer e tomar para si, em um processo formativo, o motivo que o engaje essencialmente na atividade de jogo de futebol. Esse motivo alimenta-se do significado antagonista incorporado na relação essencial geral de domínio da ação corporal do outro pelo domínio de espaço. Sua ação de driblar e fintar, dessa forma, deve configurar-se e dinamizar-se a partir das regras, da dinâmica de ataque e defesa e dos conteúdos táticos e estratégicos.

No que concerne à diferenciação das operações de *finta* e *dribles* na realização de uma ação de ataque, destacamos, embasados nas análises realizadas na seção anterior (na primeira situação concreta), que o drible apresenta, além do seu conteúdo interno de dissimular, a complexidade da relação do sujeito com a bola. Dessa forma, o aprendizado do drible torna-se mais complexo que o aprendizado da finta, justamente pelo sistema complexo de sensações quines-tésicas que se constitui no sujeito na sua relação com outro objeto social, neste caso, a bola.

Na mesma linha de entendimento de Mahlo (s.d) referente à importância para a construção e a efetivação da técnica pelo sujeito em determinado esporte (jogo) coletivo, e assumindo inclusive a mesma conceituação do autor de que as técnicas de ações corporais com a bola, como o drible, precisam alicerçar-se num complexo sensível muscular e tátil, Bayer (1994, p. 237) destaca:

[...] O jogador deverá, pois, descentrar-se em relação à bola para a controlar o menos possível com a ajuda das sensações visuais, portanto fazer apelo essencialmente às sensações quines-tésicas (libertar a vista para tarefas da percepção do desenvolvimento das ações de jogo).

Com isso não se quer dizer que o drible é a ação auxiliar, operação motora mais eficiente do que a ação de finta na realização de determinado jogo. Ambas apresentam importância dentro do futebol. A situação específica de jogo é que vai apresentar ao jogador a técnica mais adequada, ou até mesmo as técnicas mais adequadas, realizando-as de forma articulada. Uma finta eficiente direcionada ao arremate à baliza pode ser muito mais eficaz em determinada situação, bem como o drible pode ser, em outras situações, inclusive, a única

possibilidade. Eis a importância do domínio técnico de ambas e das demais operações motoras a serviço das ações de ataque e defesa no futebol.

Apresentada a conceituação das operações motoras de *drible* e de *finta* como meios fundamentais para a resolução de problemas tático-estratégicos, se incorporadas consciente e voluntariamente, como modos de ação mais avançados, como técnicas no seu sentido mais amplo, como síntese histórica dos *movimentos objetivos organizados* refinados à disposição do controle da ação corporal do oponente dominando a lógica espaço-temporal que o jogo impõe, no processo formativo do jogador de futebol, transformando-as em operações conscientes e efetivando-as para o sujeito que as apreende e as aprimora como ações criadoras, passamos agora a avançar em nossas análises.

Debrucemo-nos na análise dos dribles sequenciais de nosso jogador protagonista, Ibra, agora no momento de posse de bola. Em nosso vídeo, isso acontece entre os nove e dez segundos de jogo, logo após o jogador sueco disputar diretamente a bola e ganhar a disputa, fisicamente, do jogador oponente.

Importante destacarmos, como pressuposto de nossa análise, que Ibra, sendo jogador experiente em um jogo de alto nível, isto é, jogador que se apropriou efetivamente de um conjunto de conhecimentos sistematizados num estatuto técnico-tático-estratégico e que está num jogo de nível avançado de atuação competitiva, efetivou a ação corporal/operação consciente do *driblar* sintetizando conteúdos tático-estratégicos que interagem no interior da ação/operação de forma retroativa e interativa. Vejamos.

A situação concreta de iniciação à sequência de dribles realizados por Ibra inicia-se, como dissemos, entre os nove e dez segundos de nosso vídeo. Nesse instante, *com a imagem congelada*, percebemos que nosso jogador protagonista encontra-se diante de uma situação-problema complexa. Em primeiro lugar, Ibra, na condição de atacante, está sendo marcado diretamente por um jogador opositor. Em segundo lugar, há outro jogador defensor realizando uma suposta cobertura ao marcador direto de Ibra. Esse zagueiro que faz a cobertura está sobre a linha da área, acompanhando a ação de Ibra. Por último, ao lado esquerdo desse jogador defensor encontra-se outro defensor que ao mesmo tempo marca o atacante companheiro de Ibra – sendo este companheiro o nosso jogador coadjuvante que agiu sem bola infiltrando-se na defesa oponente, permitindo, assim, que Ibra recebesse o passe de outro companheiro coadjuvante – e prepara-se para efetivar uma possível ação de cobertura, caso necessite.

Figura 5 - Ibra diante de uma situação-problema complexa



Fonte: Acervo pessoal

Num recorte dessa configuração, percebe-se que esses três defensores encontram-se marcando, de certa forma, Ibra. Trata-se de um atacante contra três defensores diretos. Como discutimos na situação concreta anterior, não necessariamente, Ibra esteja constatando isso, aliás, é improvável que o tenha apreendido, sendo que comumente o jogador se concentra no conflito direto com o jogador que o marca individualmente. Assim, provavelmente o que tenha identificado foi que havia o jogador marcando-o individualmente, dificultando sua progressão e de sua equipe em direção à baliza oponente.

Percebe-se pela análise do vídeo, na ampliação da imagem, no instante dos dez segundos, que Ibra tem praticamente três possibilidades de continuidade da progressão ao ataque mantendo a posse de bola. Talvez a primeira destas possibilidades fosse o chute a gol, que deveria ser realizado adequadamente de *peito de pé*, pela distância na qual o jogador se encontrava, o que resultaria num dispêndio menor de força e, ao mesmo tempo, uma potência maior em relação ao, se optasse, chute com o lado interno do pé. E esse é apenas um detalhe da técnica, não o todo dela. Inclusive, nesse instante aparece o *gesto esboçado* (MAHLO, s/d) à efetivação desse chute. A segunda e a terceira possibilidades seriam a efetivação de passe a outros dois colegas. O passe mais simples seria, talvez, a execução da triangulação com o companheiro coadjuvante que se infiltrou na defesa para contribuir na construção da jogada de ataque, executando um passe curto, provavelmente com a parte interna do pé. O outro

passa seria ao jogador que está no canto direito do vídeo, o qual se encontra na lateral direita do campo de ataque. O passe seria provavelmente realizado no *espaço vazio* – conhecido no futebol como *ponto futuro* – logo à frente desse terceiro jogador, que na continuidade da jogada permanecerá na condição de jogador figurante de nossa cena.

Ainda sobre esse instante, chamamos atenção ao fato de que o jogador atacante, também figurante, mais próximo da meta oponente, que se encontrava na meia lua da grande área, apesar de estar em um bom espaço em campo, não se apresentava como uma possibilidade concreta, pois o defensor direto de Ibra estava ao mesmo tempo *fechando a linha de passe* entre os dois atacantes. A inatividade dos defensores atrás de Ibra, ou seja, mais próximos do meio campo de jogo, é preocupante para a equipe de NAC Breda, já que observam o lance *como torcedores*, sem se preocuparem com a sequência de toda a jogada. Percebe-se, no decorrer da jogada, que nenhum deles aparece em nosso vídeo. Provavelmente continuaram assistindo.

Todavia, diante dessas três possibilidades supostamente previstas, uma quarta surgiu. O motivo desse surgimento é difícil de precisar cirurgicamente, mas possui relação, obviamente, com as três fases da ação, vistas em Mahlo (S.D). A representação do desfecho da ação surge já na percepção e análise (e síntese) da primeira situação. No entanto, o conjunto de percepções e análises que foram sendo postas a Ibra, as tomadas de decisão que foram se estabelecendo na trajetória do jogador na jogada, isto é, as decisões que foram sendo tomadas acerca de suas capacidades motrizes enquanto jogador naquele momento do jogo, das capacidades de seus colegas, dos espaços possíveis abertos e como seriam abertos até conseguir cumprir os princípios operacionais de ataque – manutenção, progressão e ataque à baliza –, entre outras questões, deram a riqueza da resolução de toda a jogada de ataque realizada pelas conduções e dribles de Ibra. Aconteceu, assim, uma sequência de operações que foram surgindo velozmente como possibilidade da análise da situação concreta a cada momento, interligada ao fim da ação, ficando com a posse de bola na continuidade da ação de ataque.

Ainda nos dez segundos do vídeo, Ibra consegue driblar, ou seja, ludibriar o seu marcador direto de modo que aciona o jogador que estava na cobertura defensiva, o qual passa a se tornar, no segundo seguinte, seu marcador individual. O jogador que marcava Ibra no segundo anterior, passa agora a contribuir na cobertura. Assim, este jogador se encontrará novamente com Ibra nos próximos segundos da jogada.

Antes de prosseguirmos com os conjuntos de dribles subsequentes, façamos uma breve pausa para colocar em análise o movimento dos dez aos onze segundos, com o intuito

de trazermos uma contribuição teórica referente ao ato de driblar. Essa contribuição poderá se estender ao ato de fintar, pois se trata de um movimento que carrega um conjunto de gestual na superfície da primeira ação do drible, e que talvez seja um elemento fundamental para o desfecho, em pensamento e ação, de *dribles* e fintas. Salientamos que ação corporal/operação consciente do jogador experiente, seja na finta ou no drible, constitui uma síntese da ação tática do dissimular, como vimos anteriormente.

A preparação gestual que Ibra fez dos dez aos onze segundos e a decisão de pisar na bola, com a sola do pé, para seguir atacando pela região central é de sofisticação e sutileza dessa ação de driblar. Esta sofisticação e sutileza se dá na superfície da ação, ou como destaca Mahlo (s.d), no *esboço da ação*. No gesto que camufla a verdadeira intenção é que habita o conteúdo tático que impulsiona à efetivação do drible. Essa antecipação morfológica da ação acontecerá numa cadeia de dribles subsequentes de Ibra. A passagem de Mahlo (s.d, p. 127) representa teoricamente a imagem que estamos analisando.

[...] a antecipação morfológica decerto que apresenta certas vantagens sobre o plano da economia da motricidade, mas se temos que haver com um adversário experimentado, pode levar a revelação prematura da própria intenção gestual. Então, o adversário reagirá mais rapidamente. Se por uma antecipação morfológica, um atacante dá a ilusão que vai terminar uma certa ação, mas que prevê mentalmente uma outra, provoca logo no adversário uma reação mental ou motora, e cria-se assim uma ação taticamente favorável. Engana o adversário acerca das suas intenções. Numa finta, deve haver entre o esboço do gesto e a sua antecipação visual e a sua previsão mental, o maior espaço possível do ponto de vista dos seus respectivos objetivos. Como a ação prevista mentalmente se deve realizar rapidamente a despeito da finta, esta última não pode ultrapassar o local em que ainda é possível mudar rapidamente o seu curso. O gesto simulado não pode ser senão esboçado. (MAHLO, s.d, p. 127).

A intenção de dissimulação de Ibra se materializa no esboço da ação/operação. Percebe-se, dos nove aos dez segundos, que Ibra levanta o braço esquerdo ameaçando o chute a gol e imediatamente, com a decisão de ludibriar seu marcador individual, o faz, com uma *pisada primorosa* na bola, na direção contrária a que estava conduzindo-a numa ação de ataque. Essa pisada desestruturou o seu marcador individual e o jogador de cobertura. (Percebe-se isso na imagem congelada, figura 4). O segredo da técnica desse drible encontra-se, portanto, nos movimentos objetivos organizados, aperfeiçoados do esboço de outra operação motora que compõe a ação de ataque, o chute, que substancialmente se trata do início de uma ação corporal de drible. Essa combinação das operações corporais, das técnicas de chute e drible, na lógica racional de ataque, qualificou o controle sobre a ação defensiva da equipe oponente, o que significou o domínio espacial, mesmo que momentâneo, na dinâmica conflitiva direta entre Ibra e os oponentes diretos, os marcadores.

É importante salientar que o futebol se constitui de conflitos particulares dentro do conflito geral entre ambas as equipes. Como destacam Anderson e Sally (2013), a totalidade das vitórias de uma equipe nos conflitos particulares durante o jogo culminarão na vitória do próprio jogo se, obviamente, a quantidade de gols se realizar nessa equação de forma favorável à equipe que venceu o conflito. Os autores destacam o gol como elemento raro no futebol e, portanto, valioso, inclusive como possibilidade concreta de superação, mesmo que, de algum modo, não realizar o controle absoluto desses conflitos.

Figura 6 - Efetivação do primeiro drible de sequência combinada.



Fonte: Acervo pessoal

Nesse conflito particular de Ibra contra quatro defensores diretores, incluindo o goleiro, posto obviamente na totalidade do jogo, o drible foi possibilitado por essa sutileza dos movimentos de levantar-se o braço sinalizando um chute, esboçando-o, e de posicionarem-se as pernas e quadris como se realmente fosse fazê-lo. Articula-se a esses movimentos objetivos organizados refinados a manifestação de uma força tendencial, que Ibra ameaça desempenhar, mas intencionalmente não a realiza, orientado pela distância da efetivação do chute, estando ele fora da área. Aqui, nesse conjunto de movimentos objetivos organizados sutis que compõe uma ação de ataque, está, na verdade, a materialização da ação tática de dissimulação. Esse conjunto de movimentos orientou-se, segura, precisa e rapidamente, isto é, de forma adequada e, por isso, primorosa, à efetiva operação de drible na ação de ataque. Apesar de parecer uma preparação para um potente chute, aos *olhos* dos dois oponentes, trata-se, na intencionalidade de Ibra, do início da operação do drible na efetivação do ataque. Apresentamos a seguir a imagem que acabamos de descrever.

Figura 7 - Esboço gestual do ato de driblar de Ibra.



Fonte: Acervo pessoal

Insistimos que esse conjunto de movimentos objetivos organizados esmiuçados realizado por Ibra, que esconde a verdadeira intenção do jogador frente aos oponentes, expressa uma intenção fidedigna de um chute àquela distância. Tanto o é que ambos os jogadores imediatamente postos entre o jogador sueco e a baliza oponente, ameaçados com o possível chute potente, viram seus corpos e rostos, certamente com medo legítimo de *levar bolada*, de forma a se protegerem integralmente. Esse gestual de Ibra, carregado de intencionalidade tática, foi tão bem realizado que, de fato, ludibriou os dois oponentes, fazendo com que ganhasse tempo e espaço suficiente para prosseguir em ações que objetivassem a construção de um ataque eficiente.

Eis a técnica que carrega – *na ponta das chuteiras* – a síntese histórica de dribles dos mais variados jogadores e nas mais variadas situações de jogo e, ao mesmo tempo, se efetiva como meio para a realização de uma ação de ataque que controle o oponente, mesmo que diante de um conflito particular da totalidade do jogo de futebol. Como meio de efetivação de uma situação particular, no domínio primoroso do jogador singular habilidoso de modo que efetue esse controle sobre o oponente, a técnica se preserva como modo de ação mais eficiente e, ao mesmo tempo, no movimento *de continuidade sempre renovada de tal domínio*, à luz de Lukács (2013), transporta a tendência progressiva de seu próprio aperfeiçoamento e contribui substancialmente para o movimento de evolução da própria atividade, o que realiza a dinâmica de autodomínio do gênero humano.

Inferimos, portanto, que nesse aspecto morfológico do chute, isto é, no esboço do chute, na sua forma, habitou, substancialmente, a intencionalidade e o início da própria materialização do drible de Ibra, no seu conteúdo. O momento exato dessa decisão de transformar-se de uma possível operação de chute em uma efetiva operação de drible na ação

de ataque é difícil, quase impossível, de precisar. Diante da velocidade das operações/ações dos sujeitos do jogo, difícil discriminarmos, mesmo que entrevistássemos Ibra imediatamente após o ocorrido, se a pretensão inicial de um chute se converteu em drible ou se na condução para o chute já havia a intenção do drible e, por isso, a encenação de um chute.

Contudo, podemos afirmar o anteriormente exposto de que o conjunto de movimentos objetivos organizados do esboço do chute, realizados de modo minucioso, é parte estruturante do drible, considerando o conjunto de movimentos subsequentes da ação da condução de bola. Os detalhes dos movimentos da pisada na bola, com a perna direita, de forma que trocasse a direção de sua condução na trajetória de realização do ataque, de maneira que atingisse certa superioridade no domínio momentâneo do espaço em relação ao oponente, revela-nos isso. Essa operação de condução de bola com uma pisada, efetivando-se em drible, na construção de um ataque, contribui em nossa revelação de que o gestual tático dissimulador do esboço do chute estava a serviço do drible, como parte de sua estrutura interna. Queremos afirmar aqui que, na transformação de uma possível operação, de chute a gol (finalização), em outra operação motora, substancialmente diferente, de drible, esteve a qualidade desta, materializando-se, ao mesmo tempo, como um conteúdo tático.

Nessa direção do entendimento da técnica e da tática (bem como da estratégia) como organismo, concordamos com Wilson (2016, p. 115) quando destaca, atendo-se ao avanço técnico e tático da Hungria sobre a Inglaterra, na década de 1950, marcando a superação tática histórica desta em relação àquela: “[...] talvez seja errado separar os dois aspectos [técnicos e táticos], pois, se a tática permitiu que a técnica florescesse, sem a técnica a tática seria infrutífera” [...]. A interação dialética entre os três aspectos tratados aqui é que qualificará, de forma retroativa, cada uma delas no jogo de futebol, potencializando a própria compreensão do futebol e seu desenvolvimento.

Dando continuidade à análise da cena de Ibra, feito o primeiro drible, iniciando-se assim os dribles subsequentes, nosso jogador protagonista continuou sua trajetória de construção de ataque. Após a pisada na bola com a perna direita, tecnicamente ocupando um espaço de superioridade tática em relação ao adversário, conduziu a bola primeiramente com a perna esquerda e, logo após, com a perna direita, preparou-se novamente para um possível chute, com a perna esquerda, imagem que podemos analisar em nosso vídeo (figura 8), dos onze aos doze segundos. Nesse momento, Ibra tinha, diferentemente da situação analisada anteriormente, possibilidade real da efetivação do chute. Arriscaríamos dizer, inclusive, que Ibra teve uma boa condição para efetivá-lo e, por isso, deveria fazê-lo. No entanto, ele tomou a decisão, talvez impulsionado pela decisão anterior, em esboçar o chute, batendo agora, com

o peito do pé esquerdo, para a direção oposta à que ele estava indo. Essa decisão não se efetivou em drible, muito pelo contrário, colocou-o numa situação direta de marcação individual. Podemos ver essa condição dos doze aos treze segundos de nosso vídeo.

Figura 8 - Situação real de chute



Fonte: Acervo pessoal

No entanto, se analisarmos o instante (figura 9) em que se encontram *frente a frente* Ibra e o jogador marcador individual, percebe-se que este está com as duas mãos levantadas, com a perna esquerda à frente e a perna direita atrás, praticamente com o tronco de lado em relação a Ibra. Além do mais, essa posição coloca-o de forma instável e desestruturada em relação ao jogador do Ajax que, pelo contrário, está sob o domínio da jogada. Vale reforçar que esses são apenas alguns dos detalhes que compõem seu ato.

Figura 9 - Desequilíbrio do oponente como possibilidade do drible de Ibra.



Fonte: Acervo pessoal

Diante dessa situação de jogo, supomos que Ibra, percebendo e analisando-a, tomasse a decisão de um drible que, de fato, desregulasse por completo o defensor. Ibra realizaria o chamado – no cotidiano futebolístico – corte *seco*. Este consiste num drible que se efetiva com o peito de pé em direção à lateral interna dele. Normalmente a batida na bola é forte e realizada rapidamente de modo que, em seguida, o jogador mantenha o controle da bola e ao mesmo tempo a efetive substancialmente como um drible, isto é, que ludibrie objetivamente o oponente.

Nessa situação concreta, foi realmente isso que aconteceu. Ibra realizou o drible de forma *mais discreta*, no sentido gestual, em relação ao drible que vimos anteriormente, no qual esboçava um chute, carregando nesse esboço a intencionalidade tática da dissimulação. Esse drible de *corte seco*, mesmo sendo mais sutil, cumpriu o papel tático da dissimulação ao mesmo tempo que se articulou, pela técnica atribuída a ele, a um outro importante conteúdo tático da dinâmica de ataque e defesa do jogo de futebol, a superioridade numérica e de espaço. Mais uma vez a técnica se colocou a serviço de configuração tático-estratégica, com o objetivo de criar superioridade em relação ao oponente no conflito direto entre a ação de ataque e a ação de defesa.

A qualidade realizada na ação corporal desse ataque por meio do drible fez com que cumprisse, na mesma *batida seca na bola*, dois papéis fundamentais de ordem tático-estratégica. Driblou efetivamente o oponente de forma que o eliminasse da sequência de toda a jogada, sendo menos um no enfrentamento quantitativo da relação opositiva, e simultaneamente o colocou numa importante região central, ampliando-se, assim, as possibilidades de intervenção de sucesso no ataque. Com o drible, Ibra dissimulou e criou superioridade numérica e de posição. Percebe-se, na imagem circulada, a posição favorável e o exato momento de efetivação do drible. A partir daí o jogador driblado começa sair efetivamente de cena. Milésimos de segundos antes o jogador opositor, como última tentativa desesperada de parar *o ataque fulminante de Ibra* tenta agarrá-lo, o que seria, provavelmente, pênalti. Essa imagem congelada representa o momento exato da superação do confronto direto de Ibra com o zagueiro oponente.

Figura 10 - Superioridade de Ibra no controle de espaço do oponente.



Fonte: Acervo pessoal

Daqui, dos catorze segundos em diante, até culminar em seu belíssimo gol, Ibra continuará com uma eficientíssima sequência de dribles. Para compreendermos como os dribles do Ibra foram possíveis – no âmbito do pensamento e da ação – nesses dez segundos, resgataremos brevemente as fases da ação do jogador, apresentando outras categorias fundamentais, como *combinações técnicas e associações mentais*.

Sobre a estrutura das fases da ação do jogador no jogo, é fundamental apontar que as duas primeiras fases – *a da percepção e análise da situação e a da solução mental do problema* – são intimamente ligadas pelo aspecto mental. A atividade mental do jogador se dá na interação mútua e qualificada dessas duas primeiras fases da ação, antes de efetivar-se a *resolução do problema* por meio da ação objetiva.

A primeira ação, *de percepção e análise da situação de jogo*, em síntese depende

[...] de fatores e processos psíquicos numerosos. Uma grande amplitude da visão, uma boa capacidade de avaliação-motora, um dom⁵⁶ de observação desenvolvido e grandes conhecimentos táticos decidem da qualidade dessa primeira fase, logo, do comportamento tático dos jogadores. (MAHLO, s. d., p. 76-77).

A segunda fase, denominada *solução mental do problema*, a qual constitui-se como unidade na organização do pensamento para a solução prática, que é a terceira fase, diz respeito à *tomada de decisão* do jogador a partir da percepção e análise da situação de jogo realizada na primeira fase, articulada, inclusive, aos conhecimentos táticos que o jogador possui. Tal tomada de decisão é, ao mesmo tempo, o resultado e a condição do nível de complexidade posta em determinada situação do jogo.

A interação entre a primeira e a segunda fase ocorre, principalmente, pelas *associações mentais*. Elas servem como instrumentos do pensamento capazes de articular a técnica motora com as técnicas sensório-motoras mais complexas que permitem o pensar tático para a resolução concreta. Essas associações se estabelecem em movimento nas três fases da ação do jogador: percepção e análise da situação; solução mental e solução motora.

As **associações mentais** entre as situações percebidas e as soluções correspondentes representam, na atividade concreta do jogo, o meio mais rápido para resolver mentalmente e da melhor maneira as diversas situações. Ligadas às técnicas motoras constituem uma “técnica sensório-motora” complexa que permite a exploração tática das situações concretas de jogo. Esta solução mental associativa exige sempre uma *antecipação* mental da ação, não sendo, portanto, uma simples ação reactiva ou automática. (MAHLO, s.d., p. 111, grifos do autor).

No entanto, é importante frisar que as associações mentais não são em si o pensamento tático criador, mas contribuem de forma significativa no ato de jogar e percorrem o trajeto que vai da percepção de uma situação de jogo à ação sobre ela. A interação entre a associação mental e o pensamento tático do jogador potencializa-se na própria qualidade da primeira, ao mesmo tempo que experiências de acertos ou erros táticos realizadas sob orientações táticas (seja pela *autoinformação* ou pela informação elucidada pelo professor) e o estudo tático constituindo-se em conhecimentos táticos contribuem, igualmente, na melhoria das soluções associativas. Ambas interagem qualificando-se (MAHLO, s. d.).

⁵⁶ Mahlo (s/a) destaca dom como conhecimento apropriado, como talento, e não no sentido inato. A esse tipo de talento Vigotsky e Lúria (1996) denominam talento cultural.

Se o jogador ganha tempo, graças às soluções associativas, o pensamento tático criador alargará o contexto da sua ação, permitindo uma melhor diferenciação da solução, podendo variar constantemente as soluções associativas, porque o adversário, se dispuser duma boa formação, também será capaz por si de encontrar soluções que o primeiro terá evocado. (MAHLO, s.d., p. 115).

A terceira fase, a da solução prática, ou seja, a objetividade visível da ação do jogador, corresponde, portanto, “ao resultado, como se viu, dos processos psicológicos e psíquicos da percepção e do pensamento em simultaneidade com os resultados das condições interiores da personalidade. A unidade da atividade considerada como um todo aparece na análise.” (MAHLO, s. d., p. 123).

Outra categoria que merece destaque na jogada assistida de Ibra é a de *combinações gestuais*. Essas são, de acordo com Mahlo (s/d), combinações complexas de variadas técnicas motoras que se constituem num *plano motor maior* que, por sua vez, estrutura-se como a motricidade do jogo. A motricidade é algo complexo. A longa citação a seguir expressa tal complexidade e articula-se com as ações realizadas por Ibra em nossa situação concreta.

[...] Está complexidade tem também uma expressão visível no domínio da morfologia da motricidade. A motricidade de alto valor qualitativo não se manifesta nas formas fixas que corresponderiam as inúmeras técnicas individuais tomadas uma a uma (isto é, cada uma dessas técnicas), mas sim na ligação das diversas técnicas que constituem um gesto complexo. Estas ligações são os verdadeiros elementos de ação sobre o plano motor. Pode se chamar-lhes combinações gestuais. A estrutura da motricidade do jogo caracteriza-se, quando o jogador a domina, por uma fusão da fase final do gesto precedente com a fase preparatória do gesto que se lhe sucede, constituindo desse modo uma fase intermediária. Esta fase intermediária é uma antecipação do gesto seguinte, não só sobre o aspecto morfológico, mas também muitas vezes sobre o aspecto mental. O primeiro gesto, (a recepção, por exemplo) modifica-se em função da natureza do seguinte (remate a baliza, por exemplo), do mesmo modo que a fase preparatória do gesto novo depende da natureza do gesto precedente. A antecipação do gesto novo e a modificação da sua fase preparatória associa com fluidez e com economia dois ou mais gestos tomados isoladamente para constituir uma ação de jogo orientada, cujo o resultado dependerá essencialmente da qualidade da combinação gestual.

A antecipação de uma técnica no interior de uma ação com várias articulações, pode não só exteriorizar-se no comportamento global de um sujeito atuante, como no funcionamento de certas partes do corpo (Dobler). Orientação corporal em função do objetivo procurado, da fluidez do gesto, da rapidez do ajustamento ao objetivo são os principais critérios visíveis de uma boa combinação de múltiplas técnicas, e do seu fator essencial, a antecipação. O grande número das técnicas necessárias a atividade em jogo permite múltiplas combinações. É preciso dominar um grande número delas, se se quiser resolver com sucesso, no plano motor, os problemas do jogo. Estas combinações gestuais devem tornar-se, graças aos treinos, em técnicas de uma certa complexidade, porque são eles que constituem, definitivamente, os verdadeiros elementos motores da atividade. Elas não deveriam apelar, para o seu desenrolar, para nenhum processo intelectual de relativa amplitude, nem sequer exigir do jogador nenhuma atenção. Se elas tiverem sido exercidas convenientemente, elas são guiadas pelas sensações quinesísticas e pela percepção. Estas técnicas complexas, estas partes de uma ação, são as componentes automatizadas da atividade, ou de atos conscientes em jogo. Se estas componentes se reforçam a ponto de se tornarem técnicas, o jogador pode então consagrar-se a problemas e ações mais complicadas porque já não tem de ocupar-se com atos extremamente elementares. [...] (MAHLO, s. d, 124-125).

Os dribles subsequentes de Ibra e seus modos eficientemente adequados de pisar na bola e de conduzi-la “adentrando espaços” na defesa adversária efetivando certa superioridade relativa em relação ao oponente na disputa incessante pelo espaço, com movimentos objetivos organizados sutis de levantamento do braço esboçando chutes são treináveis, isto é, podem ser apreendidos. São operações, meios de realização de ataque que foram sendo fixados na história do futebol e que podem, como conhecimento, como modo mais adequado para a realização de certa ação, ser ensinados ao sujeito singular. Essas *técnicas, historicamente produzidas*, podem ser reproduzidas no sujeito singular, podem ser transformadas pelo hábito de treiná-las e exercitá-las constantemente em situações contextuais de jogo, em *operações conscientes* que podem ser aprimoradas com a continuidade sempre renovada do domínio alcançado e como meio de realização progressivamente aprimorado de novas ações de ataque em novas situações concretas de jogo.

Como vimos em Mahlo (s/d), a técnica é o conjunto de gestos e suas combinações que tem como característica a segurança, a rapidez e a precisão na sua efetivação. Ela é meio de resolução das problemáticas que o jogo impõe. As técnicas e suas combinações são elementos de ações complexas, apresentando níveis, os quais, encontram-se em relação com os graus de exigências táticas e estratégicas que o jogo determina, assim como diferenciam-se umas das outras pelo nível de consciência do jogador que as realizam.

Ratificamos que as técnicas são conhecimentos que condicionam as operações e ações de jogo de futebol. Na estrutura da atividade, as técnicas são meios mais adequados para a realização de operações de ações de ataque e defesa. Contudo, é importante ressaltarmos que a mudança de finalidade da ação pode torná-la operação, como no exemplo do tiro, visto em Leontiev. Ao aprender a atirar, cada ação de atirar torna-se uma atividade para o sujeito. Uma vez aprendida, esta atividade perde seu motivo próprio e passa a subordinar-se a um motivo/objeto maior, tornando-se uma ação, que por sua vez mantém seu fim específico. Sendo assim, a técnica contribui para que uma ação se constitua como operação motora, ampliando as potencialidades de ação/pensamento do jogador no futebol⁵⁷.

O grande número de técnicas necessárias à atividade em jogo permite múltiplas combinações. É preciso dominar um grande número delas, se se quiser resolver com sucesso, no plano motor, os problemas do jogo. Essas combinações gestuais devem tornar-se, graças aos treinos, aulas e jogos, técnicas de certa complexidade, porque são elas que constituem, definitivamente, os verdadeiros elementos motores da atividade.

⁵⁷ Aqui há um indicativo do modo de organização do ensino para a aprendizagem de determinadas ações no âmbito do jogo, que no princípio do processo de assimilação constitui-se para o aluno uma atividade.

No que diz respeito à técnica – como uma qualidade da ação – de drible de Ibra, na situação concreta assistida, articula-se ao conteúdo da tática interativamente sobreposto, também apresentado por Euzébio (2017) como um conteúdo teórico da tática, a *modelação*. Às vezes o ato do drible, que engana porque ao mesmo tempo modela, ou seja, antecipa a ação do jogador, capturando suas intenções técnico-táticas, no caso que vimos do Ibra, resolve a problemática da superioridade numérica, mesmo porque o drible é parte integrante das operações da ação de ataque. Busca-se, por meio do drible mais adequado para a situação concreta, conseguir conscientemente o domínio espaço-temporal da situação de jogo. Em nosso caso particular, eram muitos jogadores contra o Ibra, quatro, e seus dribles subsequentes criaram esse domínio.

A questão central, na lógica racional do futebol, é constituir uma técnica que desempenhe uma função tático-estratégica, como meio da resolução de um problema posto pela dinâmica interna do jogo. É por isso que faz toda a diferença ter um jogador num elenco de uma equipe que seja driblador. Ele “quebra” inteligentemente composições sistematicamente táticas, arrebatando sistemas de coberturas, ampliando as possibilidades de modelos de ataque e configurações táticas eficientes.

Figura 11 - Combinações técnicas de conduções de bola, de dribles e de chute de Ibra numa ação de ataque.



Fonte: Acervo pessoal

Esse conjunto de dribles combinatórios efetivados por Ibra foi conscientemente incorporado, numa trajetória formativa do jogador experiente, a ponto de libertar o seu pensamento para problemas de ordem tático-estratégica. No entanto, afirmamos que os dribles realizados sintetizaram as próprias potencialidades táticas em cadeia (dissimulação, modelagem, superioridade numérica e de espaço), isto é, as técnicas combinadas absorveram, incorporaram, de certo modo, os conteúdos da tática, de maneira que resolvessem as situações-problema impostas pelos conflitos particulares da cena percebida e analisada por nós.

Sendo assim, a complexidade da resolução tático-estratégica colocada pela nossa situação concreta resolveu-se nas combinações técnicas efetivadas por Ibra. Essa incorporação e interação dos conteúdos táticos manifestados no conjunto associativo de técnicas de dribles, articuladas devida e qualitativamente, formam uma síntese técnico-tático-estratégica sistêmica. Porém, é fundamental destacarmos que essa síntese se deu justamente pelo fato concreto, nessa situação particular, de que as técnicas de dribles foram elementos centrais, afirmando-se como um modo mais adequado, que possibilitou a solução tático-estratégica da situação na realização da composição eficiente do ataque. O organismo técnico-tático-estratégico se apresenta, objetiva e essencialmente, mais uma vez.

Considerando a exposição feita nesse tópico, o ato de *condução de bola* e passe de Pires e os dribles de Bergkamp e de Ibra, em nossas situações analisadas, orientaram-se à finalidade/motivo de controlar o oponente dominado a lógica espaço-temporal do jogo de futebol, efetivando-se, na verdade, por um conjunto de *movimentos vivos* nos quais articulam ações conscientemente volitivas com atos operacionalizados, automatizados, coagulados no organismo. Nesse sentido, a técnica se constitui como conhecimento fundamental, o qual contribui com o *movimento vivo*, tipicamente humano, que se orienta à realização da tarefa/motivo/finalidade, acionando uma unidade psicofisiológica que articula a interação e a relação de atos automatizados com ações conscientemente volitivas.

Parece-nos que quanto melhor estabelecida essa interação/relação, mais efetiva é a realização de uma técnica. Isso, inclusive, justifica os próprios erros e acertos dos jogadores em jogos específicos. Afinal, aquele movimento ou ação pode ser similar, mas nunca o mesmo movimento ou a mesma ação. Ele sempre atenderá uma situação particular.

Contudo, como vimos, para uma ação corporal estabelecer-se numa situação complexa particular, é preciso que o sujeito dessa ação tenha incorporado, num processo psicofisiológico ontogenético complicado, um conjunto de outras ações que se transformaram em ato reflexo não-volitivo, direto, fixados no organismo humano por meio das neoformações. Bernstein (apud Veresov, 2006) apresenta essa ação incorporada de ação corporal coagulada. Essa ação corporal, que não é sempre a mesma ação corporal, portanto, quando acionada em novas situações-problema de determinada atividade, desencadeará, numa articulação de atos operacionalizados e ações consciente volitivas, movimentos vivos. Assim, tomando o conceito de movimento vivo de Bernstein (apud VERESOV, 2006), a técnica encontra-se justamente como condição na dinâmica dessa articulação da *ação consciente* e *operação motora auxiliar* para a efetivação de determinada atividade adequada.

Quando um líbero, no voleibol, faz uma defesa salvando a bola a poucos centímetros do chão e a põe, no mesmo ato, no meio da rede para o levantador; quando um jogador de tênis de mesa responde com uma rebatida perfeita em meio a um ataque veloz do oponente e coloca a bola em jogo; quando um goleiro defende uma bola chutada pelo atacante oponente, a poucos metros dele, denominada de defesa em *Puro Reflexo*; dissemos que *o corpo responde sem pensar, responde por si só*. De certa forma, isso acontece justamente pela técnica, como modo de execução mais adequado, como mecanismo que articula, no sujeito singular, movimentos automatizados e ações conscientemente volitivas à resolução de um problema tático-estratégico particular que o jogo lhe impõe.

Destacamos em Bernstein (apud VERESOV, 2006), por meio do conceito de movimento vivo, que pela característica aferente do movimento humano, essa interação consciente e inconsciente não se perde de vista nem na técnica mais simples, como as operações de *condução de bola* e de passe realizado por Pires em uma das situações concretas analisadas.

Esses *atos não volitivos*, pois automatizados em experiências anteriores do jogador, dão a base para as próximas *ações conscientes volitivas*, em novas situações-problema que o jogo impõe. Essa dinâmica articulada do ato já apropriado pelo sujeito com a *ação em prévia ideação* é onde se estrutura a técnica, como meio adequado para a execução de determinada operação ou conjunto de operações que se orientam a uma ação da atividade. É por isso que a técnica não se identifica diretamente nem com a operação, nem com a ação, de forma isolada, mas se constitui como esse conhecimento, esse modo de execução mais adequado de uma operação ou um conjunto de operações que compõem uma ação corporal, condicionando esse *movimento vivo* à realização adequada de determinada tarefa atrelada a certa atividade fim. Quanto melhor e mais sofisticada essa dinâmica, ou seja, quanto melhor articulada a operação auxiliar com a ação conscientemente volitiva, melhor qualidade objetivará o sujeito singular à ação. É por isso que a técnica é a qualidade da ação, e não a própria ação.

3. O ENSINO DA TÉCNICA DO FUTEBOL: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa tese emerge de um conjunto de problematizações surgidas em diálogos acadêmico-profissionais nos mais diversos lugares. Ela é, portanto, movimento coletivo que carrega as reflexões e os questionamentos dos grupos de estudos e pesquisa (GEPEFE e GEPOC), as perguntas e dúvidas sempre legítimas dos estudantes de graduação e colegas de doutorado acerca do objeto que se desenhava em nosso processo de estudos e escritas, os diálogos formais e informais com os colegas professores, sobretudo os de Educação Física, sobre a organização do ensino das atividades da cultura corporal.

Retomamos o percurso de configuração da tese com o objetivo de apresentar as respostas, de maneira consequentemente científica, a que chegamos a partir das perguntas norteadoras que fomos tecendo nessa trajetória acadêmico-profissional, bem como de levantar outras perguntas necessárias para a continuidade dos estudos.

A dinâmica da elaboração da tese iniciou-se pelos resultados alcançados com a dissertação de mestrado, os quais apontaram os megaeventos esportivos como a estratégia-síntese da política do capital. Estávamos então na relação mercadológica com o objeto esporte. Desta, pretendíamos, a posteriori, compreender a dimensão massificadora na especificidade do futebol adentrando na sua relação mercadológica, sendo que esta atividade particular da cultura corporal se estabelece como a mais popular do mundo e, portanto como, talvez, a mercadoria de maior alcance global e, por que não, na lógica do capital, a mais valiosa.

Durante nossos estudos de doutoramento adentramos, para o alcance do propósito mencionado, na categoria analítica vida cotidiana, de Lukács, a qual nos conduziu para outras problematizações investigativas. As categorias hábito, automatismo e técnica, emergentes da categoria vida cotidiana, foram, inicialmente, ganhando espaço significativo em nosso campo científico, conquistando, enfim, centralidade ao se articularem com os objetos de duas importantes teses marxistas, recém-produzidas, no âmbito da Educação Física: a tese de Carolina Picchetti Nascimento (2014) e a tese de Carlos Augusto Euzébio (2017).

Da segunda, que incorpora relevantes elementos teóricos e avanços significativos da primeira, destacamos o conteúdo teórico do conceito de tática e de estratégia perspectivando, como pano de fundo, estabelecer princípios teórico-metodológicos para o ensino dos esportes nas aulas de Educação Física escolar (e para além dela).

A primeira, também tendo como horizonte pedagógico a preocupação com a categoria ensino, apresenta, fundamentando-se teoricamente na gênese e no desenvolvimento

das atividades da cultura corporal, as relações essenciais gerais que as constituem substantivamente.

Da tese de Nascimento (2014) extraímos substancialmente a relação essencial geral do futebol, sendo este um jogo coletivo, em seu caráter conflitivo presente no significado histórico-antagonista da ação humana, que apresenta como motivo/finalidade o controle da ação corporal do outro pelo domínio do espaço, estruturando-se internamente por seus elementos constitutivos: as regras, a dinâmica de ataque e defesa, e os conhecimentos táticos e estratégicos. Da tese de Euzébio (2017), uma vez que, de certa forma, avança em alguns aspectos presentes na tese de Nascimento (2014), principalmente, no que concerne aos conhecimentos táticos e estratégicos dos esportes coletivos, incorporamos os conteúdos teóricos dos conceitos de tática e estratégia, estabelecendo interlocuções com o ser da técnica na particularidade do futebol, contribuindo na assimilação deste ser e na defesa de seu ensino na escola (e fora dela), desde que devidamente articulado com o estatuto tático-estratégico.

Articula-se ainda, a ambas as teses – reforçando os avanços significativos presentes nelas e, ao mesmo tempo, levantando outras problematizações a partir dos seus estudos –, o questionamento manifestado, como movimento simultâneo, do campo acadêmico-científico e do campo escolar da Educação Física, sobre ensinar ou não a técnica do futebol na perspectiva teórico-metodológica Crítica-Superadora. Essa interpelação presente na esfera acadêmico-profissional sobre o ensino da técnica é espectro que sobrevoa as aulas de Educação Física escolar, o qual surgiu no movimento de negação do seu ensino vinculando, espontaneamente, a técnica à lógica do tecnicismo. Nesse aspecto, isolou-se, no processo educativo, justamente por não capturar a essência da relação dialética da tríade técnico-tática-estratégia, a *forma* da técnica do seu próprio *conteúdo*, constituindo métodos de ensino do jogo/esporte sobre essa base empírica, por meio dos quais não se alcança a essencialidade da própria técnica, descaracterizando-a.

A partir desses determinantes teóricos, nossa preocupação com o entendimento acerca do sistema unitário técnico-tático-estratégico foi desenhando esta tese e conquistando definitivamente seu teor investigativo, orientado a pensar o seu ensino.

O reforço da configuração da tese veio objetivamente no próprio trajeto acadêmico do doutorando, na qualificação coletiva da linha e na qualificação da tese, em que afirmamos a importância da ênfase na categoria *ensino da técnica do futebol*. Na qualificação coletiva da linha, eclodiu a necessidade de nos concentrarmos no objeto ensino do futebol. Na qualificação da tese surgiu a necessidade de nos aprofundarmos no entendimento da categoria

ser da técnica e suas inter-relações com a particularidade do futebol, para que se elucidassem elementos teóricos fundamentais para a organização de seu ensino.

Para isso, como método de investigação, fez-se necessário um *mergulho* histórico-ontológico na gênese do ser da técnica e na gênese desse ser na origem do futebol, ocorrida, objetivamente, em solo inglês no século XIX. Sob essa orientação tecemos o caminho de nossa escrita perspectivando encontrar respostas que fortalecem **nossa tese**, agora configurada.

Defendemos, por consequência, que a técnica, por ser conhecimento, ser o modo – historicamente aprimorado – mais adequado de execução de uma operação ou de um conjunto de operações orientados ao fim de uma ação de determinada atividade, realiza a função de instrumento, possibilitando, assim, a apropriação da própria atividade. Na especificidade da atividade de jogo de futebol, a técnica orientada à sua essencialidade, coletiva, de controlar o oponente dominando o espaço, potencializa a compreensão mais aguçada do estatuto tático-estratégico, constituindo assim um organismo técnico-tático-estratégico capaz de qualificar a ação, como meio, e o entendimento sofisticado acerca da ação humana no jogo de futebol, como autodomínio do gênero humano.

Na organização de exposição do trabalho, construímos uma estrutura que sustentasse teoricamente a tese, em que partimos das implicações da vida cotidiana como categoria analítica, adentramos os processos genéticos constituintes do ser da técnica e suas particularidades na gênese e no desenvolvimento do futebol, perspectivando apresentar como um movimento humano fortuito foi se configurando objetivamente como técnica do futebol. Para isso, fez-se necessário também o entendimento da particularidade do movimento humano e sua relação reciprocamente fulcral com o objeto/ferramenta produzidos, mediante o processo de trabalho, pelo próprio homem. Foi o que fizemos no **primeiro capítulo**.

Elucidamos nesse capítulo que a vida cotidiana é o nascedouro e a desembocadura das objetivações superiores, como a ciência, a arte e a filosofia. Nela acontecem as tramas sociais dos sujeitos e o enfrentamento de seus dilemas. O pensamento cotidiano é pautado principalmente por uma lógica pragmática da ação humana nas diversas atividades, apresentando como principais características a analogia, a rigidez, o imediatismo, a economia e a ambiguidade alocados nos costumes, nas tradições e nos hábitos.

Os hábitos, como atos automatizados no processo educativo, apresentam duplo caráter, podendo imobilizar a dinâmica de assimilação do conhecimento, quando se encerram em si, ou potencializar o alargamento da esfera do consciente, quando fundamentam e permitem a apropriação de ações mais complexas da atividade. Portanto, em certa medida,

faz-se necessário o pensamento cotidiano para a continuidade da produção e reprodução da vida. Contudo, é fundamental *irrigá-lo* com a lógica dialética de pensamento que se *abastece* do conhecimento científico, artístico, filosófico, produzido historicamente, alargando as possibilidades de humanização, tornando a vida cotidiana dos sujeitos singulares mais heterogênea.

Grosso modo, a escola é um dos espaços, além do próprio trabalho, em que se potencializa a ampliação da esfera das objetivações superiores no processo de conhecimento dos sujeitos. Nela o trato pedagógico do futebol, atividade da cultura corporal presente fortemente na vida cotidiana de muitos dos sujeitos, acontece especialmente na disciplina de Educação Física, em que se destaca sua função de socialização das capacidades humano-genéricas produzidas historicamente no âmbito da cultura corporal.

Dentre os conhecimentos que compõem o futebol, reforçamos que o conhecimento acerca da técnica e sobre o seu ensino foi o que nos orientou substantivamente em nossa continuidade investigativa. No entanto, como destacamos, tornou-se necessária uma imersão cuidadosa ao *ser da técnica*, o que significa dizer que precisávamos capturar os processos de sua gênese e seu desenvolvimento para podermos avançar nos aspectos de seu ensino.

Nesse percurso metódico ontológico da pesquisa, destacamos três indicativos teóricos embasados, principalmente, em Marx (2010b), Lukács (2013) e Leontiev (1978), acerca da gênese do ser da técnica.

Assim, compreendemos que, como *primeiro indicativo teórico*, a categoria ser social, essa forma de existência, tem sua gênese coincidida com a gênese da própria humanidade que, por sua vez, condiz com o salto ontológico causado pelo trabalho, como categoria ontológica da formação do ser social. A técnica é, conseqüentemente, categoria do salto ontológico do animal ao homem. Ela entrou em campo e jogou, de forma decisiva, desde o primeiro momento do jogo do ser social. Logo, a técnica se constituiu no movimento da autoatividade humana.

O *segundo indicativo* teórico sobre a gênese da técnica é que ela surge em meio à necessidade da produção dos meios de trabalho (das ferramentas/instrumentos de trabalho) para o estabelecimento do intercâmbio com a natureza, na atividade de trabalho. A técnica surge como necessidade de sofisticação dos instrumentos do trabalho, para, justamente, aperfeiçoar a própria atividade de trabalho na luta pela sobrevivência. Nessa dinâmica de produção dos instrumentos/ferramentas, ações auxiliares de ações mais complexas na atividade de trabalho foram se efetivando como necessidade. Essas ações auxiliares são as

operações conscientes, as quais possibilitaram, na relação recíproca com a ferramenta de trabalho, o aperfeiçoamento da ação humana.

O *terceiro indicativo* sobre a origem do ser da técnica é que ele surge, de forma simultânea em relação aos outros dois indicativos, com a divisão do trabalho, com a necessidade de sua organização técnica para a produção do utensílio e para a realização da própria atividade, com a ferramenta produzida, de modo cooperativo. Vimos que a atividade de caça e a atividade de pesca foram provavelmente as primeiras a serem efetivadas e, com elas, a necessidade do aprimoramento da produção e sofisticação dos instrumentos e da utilização cada vez mais apurada/acurada deles. No aperfeiçoamento da atividade e do instrumento a necessidade da *especialização* foi sendo posta de maneira complexa.

Nesse sentido, as ferramentas produzidas para a satisfação das necessidades da atividade de trabalho foram incorporando o domínio primoroso do homem que atua historicamente na realidade, conquistando, concomitantemente, o modo de execução mais adequado para sua efetivação, como meio. Nessa dinâmica interna do processo de trabalho, a técnica se realiza como conhecimento fundamental *para a continuidade sempre renovada* da atividade. Ela surge, conseqüentemente, na investigação dos meios para a resolução de uma finalidade específica.

É, portanto, como conhecimento histórico, como modo de atuação mais adequado para a realização da operação ou conjunto de operações como componente da ação corporal – que, por seu turno, apresenta certa finalidade dentro da estrutura da atividade específica –, que a técnica se coloca como ser essencial, condicionando e simultaneamente sendo condicionada para o desenvolvimento da atividade. Logo, a técnica, essencialmente, desempenha função importante para o progresso da atividade e do gênero humano como um todo.

Nessa dinâmica de *continuidade sempre renovada* do gênero humano, a técnica, como ferramenta de domínio do consciente sobre o instintivo, cria novas necessidades e novos problemas aos sujeitos singulares. Ela, como esse instrumento, vai condensando-se na realidade objetiva, na vida cotidiana dos sujeitos, de modo que, como condição, potencializa avanços ao ser social.

Nessa perspectiva, a técnica configura uma *síntese* da atividade, da *experiência humana* objetivada, porque condensa e plasma, simultaneamente, as conquistas do gênero humano na efetivação histórica de determinada atividade, servindo assim como veículo da continuidade sempre renovada do autodomínio do homem.

Ainda no **primeiro capítulo** efetivamos uma compreensão do movimento humano, de modo mais cuidadoso, fundamentando-nos, especialmente, no conceito de *movimento*

objetivo organizado, em Rubinstein (1977), no qual marca o traço central de diferenciação em relação ao movimento animal. O autor afirma que o movimento humano estabelece relação/interação de reciprocidade para com o *instrumento social* produzido por ele para o cumprimento de determinada finalidade no processo de trabalho.

Segundo o autor, o movimento humano é parte constituinte da ação, que, por sua vez, orienta-se, consciente e voluntariamente, ao objeto/motivo a que serve a atividade. Logo, ele se caracteriza pela sua ação racional. Nesse sentido, a técnica se edifica a partir desse *movimento organizado objetivo*, cada vez mais refinado e aprimorado na efetivação de determinada operação ou o conjunto de operações da ação, transformada, historicamente, em modo de execução mais adequado de determinada atividade.

No futebol, como vimos, essencialmente, o sujeito singular deve ser orientado a agir, do melhor modo possível, motivado ao controle – coletivo – da ação corporal do outro dominando o seu espaço numa determinada lógica de tempo. Desde a sua gênese, os *movimentos objetivos organizados* foram sendo sofisticados, pelos seus jogadores, à medida que se vinculavam conscientemente às tarefas que conduzissem as equipes, na dinâmica de ataque e defesa, a resoluções de problemas internos do jogo, sobretudo, os de ordem tático-estratégica, que foram sendo descobertos nos mais diversos campos e campeonatos que insistiam em surgir, inicialmente no solo inglês e, posteriormente, tomando os gramados de praticamente *o mundo todo*. Nesse longo processo de conscientização coletiva do futebol, ainda presente, meios adequadamente requintados foram (e vão) surgindo na esteira histórica da prática social.

Na gênese do futebol, na Inglaterra do século XIX, alguns processos foram fundamentais para transformação de movimentos espontâneos no ato de *chutar* em movimentos objetivos organizados transformados, objetivamente, em técnica, conhecimento, de *chute* do futebol. Destacamos alguns deles no transcorrer de nossos estudos.

O *primeiro deles*, ancorados em Nascimento (2014) foi que o chute, nesse período histórico, foi se libertando, com relativa autonomia, de uma esfera prático-utilitária para a atividade lúdica, sem fins prático-utilitários. Nessa dinâmica de transformação social, a ação do jogo para o atendimento da lógica da atividade festivo-religiosa, presente na Inglaterra, transformou-se em atividade, ampliando as possibilidades de seu desenvolvimento interno. Dessa forma, o jogo se constitui, objetivamente, como atividade. Assim, os movimentos objetivos organizados como componentes da ação de jogo foram se sofisticando e se constituindo como conhecimento, modo de execução adequado da própria atividade.

Essa transição de ação em atividade se deu objetivamente, de forma particular, na transformação do jogo da plebe em jogo da elite burguesa. Esse é nosso *segundo processo* destacado. A juventude burguesa do século XIX, nas escolas, universidades e clubes sociais, com a busca do suprimento de suas necessidades da esfera lúdico-recreativa, apropriaram-se, no período de 1810 a 1840, dos jogos populares da plebe, denominados de futebol, ao mesmo tempo em que os codificaram (os regraram) para o atendimento da lógica cavalheiresca e civilizatória imposta pela ordem social capitalista.

Articula-se a esse processo, o da necessidade de sua universalização, sendo que as mais variadas escolas, universidades e clubes sociais apresentavam suas próprias regras e formas de realizar sua atividade de futebol. Os intercâmbios foram acontecendo entre os jovens – e agora adultos também –, condicionando a elaboração de regras comuns e, ao mesmo tempo, a necessidade da organização de uma instituição que as tutelasse. Reuniões, principalmente, nas universidades aconteceram do período correspondente a 1840 a 1863, destacando-se nele dois marcos. O *primeiro*, ocorrido em 1848, com o surgimento de duas modalidades a partir de uma: o futebol e o rúgbi. Ao primeiro, a predominância das ações com os pés nas regras de jogo. Ao segundo, a hegemonia das ações com as mãos. Por isso intitulamos esse processo – o *nosso terceiro* – de como os *pés se libertam das mãos*, justamente por estas determinações no âmbito das regras de ambas as atividades da cultura corporal. O *segundo* acontecimento que, de fato, marcou essa divisão em duas modalidades, na clareza da definição das regras universalizadas (ainda aqui a particularidade da Grã-Bretanha), foi o surgimento da Associação de Futebol (FA). As regras do futebol ficaram definidas e competições surgiram organizadas pela FA, o que potencializou o desenvolvimento do futebol e o desenvolvimento das técnicas do futebol.

Assim, detectamos que a primeira técnica surgida foi a de condução de bola – a qual salientamos como o *quarto processo* –, que foi condicionando e, concomitantemente, sendo condicionada pela atividade de futebol que vinha se afirmando na vida cotidiana dos sujeitos, ainda que limitada, inicialmente, à prática social burguesa. Essa técnica foi se caracterizando, inclusive, como o estilo do jogo inglês, perdurando como tal por, praticamente, meio século.

Com o aprimoramento dessa técnica pela compreensão progressiva sobre a lógica interna do jogo, outras técnicas foram surgindo, como dribles, chutes e passes, dos mais diversos. Nessa dinâmica formativa e de conscientização coletiva, novos desenhos táticos e estratégicos foram surgindo e potencializando as técnicas postas, bem como condicionando o surgimento de novas técnicas. Ao mesmo tempo, as técnicas foram determinando avanços nas configurações táticas e estratégicas, efetivando, objetivamente, um organismo técnico-tático-

estratégico fundamental para que o jogo acontecesse e atendesse, assim, sua lógica espaço-temporal de controle da ação corporal do outro. Logo, os movimentos objetivos organizados que compõem as ações de jogo, progressivamente qualificados, em direção, consciente e voluntária, ao objeto, estavam (e estão), desde sua gênese, em desenvolvimento constante.

Outro processo, nosso *quinto*, foi fundamental para a continuidade do surgimento de técnicas do futebol, o que marcou o início da internacionalização desta atividade da cultura corporal. Os confrontos entre Inglaterra e Escócia marcaram a intensificação nas formulações técnico-tático-estratégicas. O jogo de condução de bola inglês, de certa forma egoísta, com dribles e conduções de bola em direção à finalização em gol, foi sendo conflitado por uma lógica coletiva do estilo adotada por seus vizinhos escoceses, na qual utilizavam-se de passes para a realização das ações de ataque. Esse confronto, na gênese do futebol, potencializou novas configurações tático-estratégicas, o que manifestou, objetivamente, a necessidade da técnica a serviço de resoluções tático-estratégicas, como uma solicitação interna do próprio jogo. A compreensão da técnica na relação com o organismo tático-estratégico estava posta, como necessidade desse jogo, desde a gênese do futebol, sendo retroalimentada a cada jogo (entre clubes e seleções), principalmente, pelos primeiros confrontos protagonizados por estes dois países.

Articula-se a esse processo, constituindo-se em nosso *sexto*, o de proletarização da prática do futebol. A classe trabalhadora começa a se apropriar do jogo, até então elitizado, e começa a deixar os seus traços nele. Com a extensão dos espaços para a sua prática – não mais limitados aos lugares sociais burgueses – aumentam-se a quantidade de jogos e jogadores, clubes e competições, o que culminou na qualificação do próprio jogo e na possibilidade concreta de melhora na qualidade de vida de sujeitos da classe trabalhadora. Nessa esteira, a luta pela profissionalização em detrimento do amadorismo que estava posto como a política de identidade de classe adotada pela burguesia, intensificou o processo de formulação do organismo técnico-tático-estratégico.

Com o movimento de conscientização sobre o futebol, surgiram passes, dribles, conduções de bolas, finalizações etc., dos mais diversos, o que significa que emergiram operações das ações de ataque que foram se configurando como conhecimento essencial para a *continuidade sempre renovada* do próprio futebol na esteira da vida cotidiana da maioria dos sujeitos, inicialmente, britânicos, e, posteriormente, alastrando-se, por vias político-econômicas do capital, aos sujeitos de praticamente todo o mundo. As técnicas foram, assim, condicionando e, simultaneamente, sendo condicionadas pelo entendimento de sua dinâmica interna e, conseqüentemente, pelo desenvolvimento do jogo de futebol, desde sua gênese.

Adotamos como nosso *sétimo processo*, a afirmação de que as técnicas foram sendo progressivamente orientadas à resolução dos problemas tático-estratégicos postos, o que lhes solicitou (e ainda solicita) um realce às sutilezas dos movimentos para o sucesso da operação/ação. Esse processo alargou o desenvolvimento do organismo técnico-tático-estratégico.

No **segundo capítulo** buscamos explicitar, a partir de situações concretas do futebol, o sistema técnico-tático-estratégico em efetivação. Para isso, analisamos pormenorizadamente os movimentos que compunham a operação/ação dos jogadores que estiveram, literalmente, em cena, especialmente, Pires, Bergkamp e Ibrahimovic, a fim de destacar objetivamente o caráter histórico da técnica adotada por estes jogadores nas situações-problema que o jogo, internamente, impôs a eles. De certa forma assentamos nele o processo histórico-social discutido no primeiro capítulo, explicitando de que forma os jogadores traziam, na *ponta da chuteira*, o devir homem do homem no jogo de futebol.

Nele sintetizamos que a técnica e/ou o conjunto de técnicas, como conhecimento produzido historicamente, como modo de execução mais adequado para a efetivação da ação tático-estratégica do futebol, está (ou deverá estar) orientada à lógica racional de domínio do espaço para o controle do oponente, no qual, como movimento recíproco, orienta-se (ou deverá ser orientada) articulada à lógica de tempo de execução da operação/ação para o alcance do êxito desejado em cada conflito particular que compõe a totalidade desta atividade da cultura corporal.

Dessa maneira, concluímos que a técnica ou o conjunto de técnicas de drible, passe, finta, conduções etc., deve ser realizado, pelo jogador singular, no momento certo para o atendimento do espaço adequado em disputa no conflito direto com o oponente. Para isso, todo detalhe que ele percebe, analisa e decide antes, e ao mesmo tempo, a resolução lógico-tempo-espacial solicitada, em sua fase de preparação da operação/ação, ou seja, sua atividade mental, deve carregar o espelhamento correto e a tomada de decisão objetivamente ideal para a resposta motora essencial.

A decisão sobre a técnica (ou o conjunto combinado delas) ideal e o desdobramento prático de sua utilização como meio mais adequado para a operação de uma ação de ataque e/ou defesa, requer ajustes articuladamente sutis de velocidade empregada ao movimento, de força despendida para a execução deste, de direção e trajetória tomada, de forma que, simultaneamente, como sistema de movimentos objetivos organizados, sintetize a resolução tático-estratégica solicitada pela dinâmica particular da totalidade do jogo de futebol. Nessa

direção, todo detalhe de movimento faz toda a diferença no sucesso ou não do conflito com o oponente.

Defendemos, assim, que, tais sutilezas dos movimentos, formando um sistema objetivamente organizado, são primordiais, desde que atendam, no jogo de futebol, às particularidades solicitadas do organismo tático-estratégico. Isso significa dizer que os requintes dos movimentos objetivos organizados que compõem a técnica de uma operação/ação na atividade são decisivos para o atendimento da lógica espaço-temporal que requer o conflito particular, que por sua vez, compõe a totalidade do jogo de futebol. Aquilo que fomos reafirmando no desenvolvimento de nosso texto, ratificamos em nossas considerações finais, de que, efetivamente, jogar é complexo!

Nessa direção, destacamos que iniciamos a tese apontando nossa preocupação com a categoria ensino, movimentando-nos, inclusive, para o mergulho ontológico-genético do ser da técnica articulado ao surgimento da atividade particular da cultura corporal, o futebol, para buscarmos teoricamente respostas que qualificassem, justamente, a organização do ensino, e terminamos, ao menos essa tarefa acadêmica, o que não poderia ser diferente, também preocupados com essa categoria.

Sendo assim, na trajetória histórica necessária ao ser da técnica, com o destaque na sua articulação com a particularidade do futebol, perspectivando encontrar elementos que, incorporados, pudessem nos permitir continuar o caminho de qualificação do ensino da Educação Física, afirmamos que a técnica – por ser conhecimento, fundamentalmente histórico, ser, dessa forma, um patrimônio da humanidade que transporta os avanços alcançados historicamente na atividade pelo gênero humano e, ao mesmo tempo, carrega, como meio, a potencialidade de novas soluções para os novos problemas que surgirão, por ser *organismo vivo*, na dinâmica progressiva da atividade, permitindo, assim, o autodomínio do homem –, deve ser ensinada nas aulas de Educação Física escolar (e também nas escolas esportivas), desde que, para a preservação da relação fidedigna do que estamos conceituando teoricamente de técnica, orientada à sua dinâmica interna, ao seu motivo.

Dessa maneira, quando se trata especificamente do ensino da técnica do futebol, é essencial organizarmos-lo de modo que a articule substantivamente com o que há de mais profundo internamente no jogo: o estatuto tático-estratégico. Dito de outro modo, as tarefas da organização de seu ensino, orientadas pelo professor, devem engajar o sujeito singular na utilização de meios adequados que respondam ao motivo de controlar o oponente dominando a sua relação espaço-temporal.

Nesse ponto de vista, o jogador iniciante (mas também o jogador experiente) tem a *necessidade* de assimilar a técnica ou o conjunto combinado delas. Sua apropriação, inicial, e seu aprimoramento constante, atendendo à lógica espaço-temporal das situações-problema dos conflitos particulares do jogo de futebol, contribui para que o jogador adense um pensamento tático-estratégico que retroaja, como relação recíproca, sobre a necessidade do aprimoramento técnico de modo que qualifique sua condição de jogador dentro da estrutura coletiva do jogo. A técnica se afirma, assim, como a qualidade dessa ação/pensamento tático-estratégico.

Concluimos também, na trajetória do segundo capítulo, que a devida apropriação, aprimoramento e utilização da técnica ou de um conjunto de técnicas combinadas nos jogos, aulas e treinos, contribui para a transformação, no sujeito iniciante (mas insistimos, também no jogador experiente), da ação em atos automatizados, ou seja, em operações conscientes, potencializando, assim, o dispêndio de energia, voluntário e consciente, aos problemas complexos – de ordem tático-estratégico – que o jogo impõe ao jogador e/ou ao conjunto de jogadores que coletivizam as ações em jogo.

Reafirmamos que as técnicas, historicamente produzidas, e o conjunto múltiplo de suas interações, podem ser, portanto, reproduzidos no sujeito singular, tornando-os, via de regra, habilidosos no futebol. Para isso, a importância do hábito de treiná-las e exercitá-las constantemente em situações contextuais de jogo, para transformar as *ações conscientes* em *operações conscientes*, que podem (e na verdade devem) ser aprimoradas com a *continuidade sempre renovada do domínio* alcançado e como meio de realização progressivamente aprimorado de novas ações de ataque e defesa em novas situações concretas de jogo, libertando, assim, o pensamento para as resoluções mais complexas que o jogo solicita, as quais, objetivamente, constituem-se da unidade técnico-tático-estratégica.

Diante do exposto, defendemos que o ensino da técnica está orientado ao desenvolvimento do pensamento tático-estratégico, formando, objetivamente, um organismo técnico-tático-estratégico que potencialize a ação do jogador no jogo e a compreensão acerca da dinâmica interna do jogo.

Como exercício de concretização do que afirmamos na direção, aqui apenas anunciada, do *como fazer*, na efetivação da função do ensino, na qual concentramos nossos esforços acadêmico-profissionais, conduzindo-nos, assim, à necessidade da continuidade profunda de nossos estudos, o jogo *rondo/meinho*, destacado praticamente nas entrelinhas durante nosso texto, contudo, ao mesmo tempo, divulgado intencionalmente, respaldado nas experiências concretas – no Barcelona, passando pelo Bayer de Munique, até a atualidade do

Manchester City –, do treinador espanhol Guardiola, pode nos oferecer, como vimos, condições objetivas ao trato pedagógico do organismo técnico-tático-estratégico⁵⁸.

No jogo rondo, o treinador espanhol busca fomentar a troca de passes em velocidade no ataque e, ao mesmo tempo, estimular a recuperação imediata da posse de bola da equipe de defesa de forma que se preocupem, tanto o ataque quanto a defesa, com o controle do espaço no domínio opositivo, simulando, de certa forma, conflitos particulares presentes no jogo de futebol, fundamentando, inclusive, seu estilo de jogo. Aliás, o rondo é a base de seu estilo. Por isso, ele destina parte de seu treinamento cotidiano com esse jogo (PERNARNAU, 2015; 2017).

Comumente, Guardiola organiza o rondo em pequenos jogos de cinco jogadores de ataque contra dois jogadores de defesa, previamente selecionados de acordo com seu interesse formativo, delimitando o campo de jogo também com tal interesse, ora ampliando espaços, para dificultar mais as operações/ações de defesa e sua recuperação imediata da posse de bola, ora diminuindo-os, dificultando as operações/ações dos atacantes, na troca eficientemente acelerada dos passes. O treinador ainda apresenta outras variações, as quais se vinculam com o aumento do número de jogadores de ataque, dificultando as operações/ações de defesa, o aumento do número de defensores, dificultando as operações/ações de ataque, além de delimitar o número de toques na bola, principalmente com um toque (de primeira) para justamente aumentar a velocidade do jogo perspectivando desestabilizar a defesa; dentre outras variações.

A divisão em pequenos grupos praticando, concomitantemente, o jogo rondo, apresenta, objetivamente, o interesse de maximizar a participação efetiva dos jogadores no controle do espaço junto à dinâmica com a bola, em situações de ataque e de defesa. De maneira geral, na máxima da dialética em que quantidade gera qualidade, quanto mais o jogador *tocar na bola* ou *buscar tocá-la*, tanto em situações de ataque, por meio de operações de passes, fintas, conduções etc., quanto em situações de defesa, por meio de marcações (individuais, por zona, mista e combinada) e interceptações, preservando o significado conflitivo que o jogo incorpora e, concretamente, sua dinâmica interna, mais – e aqui estamos articulando-o ao melhor – ele pode desenvolver o organismo técnico-tático-estratégico.

⁵⁸ Reforçamos que não pretendemos aqui destacar que o rondo trata-se do jogo que desenvolve, por si só, diretamente, no sujeito singular, o sistema técnico-tático-estratégico, tão pouco que ele seja a solução das problemáticas levantadas até aqui acerca da organização do ensino deste categorial dialético. O que frisamos é sua potencialidade para o respectivo desenvolvimento. Contudo, apontamos a necessidade da continuidade desta discussão.

A lógica do rondo potencializa, assim, o jogo de posse de bola, desenvolvendo, particularmente, o *passe* na relação contextual dos conflitos particulares em ataque e a *interceptação* imediata dos passes, na situação de defesa, na busca incessante pelo domínio espaço-temporal da operação/ação em jogo. Dentro dessa lógica, podemos estabelecer tarefas específicas que ampliem a compreensão deste estatuto.

Assim, podemos solicitar ao coletivo de ataque, como tarefa, que, jogando em superioridade numérica, mantenha a posse de bola por meio da realização de dez passes, por exemplo, enquanto, simultaneamente, constituindo a dinâmica opositiva da defesa contra o ataque, os defensores, em inferioridade numérica, devam recuperar a posse de bola antes que a equipe de ataque conquiste os dez passes.

Se pretendemos destacar o aprimoramento do *passe de primeira*, aquele sem reter a posse da bola, ganhando, normalmente, certa velocidade na dinâmica de ataque, o que, dependendo da situação concreta, estabelece a superioridade numérica de modo que controle o espaço, podemos, por exemplo, solicitar apenas um toque na bola como regra/tarefa do jogo.

Se quisermos dificultar as operações/ações de defesa, no sentido de complexificar as relações opositivas, podemos aumentar o campo de jogo ou até mesmo o número de jogadores. As interceptações, operações fundamentais da defesa, precisarão considerar que a aproximação ao oponente com a posse de bola seja, via de regra, mais cautelosa, com um ritmo de execução menor na operação/ação de marcação despendida e, concomitantemente, entrosada com o companheiro de marcação. Os defensores precisarão se atentar ao *fechamento das linhas de passes*, diminuindo as possibilidades de operações dos jogadores atacantes. As variações se ampliam à medida que pretendemos fazer os alunos pensarem e agirem sobre determinadas situações-problema que podem surgir durante o jogo rondo.

Logo, as modificações na regra do jogo perspectivando o condicionamento de tarefas que aprimorem as operações/ações em jogo, podem (e devem), ainda, articular-se com as orientações particulares a cada situação específica ou para um conjunto de situações específicas similares. Além disso, o professor deve fazer problematizações acerca da qualidade do passe solicitado em determinada situação concreta de jogo, qual a forma e o conteúdo (força, velocidade, peso, trajetória etc.). Isso significa dizer, qual técnica, como meio, atenderia melhor à determinada situação concreta na perspectiva tático-estratégica ofertada pelo jogo, mesmo porque, como vimos no decorrer do trabalho, a situação concreta vai solicitar uma determinada técnica ou um conjunto combinatório delas, ou ainda, possibilidades de técnicas e outras combinações delas que resolvam os conflitos particulares

do jogo. Essa unidade técnico-tático-estratégica qualifica a ação do jogador no jogo e a sua compreensão do jogo.

Sendo assim, a comunicação da relação professor e aluno no processo de assimilação da unidade técnico-tática-estratégica pode e deve se estabelecer por meio de problematizações e/ou tarefas que orientem o pensamento do jogador ao encontro das melhores soluções apresentadas no estudo das situações do próprio jogo, seja por modificações das regras para o cumprimento de uma tarefa de ordem técnico-tático-estratégica, seja pela orientação adequada do professor sobre a situação particular que, ao mesmo tempo, contém nela, generalizações da atividade. Esse movimento de pensamento/ação como unidade potencializa a compreensão do jogador no jogo e fora dele, como estudante do jogo. Como vimos afirmando, a compreensão do sistema técnico-tático-estratégico potencializa o autodomínio do gênero humano no devir homem do homem na atividade de futebol.

Destacamos, dessa forma, que o rondo, como meio pedagógico, possibilita avanços nas compreensões do próprio jogo de futebol e solicita, internamente, como tarefa intrínseca, a técnica ou um conjunto de técnicas mais adequado para a resolução tático-estratégica. Para uma determinada situação concreta, e a finalidade colocada dessa ação, a busca do meio mais adequado: a técnica de passe mais conveniente e a interceptação melhor condizente. O rondo, se devidamente organizado e orientado, possibilita, como meio, o desenvolvimento do passe, das mais diversas formas, dentro do organismo técnico-tático-estratégico; porém obstaculiza, por seu conjunto de regras, o drible, a própria condução de bola, ou até mesmo o chute, necessários para o futebol.

Outro jogo, mas não exclusivamente o único, o *minifutebol*, pode possibilitar o desenvolvimento das operações/ações de ataque ausentes, de certo modo, no jogo rondo, como dribles, conduções de bola e chutes. Sendo assim, pequenos jogos – de três contra três, quatro contra quatro –, podem aperfeiçoar essas operações/ações no contexto do jogo. Não se trata apenas de jogar em si o pequeno jogo, embora pelas tarefas internas que o próprio jogo solicita, pela objetividade de sua dinâmica, contribui-se efetivamente na formação do jogador, mas de organizar as tarefas e/ou problematizações de ensino, sobretudo quando se trata de orientar o sujeito iniciante, para a assimilação e o aperfeiçoamento dessas operações necessárias para as ações em jogo.

Além do mais, pode-se ainda incrementar tarefas sintetizadas em funções táticas. Um exemplo concreto é jogar esse jogo com a utilização do coringa. O coringa no jogo, normalmente trajado com uma cor de camiseta diferente das duas equipes, cumpre a função de participação em ambas, criando, desde o início do jogo, efetivamente, situações de

superioridade numérica e inferioridade numérica. Comumente, o coringa joga para a equipe que estiver atacando, ou seja, que estiver com a posse de bola. Entretanto, dependendo da intenção técnico-tático-estratégica do professor, pode-se orientar para que o coringa (ou até mesmo coringas) jogue (joguem) para a equipe de defesa. Ou seja, coringa jogará para a equipe que não estiver com a posse de bola, o que solicitará do coletivo de atacantes um conjunto maior e mais bem articulado de fintas e dribles, além, obviamente, de continuar fomentado a lógica espaço-temporal de outras operações/ações tático-estratégicas de jogo, como passes e conduções de bolas dos mais diversos e variados.

Enfatizamos, com elementos incipientes aqui postos, que por meio desses *jogos coletivos* – que representam similaridade e articulação substantiva com a perspectiva da apropriação do jogo de futebol – podemos, como professores, organizar tarefas – articuladas com as problematizações assertivas para a ocasião e atreladas ao conteúdo específico (de ordem técnico-tático-estratégica) que pretendemos desenvolver – as quais orientem o estudante (que joga e/ou analisa o jogo) ao motivo de controlar a ação corporal do oponente pelo domínio do espaço, dentro de uma lógica espaço-temporal dos conflitos particulares que regem a totalidade do jogo de futebol, o que os potencializa à apreensão e aperfeiçoamento do estatuto técnico-tático-estratégico que estrutura internamente o jogo.

É por isso que a lógica dos pequenos jogos, defendida por Mahlo (s/d), agrada-nos teoricamente, como nos agrada a lógica dos jogos situacionais, de Kroger e Roth (2012), se articulada a essa ideia-síntese da preocupação da organização do ensino do estatuto técnico-tático-estratégico. A precisão dessa lógica, com todas as particularidades presentes na relação com cada jogador singular, posta na relação coletiva fundamental dos jogos coletivos, e a adequação para a finalidade de ensino pretendida, na busca, de modo geral, da assimilação e do aprimoramento, dos sujeitos singulares, dos meios adequados para o desenvolvimento tático-estratégico do jogo, é uma necessidade da área Educação Física, o que nos conduz à continuidade na busca da satisfação dessa necessidade para além daqui.

Destarte, anunciamos aqui que são vários movimentos pedagógicos possíveis dentro da lógica dos pequenos jogos como meio de apreensão do estatuto técnico-tático-estratégico do futebol, sem esquecer, obviamente, que estes também são jogos particulares, com suas próprias exigências internas, assim como é particular o jogo de futebol. Isso significa que se organiza o ensino do futebol, com as orientações das tarefas e/ou problematizações de ensino, também no próprio jogo de futebol, na organização das funções (especializadas) de ataque e de defesa, por exemplo, como parte de um movimento coletivo que o jogo, internamente, impõe, até porque o campo de jogo se modifica em relação aos pequenos jogos brevemente

anunciados, ele se alarga, o que estabelecerá outros tipos de relações dos sujeitos singulares com o espaço e com o tempo. O número de jogadores para os conflitos e as cooperações particulares também se modifica, o que, de certa forma, transforma as configurações da dinâmica de ataque e defesa e das interações táticas e estratégicas empregadas, contudo, preservando a busca dos meios mais adequados para controlar a ação do oponente dominando o espaço à luz dos conteúdos táticos estratégicos generalizados. Não podemos esquecer, também, que o condicionamento físico de cada sujeito singular igualmente se altera no que diz respeito a esta particularidade.

No entanto, reforçamos que se pode potencializar o desenvolvimento dessa unidade técnico-tática-estratégia se orientarmos o sujeito singular ao motivo de controlar o oponente dentro de uma lógica espaço-temporal que atenda aos conflitos particulares da totalidade do jogo. A apreensão e o aprimoramento da operação/ação de jogo deve ser orientado, a nosso ver, na dinâmica contextual do jogo, dentro da esfera conflitiva.

Elucidamos, ao mesmo tempo, que não estamos aqui, como anunciamos no decorrer do trabalho, negando, principalmente, o método parcial, presente intensamente na iniciação esportiva, tampouco destacando o jogo de futebol por si só, na perspectiva do desenvolvimento espontâneo do jogador, mas sim defendendo a organização do ensino que contemple, substancialmente, a forma e o conteúdo do próprio jogo, ou seja, o ensino que desenvolva, no jogador singular, a unidade técnico-tático-estratégica, como *dynamis* do desenvolvimento do pensamento tático-estratégica na ação do jogador no jogo e na análise, percepção e entendimento de quem o assiste.

Nessa perspectiva, como vimos no decorrer do texto, o gesto técnico é a manifestação imediata da técnica e não a técnica como um todo. Contudo, ela não pode ser *vista de fora, vidrado* ao meramente aparente. Aqui para nós está o risco do ensino da técnica no futebol desvinculado substancialmente de tarefas que realizem o motivo da atividade. Dessa forma, apregoamos que a organização do ensino da técnica deva ser orientado ao motivo de controle do oponente dominando a lógica racional de espaço e tempo.

O professor precisa, assim, organizar tarefas que fomentem o engajamento do jogador na realização de operações de ações de jogo que objetivem o controle da ação corporal do outro dominando o espaço, de modo que compreenda quais meios mais adequados utilizar em ações, com suas finalidades, em situações concretas de jogo, em seu tempo certo de efetivação.

Defendemos, portanto, o ensino da unidade técnico-tático-estratégica necessária para o entendimento do jogo de futebol como patrimônio histórico-cultural da humanidade, de

modo que os sujeitos singulares se apropriem de suas generalizações e desenvolvam funções psíquicas superiores que constituem o pensamento dialético tático-estratégico.

Partir e pensar inicialmente um estudo instigados pelo ensino, buscar no campo das mediações estruturas e nexos para que o ensino específico da técnica no futebol seja melhor entendido, se tornou parte desta tese. Realizar “pausas” na prática de ensinar, significa, que, ao retornar, depois de aprofundar questões essenciais e complexas, as elucubrações apreendidas, regressem, ingressem no campo teórico-prático da especificidade revestidas e enriquecidas de dimensões antes ocultas, de propostas antes ausentes, de aprofundamentos inicialmente ignorados. Retornar ao início, depois de um percurso, significa, entre outras coisas, entender o fermento do objeto, em sua constante mobilidade histórica. Conhecer liberto e compromete um ensino muito mais humanizado.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, S. *O Futebol e seus Fundamentos*. 10ª. Rio de Janeiro: Imago Editorial Ltda. 2000.
- BRACHT, V. *Educação Física & ciência: cenas de um casamento (in)feliz*. Ijuí: UNIJUI, 1999.
- BAYER, C. *O ensino dos desportos coletivos*. Lisboa: Dina livros, 1994.
- CISNE, M. F. *As bases ontológicas do processo de apropriação do conhecimento e seus desdobramentos para a educação infantil*. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis, 2014.
- _____. Dimensões ontometodológicas do processo de apropriação do conhecimento e suas implicações para a formação humana. In: TORRIGLIA, P. L. (Org.). *Ontologia Crítica: e os diferentes objetos na pesquisa educacional*. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2018.
- CHEPTULIN, A. *A dialética materialista: categorias e leis da dialética*. São Paulo: Alfa-omega, 2004.
- COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino de educação física*. São Paulo: Cortez, 1992.
- _____. *Metodologia do ensino de educação física*. São Paulo: Cortez. 2ª edição, 2009.
- COLOMBO, B. D. *O esporte e a expansão do capital: as críticas, contradições e implicações para a Educação Física*. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Florianópolis, 2014.
- CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. Regras do Futebol 2018/2019. 2019. Disponível em: https://conteudo.cbf.com.br/cdn/201812/20181205182028_192.pdf. Acesso: fevereiro de 2019.
- DAVYDOV, V. V. *Uma abordagem para a interpretação da estrutura e do conteúdo da atividade*. Tradução de José Carlos Libâneo. Aarhus: University Press, 1999.
- DAVÍDOV, V. *La enseñanza escolar y el desarrollo psíquico: investigación psicológica teórica y experimental*. Tradução de Marta Shuare. Moscú: Progreso, 1988.
- ELKONIN, D. B. *Psicologia do Jogo*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- ENGELS, F. *Anti-Duhring: a revolução da ciência segundo o senhor Eugen Duhring*. São Paulo: Boitempo, 2015.
- _____. *Dialética da natureza*. São Paulo: Boitempo, 2020.
- EUZÉBIO, C. A. *O conteúdo teórico dos conceitos de tática e estratégia no esporte*. 2017. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2017.
- _____. O conteúdo teórico dos conceitos de tática e estratégia no esporte. In: TORRIGLIA, P. L. (Org.). *Ontologia Crítica: e os diferentes objetos na pesquisa educacional*. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2018.
- FRANCO JÚNIOR, H. *A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- GALEANO, E. *Futebol ao sol e à sombra*. Porto Alegre: L&PM, 1995.
- _____. *O livro dos abraços*. 8. ed. Porto Alegre: L&PM, 2021.

- GHIRALDELLI JÚNIOR, P. *Educação Física progressista: A pedagogia crítico-social dos conteúdos e a Educação Física brasileira*. São Paulo: Loyola, 1994.
- GIULIANOTTI, R. *Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte*. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.
- GONZÁLEZ, F.; FENSTERSEIFER, P. Entre o “não-mais” e o “ainda-não”: pensando saídas do não lugar da EF escolar. In. *Cadernos de Formação RBCE*. Campinas: CBCE e Autores Associados, 2009. v.1, n.1, p. 9-24.
- HOBBSAWM, E. J. *A era dos impérios: 1875 à 1914*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- JACKSON, P; DELEHANTY, H. *Cestas Sagradas: Lições espirituais de um guerreiro das quadras*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- KROGER, C; ROTH, K. *Escola da Bola: Um ABC para iniciantes nos jogos esportivos*. São Paulo: Phorte, 2002.
- KUNZ, E. *Educação Física: ensino & mudanças*. Ijuí: UNIJUI, 1991.
- _____. *Transformação didático-pedagógica do esporte*. Ijuí: UNIJUI, 1994.
- LEONTIEV, A. O homem e a cultura. In: Adam. Et al. *Desporto e desenvolvimento humano*. Lisboa: Seara Nova, 1977. P. 47 – 74.
- _____. *O desenvolvimento do psiquismo*. Lisboa: livros horizonte, 1978.
- LIBÂNEO, J. C. *Tendências pedagógicas na prática escolar*. In: Revista do Andes, nº 6, 1982.
- LUKÁCS, G. *Estética. La peculiaridade de lo estético 1*. Cuestiones preliminares y de principio. Trad. Manuel Sacristán. Barcelona: Grijalbo, 1966.
- _____. *Introdução a uma estética marxista*. 1 ed. São Paulo: Instituto Lukács, 2018.
- _____. *Introdução a uma estética marxista*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1970.
- _____. *Para uma ontologia do ser social II*. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MAHLO, F. (s. d). *O acto táctico no jogo*. Lisboa: Compendium.
- MARX, K. *O capital: crítica à economia política*. Livro 1. Volume 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010a
- MARX, K. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2010b.
- MARX, K.; ENGELS, F. *A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846)*. São Paulo: Boitempo, 2007.
- MÉSZÁROS, I. *Educação para além do capital*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008.
- MUTTI, D. *Futsal: da iniciação ao alto nível*. 2. ed. rev. e atual São Paulo: Phorte, 2003. 268 p.
- NASCIMENTO, C. P. (2014). *A atividade pedagógica da Educação Física: a proposição dos objetos de ensino e o desenvolvimento das atividades da cultura corporal*. 2014. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo.

- ORTIGARA, V. (2002). *A ausência sentida nos estudos em Educação Física: a determinação ontológica do ser social*. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis.
- PERARNAU, M. *Guardiola Confidencial*. Campinas, Sp, Editora Grande Área, 2015
- _____. *Pep Guardiola: A Evolução*. Campinas, Sp, Editora Grande Área, 2017
- PRONI, M. W. *A Metamorfose do Futebol*. Campinas: Unicamp, 2000.
- _____. *Brohm e a organização capitalista do esporte*. PRONI, M. W.; Lucena, R. F. (Orgs). *Esporte: história e sociedade*. Campinas: Autores Associados, 2002.
- RUBINSTEIN, J. L. *Princípios de Psicologia General*. Edición Revolucionaria: Habana, 1977.
- ROSA, M. E. *Conceito passe: do empírico ao teórico*. 2012. 38p. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Educação Física), Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2012.
- SARAMAGO, J. *A caverna*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- TENROLLER, Carlos Alberto e MERINO, Eduardo. *Métodos e planos para o ensino dos esportes*. São Paulo: Phorte, 2006.
- TORRIGLIA, P. L. Primeiras aproximações ao ser do reflexo: a vida cotidiana como terreno fundante do processo de conhecimento. In: Torriglia, P. L. (Org.). *Ontologia Crítica: e os diferentes objetos na pesquisa educacional*. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2018.
- TUMOLO, P. S. *Trabalho, vida social e capital na virada do milênio: apontamentos de interpretação*. Educação e Sociedade, Campinas, v. 24, n. 82, 2003.
- VERESOV, N. *Nikolai Bernstein: a fisiologia da atividade e a psicologia da ação*. *Journal of Russian and East European Psychology*, vol. 44, no. 2, March–April 2006, p. 3–11.
- VYGOTSKI, L. S. *Obras escogidas* (Vol. 3). Madrid: Machado Libros, 1995.
- VIGOTSKI, L. S. *Psicologia pedagógica*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- VYGOTSKY, I. S.; LURIA, A. R. *Estudos sobre a história do comportamento: o macaco, o primitivo e a criança*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- VITÓRIO, V.; ORTIGARA, V. *Conhecimento e formação continuada: questões pertinentes à Proposta Curricular de Santa Catarina*. In. *Perspectiva*, Florianópolis, 2016. V. 34, n. 3, set./dez, p. 903-927.
- WILSON, J. *A pirâmide Invertida: A História da Tática no Futebol*. Campinas, SP, Editora Grande Área. 2016.
- WISNIK, J. M. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ZAPOROZHETS, A. V. [71] Estudo psicológico do desenvolvimento da motricidade na criança pré-escolar. Capítulo 4, da primeira parte do livro *La Psicología evolutiva e pedagógica en la URSS: Antología*, organizado por Vasili Davidov e Marta Shuare, publicado pela Editorial Progreso, Moscou, 1987. Traduzido por Vidalcir Ortigara. Os números entre conchetes indicam o início da página no original.